

Trilogia: Lobo do Sol e Falcão das Estrelas

01 – As senhoras de Mandrigyn



Disponibilização e Tradução: Jossi Slavic

Revisão Inicial: Patrícia Medici

Revisão Final: Márcia de Oliveira

Formatação: Ana Claudia Oliveira



Trilogia: Lobo do Sol e Falcão das Estrelas

01 – As senhoras de Mandrigyn

02 – The witches of Wenshar (As bruxas de Wenshar)

03 – The dark hand of magic

Série em revisão com o Grupo Revisões e Traduções RS & RTS



Sinopse

O malvado Mago Rei, Altiokis, conquistou a cidade do Mandrigyn e escravizou seus homens no duro trabalho das minas. Mas as mulheres da cidade não se resignam. Dirigidas pela aristocrática Sheera Galernas, querem contratar os serviços do exército mercenário do capitão Lobo do Sol para se enfrentar ao Mago Rei. Mas Lobo do Sol rechaça o trato, é muito sábio para se envolver em uma luta contra a magia... Até que acorda em um navio e descobre que foi seqüestrado por Sheera, que só lhe deixa uma alternativa terrível: treinar e guiar as damas guerreiras de Mandrigyn contra Altiokis, ou morrer depois da longa e terrível agonia do anqid, o veneno que lhe administraram e para qual só elas dispõem do antídoto.

Capítulo 1



— Que diabo é isto? — Lobo do Sol manteve o pedaço de papel desdobrado entre seus grossos dedos, ainda um pouco manchados de sangue.

Falcão das Estrelas, sua segunda em comando, alta, ossuda, levantou a vista. Estava limpando a sujeira da batalha do punho de sua espada e agora levantou as sobrancelhas escuras e uniformes, intrigada. Fora, a luz das tochas avermelhava a noite repleta de ventos. O acampamento estava agitado com os ruídos da vitória; os mercenários do Wrynde e as tropas da cidade do Kedwyr celebravam sem inibições o triunfo final do local do Melplith.

— O que lhe parece que é? — perguntou ela, em tom razoável.

— Parece uma proposta perigosa.

Alcançou o papel enquanto a luz âmbar do abajur de azeite caía sobre seu corpo, nu até a cintura, e brilhava sobre seu cabelo dourado, encaracolado e leve. Falcão das Estrelas tinha brigado sob suas ordens tempo suficiente para saber que, se realmente tivesse pensado que era só uma proposta, já a teria jogado ao fogo sem dizer uma só palavra.

Lobo do Sol, comandante dos mercenários, acampamento do Kedwyr, sob os muros do Melplith, de Sheera Galernas do Mandrigyn, saudações. Irei a sua tenda esta noite com um assunto de interesse para você. Por minha segurança e a de minha causa, por favor, me espere a sós e não fale disto com ninguém.

Sheera.

— Letra de mulher — comentou Falcão das Estrelas, e passou o polegar, pensativa, sobre a borda dourada do papel, obviamente muito caro.

Lobo do Sol a olhou fixamente por debaixo de suas estranhas sobrancelhas espessas.

— Se não fosse de Mandrigyn, diria que a senhora local trata de fomentar o negócio.

Falcão das Estrelas assentiu, distraída.

Fora da tenda, o ruído agudo ia crescendo. Uivos de bêbados confundidos com gritos de fôlego e alaridos de «Matem! Matem a esse bastardo!» Entre as tropas regulares da cidade do Kedwyr e as tropas das províncias existia um ódio poderoso, talvez mais forte que o sentimento que qualquer dos corpos de guerreiros podia ter para os desafortunados cidadãos soldados da sitiada cidade do Melplith. Lobo e seus mercenários se cuidaram muito bem de envolver-se nesse conflito: Lobo porque sua política era não intrometer-se nunca na política local, e seus homens por causa de uma ordem de seu capitão a respeito, uma ordem dessas que gelavam o sangue. Os ruídos de assassinatos e bebedeiras não preocupavam a Lobo, não havia um só homem em sua tropa capaz de ficar sequer a olhar o distúrbio.

— Mandrigyn — disse Falcão das Estrelas, pensativa— Altiokis conquistou esta cidade na última primavera, não é certo?

Lobo do Sol assentiu e se acomodou em uma fantástica cadeira de acampamento, idealizada com chifres de veados enlaçados com ouro, que formava parte da bota de cano longo que tinham tirado de algum rei tribal no longínquo nordeste. A maior parte dos móveis e adornos da tenda era roubada. As cortinas de pavão que a dividiam em duas habitações tinham adornado uma vez o dormitório de um príncipe do deserto de K'Chin. As taças de ouro e laca translúcida e verde como o jade tinha pertencido a um mercado da Costa da Enseada. A graciosa mesa de ébano, com suas delicadas incrustações, quase ocultas sob a armadura sangrenta que lhe tinham jogado em cima, decorou um dia a adega de um nobre do Reino do Meio, antes que suas preciosas vinhas embebedassem os exércitos invasores de seus inimigos e ele mesmo terminasse em um lugar onde todas essas coisas não importassem muito.

— A cidade cedeu facilmente — fez notar Lobo do Sol, tomando uma parte de tecido e sentando-se a limpar suas armas — Basicamente, foi a mesma situação que tivemos aqui no Melplith: facções divididas no Parlamento, um escândalo que envolveu a família real, tem uma família real ali, ou a tinham ao menos, a cidade debilitada por lutas internas antes que Altiokis partisse através do Passo. Disseram-me que houve gente ali que o recebeu como a um libertador.

Falcão das Estrelas se encolheu de ombros.

— Não é mais estranho que algumas das coisas que acreditam os heréticos da Trindade — brincou ela impassível e ele sorriu.

Como a maioria dos nortistas, Falcão acreditava na Antiga Fé e estava contra a teologia mais sofisticada do Deus Triplo.

— A cidadela do Mago Rei esteve ali, na porta traseira do Mandrigyn, há cento e cinqüenta anos — continuou Lobo depois de um momento — O ano passado assinou uma espécie de tratado com ele. Eu soube disto.

Falcão das Estrelas voltou a introduzir sua espada na bainha e secou os dedos com um trapo. O talento de Lobo do Sol para reunir informação era sobrenatural, mas era uma habilidade que lhe servia de muito. Tinha um dom para recolher rumores, extrair uma idéia das probabilidades políticas a partir do preço das colheitas e as flutuações da moeda e a informação mais corriqueira e fragmentária que chegasse até o norte, a sua praça forte ruída na velha cidade administrativa do Wrynde. Assim, ele e seus homens tinham estado no lugar preciso, na península Gwarl, quando estalou a luta entre os rivais comerciais, Kedwyr e Melplith. Kedwyr tinha contratado os serviços de Lobo e suas tropas a um preço astronômico.

Não funcionava sempre com tanta exatidão — em seus oito anos como mercenária nas tropas de Lobo do Sol, Falcão das Estrelas tinha visto um ou dois casos de enganos espetaculares quanto a eleição do momento para chegar a um local determinado — mas, em geral, o sistema tinha permitido que as tropas de Lobo vivessem melhor que a maioria: brigavam no verão e passavam a fúria das tormentas do inverno na comodidade relativa da cidade meio ruída do Wrynde.

Como todas as tropas de mercenários, a de Lobo do Sol trocava ano a ano em tamanho e composição, embora seu centro fosse um núcleo endurecido que tinha permanecido com ele durante anos. Por isso, sabia Falcão das Estrelas, Lobo do Sol era o único capitão mercenário que regia uma escola regular de combate no inverno. A escola tinha renome em todo o leste e o norte por seus excelentes lutadores. Todos os invernos, quando as chuvas faziam impossível a guerra, moços jovens, e de vez em quando moças, aventuravam-se em uma viagem perigosa através dos desertos do norte, que alguma vez tinham sido o coração agrícola do velho império do Gwenth, para a pequena cidade ruída do Wrynde, para pedir que lhes ensinassem ali a dura arte da guerra.

Sempre havia guerras nas que brigar. Desde que o império moribundo do Gwenth tinha terminado de dividir-se a raiz do conflito entre os Três Deuses e o Deus Único, sempre tinha havido guerras; pela posse das pequenas bandas de terra fértil entre os imensos espaços de terras ermas, pelo comércio com o leste

em sedas, âmbar e especiarias, pela religião ou por nada. Falcão das Estrelas, que sentia uma atração por essas coisas por causa de seus primeiros estudos, explicou uma vez ao Lobo o problema teológico subjacente à Cisma. Como bárbaro do norte, ele adorava os espíritos de seus antepassados e tomava dinheiro alegremente de partidários de qualquer das duas religiões. Entender a questão lhe pareceu só divertido, tal como esperava ela. Ultimamente, as guerras tinham sido pela ascensão do Mago Rei, Altiokis, que expandia seu império da escura cidadela do Escarpado Sinistro, devorando aos barões que governavam o campo e as cidades como Mandrigyn.

— Vai ver essa mulher do Mandrigyn? — perguntou Falcão das Estrelas.

— Provavelmente.

O ruído da briga chegou a um clímax de uivos, pontuado de tanto em tanto pelo assobio dos látigos da polícia militar do Kedwyr. Era a quarta briga que tinham ouvido desde que voltaram para acampamento depois do saque da cidade; a vitória era mais embriagadora que qualquer álcool que se destilou nunca.

Falcão das Estrelas recolheu seu equipamento — espada, adaga, cota de malha — antes de voltar para sua própria tenda. Melplith se achava em um lugar elevado, sobre uma baía protegida, uma dessas regiões áridas cujas colheitas principais — cítricos e oliveiras — tinham obrigado a seus habitantes a comercializar para viver. Agora sopravam ventos gelados das águas agitadas da baía. A chama do abajur titilou em seu vidro de topázio, e a pele de Falcão das Estrelas se estremeceu sob o algodão molhado de sua escura camisa bordada.

— Crê que é um trabalho?

— Acredito que me vai oferecer um.

— O aceitará?

Lobo a olhou brevemente. Sob essa luz, seus olhos pareciam dourados e pálidos, como os vinhos dos Reinos do Meio. Faltava-lhe pouco para os quarenta, e o cabelo leonino começava a ralar, mas não havia rastros de cinza nem ali, nem no bigode espaçado que lhe caía da parte inferior de um nariz torcido e acidentado, como um molho de erva dourada de inverno. O poderio e a força de seu peito e seus ombros o faziam parecer mais alto que seu metro oitenta quando estava de pé; sentado e descansando, fazia que Falcão das Estrelas pensasse em um grande leão poeirento.

— Lutaria contra Altiokis? — perguntou Lobo do Sol.

Ela duvidou, sem dizer a resposta verdadeira. Tinha ouvido histórias do Mago Rei desde que era uma menina, histórias estranhas, distorcidas, de suas conquistas, seus pecados e sua ambição. Contavam-se coisas horríveis do que tinha acontecido com aqueles que lhe opuseram nos inumeráveis anos de sua misteriosa existência.

A verdadeira resposta, a que não disse em voz alta, era: Sim, se você me pedisse isso. O que disse foi:

— E você?

Ele meneou a cabeça.

— Sou um soldado — respondeu com rapidez — Não sou um mago. Não poderia lutar contra um mago e não levaria a minha gente a uma luta como essa. Havia duas coisas que meu pai sempre me aconselhava fazer se queria chegar a velho: não me apaixonar e não me mesclar com magia.

— Três coisas: — corrigiu Falcão das Estrelas, com um de seus estranhos sorrisos fugitivos — não discutir com fanáticos.

— Isto vai com a magia. Ou discutir com bêbados, não estou seguro de qual das duas. Não entendo como pode haver um Deus ou três deuses ou cinco ou mais, mas sei que tive antepassados, uns palhaços bêbados e luxuriosos, mas os tive. Olá, maçozinha doce.

A cortina que dividia a tenda se abriu em dois e entrou Gazela, secando-se da última umidade das pesadas ondas de seu cabelo castanho com uma pele de vison. A gaze verde pálido de sua túnica fazia que seus olhos parecessem até mais verdes, quase esmeraldas. Era a última concubina de Lobo do Sol, tinha dezoito anos e era dolorosamente formosa.

— Seu banho está preparado — anunciou, enquanto se aproximava do respaldo da cadeira de acampamento para beijar o lugar em que o cabelo de Lobo do Sol rareava sobre sua cabeça.

Ele tomou a mão que descansava sobre seu ombro e, com um gesto curiosamente terno para um homem de aspecto tão grande e rude, apertou os lábios contra a pele branca do pulso.

— Obrigado — disse — Falcão, me esperará uns minutos? Essa mulher quer me ver sozinho: levaria Gazela a sua tenda por um momento?

Falcão das Estrelas assentiu. Tinha visto chegar e partir toda uma série de moças como esta todas formosas, de fala suave, flexíveis e um pouco

desamparadas. Esta noite, depois do saque de uma cidade, o acampamento não era lugar para uma moça não acostumada a matança, embora fosse a amante de um homem como Lobo do Sol.

— Assim, agora recebe a mulheres a sós em sua tenda, não é? — repreendeu-lhe Gazela, em brincadeira.

Com um movimento muito rápido para que ela pudesse defender-se ou fugir, Lobo do Sol saltou da cadeira e tomou entre seus braços enquanto se levantava. Ela chiou alegre.

— Basta! Não! Eu lamento! — Quando a transladou através da cortina para a outra habitação, ela intensificou os chiados em um crescendo desesperado que terminou em um monumental e erótico frenesi.

Falcão das Estrelas não pestanejou, colocou no ombro seu equipamento de guerra e gritou:

— Voltarei por ti em uma hora, Gazela. — E partiu. Só quando esteve fora, permitiu-se uma pequena careta zombadora.

Retornou em companhia do Ari, o jovem segundo lugar-tenente de Lobo do Sol, com aspecto de urso negro adolescente. Deram boa noite a Lobo, recolheram a Gazela, úmida, dominada e um pouco ruborizada e atravessaram o acampamento. O vento, entregando o frio do mar, se levantou outra vez, com a promessa das tormentas mortais do inverno, feitas ondas da fumaça dos fogos do acampamento, chegaram até seus olhos. Sobre eles, os fogos na cidade iluminavam, avivados pelas brisas renovadas e um resplendor sulfuroso contornou as negras ameias das paredes. A noite era crua, selvagem e estranha, ainda alagada de sangue e rota pelos lamentos das mulheres violadas no saque da cidade.

— As coisas se tranqüilizaram? — perguntou Falcão.

Ari se encolheu de ombros.

— Um pouco. As unidades da tropa já estão bêbadas. Gradduck, esse general de lata que mandava nas tropas da cidade, está se atribuindo todo o crédito pela tomada da cidade.

Falcão das Estrelas fingiu estar pensando com muita seriedade.

— Ah, sim, — recordou depois de muito esforço — esse que o chefe dizia que não podia nem sitiar um rebanho.

— Não, não, — protestou Ari — não era um rebanho, era um banho...

Umas vozes uivaram o nome do Ari, chamando-o para que julgasse uma competência atlética que era tão indecente como ridícula, ele riu, fez um gesto às duas mulheres e se afastou na escuridão. Falcão das Estrelas e Gazela seguiram caminhando, com as luzes das tochas castigadas pelo vento lhes banhando as caras com horripilantes cores. Falcão, de pernas largas e com uma graça de pantera em suas calças de homem e seu gibão, Gazela, tímida como seu nome no meio do bramido do acampamento, caminhando o mais perto possível de Falcão das Estrelas. Quando deixaram para trás a parte mais ruidosa que rodeava o local onde se servia vinho, a moça perguntou:

— É verdade que lhe pedem que vá contra Altiokis?

— Não o fará — lhe assegurou Falcão das Estrelas —. Assim como não trabalharia para ele. Já lhe pediram isso também, faz anos. Não quer se mesclar com a magia e não posso lhe dizer que o culpe por isso. Altiokis é a pior notícia possível.

Gazela se estremeceu no vento cheio de fumaça e apertou a teia de seda de seu xale contra os ombros.

— Eram todos assim? Os magos... É por isso que morreram?

No débil reflexo da luz das lâmpadas das tendas, seus olhos verdes pareciam grandes e transparentes. As úmidas mechas de seu cabelo se aferravam a suas bochechas e ela os afastou a um lado, olhando intranquãla a Falcão das Estrelas. Como a maior parte dos membros da tropa, tinha um pouco de medo dessa mulher obstinada e enigmática.

Falcão das Estrelas se agachou para passar pela porta da tenda e a manteve elevada para que Gazela pudesse entrar.

— Não sei se foi por isso que os magos morreram — disse—. Mas sei que não eram todos malvados como Altiokis. De menina conheci uma maga. Era... Muito boa.

Gazela a olhou com uma surpresa provocada em parte pela idéia de que Falcão das Estrelas tivesse sido menina uma vez. Em certo modo, era quase inconcebível que tivesse sido alguma vez algo diferente do que era agora: uma mulher alta, como um leopardo de pernas largas, com o cabelo descolorido como marfim pálido, olhos de um cinza estanho ao redor do qual o sol tinha escurecido a pele de grão fino, sem defeitos de seu rosto e garganta, até as converter em ouro queimado. Sua voz ligeira e fresca era estranhamente suave para ser a de um guerreiro, embora se dissesse que tinha um repertório de

insultos que podia tirar faíscas de uma pele de boi curtida. Era mais fácil acreditar que tivesse conhecido a um mago que aceitar que tivesse sido uma menina.

— Eu... Pensei que tinham desaparecido todos, muito antes que nascêssemos.

— Não — respondeu Falcão. A luz do abajur resplandecia sobre as fivelas de cobre que seguravam seu gibão de pele de ovelha enquanto ela procurava um odre de vinho e duas taças. A tenda era pequena e, como Falcão das Estrelas mesma, era bem cuidada e espartana. Ela já tinha recolhido seu equipamento mais cedo. A única coisa que ficava sobre a mesa dobradiça de madeira polida eram as taças de vinho de ouro e madreperla, e um maço de cartas gordurentas. Admitia-se em geral que Falcão das Estrelas era um tubarão jogando pôquer. Com esse rosto, pensou Gazela, o que outra coisa poderia ser?

— Eu também acreditava nisso — continuou Falcão das Estrelas, enquanto Gazela se acomodava a bordada estreita cama —. Não soube que a irmã Wilma era maga durante..., durante anos.

— Era uma monja? — perguntou Gazela, atônita.

Falcão das Estrelas meditou a resposta por um momento, como se escolhesse as palavras com cuidado. Logo assentiu.

— A aldeia onde cresci estava construída ao redor do convento da Santa Cherybi no Oeste. A irmã Wellwa era a monja mais velha, e eu a via todos os dias varrendo os atalhos de fora com uma vassoura de paus. Como te disse, não sabia que era uma maga, então.

— E como te deu conta? — perguntou Gazela —. Disse-lhe isso?

— Não — Falcão das Estrelas se dobrou em sua cadeira. Como todo o resto em sua tenda, era uma cadeira simples, nua e fácil de recolher em um apuro —. O campo ao redor da aldeia era muito selvagem, não sei se conhece o leste, mas é uma terra de rochas e bosque espaçado que se eleva por volta dos escarpados na borda do mar. Uma terra dura. Perigosa também. Eu tinha ido ao bosque juntar morangos ou algo parecido, algo que não devia fazer. Provavelmente estava escapando de meus irmãos. E... e aí vi o nuuwa.

Gazela se estremeceu. Tinha visto nuuwas, mortos ou ao longe. Provavelmente, pensou Falcão das Estrelas, também tinha visto suas vítimas.

— Corri, — continuou Falcão, sem emoção — era muito jovem. Nunca tinha visto um nuuwa e pensei que, como não tinha olhos, não poderia me seguir. A princípio pensei que era um cego. Mas me seguiu, grunhindo e babando, rompendo os arbustos pelo bosque. Nunca olhei para trás, mas podia ouvi-lo detrás de mim, cada vez mais perto, quando saí do bosque. Corri pelas rochas subindo a colina para o convento e a irmã Wellwa estava fora, varrendo o atalho como sempre. E ela, ela levantou a mão e foi como se o fogo saísse de suas mãos, uma bola de fogo vermelho e azul que jogou na cabeça do nuuwa. Logo, me tomou em seus braços e corremos juntas para a porta, fechou-a e jogou o ferrolho. Depois encontramos os locais em que o nuuwa tinha tratado de morder a madeira do marco da porta.

Ficou calada. Se algo do horror dessa lembrança se movia em seu coração, não se refletia em seu enigmático rosto, de ossos finos. Foi Gazela a que tremeu e fez um pequeno ruído repulsivo com a garganta.

— Foi a única vez que lhe vi fazer magia — seguiu Falcão das Estrelas depois de um instante—. Quando lhe perguntei por isso mais tarde, disse-me que a única coisa que tinha feito era me tomar nos braços e correr para dentro.

Gazela estudou a outra mulher por um momento através da borda de sua taça cheia. No acampamento, os rumores diziam que Falcão tinha sido monja também e que logo decidiu deixar o convento e seguir a Lobo. Embora Gazela não o tivesse acreditado até então, algo nessa história lhe fez pensar que talvez fosse certo. Havia elementos de ascetismo e misticismo em Falcão das Estrelas. Gazela sabia que fazia meditação todos os dias e a tenda por certo era tão nua como a cela de uma monja. Embora fosse uma guerreira rude e de sangue-frio, Falcão nunca era brutal sem razão, mas na realidade, poucas das escassas mulheres na tropa de Lobo o eram.

Gazela tinha a pergunta na ponta da língua, mas Falcão das Estrelas não era uma mulher a que alguém fizesse perguntas sem permissão. Além disso, Gazela não podia pensar em nenhuma razão pela qual alguém pudesse deixar as comodidades de um convento para seguir o caminho brutal da guerra.

Em lugar de dizer algo a respeito, perguntou:

— Por que mentia?

— Só a Mãe sabe. Era uma dama muito velha nesse tempo, morreu um ano ou dois depois, e não acredito que nenhuma outra pessoa do convento soubesse o que era.

Os dedos nervosos de Gazela brincaram com a taça e os diamantes de seus anéis brilharam como lágrimas na luz difusa, dourada. Em algum lugar, bastante perto, um coro de bêbados começou a cantar:

*Na cidade do Kedwyr
Faz cem anos ou mais
Vivia um moço chamado Sela...*

— Me perguntei muitas vezes — disse Gazela com calma — a verdade sobre os magos. Por que Altiokis é o único que fica no mundo? Por que não morreu, em todos estes anos? O que aconteceu com outros?

Falcão das Estrelas se encolheu de ombros.

— Só a Mãe sabe — repetiu de novo. Como sempre, mantinha seu rosto impassível: se a pergunta tinha cruzado sua mente alguma vez, não o demonstrou. Em lugar disso, golpeou o maço de cartas frente à Gazela —. Banca?

Gazela mesclou com habilidade, apesar de suas unhas largas, pintadas na moda. Era uma das primeiras coisas que tinha aprendido quando a venderam a Lobo do Sol fazia dois anos, apenas uma virgem aterrorizada de dezesseis anos, e tinha aprendido sobre tudo em defesa própria, porque Lobo e Falcão das Estrelas eram jogadores letais.

Falcão das Estrelas a olhou e pensou como a jovem se achava fora de lugar ali. Gazela — que obviamente tinha tido outro nome antes que a seqüestrassem no caminho da casa de seu pai no Reino do Meio para uma escola de refinamento no Kwest Mralwe — obviamente tinha sido educada em uma atmosfera de gosto e elegância. A roupa e as jóias que elegia o diziam claramente. Falcão das Estrelas, apesar de ter sido criada em um meio campestre e austero, tinha saqueado o suficiente no curso de oito anos para entender a diferença entre a vulgaridade do novo-rico e a qualidade. Cada um dos traços de Gazela falava do gosto delicioso e da cuidadosa educação, e contrastava tanto com a nudez estóica da moradia de Falcão das Estrelas, como esta com a opulência um tanto bárbara da tenda do chefe.

O que tinha sido? Perguntou-se Falcão. Filha de um nobre? Filha de um mercador? Essa mão branca, delicada em meio das jóias escolhidas com

cuidado, nunca havia conhecido nada mais áspero que a pele de um homem, isso era evidente. O mais formoso que podia comprar o dinheiro, pensou Falcão das Estrelas, com um gosto amargo na boca por causa da moça, queria ela que a comprassem ou não.

Gazela deixou as cartas sobre a mesa, sem as repartir. Nesse momento, seu rosto se via cansado.

— O que vai passar com ele, Falcão? — perguntou com tom tranqüilo.

Falcão das Estrelas se encolheu de ombros, e lhe entendeu mal a propósito.

— Não acredito que o chefe seja o suficientemente louco para se meter em nada relacionado com a magia — começou a dizer.

Mas Gazela meneou a cabeça impaciente.

— Não é só isso — insistiu—. Se seguir como até agora, algum dia cometerá um engano. É o melhor, dizem, mas também tem quarenta anos. Vai seguir levando tropas à batalha e passando o inverno no Wrynde até que um dia chegue um segundo tarde para parar a tocha de um inimigo. Se não for Altiokis, quanto tempo passará até que seja alguma outra coisa?

Falcão das Estrelas desviou a vista desses olhos, tão luminosos de repente. Logo disse, a contra gosto:

— Ah, certamente conquistará alguma cidade, fará uma fortuna e morrerá feito um ricoço aos noventa. Não vale a pena que se preocupe pelo bem-estar do velho bastardo.

Gazela riu tremente ante a imagem que lhe apresentava Falcão das Estrelas e depois falaram de outras coisas. Mas na realidade, enquanto a moça dava as cartas, Falcão das Estrelas desejou que não houvesse falado tão certa de seus próprios temores ocultos.

Lobo do Sol sentiu mais que ouviu, o passo suave da mulher fora de sua tenda. Estava olhando a entrada quando o tecido se moveu. A mulher entrou junto ao aroma selvagem do mar que trazia a noite.

Com as lâmpadas atrás de suas largas costas de guerreiro e a luz em seu cabelo espaçado, cor de pó, ao redor de seu rosto, Lobo do Sol era realmente o que dizia seu nome: um lobo do sol, esse caçador grande, mortífero e leonino dos estepes do leste. A mulher tirou a boina da cabeça.

— Sheera Galernas?

— Capitão Lobo do Sol?

Fez-lhe um gesto para que se sentasse na outra cadeira. Era mais jovem do que tinha imaginado, não mais de vinte e cinco anos. O cabelo negro se enrolava, espesso, ao redor de um rosto que se estreitava das largas e delicadas bochechas até um queixo afiado. Os lábios, cheios até os cantos, eram sensuais e escuros como o vinho. Os olhos afundados pareciam também da cor do vinho, as pálpebras manchadas de violeta por noites sem dormir. Era alta para uma mulher e Lobo do Sol podia ver que por baixo das dobras largas da capa tinha um bom corpo.

Por um momento, nenhum dos dois falou. Logo, ela disse:

— Não é o que esperava.

— Não posso pedir desculpas por isso.

Ele tinha posto uma camisa e calças de montar e um gibão de veludo castanho. O pêlo de seus braços brilhou contra a luz quando dobrou os braços fortes, maciços.

Ela se moveu na cadeira, preocupada, olhando-o. Lobo do Sol tirou o chapéu perguntando-se que tal seria levá-la à cama e se o experimento valeria o problema que causaria tentá-lo.

— Tenho uma proposta para você — disse ela, finalmente, procurando seus olhos com uma espécie de irritação, lhe desafiando a olhar o seu rosto em lugar de examinar o seu corpo.

— A maior parte das damas que vêm a minha tenda tem uma proposta.

A pele dela se fez profunda e vermelha como a terracota junto às bochechas, e os orifícios do nariz lhe tremeram um pouco, como um cavalo que cheira a batalha. Mas somente disse:

— O que diria de dez mil moedas de ouro por trazer seus homens e fazer um trabalho para mim em Mandrigyn?

Ele se encolheu de ombros.

— Diria que não.

Ela se endireitou, realmente surpreendida.

— Por dez mil moedas de ouro? — A soma era enorme, cinco mil teria comprado a toda a tropa para uma campanha do verão e todos o teriam

acreditado generoso. Ele se perguntou de onde teria tirado ela essa quantidade, se é que em realidade pensava lhe pagar. O tamanho do prometido lhe fazia duvidar.

— Não iria contra Altiokis nem por cinqüenta mil — respondeu com calma —. E não confiaria em uma proposta de palavra de uma mulher que representa a uma cidade conquistada. Nem por cem mil moedas, com magia ou sem ela.

Tal como queria essa frase a tirou da calma. A cor do rosto da dama se acentuou, porque era uma mulher a que poucos homens haviam dito que não em sua vida. Um impulso de fúria penetrou em sua voz.

— Têm medo?

— Senhora, — disse Lobo do Sol — se for questão de que me tirem as vísceras através dos olhos, tenho medo. Não há dinheiro no mundo que possa me tentar a discutir com o Altiokis.

— Ou é que prefere fazer negócios com um homem?

Cuspiu-lhe as palavras com desprezo, mas ele as pensou com cuidado; depois de um momento, respondeu:

— Em realidade, sim — A mão de Lobo do Sol se antecipou às palavras dela —. Sei em que posição estão as mulheres em Mandrigyn, que nunca puseram uma em um posto público e que nunca teriam mandado a uma em uma missão como esta. E se for de Mandrigyn, sabe.

Ela se rendeu. Seu fôlego saía e entrava de seu peito com raiva, mas não negou nada.

— Assim que isso quer dizer que isto é privado — seguiu ele —. Dez mil moedas de ouro é uma quantidade impressionante de metal para um só dono, especialmente em uma cidade que acaba de ser tomada e onde provavelmente tudo o que não foi saqueado está prometido como indenização. E como sei que as mulheres são vingativas e ardilosas...

— Maldito... — explodiu ela.

Ele levantou a mão para pedir silêncio de novo.

— Têm razões para brigar às escondidas como o fazem, e as entendo, mas o fato é que não confio em uma mulher desesperada. Uma mulher é capaz qualquer coisa.

— Têm razão — disse ela em voz baixa, calma, mortífera, os olhos brilhando com uma intensidade fantasmal —. Faríamos qualquer coisa. Mas não acredito que entenda o que é amar uma cidade, estar orgulhosa dela, ser capaz de expor a vida de um para defendê-la se for necessário, e não poder participar de seu governo, nem sequer poder falar de política porque o proíbem as normas de boas maneiras. Pelos deuses!, Se nem sequer nos deixam caminhar pelas ruas sem um véu! Ver como a cidade se divide em facções e logo a conquistam, com todos os homens que realmente brigaram prisioneiros e encadeados, enquanto os maus, os venais e os ambiciosos se sentam nas cadeiras do poder...

» Sabe por que não veio um homem lhe ver hoje?

« Durante décadas, séculos, Altiokis quis possuir Mandrigyn. Tomou as terras dos velhos barões da montanha e os clãs do sudeste; senta-se como um sapo boi sobre as rotas comerciais terrestres para o leste. Mas está limitado a terra e Mandrigyn é a chave do Megántico. Demo-lhes vantagens comerciais, fizemos vista grossa ao contrabando na fronteira, assinamos tratados. Já sabe que isso não basta. Nunca.

» Seus agentes promoveram os problemas e as facções na cidade, impeliram dúvidas sobre a legitimidade de nosso príncipe, Tarrin da Casa Dela, dividiram o Parlamento e quando ficamos exaustos de tanto brigar uns com outros, ele e seus exércitos desceram por Passo de Ferro. Tarrin levou a uma força de homens do Mandrigyn à batalha, na profundidade das montanhas Tchard. No dia seguinte, Altiokis e os seus entraram no Mandrigyn.

Os olhos da Sheera ficaram em foco de repente, com um fundo brilho ambarino em suas profundidades castanhas.

— Sei que Tarrin ainda está vivo.

— Como sabem?

— Tarrin é meu amante.

— Tive mais mulheres que pares de botas em minha vida, — disse Lobo do Sol, cansado — e nem sequer para salvar minha vida poderia lhe dizer onde está uma delas agora.

— Claro você sabe mais de tudo isso — se burlou ela —. Os homens estão escravizados nas minas que ficam debaixo das montanhas Tchard. Altiokis tem milhares de minas, ninguém conhece sua profundidade, nem quantos exércitos de escravos trabalham nelas. As... garotas... da cidade vão lá encima de tanto em tanto para... fazer negócios... com os guardas. Uma delas viu o Tarrin ali. — A

expressão de seu rosto trocou, dominada, de repente, por uma ansiedade terna e a fúria ardente da vingança. — Está vivo.

— Passaremos por cima do problema de como conheceu essa garota — disse Lobo do Sol. Teve a satisfação de ver como a expressão terna da Sheera se convertia em fúria —. Vou lhe perguntar algo: Quer que eu e meus homens resgatemos Tarrin das minas do Altiokis?

Quase tremendo de raiva, Sheera se dominou e repôs:

— Sim. Não ao Tarrin somente, a ele e a todos os homens de Mandrigyn.

— Para que possam descer das montanhas, retomarem a cidade e viverem felizes para sempre...

— Sim — ela estava inclinada para frente, os olhos ardentes, a capa caía, debaixo da qual aparecia a púrpura profundo de seu vestido adornado com opalas como com gotas de rocio —. Não veio nenhum homem porque não há homens que possam vir. Os únicos que ficaram em Mandrigyn são velhos inválidos, meninos pequenos e escravos..., e os sujos covardes e adutores que venderiam aos seus próprios filhos como alimento dos cães do Altiokis, se o preço for um pouco de poder. Reunimos o dinheiro entre nós, nós, as damas de Mandrigyn. Pagaremos qualquer coisa, o que quiser. É a única esperança que fica para nossa cidade.

A voz da Sheera se elevou, com a força da música marcial, e Lobo do Sol se reclinou em sua cadeira e a estudou com cuidado. Notou a riqueza do vestido que usava e a suavidade dessas mãos ociosas. Tinham-se tomado a cidade sem saqueá-la..., o qual era uma vantagem para Altiokis se queria seguir usando-a como porto... Lobo do Sol conhecia bem aos fracos burgueses que pagavam para que outros brigassem por eles, mas nunca tinha pensado muito sobre a força ou as motivações de suas esposas. Talvez pudessem conseguir o dinheiro, pensou. Aros de ouro, recursos para a casa, dinheiro extraído de maridos muito covardes ou muito prudentes para ir à guerra. Possível, sim, mas não provável.

— Dez mil moedas de ouro é o resgate de um rei — começou.

— É o resgate da liberdade de uma cidade! — A resposta foi uma mordida.

Falcão das Estrelas tinha razão, pensou ele. Há outros fanáticos além dos religiosos.

— Mas não pode pagar as vistas dos homens — replicou com calma—. Eu não os levaria a uma guerra contra Altiokis e eles não iriam. Já estamos no

outono. As tormentas vão começar em questão de dias. É uma larga marcha até Mandrigyn por terra através das montanhas.

— Tenho um navio — começou ela.

— Não vai me colocar no mar neste momento do ano. Tenho melhores coisas que fazer com meu corpo que usá-lo como comida de caranguejos. Ficaremos uns dias por aqui e para então as tormentas terão começado. Não vou brigar uma guerra no inverno. Não contra Altiokis, não nas montanhas Tchard.

— Há uma mulher a bordo de meu navio que pode dominar o clima — insistiu Sheera —. O céu estará claro até que estejamos a salvo no porto.

— Uma maga? — Lobo do Sol grunhiu — Não me faça rir. Não há mais magos, exceto Altiokis mesmo, e eu não iria com você se tivessem um. Não penso me misturar em uma guerra de magos.

» E, além disso, — continuou a voz cada vez mais dura — em qualquer caso não estou interessado. Não penso tomar dez mil moedas de ouro para comprar ataúdes para meus homens, e nisso terminaria tudo se fôssemos contra Altiokis, no inverno ou no verão, na montanha ou na planície. Sua amiga talvez tenha visto vivo Tarrin, senhora, mas eu aposto dez mil moedas de ouro contra um pedaço de cobre a que seu cérebro e sua alma já não eram deles. E cobre é o que valeria minha vida se fosse o suficientemente parvo para aceitar seu dinheiro.

Ela já estava de pé o rosto manchado de fúria.

— O que querem? — perguntou em voz baixa — Qualquer Coisa. Eu..., ou qualquer outra mulher da cidade ou todas nós. Açúcar de sonhos? Podemos lhe conseguir uma tonelada se quiser. Escravos? A cidade está repleta deles. Diamantes? Vinte mil moedas do o...?

— Não poderia reunir vinte mil moedas de ouro, mulher. Não sei como reuniram dez mil — respondeu Lobo do Sol—. E não toco o açúcar dos sonhos. Você? Preferiria levar a cama uma víbora venenosa.

Isso lhe tocou lá dentro, porque os homens lhe tinham suplicado desde que tinha doze anos. Mas a raiva que sentia era algo mais, condensada como o centro de uma chama e isso era o que tinha feito ao dizer Lobo do Sol algo que soava como um insulto, até sendo a verdade mais literal. Sheera era uma mulher perigosa, apaixonada, inteligente e sem nenhum escrúpulo. Uma mulher que podia esperar meses e anos pela vingança. Lobo do Sol não se levantou da

cadeira, mas mediu a distância que havia entre eles e calculou quão rápido podia mover-se ela se decidia atacá-lo.

Logo, uma onda de noite fumegante e selvagem suspirou na tenda, e Sheera girou em redondo enquanto Falcão das Estrelas se detinha na entrada. Por um momento, as duas mulheres ficaram de pé olhando uma a outra; uma em seu vestido escuro adornado com opalas sombrias, com sua beleza selvagem e perigosa; a outra, dourado de sol e comum como o pão, o gibão de homem que lhe acentuava os ombros largos e os quadris estreitos, o rosto angulosa com o cabelo curto e breve. As mangas recolhidas de Falcão das Estrelas mostravam braços musculosos como os de um homem, cruzados pelas cicatrizes rosadas da guerra.

Olharam-se e se estudaram em silêncio. Logo, Sheera passou junto a Falcão das Estrelas, atravessou o tecido que fazia de porta e se desvaneceu na noite com aroma de sangue.

Falcão a olhou em silêncio um momento, logo se voltou para seu chefe, ainda sentado em sua cadeira de acampamento com as mãos pregadas frente a ele e seus olhos amarelos de raposa, pensativos. Lobo do Sol suspirou e a tensão pareceu escapar de seus músculos, como fazia durante as campanhas. A cortina se moveu de novo e entrou Gazela, o cabelo negro emaranhado, caindo em um tecido de teia suave sobre suas delicadas costas.

Lobo do Sol ficou de pé e meneou a cabeça para responder à pergunta silenciosa de seu lugar-tenente.

— Que os espíritos de seus antepassados ajudem ao pobre bastardo que se enrede com ela — disse, em voz baixa.

Capítulo 2



A luz do sol caía como resina espessa cor âmbar sobre a superfície da mesa do conselho, ardendo em uma linha acesa sobre o cobre dos adornos, como o fulgor na borda do mar. A pesar do indício de outono que salgava o ar de fora, aqui fazia muito calor e os membros do Conselho do Kedwyr, bem vestidos em seus casacos sóbrios de lã negra, reforçada e forrada, suavam brandamente na magnífica luz do sol que caía através das grandes janelas panorâmicas. Lobo do Sol estava sentado em um extremo da mesa entre o capitão das tropas das províncias e o comandante dos guardas da cidade, com as mãos cruzadas e a luz do sol brilhando como línguas de fogo sobre os broches de seu gibão. Estava esperando que o presidente do conselho tratasse de escapar do contrato que tinha com ele.

Ambos o tinham advertido, o capitão Gobaris e o comandante Breg. Em realidade eles brigavam pelo Kedwyr como parte de um dever que fixava a tradição, e seu pagamento era notoriamente elástico.

O presidente do conselho abriu a sessão com um louvor bem ensaiado dos serviços de Lobo, em que se referiu brevemente a sua pena por ter que ter partido a uma guerra contra um vizinho tão pequeno como Melplith. Seguiu falando dos perigos que todos tinham tido que enfrentar, e Lobo do Sol, ao olhar essas caras rosadas, suarentas, e essas queixadas parecidas com presuntos que se sobressaíam sobre as golas brancas e altas, recordou as rações podres e se perguntou quanto teriam tirado delas esses homens. O presidente do conselho, um homem alto, bom moço, com todo o ar de um atleta amadurecido e um pouco excedido de peso, chegou a sua conclusão, voltou-se para o empregado com cara de furão que estava a seu lado e disse:

— Agora, quanto ao problema do pagamento. Acredito que a soma prometida ao capitão Lobo do Sol era de três mil e quinhentas moedas de ouro ou sua equivalente, verdade?

O homem assentiu, enquanto jogava um olhar ao pergaminho enrolado do contrato que sustentava em sua pequena mão branca.

— Na moeda do Reino do Kedwyr... — começou o presidente do conselho...

Lobo do Sol lhe interrompeu, a voz profunda e rouca enganosamente lenta.

— A palavra «equivalente» não está em minha cópia do contrato.

Procurou dentro da bolsa em seu cinturão e tirou um pergaminho muito dobrado. Enquanto o abria deliberadamente sobre a superfície da mesa frente a ele, pôde ver o olhar inquieto que acontecia um a outro dos membros do conselho. Não tinham contado com que ele soubesse ler.

O sorriso do presidente do conselho se fez mais profundo.

— Bom, é obvio, subentende-se que...

— Eu não o entendi assim — atalhou Lobo do Sol, ainda em um tom de voz neutro —. Se tivesse pensado que era «ouro ou moeda local», o teria especificado. O contrato diz «ouro» e, segundo a lei de contrato internacional, o ouro se define pelo peso e a qualidade e não pela conta do sistema monetário local.

No silêncio esmagador que seguiu, o capitão Gobaris das tropas das províncias apoiou o queixo na palma de sua mão de forma que seus dedos cobrissem o sorriso que brigava por surgir em seu rosto redondo e pesado.

O presidente do conselho formou seu sorriso famoso e brilhante.

— É um prazer discutir com um homem de educação, capitão Lobo do Sol — observou, como se fosse resultar um prazer ainda maior ver lobo do Sol em um navio que fosse direto às rochas que rodeavam os escarpados do Kedwyr —. Mas como homem educado deve compreender que, por causa das condições na península, há uma escassez crítica de moeda de ouro pesada segundo a qualidade do metal. Para ter um armazenamento de ouro suficiente para cumprir com suas demandas, devemos restabelecer o equilíbrio das importações e exportações.

— Minhas demandas — recordou-lhe Lobo do Sol com suavidade — se fizeram faz seis meses, antes que se interrompesse o comércio.

— Claro que sim e pode estar seguro de que, sob circunstâncias comuns, nossos tesouros teriam sido suficientes para lhe dar o que é seu por direito em valor ouro absoluto. Mas houve situações de emergência que não podíamos prever. Os incêndios nos depósitos dos fusos de seda e o fracasso da colheita de limão, da que depende uma parte tão grande de nossas exportações,

provocaram escassez em nosso tesouro e tivemos que cobrir com recursos destinados originariamente à guerra.

Lobo do Sol levantou a vista. O teto do conselho tinha sido revestido em ouro recentemente; ele tinha visto os operários trabalhar uma tarde que esteve ali sacudindo os pés uma hora e meia enquanto esperava para ver o presidente do conselho e protestar pelas razões que lhes tinham estado vendendo os membros do conselho. Revestir um teto em ouro não era barato.

— De todos os modos, — seguiu o presidente do conselho, inclinando-se um pouco para frente e baixando a voz até adquirir um tom confidencial, o qual, conforme havia dito o capitão das tropas das províncias, significava que estava por apertar o laço — poderemos pagar a soma que acordamos em valor ouro absoluto em quatro semanas, quando chegarem as caravanas de âmbar das montanhas. Se estiver disposto a esperar até então, tudo pode arrumar-se.

Exceto que meus homens e eu não queremos ficar inundados nesta península hostil durante todo o inverno, pensou Lobo com amargura. Se lhes pagassem de vez, iriam no fim de semana e talvez poderiam passar o rio Gniss, que separava a península dos desertos que ficavam mais à frente, antes que se tornasse impossível de atravessar pelas inundações do inverno. Se esperavam quatro semanas, o rio estaria nove metros mais alto que agora nas gargantas e as colinas Chapeadas que ficavam mais à frente, cheias de neve e percorridas por ventos. Esperavam-se quatro semanas para que lhes pagassem, muitos de seus homens talvez nunca chegassem aos quartéis de inverno no Wrynde.

Cruzou os braços e olhou ao presidente do conselho em silêncio. O momento se alargou, incômodo, até que passou um minuto, logo dois. A próxima oferta seria em moeda local, claro, estipulada a um valor muito mais alto do que se podia conseguir no Wrynde. As cunhagens em prata costumavam variar de valor e neste momento o conteúdo real de prata não seria alto. Mas deixou que seguisse o silêncio, porque sabia o efeito que tinha sobre homens que já estavam um pouco nervosos com essa tropa de mercenários acampada junto aos muros de Melplith.

Finalmente, o general Gradduck, chefe de todas as forças do Kedwyr, que se tinha ficado com todo o crédito pelo triunfo do local, rompeu o silêncio:

— Mas se estiverem disposto a aceitar moeda local... — começou e deixou a isca de peixe pendurando do anzol.

Esperavam que Lobo começasse por estipular, a contra gosto, o conteúdo absoluto de prata na moeda, impossível de garantir a menos que quisesse avaliar cada moeda individualmente. Em lugar disso, disse:

— Isso quer dizer que desejam renegociar o contrato?

— Bom... —exclamou o presidente do conselho, irritado.

— Segundo o contrato, estão obrigados a me pagar em ouro — disse Lobo do Sol —. Mas se querem renegociar, eu estou disposto. Acredito que em questões que concernem ao comércio internacional, o costume na península é conseguir um jurado de representantes imparciais de outros estados vizinhos que determine o valor de três mil e quinhentas moedas de ouro em moeda local.

O presidente do conselho ficou mais que pálido ante a idéia de que representantes de outros estados da península estabelecessem a quantidade de dinheiro que teria que pagar a esse mercenário e seus homens. Os outros estados, alarmados já pelo ataque do Kedwyr a seu rival Melplith, saltariam sobre a oportunidade de perturbar a economia do Kedwyr dessa forma, por não mencionar o fato de que estariam fazendo um favor a Lobo do Sol, favor que poderia contar-se como parte do pagamento a próxima vez que necessitassem uma tropa de mercenários. Obviamente, o presidente do conselho lamentava ter mencionado o assunto.

Um pequeno conselheiro de cara apertada se moveu ao final da mesa.

— Já viu tamanha coragem!

O presidente do conselho se esforçou por fazer um último sorriso.

— Claro, capitão, que tais negociações possivelmente poderiam terminar mal.

Lobo do Sol assentiu com nobreza.

— Dou-me conta do peso que significa para vocês nossa presença aqui. Estou seguro de que meus homens poderiam acampar em alguma cidade vizinha como Ciselfarge.

Tinha sido uma casualidade que Kedwyr invadissem Melplith e não Ciselfarge nessa última guerra pelo poder sobre os mercados do âmbar e a seda, e Lobo do Sol sabia. A não ser pelo fato de que o presidente do conselho tinha jurado dias atrás paz e irmandade com o príncipe do Ciselfarge, essa frase teria podido tomar-se como uma ameaça direta.

O presidente do conselho disse com amargura:

— Estou seguro de que um atraso semelhante não será necessário.

A barra de luz solar se deslizou ao longo da mesa, brilhou durante um tempo sobre os olhos de Lobo do Sol. Logo se posou na parede que estava sobre sua cabeça. Chegaram os serventes a acender as lâmpadas antes que se acabassem as negociações. Uma ou duas vezes, Lobo do Sol baixou à praça que ficava frente à prefeitura para falar com os homens que havia trazido à cidade consigo, aparentemente para assegurar-se de que não estavam bebendo até a bebedeira absoluta nos botequins que rodeavam a praça, mas em realidade para que soubessem que ainda estava vivo. Os homens, como a maioria dos homens de Lobo do Sol, não bebiam tanto como parecia, além disso, esta viagem era parte da campanha, não uma diversão.

A terceira vez que Lobo desceu pela larga escada, foi com o gordo capitão Gobaris das tropas das províncias e o comandante Breg, fraco, amargurado e bom moço, dos guardas da cidade. O capitão ria com deleite do desconcerto do conselho nas mãos de Lobo do Sol.

— Quando especificaram que deviam receber a moeda amanhã, pensei que perdíamos ao presidente do conselho de uma apoplexia.

— Se lhe tivesse dado a semana que me pedia, teria tido tempo de fazer trazer outra partida da Casa da Moeda da cidade. — disse com razão Lobo — Teria a metade do conteúdo de prata da moeda corrente e teria pagado com isso.

O comandante dos guardas o olhou de esguelha com olhos sombrios, escuros.

— Suspeito que isso é o que fez o ano passado quando assinaram os contratos da cidade — disse — Convencionamos um contrato por cinco anos a sessenta estalines por ano, e isso foi quando o ouro estava a quarenta estalines a peça. Em dois meses, tinha subido a sessenta e cinco.

— Ah, não há muito que esse bastardo não seja capaz de fazer — riu Gobaris entre dentes enquanto saíam pelas grandes leva.

Frente a eles, jazia a praça da cidade em um quadriculado de luz de lua e sombras, ornadas por ouro cintilante de cem abajures dos botequins que a rodeavam. A música flutuava no vento com o aroma do mar.

Não, pensou Lobo do Sol, olhando a seus homens. É por isso que não vim sozinho a esta cidade.

Os homens deixaram seus postos nos botequins abertos e se aproximaram dele pela praça. Gobaris arranhou a grande bola dura da pança e cheirou o ar selvagem.

— As chuvas do inverno estão atrasadas — opinou—. Chegam tarde este ano.

— Estranho — disse o comandante—. As nuvens estiveram empilhando no horizonte, dia detrás dia.

Ao passar, a mente de Lobo de Sol pensou que Sheera lhe havia dito que tinha alguém no navio que podia dominar o clima. Um mago? Perguntou-se. Impossível. Logo, seus homens o alcançaram e ele levantou os polegares em sinal de triunfo. Houve vivas irônicas, risadas e brincadeiras agudas e Sheera se separou da mente de Lobo enquanto Gobaris dizia:

— Bom, isso está preparado e não vi um trabalho de açougue melhor praticado sobre homens que o merecessem mais. Vamos, comandante — adicionou, golpeando a seu lento colega nas costelas com o cotovelo. Há algum lugar nesta cidade onde um homem possa lavar o gosto deste conselho com um pouco de vinho?

Terminaram fazendo o circuito da praça, Lobo do Sol, Gobaris e o comandante Breg, com todo o corpo de homens de Lobo do Sol e todos os das tropas que ainda ficavam na cidade. Entre as brincadeiras, a risada e os jogos com as garotas da irmandade local que tinham aparecido em sua roupa mais vistosa, Lobo do Sol conseguiu do comandante Breg bastante informação sobre o Kedwyr e seus aliados e uma visão geral da política na península.

Uma mãozinha fresca se deslizou sobre seu ombro e uma moça se uniu a eles no banco em que estavam sentados, os olhos cheios de alegria e promessa profissional. Olhos notáveis, pensou ele: dourados, profundos, como o brandy de pêssago, em um rosto jovem e esquisitamente formosa. O cabelo refletia o dourado suave, pálido dos damascos amadurecidos, escapava das fivelas artificiosas e caía sobre os ombros leves, nus, em uma cauda brilhante. De repente, pensou em Gazela, lá no acampamento. Esta moça não podia ter mais de dezoito anos.

Os gostos do vinho e a vitória se mesclavam na boca de Lobo. Disse aos homens que havia trazido consigo que voltaria depois. Com a rivalidade e o bom humor deles soando em seus ouvidos, levantou-se e seguiu à moça por um beco para uma habitação perfumada de rosas.

Era mais tarde que o que se imaginava quando voltou para a praça. Uma foice de lua branca tinha limpado os tetos das casas que se fechavam sobre o beco e brilhava com força sobre a água suja que fluía pela boca-de-lobo no centro da rua. O ruído da praça se calou por completo, a música e a risada, transformadas em amor e logo em sonho. Seus homens, pensou Lobo do Sol com um sorriso agudo, não se sentiriam alegres por ter que esperar tanto tempo, e se preparou para os comentários inevitáveis.

A praça estava vazia.

Um olhar lhe disse que os botequins estavam fechados, coisa que esse bando de bastardos rudes não teria permitido se ainda estivesse por ali. Lobo do Sol retrocedeu para a segurança das sombras do beco e olhou de novo a rua vazia: leitosa onde lhe banhava a lua, cintilada com o frio negro e angular das sombras do teto da prefeitura. Todas as janelas do grande edifício e de todos os edifícios que o rodeavam estavam às escuras.

O presidente do conselho os teria prendido?

Não era provável. A habitação iluminada por velas que a moça tinha levado, não estava tão longe da praça. Se tivesse havido uma detenção, teria havido briga, e o ruído teria chegado até ele.

Além disso, se o conselho tinha dado ordens de que os prendessem lhe teriam seguido e apanhado nos labirintos dos becos, longe de seus homens.

A voz distante de um pacato homem anunciou que era o segundo guarda da noite e que tudo estava tranqüilo.

Muito mais tarde de que tinha acreditado, pensou outra vez e amaldiçoou a risada alegre da moça que o tinha levado a ela. Mas a hora não importava seus homens nunca teriam ido sem ele a menos que os ordenasse, embora tivessem tido que esperar até a alvorada.

Depois de pensar um momento, dobrou de novo para o porto. Tinha pensado em voltar para a prefeitura e fazer uma investigação privada das celas que invariavelmente se encontravam debaixo desses edifícios. Mas apesar do muito que seu primeiro instinto lhe levava para um resgate privado, sua larga experiência com a política da guerra lhe dizia que isso seria uma tolice. Se tivessem detido seus homens por simples bebedeira, coisa bastante improvável,

não corria perigo. Se achavam em apuros, isso queria dizer que os tinham detido por outra razão, o que brindaria a Lobo uma maior oportunidade de lhes ajudar se escapava da cidade e voltava para sua posição de força no acampamento. Se não voltasse, chegaria a alvorada, antes que Falcão das Estrelas atuasse e isso possivelmente seria tarde para qualquer deles.

Suas suaves botas não faziam ruído nas pedras das ruas. Nos labirintos escuros do bairro baixo não havia sons, nenhum sinal de perseguição ou de qualquer outra coisa. A chamada sombria de um vendedor de água noturno vagou na escuridão. De um sujo botequim de ladrões, construída em parte como porão, surgia uma luz fumegante e fedida, acompanhada de risadas rancorosas e vozes agudas, ruidosas das putas. Em algum outro lugar, os sinos do convento local — Kedwyr sempre tinha sido uma praça forte dos seguidores da Mãe — vibravam, chorosas, para os ritos de meia-noite.

A porta do porto era uma torre chata, redonda, abaixada como uma rã monstruosa, contra a tela de fundo estrelada do veludo da noite. Sair por ali significaria dois quilômetros extra de caminhada, subindo pelo caminho precário do escarpado, mas Lobo supunha que, se o presidente do conselho tinha homens lhe buscando, o esperariam junto às portas principais.

Certamente ninguém lhe esperava aqui. Um par de homens e uma mulher de aspecto comum, vestidos com os uniformes dos guardas da cidade, jogavam cartas na pequena habitação murada sobre as portas fechadas, com uma garrafa de vinho barato sobre a mesa que havia entre os três. Lobo do Sol se deslizou cuidadosamente através das sombras para a pequena porta bem assegurada e situada em um lugar incômodo sobre as portas principais, característica nas portas de muitas cidades. Lobo se cuidava de estudar essa porta em cada uma das cidades que visitava.

Se deslizava por esta porta, ficaria à vista direta dos guardas da torre durante o tempo que levava contar até sessenta, calculou, enquanto julgava as distâncias e os tempos das sombras densas do arco da porta. Se os guardas não tinham ordens de procurar a alguém que queria sair da cidade, com sorte poderia obtê-lo. Apesar de seu tamanho, tinha tido desde menino um talento quase anormal para passar despercebido, como um lobo que caminha pelo bosque e pode chegar a poucos centímetros de sua presa, sem que esta se dê conta. Seu pai, embora de igual tamanho, era tão grande e torpe como um urso negro, e lhe tinham insultado por isso, lhe chamando gato escorregadio, mas no final tinham admitido que era um talento conveniente para um guerreiro.

Agora lhe ajudou muito. Nenhum dos que jogavam cartas se deu conta que ele tirava a barra das travas e se deslizava através da porta.

Depois da luz das tochas perto da porta, a noite era escura como a tinta. A maré estava subindo, subia sobre os dentes traiçoeiros das rochas por debaixo dos escarpados para o sudoeste. A luz das estrelas brilhava fantasmagórica sobre as carapaças molhadas dos caranguejos que se moviam por milhares aos pés dos penhascos. Ao subir pelo atalho, Lobo do Sol viu que havia cadeias embutidas nas pedras da base do escarpado: titilavam brandamente com os movimentos das ondas.

Estremeceu-se. Tinha recebido um treinamento duro para a guerra, tanto físico como mental, pela inclinação de seu pai e pelos costumes da tribo do norte em que tinha nascido. Tinha aprendido desde muito cedo que uma imaginação ativa era uma maldição para um guerreiro. Tinha levado anos para suprimir a sua.

O atalho do escarpado era estreito e íngreme, mas não impossível de atravessar. Tinham-no aberto os lenhadores e os marinheiros para subir e baixar às praias quando baixava a maré. Só uma tropa invasora que atacasse a porta podia achá-lo perigoso. Quando chegou ao topo, mais ou menos a um quilômetro dos muros, Lobo estava molhado até a pele com a água das ondas. O vento o mordida através da pele de cordeiro molhada de seu casaco. No inverno, as tormentas converteriam o lugar em uma armadilha mortal, pensou, enquanto examinava as terras chatas e informes do topo. Barreiras de árvores contra o vento cruzavam as terras entre os escarpados e o caminho real das portas da cidade, e uma parede baixa de pedras cinza, meio caída e abandonada, seguiam como uma serpente uns metros adentro da borda do escarpado, um bastião final para aqueles que tivessem sido cegados pelo vento e a escuridão. Dali, as ondas lançavam um som tenebroso, como se desejassem tragar-se aos homens.

De novo, voltou à vista ao mar com o vento lhe golpeando as bochechas. Por cima do índigo escuro da água, podia ver as grandes colunas de nuvens chatas, que guardavam relâmpagos em seus ventres. As tormentas podiam golpear em qualquer momento, pensou, e sua mente voltou para a região selvagem dos ermos mais à frente do rio Gniss. Se houvesse algum atraso para tirar esses farristas da prisão da cidade...

Amaldiçoou o seu guarda-costas enquanto se voltava para o caminho que saía da porta de terra da cidade chamada Melplith. Tinha deixado a Pequeno Thurg a cargo desses homens. *As pessoas teriam acreditado que esse anão bastardo*

tinha suficiente sentido comum para fazer que ninguém se metesse em problemas, pensou, primeiro com amargura, depois, com curiosidade. Em realidade, Pequeno Thurg estava acostumado a ter o cérebro suficiente para não meter-se em problemas e, apesar de sua altura de apenas um metro cinqüenta, possuía a autoridade necessária para que os homens que mandava tampouco se metessem em problemas. E isso era o que lhe tinha estado preocupando desde o começo.

Logo, como uma suave palavra dita em meio da noite, ouviu o zumbido da corda de um arco. Uma dor, como a picada de uma serpente, mordeu-lhe a perna, justo por cima do joelho. Quase antes de saber o que lhe tinha ferido, Lobo do Sol se jogou no chão para frente, rodando pelo chão junto ao caminho, oculto pelas sombras mais escuras dos arbustos. Ficou quieto durante um momento, escutando. Nenhum som chegou a seus ouvidos, só o assobio do vento sobre as pedras e as vozes confusas das árvores que murmuravam sobre sua cabeça.

Dispararam-me de trás dos arbustos, pensou, e sua mão baixou, deslizando-se, a tocar a vara que saía de sua perna. Ao tocá-la assustou-se e olhou para baixo. Tinha esperado uma flecha de guerra, uma arma para matar. Mas esta flecha era curta, leviana, terminada em plumas magras e cinzas, o tipo de flecha que disparavam os meninos e as damas bem educadas da corte contra os pássaros dos pântanos. A cabeça, que podia sentir afundada quase três centímetros em sua carne, era suave. Depois das pontas selvagens que tinha tirado de tempo em tempo de sua própria carne em vinte e cinco anos de guerra, isto era um brinquedo.

A tirou como se tirou um espinho, e o sangue negro gotejou sem freio por sua bota. Não tinha sentido. A pessoa não podia matar a um homem com algo assim a menos que lhe acertasse no olho.

A menos que estivesse envenenada.

Levantou lentamente a cabeça, examinou a paisagem vaga, iluminado pelas estrelas. Não via nada, nenhum movimento nas sombras enganosas das árvores sem ponta. Mas sabia que estavam ali, lhe esperando. E sabia que o tinham.

Eles? Quem?

Se fossem agarrá-lo, por que não na cidade? A menos que o presidente do conselho não estivesse seguro da lealdade das tropas da cidade e as tropas das

províncias? Rebelaram-se os homens do Gobaris frente ao seqüestro de Lobo do Sol?

Se pensassem que essa detenção era o princípio de uma falta de pagamento também para eles, o fariam.

Trabalhou com rapidez, abriu a ferida com a faca e chupou e cuspiu quanto sangue pôde. Os ouvidos lhe doíam pelo esforço que fazia para captar qualquer som estranho por cima do uivo leve do vento. Tirou o casaco úmido e usou o cinturão como torniquete, logo rompeu a cabeça da flecha e a pôs no bolso com a esperança de que, se conseguia chegar até o acampamento, Açougueiro pudesse lhe dizer que veneno era. Mas em sua mente já estava revisando o caminho, tal como o tinha estudado uma e outra vez durante as semanas de local, vendo-o em termos de emboscada e locais para cobrir-se. Era mais de uma hora de caminhada.

Levantou-se cautelosamente, embora soubesse que não haveria uma segunda flecha, e começou a caminhar. Através da escuridão profunda que o rodeava lhe pareceu ouvir movimentos, carreiras furtivas nas sombras dos arbustos, mas não deu a volta para olhar. Sabia perfeitamente bem que o seguiriam.

O sentiu muito em breve, essa primeira sensação de confusão e o fogo da dor febril que se expandia em seu corpo. Quando o caminho se aprofundou dobrando através de um bosque de árvores escuras, voltou a cabeça e os viu, um agito de capas que cruzava o terreno descampado. Quatro ou cinco, um anel grande, disperso.

Tinha começado a tremer, o fôlego trabalhava devagar em seus pulmões. Já quando deixava as sombras debulhadas do bosque, a luz das estrelas na planície que começava mais à frente, lhe parecia menos brilhante que antes, a distância de marco em marco muito maior do que recordava. No recanto de sua mente que sempre tinha sido capaz de raciocinar com frieza, inclusive quando estava lutando por sua vida, notou que o veneno era de ação rápida. Os sintomas se pareciam com os da erva de sapo, pensou com uma calma curiosa. Se tiver que ser veneno, melhor isso que os vômitos e purgações do mercúrio, ou as agonias alucinatórias do anid. Como mercenário, tinha visto quase tanto de política como de guerra. As mortes por veneno não eram nada novo, e ele tinha presenciado os sintomas de todas.

Mas maldito seja, não ia deixar que esse presidente do conselho escorregadio e dentuço ganhasse a partida sem resposta.

Sabia que tinha começado a tropeçar, a névoa em sua mente fazia que o ar brilhasse de escuridão diante de seus olhos. As pequenas pedras do caminho pareciam engrandecer-se e procurar seus pés. Dava-se conta, também, de que seus perseguidores eram menos cuidadosos que antes. Conseguiu ver as sombras de dois deles escondendo-se entre as árvores. Logo não se preocupariam em ocultar-se.

Vamos, pensou com amargura. Saiu do problema quando estava congelando-se, isto não é muito pior. Se puder chegar ao próximo montão de rochas, pode levar a um par desses bastardos contigo.

Não era provável que o presidente do conselho estivesse com eles, mas a idéia deu a Lobo do Sol a força para subir pela larga faixa do caminho, em torno da escura lagoa de sombras que a cruzava, quando a terra se nivelava de novo. Agora podia ver todos os perseguidores, formas escuras, inconstantes, que o rodeavam. A sombra das rochas parecia flutuar cada vez mais longe, e nesse momento acreditou que, se chegava até ali, poderia fazer qualquer coisa, qualquer coisa uma vez que chegasse.

Farei, disse, confuso. Esse bastardo sorridente provavelmente lhes disse que eu seria como comer um pedaço de torta, maldito seja. Eu lhes vou dar uma torta.

Na sombra das rochas, deixou que lhe dobrassem os joelhos e se derrubou no chão. Para não tratar de levantar-se e cair de novo, tirou a espada e a escondeu sob seu corpo enquanto ouvia esses passos rápidos, leves, que se aproximavam com cautela.

O chão era maravilhoso, como uma cama suave depois de uma briga dura. Lutou desesperadamente contra o desejo de dormir, tratando de reunir a força que sentia escapar como água. O pó do caminho lhe enchia o nariz e a mordida salgada do mar longínquo, engrandecida milhares de vezes, nadava como álcool por seu cérebro cada vez mais escuro. Ouviu os passos, deslizando-se sobre o pasto seco do outono e se perguntou se desmaiaria antes que chegassem.

Talvez vá direto ao frio do inferno, pensou amargamente, mas pelo espírito de meu primeiro antepassado, não vou sozinho...

Vagamente, precaveu-se de que estavam a seu redor. A dobra de uma capa se apoiou sobre seu braço e alguém pôs um arco leve sobre o pasto, muito perto. Uma mão lhe tocou o ombro e lhe deu volta.

Como uma serpente que ataca, Lobo do Sol agarrou a forma escura que se inclinava sobre ele e pegou o pescoço com a mão esquerda enquanto levava a espada para cima, para o peito, com a direita. Logo, viu o rosto à luz das estrelas e sua vítima deu um grito pequeno e ofegante. Por um momento, ele só pôde olhar com os olhos muito abertos o rosto da moça de olhos âmbar do botequim, o corpo suave de seu cabelo pálido caindo como seda sobre sua mão crispada.

Sob os dedos, o pescoço era como o caule de uma flor. Lobo sentia seu fôlego que tremia sob a ponta de sua espada. *Não posso matá-la*, pensou com desespero. *Não a uma moça da idade de Gazela que está tremendo de espanto.*

Logo, a escuridão e o frio o dominaram e se deslizou para o chão. Sua última lembrança consciente foi que alguém lhe tirava a espada da mão.

Capítulo 3



— Ari lhe disse que voltasse? — Falcão das Estrelas olhou com severidade a Pequeno Thurg e logo ao Ari, que estava de pé, calmo, a seu lado.

Thurg assentiu. O assombro e a incompreensão se marcavam em cada linha de seu rosto redondo, de aspecto quase brando.

— Também me pareceu estranho, senhor — disse, e os olhos azuis e brilhantes passaram dela ao Ari —. Mas então lhes perguntei e me disseram...

— Nunca estive ali. — objetou Ari em voz baixa — Nunca fui ao Kedwyr. — Olhou a Falcão das Estrelas, como para que ela o confirmasse. Tinham passado a noite com a metade dos outros lugares-tenentes de Lobo do Sol, jogando pôquer na carpa do Chupatintas, esperando que o chefe ordenasse retornar —. Sabe que...

Falcão das Estrelas assentiu.

— Sim — disse e olhou de novo ao Thurg, que se achava obviamente impressionado e mais que um pouco assustado.

— Podem perguntar a outros, senhor — esclareceu e um tom suplicante penetrou em sua voz—. Todos nós o vimos, claramente, como se fosse de dia. E depois que o chefe se foi com a mulher, pensei que se tinham encontrado e haviam falado. Que Deus me cegue se não disser a verdade. Falcão das Estrelas pensou que ficar cego por mão de Deus era um destino bastante benigno comparado com o que receberia um homem que tivesse abandonado o seu capitão em uma cidade inimiga. O fato de que estivessem por receber pagamento do Conselho do Kedwyr não fazia que essa cidade fosse território amistoso, mas bem ao contrário, em realidade. *Você pode desonrar a esposa de um homem, matar seu gado, saquear seus bens*, havia dito Lobo do Sol muitas vezes, *e esse homem será seu amigo com maior facilidade que qualquer governo que lhe deva dinheiro por algo que você tenha feito por ele.*

Ela se acomodou de novo na cadeira dobradiça de acampamento que estava colocada sob o tecido fora da tenda de Lobo do Sol e estudou o homem que tinha na sua frente. O vento do mar fazia ondular seu cabelo pálido e leve e ranger o toldo sobre sua cabeça. O vento tinha trocado de direção à noite e agora soprava forte e firme para o leste. A fileira furiosa de nuvens formava um jogo

inquietante de brilhos e sombras sobre as secas colinas, da cor dos lobos, que rodeavam os muros quebrados do Melplith por três lados. Tudo isso produzia um fundo de cálculos preocupantes, como um ruído que passa quase despercebido, lá, detrás de seus pensamentos.

O silêncio era sal para os nervos já muito maltratados do Thurg.

— Juro-lhes que vi o Ari — insistiu —. Não sei como aconteceu, mas vocês sabem que eu nunca deixaria o chefe. Permaneci com ele durante anos.

Ela sabia que isso era verdade. Também sabia que as mulheres, mais de uma vez, pensando que era um homem que vivia pela armadura, tinham-lhe oferecido vender-lhe suas filhas como concubinas e a idéia que não havia literalmente nada que os seres humanos não fossem capazes de vender por dinheiro devia aparecer em seus olhos. O homenzinho que tinha diante de si começou a suar, os olhos passaram de seu rosto a do Ari, tremendo de angústia desesperada. O sangue-frio de Falcão das Estrelas era mais temido que a fúria de Lobo do Sol. Um homem que tivesse aceitado um suborno para trair a Lobo do Sol não podia esperar piedade dela e certamente nada que fosse nem remotamente rápido.

Ela jogou um olhar ao Ari, que estava de pé detrás de sua cadeira. Parecia duvidoso, tal como devia ser: Thurg tinha sido sempre leal e confiável e como ele mesmo dizia, pertencia à tropa de Lobo do Sol fazia anos. Ela mesma estava intrigada, tanto pela história do Thurg, tão absolutamente impossível, como pela idéia de que tivesse traído a Lobo. Em seu lugar, ela teria inventado uma história muito melhor e respeitava o suficiente a inteligência do Thurg para pensar que ele também o teria feito.

— Onde te falou Ari? — perguntou-lhe por fim.

— Na praça, senhora — disse Thurg, tragando saliva e olhando de seu rosto a do Ari e logo, de novo, a ela —. Ele..., ele saiu do beco no que tinha entrado o chefe com a moça e..., e caminhou até onde estávamos sentados no botequim. Estava ficando tarde. Eu já tinha falado uma vez com o taberneiro para que não fechasse o lugar.

— Foi ele até onde vocês estavam ou lhes chamou para que fossem a seu encontro?

— Veio, senhor. Disse: «Podem ir voltando para o acampamento, tropas. O chefe e eu iremos mais tarde.» E piscou para nós. Todos riram e brincaram, mas eu lhe perguntei se não queria que ficássemos dois ou três, por uma

eventualidade. E ele disse: «Acredita que não podemos dirigir às tropas da cidade? Você as viu brigar!» E nós..., bom, viemo-nos. Pensei que Ari estava com o chefe... — Deixou que a voz morresse, brigando consigo mesmo. Logo, estendeu as mãos —. Soa uma loucura total, mas é verdade. Perguntem a qualquer um deles! — O desespero enrugava seu rosto torrado pelo sol—. Têm que acreditar em mim!

Mas seu aspecto dizia que ele mesmo pensava que não lhe acreditaria.

Sussurrava-se no acampamento que Falcão das Estrelas não tinha nascido que a tinham esculpido. Ela o olhou por um mais momento, logo perguntou:

— Saiu do beco, foi para o botequim e lhe falou?

— Sim.

— Estava em frente às lâmpadas do botequim?

— Sim, as lâmpadas se encontravam detrás de mim. Era um desses lugares de fachada aberta..., eu estava em uma mesa na ponta, sobre a praça, digamos.

—E o viu com clareza?

— Sim! Juro-o! — Estava tremendo, o suor lhe caía pelas bochechas torradas cheias de cicatrizes. Detrás dele, justo fora da sombra trêmula do toldo, dois guardas desviavam a vista ao sentir esse desespero elétrico no ar. Não queriam ser testemunhas de como se quebrava um homem a que os dois respeitavam. Frenético, Thurg prosseguiu —: Se eu tivesse vendido ao chefe ao conselho, crêem que teria voltado para acampamento?

Falcão das Estrelas se encolheu de ombros.

— Se tivesse pensado que podia me fazer acreditar ter falado com o Ari, talvez. Vi muitas traições para estar segura se o teria vendido ou não, mas é difícil acreditar que o tenha feito tão estupidamente. Está confinado aos quartéis até que vejamos se o conselho envia o dinheiro que prometeu.

Quando os guardas levaram o Pequeno Thurg, Ari meneou a cabeça e suspirou:

— De todas as histórias estúpidas que podia inventar... Como pode havê-lo feito, Falcão? Não havia forma de que soubesse que eu estava com outras pessoas, e foi assim...

Ela o olhou, parado ali, muito mais alto que ela, grande e parecido a um urso e perplexo, o ardor lento da irritação e a dor visível nesses olhos claros, cinzas.

— Isto é o que me inclina a acreditar que diz a verdade — respondeu e ficou de pé —. Ou o que ele acredita que é a verdade. Se não voltar do Kedwyr em três horas, ataca a cidade com tudo o que tenhamos e envia mensagens ao Ciselfarge...

— Vai sozinha?

— Se estão escondendo o que fizeram, não estou em perigo — disse ela, brevemente, jogando um olhar ao céu cinza e levantando o casaco de pele de cordeiro do respaldo da cadeira —. E posso tanto sair sozinha, como com um pequeno guarda, e se o conselho não souber que Lobo desapareceu, não vou publicá-lo levando um guarda grande.

Mas, pelo caminho real que ia do acampamento às portas da cidade do Kedwyr, encontrou um caravana de pequenos e fortes burros guardada por guardas da cidade, que levavam o pagamento prometido pelo conselho. Fraco e taciturno, como uma garça negra, o comandante Berg se inclinava sobre sua fornida égua peninsular. Falcão pôs seu cavalo ao mesmo tempo.

— Problemas? — Perguntou assinalando com a cabeça os burritos carregados e os guardas vestidos de negro que os levavam.

O comandante fez um único ruído como de tosse, que era o mais perto que chegava jamais de um pouco parecido a uma risada. O dia estava frio com o vento constante. Ele vestia uma capa negra larga e um casaco apertado sobre a cota de malha de aço brilhante que lhe cobria peito e costas, e seu rosto, emoldurado pelo metal de seu elmo, aparecia manchado com marcas vermelhas de frio.

— Nosso presidente do conselho quase morre de um ataque de apoplexia e terminou na cama de pena quando ficou pensando na quantidade — lhe disse —. Mas trouxeram um médico..., disse que vai se curar.

Falcão das Estrelas riu.

— Ari e Chupatintas estão lá, esperando para ir com você.

— Chupatintas — disse o comandante, pensativo—. É esse o homem que jogou uma malha de cordas no capitão defensor da torre no ataque às portas do Melplith?

— Sim, sim — disse Falcão das Estrelas—. É assim só em batalha. Como tesoureiro, é intocável.

— Como guerreiro — acrescentou o comandante—, é alguém a que tampouco eu gostaria de tentar tocar.

Uma rajada de vento lhe arrancou a capa, transformou as caudas dos cavalos em nuvens enredadas e gritou como um fantasma através das linhas quebradas de arbustos e pedras. Olhou por cima do ombro de Falcão das Estrelas a borda cinza do mar, visível além dos escarpados distantes. O céu ali se achava coberto de grandes nuvens que pareciam carregadas. Por sobre o uivo do vento, podiam-se ouvir as ondas de tempo em tempo, como golpes de martelo sobre as rochas.

— Pensam que poderão passar no Gniss antes que o rio se alague? — prosseguiu o comandante.

— Se sairmos amanhã.

Ela nunca dava nada a ninguém. Não falava com um desconhecido de seu medo de que, em realidade, não conseguiriam chegar ao rio a tempo para cruzá-lo sem perigo. No meio da manhã, e a não ser pelo desaparecimento de Lobo do Sol, estariam desarmando o acampamento para poder partir depois de contado o dinheiro. Com a enchente rápida do Gniss, até as horas importavam. Enquanto o vento cortava através da pele espessa de cordeiro de seu casaco e lhe mordida o rosto nu, Falcão das Estrelas se perguntou se as palavras do comandante eram casuais ou parte de uma advertência para que partissem antes que fosse muito tarde.

— A propósito — disse ela, apartando o cavalo do caminho da pequena caravana—, onde fica Gobaris quando está na cidade? Ou já se foi?

O comandante meneou a cabeça.

— Ainda está ali, nos barracos atrás da praça da prefeitura. É seu último dia na cidade, está se preparando para voltar para sua granja e a essa esposa de que esteve falando toda a campanha.

— Obrigada. — Falcão das Estrelas sorriu e levantou a mão para despedir-se. Logo, fez girar a cabeça do cavalo em direção à cidade e arrancou ao galope através dos ventos frios, duros, das tormentas que se aproximavam.

Encontrou ao Gobaris, redondo, rosado e ocioso, empacotando seus poucos bens e a cota de malha que já não ficava bem, na seção dos barracos reservado pelo conselho para as tropas das províncias durante o serviço na cidade. Já ficavam poucos da tropa. Essa seção dos barracos se encontrava quase vazia: a palha escapada dos beliches se empilhava sobre o chão de pedra, pronta para ser recolhida. As correntes de ar frio murmuravam através dos parapeitos manchados de umidade e filtrações. As paredes estavam cobertas de testemunhos mudos e destacados da rivalidade entre as tropas das províncias e tropas da cidade.

— Não sei o que é pior — murmurou ela, fazendo estalar a língua —, a falta de imaginação ou a incapacidade para soletrar uma simples palavra de quatro letras que utilizam todo o tempo.

— A falta de imaginação — disse Gobaris sem duvidar, endireitando-se em um movimento de dois tempos para não forçar a parte inferior de suas costas, afetada pela presente umidade.

— Se mais um de meus homens tivesse tratado de me contar a história sobre as tropas da cidade e a cabra bebê, o teria estrangulado antes que passasse “era uma vez...” O que posso fazer por ti, Falcão?

Ocorreu-lhe uma história sobre um soldado perdido, enquanto olhava bem de perto seu rosto rechonchudo e sem barbear, e não vislumbrou nada nesses olhos abertos e azuis que não fosse aborrecimento e preocupação pela idéia de que encontrassem ao homem antes que a tropa fosse sem ele. Gobaris deixou de empacotar e a levou a prefeitura, tirando os guardas regulares e abrindo sem demora qualquer porta que lhe indicasse. Ao final, Falcão das Estrelas meneou a cabeça com falso desgosto e suspirou.

— Bom pelo menos isto elimina o problema. Ou está bêbado perdido ou se foi com uma mulher.

Teve que apelar a toda sua autodisciplina e a calma inexpressiva mais completa de todos os seus anos de pôquer para esconder a doentia sensação de

angústia que se levantava nela e aceitar com imparcialidade o convite do capitão para compartilhar um pouco de cerveja no botequim mais próximo.

Estava revisando em sua memória as outras formas possíveis de entrar no cárcere sem permissão e procurar em outras celas quando Gobaris lhe perguntou:

— Então, seu chefe voltou bem para acampamento ontem?

Ela franziu o cenho, deixou as mãos que agarravam a jarra sobre a superfície suja da mesa do botequim.

— Por que o pergunta?

Gobaris suspirou, meneou a cabeça e esfregou os cilindros rosados, agudos, da mandíbula.

— Eu não gostei, apesar do forte que é esse Ari como lutador. Se o presidente do conselho tivesse querido criar problemas, os teria apanhado aos dois na cidade. Era perigoso, isso é tudo.

Falcão das Estrelas se reclinou na cadeira e olhou ao homem gordo na luz fria e branca que entrava do lugar através da frente aberto do botequim.

— Quer dizer que Ari era o único homem que tinha consigo? — perguntou, para ganhar tempo.

— O único que vi. — Ele reclinou a cabeça revelando um pedaço sujo e cinzento de pescoço sobre a ponta de seu casaco e bebeu um comprido trago, logo secou os lábios com o punho de sua manga, uma atitude de delicadeza muito estranha —. Talvez tivesse outros no beco, claro mas eu não vi ninguém.

— Que beco? — perguntou ela com uma voz de leve curiosidade, voltando a cabeça para examinar a praça meio deserta.

Não havia outros barracos nem botequins abertos sobre essa grande extensão de pedras brancas e negras. Uma forte garoa já tinha molhado o chão e os pedaços fugitivos de céu em branco e azul se obscureciam cada vez mais com um cinza ameaçador.

— Aquele dali. — Gobaris o assinalou. Daquele esse ângulo, não era mais que uma fresta sombria entre as torres em miniatura da elaborado fachada de uma hospedaria—. Estávamos nessa cervejaria de lá, o Galo em Calças de Couro, esperando que seu chefe voltasse. Logo, Ari saiu do beco, caminhou até o guarda e lhes disse que voltassem para acampamento. Eu pensei que não era digno de Lobo ser tão descuidado, mas ninguém perguntou minha opinião.

— Está seguro de que era Ari?

Gobaris parecia surpreso.

— Claro que era Ari — disse —. Estava parado a menos de um metro de mim, sabe? Olhando as lâmpadas da hospedaria.

Ari estava esperando a Falcão das Estrelas na tenda de Lobo do Sol quando ela voltou da cidade. O acampamento estava cheio de vida com os movimentos da partida, os guerreiros se insultavam e brincavam uns com outros, enquanto carregavam as bestas com suas posses e sua parte do saque do Melplith. Falcão das Estrelas, que não era saqueadora por natureza, tinha muito pouco que recolher. Estaria pronta em meia hora, com tenda e tudo.

Alguém, provavelmente Gazela, tinha começado a desmontar as posses de Lobo do Sol, e a grande tenda era um caos de tapeçarias caídos, com seu brilho de pontos de ouro, de móveis de acampamento e almofadões em desordem, e de armaduras e cotas de malha. Em meio a tudo, sobre a mesa de ébano incrustada, aonde tinham estado as armas dos dois a noite anterior, havia um vaso de porcelana rosa de valor incalculável. Junto a ela, havia uma pequena bolsa de couro.

Falcão das Estrelas levantou a bolsa e a sopesou com curiosidade. Olhou dentro da bolsa e logo o fez Ari. A bolsa continha moedas de ouro.

— Enviaram cada um dos grãos de ouro que pediu — disse Ari, sombrio.

Falcão tirou o casaco molhado de chuva e o jogou sobre o respaldo da cadeira de chifres.

— Não me surpreende — disse—. Gobaris também disse que te viu. Embora fosse pouco disposto...

Ari meneou a cabeça.

— Fiz que revisassem as tendas de todos os homens que estavam no assunto. Pequeno Thurg não é o único, além disso — reclinou-se sobre a porta da tenda e chamou—. Thurg! — A porta se obscureceu e Grande Thurg entrou. A pequena habitação se transformou em minúscula ante seu tamanho, reduzia a Lobo do Sol, Ari e Chupatintas à fragilidade quando os comparava com ele. O absurdo era que, embora ele e Pequeno Thurg viessem de extremos opostos do país e não tinham relação aparente um com outro, no rosto e a forma do corpo

eram virtualmente gêmeos. A sensação era que Pequeno Thurg estava feito com o que ficava da criação de sua imensa contraparte.

— É verdade, senhora — disse agora, adivinhando a pergunta de Falcão das Estrelas e olhando-a nos olhos enquanto se arranhava a cabeça —. Todos nós o vimos. Dormido, zangado, todos.

— Um gêmeo? — perguntou Falcão das Estrelas.

Grande Thurg era o maior homem na tropa de Lobo:

— Mas por quê? — Ari levantou as mãos em um gesto de frustração exasperada —. Pagaram-nos!

Fora, alguém levava uma mula. O som das ligas da carga falava do pouco tempo que ficava. Grande Thurg cruzou as enormes mãos sobre a fivela de seu cinturão, os olhos brilhantes cheios de medo.

— Eu acredito que é magia.

Nem Falcão das Estrelas nem Ari disseram uma palavra. O rosto frio de Falcão das Estrelas seguiu impassível, mas apareceu uma linha entre as espessas sobrancelhas de Ari. Grande Thurg continuou:

— Ouvi falar disso em contos. Como um mago pode tomar a forma de um homem para estar com uma mulher na noite, e ela crê todo o tempo que ele é o marido, ou adotar forma de mulher e parecer-se com a ama-de-leite e perguntar por um menino. Quando a verdadeira mãe aparece, o menino se foi faz muito. Um mago poderia tê-los visto no acampamento, senhor, e saber quem foram.

— Mas não há mais magos — disse Ari e Falcão das Estrelas apreciou o medo em sua voz. Inclusive entre os mercenários, Ari era considerado valente, apesar de sua juventude, valente com o valor dos que não precisam demonstrar que o são. Mas havia muito poucos homens que não se estremecessem ante a idéia de misturar-se com a magia. Ela e Ari sabiam que só havia um mago vivo no mundo: Altiokis. Isso era um fato.

— Obrigado, Thurg — disse Falcão das Estrelas—. Pode ir. Que os guardas soltem a Pequeno Thurg, com nossas desculpas. — O homem grande saudou e se foi. Quando ela e Ari ficaram sozinhos, ela prosseguiu em voz baixa —: O chefe teve uma oferta a outra noite, uma oferta para enfrentar-se ao Altiokis no Mandrigyn.

Ari amaldiçoou. A voz suave, vivida, sem esperança. Logo acrescentou:

— Não. Ah, não, Falcão.

A cerca dos dois, o acampamento era uma confusão ruidosa, mas o tamborilar firme da chuva contra a tenda de couro e o lago além da porta chegava sempre, como uma ameaça expressa em um murmúrio. Seria uma viagem comprida, bestial, para o norte, já não podiam esperar. Ari a olhou e Falcão das Estrelas vislumbrou em seus olhos a pena de alguém que já ouviu a notícia de uma morte.

Ela continuou com sua voz calma de sempre.

— Isso explicaria por que o presidente do conselho nos enviou o pagamento. Não sabe nada disto. A mulher que veio e falou com Lobo era de uma das cidades do Altiokis.

Por um momento Ari não falou, ficou ali com a cabeça inclinada, escutando os ruídos de acampamento, a chuva e as suaves e fatais palavras. A luz descolorida da tarde colocava um estanho brilho sobre o marrom cremoso dos músculos de seu braço, piscava nos pontos de ouro de sua túnica extravagante e descolorida e nas jóias entre as tranças que caíam até seus ombros. Seus pendentes de ouro resplandeciam contra seu cabelo comprido e negro. Voltou a cabeça.

— E o que vamos fazer?

Falcão das Estrelas fez uma pausa e considerou diversos cursos de ação. Só podia seguir um deles e sabia. Não se perguntou as razões.

— Acredito — disse finalmente — que o melhor que podemos fazer é levar a tropa de volta a Wrynde. Se Altiokis quisesse matar ao chefe, o teria feito aqui mesmo. Em lugar disso, parece que o seqüestrou e o levou a algum lado. — Uma dúzia de lendas sobre a crueldade caprichosa e incrível do Mago Rei a contradiziam, mas não deu tempo ao Ari de dizê-lo. Sabia que se aceitavam essas lendas, deveriam dar por morto a Lobo do Sol a partir de agora. Seguiu adiante — Não sei por que o levou e não sei aonde, mas a cidadela de Escarpado Sinistro no leste é uma boa opção. Conheço lobo, Ari. Quando se acha em apuros sempre trata de ganhar tempo.

Ari finalmente levantou a cabeça e a olhou horrorizado e incrédulo.

— Não pensa ir lá?

Devolveu-lhe o olhar, impassível.

— Ou pensamos que ele está lá, vivo e que podemos resgatá-lo, ou decidimos que está morto e o abandonamos a partir de agora. — Ao ver o olhar

chateado do Ari ante a frieza de sua lógica, adicionou com doçura — Não acredito que nenhum nós esteja preparado para fazer o segundo, ainda.

Deu-lhe as costas e caminhou pela tenda em silêncio. Do outro lado das cortinas de pavão, podiam ouvir gazela movendo-se em silêncio, preparando a partida. A armadura e o equipamento de guerra de Lobo do Sol ainda estavam em seu lugar, no final da habitação, um eco mudo de sua presença. As plumas das asas desdobradas do elmo se viam translúcidas contra a luz pálida da porta.

Finalmente, Ari disse:

— Poderia estar em qualquer outro lugar.

Ela se encolheu de ombros.

— Nesse caso, podemos apostar que será capaz de arrumar-se sozinho. Se Altiokis o tiver, e eu acredito que é assim, necessita ajuda. Estou disposta a arriscar essa viagem. — Enganchou as mãos sobre o cinturão e olhou ao Ari. Esperava.

— Vai por terra? — perguntou ele, finalmente.

— Sim, através das montanhas Kanwed. Levarei um burro. Um cavalo traria mais problemas que vantagens entre os lobos e os ladrões, e não me economizaria tempo. Sempre posso comprar um quando chegar às terras altas. — Sua mente já saltava para frente, calculando os detalhes da campanha que se podiam manobrar: condições do caminho, provisões, perigos. O fazia para livrar-sedo medo que podia nublar seu coração e sabia.

Não há nada que possa fazer agora para lhe ajudar, disse-se com frieza, exceto o que está fazendo. Sentir medo ou preocupar-se não ajudará nem a ele nem a você. Mas o medo se achava latente nela de todos os modos, como um fogo enterrado sob uma montanha de gelo.

— Quem vai levar com você? — perguntou Ari.

Ela levantou as sobrancelhas, a voz ainda calma e normal.

— A quem crê que posso confiar a notícia de que talvez nos estejamos enredando a vida com o Altiokis? Eu não posso pensar em ninguém.

Enquanto ele cruzava a habitação para ela, Falcão das Estrelas viu como as linhas da preocupação se acomodavam sobre o rosto do Ari, as linhas que ficariam ali todo o inverno, talvez toda a vida. Ia ser muito difícil manter a moral da tropa frente ao desaparecimento de Lobo, isso sem tratar com o pânico acrescentado que podia causar o nome do Mago Rei, e eles sabiam.

Continuou.

— Um viajante solitário chama menos a atenção que uma pequena tropa. Estarei bem.

O eco de cem contos da infância sobre o Altiokis estava na voz do Ari quando perguntou:

— Como entrará na cidadela?

Ela se encolheu de ombros outra vez.

— Resolverei essa parte quando chegar ali.

Ari foi o único que a viu partir essa noite. Ela tinha atrasado sua partida até depois de tivesse escurecido, em parte para evitar aos espiões, e em parte para evitar comentários entre a própria tropa.

Seus amigos mais próximos, Chupatintas, Açougueiro, o médico, Pantera e Malaliento, todos nomes alusivos, só sabiam que ia ajudar ao chefe e que voltariam em duas na primavera. Do Altiokis não se falou. Depois de escolher a maior parte de suas coisas para que viajassem a Wrynde, Falcão das Estrelas passou a tarde meditando, preparando sua mente e seu coração para a viagem, no silêncio do Círculo Invisível, como lhe tinham ensinado no convento da Santa Cherybi.

Ari estava calado enquanto caminhava com ela pelo caminho para as colinas escuras. *À luz de sua tocha*, pensou ela, *parecia mais velho que pela manhã*. Esperava-lhe um inverno infernal, ela sabia, e se perguntou, por um momento, se não deveria permanecer com a tropa depois de tudo. Ela era a melhor dos dois lugares-tenentes e a que tinha mais experiência no trato com o conselho da cidade do Wrynde.

Mas deixou acontecer esse pensamento. Sua mente já estava posta na busca, com a obstinação e a calma do pensamento único com que sempre saía à batalha. De certo modo, tinha cortado seus laços com a tropa e com o Ari, e de todas as maneiras, não estava segura que o caminho que tinha elegido não fosse o mais difícil dos dois.

— Se cuide — disse Ari.

No brilho sulfuroso da tocha, o casaco de pele de urso negro que levava acrescentava seu usual aspecto de besta jovem mais que nunca. As colinas se levantavam frente a eles, altas contra o céu. Por cima do mar, as suas costas, as nuvens se elevavam em vastos pilares de escuridão, com as tormentas do inverno ainda longe, quietas, na distância.

— E você também. — Ela levava a rédea do burro na mão esquerda. Logo, voltou-se e pôs a mão direita sobre o ombro do Ari e o beijou levemente na bochecha—. Não sei qual dos dois está em pior situação.

— Falcão das Estrelas — disse Ari, em voz baixa. O vento agitou seu comprido cabelo; nas sombras, ela via o salto súbito dos músculos tensos de sua mandíbula —. O que vou fazer? —perguntou ele —. O que vou fazer se aparecer alguém neste inverno, sem você, e diz que é o chefe? Como posso saber que é ele realmente?

Falcão das Estrelas ficou calada. Os dois recordavam a Pequeno Thurg, vendo o gêmeo do Ari na praça do Kedwyr.

Doce Mãe, pensou ela, como saberei que é o chefe quando o encontrar?

Por um momento, percorreu-a um calafrio, quase de pânico, e o medo à magia, aos magos, ao estranho, ameaçou dominá-la de todo. Logo, o rosto da irmã Wellwa voltou para sua memória, desbotada em seu marco de véus negros: viu as costas torcidas e as pequenas mãos e a si mesmo, uma menina curiosa, ajudando a separar ervas na cela da velha monja e perguntando-se por que, de todas as monjas do convento da Santa Cherybi, só Wellwa, a mais velha, a mais enrugada, possuía...

— Um espelho — disse.

Ari piscou, assustado pelo estalo.

— Um quê?

— Ponha um espelho em alguma parte, em um ângulo da habitação onde possa vê-lo. Um espelho reflete as formas verdadeiras, sem ilusão.

— Está segura?

— Acredito que sim — disse ela, duvidosa—. Ou se não, leva-o aos pântanos uma noite quando houver demônios. Pelo que sei, Lobo do Sol é o único homem que conheço que pode ver os demônios.

Os dois tinham visto fazê-lo, nos pântanos úmidos do norte do Wrynde, tinham-lhe visto seguir com os olhos essas vozes repugnantes que chamavam através das árvores carcomidas pelo gelo.

— É possível que um mago também possa ver os demônios, por meio da magia — disse Ari —. Disseram-me que vêem quando algo é ilusão.

— Possivelmente — aceitou ela—. Mas o espelho te mostrará se for uma ilusão.

Ocorreu-lhe pela primeira vez que não se perguntou por que a irmã Wellwa tinha tido esse fragmento de espelho colocado na esquina de sua cela. A quem tinha esperado ver entrando na habitação tomado o aspecto de outra pessoa que ela conhecia?

— Possivelmente. — A voz do Ari ressonou brandamente—. E então o que?

Olharam-se um ao outro, aveleira morna contra o cinza frio, e ela sacudiu a cabeça.

— Não sei — murmurou —. Não sei.

Separou-se dele e tomou o caminho para a escuridão das colinas. Detrás dela, e a sua esquerda, jaziam as poucas luzes dispersas que apareciam através dos muros destruídos do Melplith e o grupo de faíscas vermelhas do acampamento de mercenários. O conselho do Kedwyr tinha esmagado as pretensões de seu rival, e o comércio de peles e ônix por terra voltaria para mãos do Kedwyr, com tarifas altas ou sem elas. Melplith voltaria a ser um pequeno mercado como os que ficavam nas colinas, e o que tinham ganhado os atores do drama? Muitos estavam mortos, incluindo um dos irmãos do Gobaris. Muitos mercenários eram mais ricos. Havia muitas mulheres violadas, homens feridos e meninos famintos. As terras largas ao norte do rio Gniss eram ainda um deserto ermo no que vagavam os lobos e os nuuwas; os demônios ainda rondavam nos pântanos em grupos murmurantes e silbadores; as abominações se criavam nos desertos do sul, enquanto as cidades da península brigavam pelo dinheiro e as do Reino do Meio, pela religião.

A rude umidade do vento mordida o rosto de Falcão das Estrelas e roçava como um látego suas bochechas meio azuladas com as pontas de seu cabelo. Tinha pensado cortar-lhe antes de sair, como fazia antes das campanhas do verão, mas tinha esquecido.

Perguntou-se por que Altiokis teria querido levar o seu chefe. Lobo do Sol rechaçou ao emissário do Mandrigyn, isso era óbvio, e no dia seguinte ele também desapareceu sem deixar rastros.

Vingança? Estremeceu por dentro ante os contos das vinganças do Altiokis. *Ou por outras razões? E Ari, no inverno, terá que enfrentar-se com um homem que diz ser Lobo do Sol?*

Na colina à direita, um som diferente, uma mudança que não era parte dos ruídos inofensivos, cortou o sopro confuso do vento através das samambaias.

Falcão das Estrelas não se deteve em seu caminho, embora o burro que levava fez girar suas largas orelhas para trás, nervoso. Nesse país, só um rastreador experiente podia seguir em silêncio, inclusive em uma noite ventosa. As sarjetas de ambos os lados do pó esmagado do caminho principal estavam cheias de uma mescla de cascalho e matagais do verão, e o som de um corpo abrindo passo em qualquer lugar que ficasse perto do caminho soava ridiculamente alto para os ouvidos treinados de Falcão. Quando o rastro se torceu cada vez mais para as colinas, as sarjetas desapareceram, mas o matagal se fez mais espesso. Falcão seguiu adiante e enquanto o fazia, identificava e separava o som de seu perseguidor, trinta passos detrás dela e cada vez mais perto.

Humano. Um lobo seria mais silencioso. Um nuuwa se havia essas coisas tão perto de território habitado, não teria cérebro suficiente para ocultar-se. A idéia dos espões do Altiokis penetrou aborrecidamente, por sua cabeça.

A merda com isso, disse-se e fingiu um tropeção e amaldiçoou. O ruído do matagal se deteve.

Falcão das Estrelas mancou com ostentação e se aproximou da orla do caminho. Sentou-se nas sombras escuras do matagal. Fez como se lutasse com os cordões das botas e, enquanto isso atou a rédea do burro a um ramo. Logo se deslizou para trás, para o matagal, arrastou-se como uma víbora pela sarjeta arenosa repleta de plantas e trepadeiras e subiu pela ladeira obstruída da colina do outro lado.

A noite se fechava sobre ela de novo, mas ainda ficava suficiente luz das estrelas para lhe dar uma idéia da forma do lugar. O perseguidor se movia com cautela pelo matagal. Falcão das Estrelas fixou os olhos na direção de onde procedia aos ruídos de ruptura de ramos. Agachada para melhorar sua visão

contra a luz do céu, explorou com os olhos o montão escuro de troncos negros e retorcidos e as manchas de folhas cinza. Nada. Sua sombra seguia quieta.

Brandamente, seus dedos exploraram o chão arenoso até que encontraram o que procuravam: uma pedra de certo tamanho, levada pelo leito do riacho nas chuvas do inverno anterior, Falcão das Estrelas lhe tirou a sujeira, movendo-o mais lentamente possível para não fazer ruído. Logo, com um golpe leve do pulso, mandou-a girando ao matagal a uns poucos metros dela. Houve um ruído satisfatório e parte das figuras de sombras que se estendiam confusas, frente a ela, trocaram de lugar outra vez contrariamente ao movimento inquieto e geral do vento. A incandescência imprecisa do céu apanhou o pálido reflexo de um rosto.

Muito bem, pensou Falcão e tirou a adaga da bainha sem ruído.

Logo o vento trocou e lhe trouxe, incongruente em meio da agressividade do zimbro, o perfume doce do pachulí.

Falcão das Estrelas se preparou para fugir em caso de que estivesse equivocada e chamou brandamente:

— Gazela!

Houve uma mudança assustada nas figuras. A forma do corpo da moça se revelou em baixo das dobras volumosas de uma capa salpicada e quadriculada, esse quadriculado nortista, aborrecido, de aspecto quase casual, que se unia sempre, confuso, com qualquer forma da terra e as árvores. A voz de Gazela tremia e soava assustada.

— Falcão das Estrelas?

Falcão das Estrelas ficou de pé e a moça evidentemente se assustou muito ao vê-la tão perto. Olharam-se por um momento sobre a escuridão da ladeira varrida pelo vento. Como as duas eram mulheres, havia muitas coisas que não precisava ser dito. Falcão das Estrelas recordava que a maior parte da conversa com o Ari tinha sido na tenda de Lobo do Sol. Claro que a moça os tinha espiado.

Foi Gazela que falou primeiro.

— Não me mande de volta — disse.

— Não seja parva — disse Falcão das Estrelas com brutalidade.

— Prometo-lhe que não vou lhe atrasar.

— Não pode prometer nada disso e sabe — replicou Falcão —. Quero chegar a Escarpado Sinistro logo que possa e é uma região perigosa e maldita. Não é o mesmo que viajar com a tropa desde o Wrynde à península ou até os Reinos do Meio e logo depois de volta.

A voz de Gazela soava desesperada, contra o gemido do vento.

— Não me deixe.

Falcão das Estrelas se calou um momento. Embora fosse guerreira, era mulher e entendia o medo dessa voz. A sua foi muito mais suave quando disse:

— Ari verá que não sofra dano algum.

— E depois o que? — rogou Gazela —. Passar o inverno no Wrynde, me perguntando quem me terá se Lobo do Sol não volta?

— É melhor que ser violada por toda uma tropa de bandidos e terminar com seu pescoço cortado em uma sarjeta.

— Você corre esse risco! —E quando Falcão das Estrelas não lhe respondeu e só pôs as mãos sobre o punho da espada, Gazela prosseguiu— Juro-te que se não me levar contigo a Escarpado Sinistro, te seguirei sozinha.

A moça se inclinou enquanto o vento ondeava a grande capa quadriculada ao redor de seu frágil corpo e levantou algo que Falcão das Estrelas distinguiu como uma bolsa entre as plantas a seus pés. Pendurou-o sobre seu ombro e desceu até onde estava Falcão, agarrando-se pelos ramos de vez em quando para não perder o equilíbrio e mantendo as saias escuras, pesadas, fora do alcance das sarças. Falcão das Estrelas estendeu uma mão para ajudá-la a descer o caminho. Seu toque era firme como o de um homem sob o cotovelo delicado. Quando chegaram juntas ao caminho, Gazela levantou a vista para ela, como se tratasse de ler a expressão nesse rosto escarpado, inescrutável, nesses olhos transparentes.

— Falcão das Estrelas, amo-lhe — disse —, não entende o que é amar?

— Entendo — assentiu Falcão das Estrelas em uma voz cuidadosamente incolor — que seu amor por ele não te levará viva ao Escarpado Sinistro. Escolhi buscá-lo porque tenho um pouco, muito, muito pouco, de experiência com magos e porque acredito que posso encontrá-lo e resgatá-lo. Poderia ter sido qualquer dos homens que vieram com ele. Eu poderia me manter muito bem em batalha contra qualquer deles.

— Isso é tudo o que significa isto para você? — perguntou Gazela, apaixonada —. Outro trabalho? Falcão das Estrelas, Lobo do Sol me salvou de..., de coisas que não podem dizer-se em palavras, de coisas que me fazem vomitar só de recordar. Presenciei como assassinavam a meu pai... — A voz lhe quebrou de uma maneira que disse a Falcão das Estrelas que a morte não tinha sido nem rápida nem limpa —. Um bando de homens zombadores, cruéis, sujos, acabava de me arrastar centenas de quilômetros. Vi como violavam a minha donzela e logo a assassinavam e sabia que a única razão pela que não me faziam o mesmo era que conseguiriam melhor preço se eu era virgem. Mas falaram de fazê-lo.

O rosto lhe pôs tão branca que parecia queimar-se na luz das estrelas. O corpo lhe tremia pelas terríveis lembranças.

— Tive tanto medo quando venderam a um capitão de uma tropa de mercenários que acredito que me suicidaria se não me tivessem vigiado constantemente. E logo, Lobo do Sol me comprou e foi tão bom comigo, tão doce...

O capuz da capa lhe tinha elevado com o vento, e as estrelas brilhavam sobre as lágrimas que rodavam sobre suas bochechas. A pena e a compaixão encheram o coração de Falcão das Estrelas por aquela menina distante e assustada, e pela moça que estava agora frente a ela. Mas disse com frieza deliberada:

— Nada disso significa que possa encontrá-lo a salvo.

— Não quero estar a salvo! — gritou Gazela —. Quero encontrá-lo..., ou saber em meu coração que está morto.

Falcão das Estrelas desviou a vista, desgostada. Nunca se tinha perguntado se devia procurar o chefe ou não, sua lealdade para ele era tanta que teria partido nessa busca dissesse o que dissesse Ari. Sua própria qualidade indisputável como guerreira tinha sido só um dos argumentos. Sua honestidade nativa a forçava a reconhecer que a resolução de ferro de Gazela era semelhante à sua própria, isto sem considerar se seria ou não uma moléstia na viagem.

Suspirou com amargura e se relaxou.

— Não acredito — acrescentou depois de um momento — que haja nenhuma forma de te impedir que venha comigo, que não seja te atar e te arrastar de volta ao acampamento. Além de perder o tempo, isso ridicularizaria às duas. — Olhou com frieza seu próprio nariz quando Gazela riu entre dentes

ante a imagem—. Sabe que poderia fazer atrasar a saída da tropa se ocorre ao Ari te buscar na cidade?

Gazela avermelhou sob a luz das Estrelas. Era estranho. Inclinou-se para recolher sua bolsa de novo e caminhar para onde esperava o burro, ainda pacote, com a cabeça baixa contra o vento.

— Ari não me buscará — disse —. Por um lado, sabe que não atrasaria a marcha para o norte. E além disso... — A voz lhe tremeu de vergonha —. Levei tudo o que tinha de valioso. Roupas, jóias, tudo o que me teria levado se tivesse fugido com um homem. E isso é o que ele pensará que fiz.

Inesperadamente, Falcão das Estrelas sorriu. Gazela talvez não soubesse raciocinar quando discutiam, mas evidentemente tinha descoberto uma forma simples de intimidar qualquer tento de segui-la.

— Não me diga que tem todo isso nessa bolsinha!

Surpreendida pelo brilho brusco na voz de Falcão, Gazela levantou a vista com rapidez para encontrar seus olhos e logo lhe devolveu o sorriso, um pouco lastimosa.

— Só as jóias. Pensei que poderíamos as vender por comida no caminho. O resto embrulhei e joguei no mar dos escarpados.

— Muito bem. — Falcão das Estrelas sorriu, passando, e pensou que evidentemente não era a única pessoa na tropa que tomava suas posses com indiferença —. Tem um bom sentido do essencial. Ainda te posso converter em um soldado.

Capítulo 4



De menino, Lobo do Sol tinha tido febre uma vez. Escondeu a enfermidade a seu pai tanto como pôde. Saiu a caçar com os outros homens da tribo nos pântanos escuros, meio congelados, onde os demônios se deslizavam de árvore em árvore como tiras pálidas de luz fluorescente. Quando chegou em casa, escondeu-se no depósito de feno para o gado. Ali o tinha encontrado sua mãe, soluçando em um delírio silencioso e insistiu em que chamassem o chama da tribo. Agora tudo isso voltava para ele, com a lembrança de uma sede terrível e uma dor cheia de inquietação: as vigas baixas com seus dragões vermelhos e azuis quase ocultos sob o negrume da fumaça. A voz queixosa desse pequeno charlatão inseguro, vivaz, com os ossos sagrados e os cachos pendentes de cabelo dos antepassados, e seu pai, inclinado sobre ele, ameaçador como uma sombra zangada, desgostoso junto à luz avermelhada da cintilante morada. Lobo recordava a voz grossa e áspera de seu pai.

— Se ele mesmo não souber como expelir de seu corpo, é melhor que mora. Tirem essas fumaças fedorentas e esses ossos sujos daqui. Tenho cabras que saberiam fazer melhor magia que você.

Recordava a forma em que o chamán inspirou ofendido, porque, claro, seu pai tinha razão.

E recordava a terrível agonia da sede.

O sonho trocou. Umas mãos frescas lhe tocaram o rosto e levaram a borda de uma taça a seus lábios. O metal tinha o frio do gelo, igual à água da taça. Enquanto bebia, abriu as pálpebras inchadas e viu o rosto da moça de olhos âmbar. O medo que viu nesses olhos lhe disse que estava acordado. Tratei de matá-la, pensou, confuso. Mas ela tratou de me matar. O fez realmente? Suas lembranças não eram claras. No meio do perfume de seu corpo, Lobo podia cheirar o sabor salgado do mar, o rangido da madeira, o cordame e o movimento da cama em que jazia, lhe disseram que se encontrava em um navio. Os olhos da moça estavam cheios de medo, mas o braço que lhe sustentava a cabeça era suave. Ela levantou a taça até seus lábios partidos outra vez e ele terminou todo o líquido. Tratou de lhe dar obrigado, gaguejando, mas não podia falar; tentou lhe perguntar por que tinha querido matá-lo.

Abruptamente, dormiu de novo.

Os sonhos foram piores, um pesadelo pavoroso de dor enlouquecedora, interminável. Teve uma visão confusa de escuridão, vento e rochas, de estar apanhado e ser a presa de coisas que não podia ver, de pendurar sobre um abismo móvel de mudança, perda e terrível solidão. Na escuridão, parecia-lhe que lhe rodeavam os demônios, demônios que só ele podia ver, como sempre tinha podido vê-los, apesar de que para outros — seu pai, os outros homens da tribo, até o chamán — tinham sido só vozes vagas e uma sensação de terror. Uma vez lhe pareceu ver pequena, clara e distante, a escola do Wrynde, ruínosa e deserta sob uma chuva fria: só o velho guerreiro que a cuidava em ausência da tropa varria o chão do salão de treinamento com uma vassoura de palha. O aroma e o sentimento do lugar lhe gritavam, tão real que quase podia tocar o cedro velho e usado dos pilares e ouvir o uivo do vento ao redor das rochas. Logo, a visão se desvaneceu em uma tormenta estridente de fogo, e ele se perdeu em uma escuridão formada de redemoinhos que lhe cortava como cem espadas, levando-lhe mais e mais perto de um vórtice de dor silenciosa.

Logo isso também passou e houve só um branco vazio que se fundiu lentamente para um despertar cheio de cansaço. Estava de costas como uma concha vazia sobre uma praia, secada pelo vento e o sal até que não ficasse nada, frio até os ossos e tão esgotado que o cansaço lhe doía. Não conseguia rastrear a força para mover-se, só olhava as madeiras sobre sua cabeça com os olhos muito abertos, ouvindo o rangido, o movimento do navio e o golpear da água contra o casco, sentindo a luz do sol que residia em uma barra pequena, sem calor, sobre seu rosto.

Estavam em alto mar, pensou, e partiam bem a favor do vento.

Recordou as montanhas de nuvens que esperavam no horizonte. Se as tormentas golpeavam o navio agora iriam a pique, e não teria a força necessária para nadar.

Assim seriam os caranguejos, depois de tudo.

Mas essa parte fria, calma de sua mente, essa parte que sempre parecia estar separada de seu corpo físico, não encontrou nem força nem raiva em tal pensamento. Não importava nada importava. O balanço do navio movia o

pedacinho de sol de um lado a outro através de seu rosto, e descobriu que não ficavam forças para preocupar-se nem para perguntar-se onde estava.

Passou uma hora. A luz do sol viajou lentamente pela manta que cobria seu corpo e terminou como um lenço pálido e brilhante sobre o pé do beliche. Como o brilho de luz da folha de uma espada, a borda dourada e adornada da taça vazia sobre a mesa que havia junto a ele brilhava levemente nas sombras que se moviam. Uns passos desceram por uma escotilha em algum lugar próximo, logo atravessaram o vestíbulo.

A porta que estava frente a seus pés se abriu de repente e entrou Sheera Galernas.

Não é o presidente do conselho do Kedwyr, depois de tudo, pensou ele, ainda com essa sensação fantasmal de desinteresse e desapego.

Ela o olhou um momento, impassível, da soleira e logo entrou na habitação. Sem dizer uma palavra, quatro mulheres entraram atrás dela, vestidas como ela, para uma viagem, com saias escuras, funcionais, gibões quadriculados e botas leves. Durante um momento, ninguém disse nada, mas todas lhe olhavam fixamente, alinhadas detrás da Sheera como coroinhas detrás de uma sacerdotisa em um rito.

Uma delas era a moça dos olhos âmbar e ele viu seu rosto delicado, curiosamente reservada, inclinada para o chão e temerosa e... e o que? Envergonhada? *Por que envergonhada?* A recordação do rosa de sua habitação no Kedwyr penetrou na mente de Lobo, como o calor dessa pele perfumada unida à sua. Era claramente uma profissional, apesar de sua juventude... *Por que envergonhada?* Mas estava muito cansado para perguntar-lhe a sério e o pensamento se separou de sua cabeça.

A mulher que havia junto à moça era bonita, mas de uma forma distinta, certamente não uma profissional, ao menos não quanto a isso. Era tão pequena e frágil como uma boneca de porcelana, o cabelo loiro como a luz da lua, preso em um nó solto detrás de sua cabeça, os olhos azul marinho marcados nos lados com as linhas suaves da vida e a dor. Lobo se perguntou o que estava fazendo em companhia de uma harpia como Sheera..., em companhia de qualquer das demais em realidade.

Nenhuma das outras duas mulheres tinha beleza nem poderiam fingi-la jamais. Eram as duas altas, a mais jovem quase da altura de Lobo do Sol, uma moça de ombros largos, músculos fortes, que recordou às mulheres de sua

tropa. Ia vestida como um homem com calças de couro e camisa bordada; sua cabeça barbeada estava torrada pelo sol, seu rosto torrado como a madeira e cheio de cicatrizes de armas, como o rosto de um gladiador. Depois de pensar um momento, Lobo do Sol supôs que essa devia ser sua profissão.

A última mulher estava nas sombras e as tinha procurado com um instinto quase inconsciente. As sombras não faziam nada para mascarar o fato de que era a mais feia que Lobo do Sol tivesse visto nunca: amadurecida, nariz aquilino, a boca distorcida pela marca torrada de um lunar de nascimento que corria como barro até o queixo protuberante. Os olhos, sob uma só linha negra de sobrancelhas, eram tão verdes, tão frios e tão duros como o jade, iluminados pela força interna e amarga de uma mulher que tinha sido rechaçada desde seu nascimento.

Elas olharam primeiro a ele, logo a Sheera e finalmente seus olhos ficaram na Sheera.

Embora se encontrava muito cansado para falar, Lobo do Sol perguntou depois de um tempo:

— Seqüestraram também a meus homens?

Não havia força em sua voz. As viu aproximar-se um pouco para poder lhe ouvir. Além disso, a voz refletia uma nota áspera e aguda, como uma ponta de óxido sobre metal, e ele sabia que essa nota não tinha estado ali antes. Um efeito do veneno, talvez.

As costas da Sheera se endireitou levemente com o sarcasmo, mas replicou com voz firme:

— Não. Só a você.

Ele assentiu. Foi um gesto leve, mas era tudo o que podia fazer.

— Vai me pagar os dez mil?

— Quando tiver terminado, sim.

— Hmmm. — Os olhos de Lobo viajaram sobre as mulheres de novo, lentamente. Parte de sua mente lutava contra seu desamparo paralisante, gritando a si mesmo que tinha que encontrar uma forma de pensar em como sair dali, mas o resto estava muito cansado poder fazer algo importante — Sem contar de que posso levar um pouquinho mais de tempo atacar as minas sozinho?

Isso golpeou a Sheera, e os lábios vermelhos e cheios se apertaram. A boneca de porcelana, como se o fizesse contra sua vontade, sorriu.

— Não será só você — disse Sheera, a voz baixa e intensa—. O levamos de volta ao Mandrigyn como professor, professor de artes marciais. Podemos ter nossa própria força de ataque, resgatar aos prisioneiros das minas e liberar a cidade.

Lobo do Sol a olhou um momento por detrás das pálpebras meio fechadas, enquanto pensava que se achava ante uma fanática das piores, louca, perigosa e com poder.

— E para começar —perguntou com cansaço—, a quem pensam pôr em sua força de ataque, se todos os homens da cidade estão trabalhando nas minas?

— A nós — disse ela—. As damas do Mandrigyn.

Ele suspirou e fechou os olhos.

— Não sejam estúpidas.

— O que tem de estúpido? —gritou-lhe ela—. Evidentemente seus preciosos homens não estão dispostos a arriscar-se, nem por muito dinheiro. Não vamos ficar tranqüilas e deixar que Altiokis nomeie aos piores ladrões governadores da cidade para que nos sangrem com impostos e levem a quem quiser para trabalhar em suas minas e seus exércitos. É nossa cidade! E até no Mandrigyn, onde a vida social de uma mulher não vale nada se sair à rua sem véu e sem acompanhante, há mulheres gladiadoras como Denga Rei, aqui presente. Em outros lugares, as mulheres podem ser membros da guarda da cidade e das companhias militares. Você têm mulheres em suas tropas, mulheres que brigam, guerreiras. Eu vi uma em sua tenda aquela noite.

Contra o cortante desta voz, Lobo viu falcão das Estrelas e a Sheera de novo, frias e atentas como um casal de gatas com a fumaça das tochas voando sobre elas. Disse, com cansaço:

— Aquela não era uma mulher. Era meu segundo ao mando, um dos melhores guerreiros que conheço.

— Era uma mulher — repetiu Sheera —. E não é a única mulher em suas forças. Dizem na cidade que treinastes a mulheres para a guerra.

— Treinei guerreiros — disse Lobo sem abrir os olhos, o cansaço de qualquer esforço, até o de falar, pesava-lhe como uma enfermidade—. Se alguns deles vêm com o equipamento necessário para dar de mamar a um bebê depois,

não é meu problema, contanto que não fiquem grávidas enquanto estão treinando. Não vou treinar a todo um grupo de mulheres desde o começo.

— Claro que o fará — recalcou Sheera com voz calma e baixa —. Não tem alternativa.

— Mulher — lhe disse ele, enquanto essa parte separada e lúcida de sua mente lhe recordava que discutir com um fanático era tão proveitoso como discutir com um bêbado, e muito mais perigoso —, o que disse do Altiokis ainda segue de pé. Não vou arriscar-me a que me envolver em nenhum tipo de resistência em uma cidade que ele acaba de tomar, e por nada do mundo vou fazê-lo para treinar a um grupo de mulheres comandadas por uma maníaca feminina como você. E dez mil malditas peças de ouro, ou vinte mil, ou o que me ofereçam, não vão fazer me trocar de idéia.

— O que lhes parece sua vida? — perguntou a mulher, a voz sem inflexão, quase desinteressada —. Isso é recompensa suficiente?

Ele suspirou.

— Minha vida não vale nem um cêntimo a estas alturas. Se quiserem me jogar pela amurada, não há forma de que possa lhes convencer de não fazê-lo.

Era uma tolice haver dito isso, e ele sabia, porque Sheera não era uma mulher a quem se pudesse pressionar e evidentemente era a autoridade suprema no navio, como o demonstrava o fato de que tinha feito que o capitão saísse ao mar nesta época do ano. De repente, deu-se conta de que ali sua solidão era absoluta, de que se achava totalmente indefeso.

Tinha esperado que ela se enfurecesse como tinha feito em sua tenda, mas Sheera cruzou os braços e inclinou a cabeça um pouco para um lado, os cachos lustrosos de seu cabelo enredados no bordado duro de seu pescoço. Logo disse, em tom de conversação:

— Havia anzid na água que bebeste.

O horror do que tinha ouvido cortou o fôlego de Lobo como o pau. Abriu os olhos enquanto o medo, como uma enfermidade fria, congelava-lhe a parte mais remota dos ossos.

— Não bebi nada — disse a boca seca com o gosto do pó. Tinha visto mortes por anzid. A pior tinha levado dois dias e a vítima nunca deixou de gritar.

A mulher feia falou pela primeira vez, a voz baixa e melosa como as notas de uma flauta de palisandro.

— Despertou sedento pelo veneno da flecha, depois de sonhos de febre — disse—. Olhos Âmbar lhe deu água para beber. — A mão magra e larga se moveu para a taça vazia junto à cama —. Havia anid na água.

O horror correu como tarântula sobre a pele de Lobo. O rosto da Sheera era como de pedra. Olhos Âmbar deu a volta, as bochechas acesas de vergonha, incapaz de lhe olhar aos olhos.

— Estão mentindo — murmurou, sabendo que era verdade.

— Pensa que minto? Yirth foi parteira, curandeira e abortista o tempo suficiente como saber tudo o que terá que saber sobre venenos... e não é provável que tenha cometido um engano. Se duvidar quanto a se unir a nossa causa por medo ao Altiokis, posso lhe dizer agora que nada do que o Mago Rei lhe fizer se fracassar nosso plano seria tão mau como esta morte. Já não têm nada que perder.

Apesar da debilidade, Lobo do Sol começou a tremer. Perguntou-se quanto tempo demorava o veneno em fazer efeito e em senti-los sintomas. Quanto tempo tinha passado desde que lhe tinham dado o veneno? Passou-lhe pela mente agarrar a Sheera por esse pescoço dourado e redondo e estrangulá-la. Mas era prisioneiro de sua própria debilidade: de todos os modos, não salvaria sua própria vida com isso. E, além disso, não tinha sentido nem sequer amaldiçoá-la.

Lobo ficou em silencio por um momento: logo, a mulher Yirth falou de novo, os frios olhos verdes lhe olhando das sombras que a ocultavam, clínicos e distantes.

— Não sou a maga que era minha professora quando Altiokis a fez assassinar — disse—, mas ainda tenho poder para deter os efeitos de um veneno dia a dia por meio de encantamentos. Quando chegarmos ao Mandrigyn, porei um encantamento especial sobre você para que o veneno não vos ataque sempre que passar parte da noite dentro dos muros da cidade. O verdadeiro antídoto — continuou com um torcido de malícia nessa voz baixa, pura— lhes daremos com seu ouro quando partir, depois de que liberemos a cidade.

O tremor era já incontrolável.

— É maga, então. A mulher que controla os ventos.

— Claro — disse Sheera, em tom de brincadeira—. Crê que teríamos pensado em um assalto contra a cidadela do Altiokis sem um mago?

— Não acredito que há nada que não seja o suficientemente louca para tentar.

Pensou em amaldiçoá-la e morrer, mas não daquela morte. Deixou-se cair de novo sobre os finos almofadões, os olhos quase fechados, e o tremor que o tinha dominado, cessou. Sentia-se tão queimado e retorcido como um trapo ao meio secar: até o medo parecia haver lhe escapado. Em silêncio, podia ouvir o ar e o sussurro separado do fôlego de cada uma das mulheres e o ruído apagado e o murmúrio da água contra o casco.

O silêncio pareceu acomodar-se ao redor de seu coração e sua cabeça, branco, vazio e de algum jeito estranhamente tranquilizador. Sabia que ia morrer de uma forma horrível, sem dúvida, passasse o que acontecesse. Uma vez que aceitou isto, seu cérebro começou a procurar às cegas uma forma de ganhar tempo, sair desse problema e desse cansaço. *Não é que acredite que há uma oportunidade. Os velhos hábitos são difíceis de esquecer.*

E pelos espíritos de meus antepassados que se congelam nas frias águas do inferno, vou ser ainda mais difícil de matar.

Aspirou, cansado, e deixou que o ar saísse sozinho de seus lábios. Algo se moveu dentro de si, empurrado de volta à vida, débil e sem vontades. Abriu os olhos e estudou as mulheres que tinha em frente, as despindo com o olhar, as julgando como as teria julgado se tivessem aparecido em massa na escola do Wrynde e perguntando-se se haveria também músculos além de carne e curvas sob o vestido azul noite da Sheera e qual delas era tão boa atiradora para acertar a um homem com uma flecha para pássaros a cinquenta metros.

— Maldição. — Suspirou e olhou a Sheera de novo—. E quem se supõe que sou?

Ela piscou, surpreendida pela brusca rendição.

— O que?

— Quem se supõe que sou? — repetiu.

O cansaço lhe grunhia na voz; tratou de reunir sua energia e sentiu que lhe escapava como areia fina entre os dedos. Sua voz se debilitava por momentos. Como se se tivesse quebrado algum encantamento de distância, as mulheres lhe aproximaram. Olhos Âmbar e a boneca de porcelana se sentaram na ponta de

seu beliche. Sheera não ia deixar se afrouxar desse modo. Ficou de pé, lhe olhando, os braços ainda cruzados, as sobrancelhas curvas bem tensas sobre o forte nariz reto.

— Se Altiokis tiver arrastado a todos os homens às cadeias — continuou ele com voz lenta—, não podem simplesmente fazer aparecer a um homem estranho em sua casa. Sou seu irmão perdido durante anos? Um gigoló que encontraram no Kedwyr? Um guarda-costas?

A boneca de porcelana meneou a cabeça.

— Teremos que lhe passar como escravo — disse a voz grave e áspera, como a de um moço jovem—. São os únicos homens cuja chegada à cidade pode explicar-se a esta altura do ano. Não há mercenários nem viajantes no inverno. — Foi ao encontro do brilho zangado dos olhos de Lobo com raciocínio frio —. Sabe que é verdade.

— E apesar do fato de que encontrem humilhante ser o escravo de uma mulher — adicionou Sheera com malícia—, não têm outra opção nisto, não é certo, capitão? — Olhou às outras —. Gilden Shorad tem razão — acrescentou —. Um escravo pode acontecer despercebido. Posso fazer que o ferreiro lhes ponha um colar de escravo antes que cheguemos ao porto.

— E o que fazemos com o Derroug Dru? — perguntou Olhos Âmbar, com dúvidas—. O novo governador do Altiokis na cidade — explicou a Lobo do Sol—. Sabe-se que confiscou escravos.

— Para que queria outro escravo? —perguntou Denga Rei, a gladiadora, apoiando as mãos castanhas, quadradas, na fivela do cinturão de sua espada.

Gilden Shorad franziu o cenho.

— E para que queria Sheera um escravo em realidade? —perguntou ela, quase para si mesmo.

Desde perto, Lobo do Sol observou que era maior do que ele tinha pensado ao princípio: a idade de Falcão das Estrelas, vinte e sete ou algo assim. Maior que todas as demais, exceto a maga Yirth, que, a diferença das outras, ficou-se nas sombras, junto à porta, olhando-os com os olhos frios de jade.

— Não pode aparecer de qualquer jeito, como escravo, sem uma explicação da razão pela que o comprou — esclareceu a pequena mulher, apartando um fio de seu cabelo de marfim com hábeis dedos.

— Necessitam um pajem? —perguntou Olhos Âmbar.

— Meu próprio pajem resultaria suspeito se de repente trouxermos outro — se negou Sheera.

Parecia tão perplexa que Lobo do Sol não pôde resistir a voltar a cravar a faca.

— Não é tão fácil como pagar para que matem por você, verdade? Estão casadas?

Um estalo manchou as fortes bochechas.

— Meu marido morreu.

— Dá no mesmo. Filhos? — soltou ele depois de um olhar que a despia.

O vermelho da pele se obscureceu com a irritação da Sheera.

— Minha filha tem seis anos, meu filho quatro.

— Muito jovem para necessitar um professor de armas.

Denga Rei adicionou algo com malícia:

— Não quer que ninguém nessa cidade lhe veja com uma espada na mão de todos os modos. O velho Derroug Dru suspeita de qualquer um que possa cortar a carne na mesa sem machucar-lhe os dedos. Além disso, odeia aos tipos grandes, fortes como você.

— Maravilhoso — disse Lobo do Sol com pouco entusiasmo—. Deixando de lado o problema do lugar onde vai treinar essa sua força e do lugar em que vai conseguir dinheiro para as armas...

— Temos dinheiro! —replicou Sheera, acossada.

— Surpreenderia-me muitíssimo que pudessem encontrar armas à venda em uma cidade que Altiokis acaba de tomar para seus domínios. Tão grande é sua cidade? Que fazia seu lamentado defunto para viver?

Pelo ouro que brilha em suas luvas, o pobre bastardo não podia ter válido menos que cinco mil por ano, decidiu.

— Era mercador — disse ela, o peito cada vez mais agitado pela irritação—. Exportações, este é um de seus navios. E que diabos lhe importa...?

— Importa-me, se for arriscar o pouco que fica de vida para ensinar a suas fêmeas a brigar — replicou ele—. Quero estar bem seguro de que não vai reunir-lhes e sair para as minas sós antes que possa tomar seu dinheiro e seu maldito antídoto e sair disparado desse pântano sujo que chamam cidade. É o lugar suficientemente grande para ter jardins? Uma estufa de laranjeiras, talvez?

— Temos uma estufa de laranjeiras — disse Sheera com voz opaca—. Fica do outro lado do terreno, frente à casa principal. Esteve fechado por anos..., abandonado. Foi o primeiro que pensei quando decidi que lhe traríamos para o Mandrigyn. Poderíamos usá-lo para praticar.

Ele assentiu. Havia poucos lugares nos quais se pudesse plantar laranjeiras no exterior durante todo o ano, e, entretanto, estava na moda ter pomares deles em todas as partes, menos nas cidades mais frias. As estufas estavam acostumadas ser edifícios grandes, semelhantes a celeiros, pouco eficientes para cultivar árvores frutíferas no inverno, mas passáveis como lugares de treinamento.

— Jardineiros? —perguntou.

— Havia dois, homens livres — disse ela e adicionou um pouco desafiante—: Se foram com o exército de Tarrin a Passo de Ferro. Embora não nascessem em Mandrigyn, importava-lhes o suficiente a liberdade de nossa cidade para...

— Uma coisa muito estúpida — interrompeu ele e viu que os olhos dela se iluminavam de raiva—. Há um lugar para viver nesse sua estufa?

— Sim — respondeu ela, com a voz sufocada de raiva.

— Me alegro. — O cansaço lhe dominava de novo, definitivo e irresistível, como se a discussão, o pensamento e a luta contra o que sabia que seria seu destino lhe tivessem secado a pouca energia que ficava. A opaca luz do sol, as caras das mulheres ao seu redor e suas vozes suaves, pareciam afastar-se mais e mais, e ele lutou para mante-las em foco—. Você..., qual é seu nome? Denga Rei..., te necessitarei como meu segundo ao mando. Briga no inverno?

— Em Mandrigyn? — burlou-se ela —. O chão não serve para nada que não sejam carreiras de botes ou para cair de boca na chuva. As últimas brigas foram há três semanas.

— Espero que te tenha salvado por muito pouco — disse ele, sem paixão.

— Nada disso, soldado. —Ela pôs as mãos sobre seus fortes quadris, com um brilho de brincadeira nesses olhos escuros —. O que me pergunto é quem vai cuidar desses arbustos para que pareça que há um jardineiro que faz o trabalho? Se Sheera comprar um especialmente, a coisa vai ser suspeita.

Lobo do Sol a olhou com debilidade.

— Eu o farei — disse—. Sou guerreiro de profissão, mas cuidar jardins é meu passatempo. — Os olhos voltaram a posar-se na Sheera—. E mais vale que me paguem por isso, além disso.

Pela primeira vez ela sorriu o sorriso morno, brilhante, da moça selvagem que não tinha sido em anos. Ele se deu conta então da razão pela qual os homens tinham brigado por sua mão, porque era seguro que o tinham feito e por isso agora era tão foddidamente orgulhosa.

— Adicionarei às dez mil peças de ouro — disse.

Lobo do sol suspirou e fechou os olhos e se perguntou se teria sido prudente lhe dizer o que podia fazer com suas dez mil peças de ouro. Mas quando os abriu de novo, estava escuro, a tarde tinha caído fazia uns instantes e as mulheres tinham partido.

Capítulo 5



Entraram no porto de Mandrigyn antes das tormentas, como se o bote levasse a chuva em sua esteira.

Toda a manhã, Lobo do Sol ficou de pé no convés do navio, olhando como as nuvens que o tinham seguido como uma parede negra e afevercescente, através das massas cinza das ilhas que se aproximavam cada vez mais e perguntando-se no caso de que o navio se destroçasse contra as bordas rochosas que resguardavam o porto, poderia nadar antes que o tragassem os recifes. Durante um tempo, cedeu à idéia de que poderia e de que outros, todos, afundariam-se com o navio e já não se ouviria falar da Sheera e suas harpias. O pensamento lhe alegrou até que recordou que se o mar não o matava, o anzid o faria.

Enquanto atravessavam o estreito canal entre as duas pontas do porto, protegidas por torres de defesa, Lobo, com a vista fixa em Yirth, de pé, como nos últimos três dias, sobre o castelo de popa, olhou através das águas cinza e agitadas do porto da cidade de Mandrigyn, estendida como um colar de jóias sobre suas mil ilhas.

Mandrigyn era a rainha do Megântico, o cruzamento de caminhos do comércio. Até nas cores caóticas e amargas dos dias de inverno brilhava como uma caixa de jóias esparramadas, turquesa, dourada e cristal. Lobo do Sol inspecionou Mandrigyn com os olhos e tremeu.

Sobre a cidade, elevavam-se as massas escuras das montanhas Tchard, a grande forma de Escarpado Sinistro, velada em uma massa lívida de nuvens púrpura, como se o Mago Rei queria esconder sua fortaleza dos olhos dos espões. Mais perto, podia identificar o sujo tumulto dos mercados e teatros obscenos da Costa Este, o subúrbio que Gilden Shorad lhe havia dito que ficava fora da jurisdição da cidade sobre a ribeira do leste do rio Rack. As cores da madeira crua e a pintura troca se destacavam como pequenos fragmentos de brilho contra as massas confusas de colinas vazias, castanho escuro, que repousavam mais à frente: as terras dos barões, onde os proprietários ainda mantinham o poder de seus antepassados.

Golpeou-lhe uma rajada de vento, fria e aguda através da malha escura de sua camisa. Encolheu os ombros contra ela, como um animal molhado, e sentiu a dureza pouco familiar do metal na carne, o colar tradicional dos escravos, uma cadeia corrediça como um nó de aço que o velho artesão do navio lhe tinha fixado no pescoço.

Deu volta à cabeça, com ódio nos olhos, mas Yirth se desvaneceu da ponte de popa. Os marinheiros, a metade ao menos, eram mulheres ou meninos jovens, subiam e desciam pelos equipamentos de barco, preparando a nave para levá-la aos moles.

Havia pouco movimento no porto, porque a maior parte das atividades marítimas tinha terminado há uma semana pela chegada das tormentas. Dos marinheiros e estivadores que Lobo do Sol via nos moles, a maioria era velhos, moços ou mulheres. A cidade, pensou, tinha sido duramente golpeada. Enquanto as rajadas de vento carregadas de chuva levavam o navio para os moles, pôde ouvir gritos de alegria e triunfo de uma vasta multidão de mulheres sem véu, com vestidos brilhantes, que passeavam sobre o caminho de condução da grande galeria junto ao mar que estava sobre o porto. *Amigas da Denga Rei*, pensou, notando o casal de gladiadoras de aspecto agressivo que se movia entre as outras. *Bom, por que não? Provavelmente o negócio não funciona bem nestes dias.*

A certa distância dessa multidão briguenta e buliçosa avistou outros comitês de boas-vindas. Havia uma moça alta e uma mulher mais alta ainda que parecia parentes do Gilden Shorad por suas cabeleiras cor loira marfim agitadas pelo vento atrás de seus véus índigos, que elas aferravam com desespero. Acompanhava-lhes uma dama tão pequena e vestida tão na moda como Gilden. *Família*, pensou ele *sem dúvida.*

Um pouco mais atrás, entre os pilares do passeio varrido pelo vento, um par de serventes irados mantinha um tecido de seda lustrosa sobre a cabeça de uma pena mulher com um vestido de listras ametista, velada em nuvens larguíssimas de seda lilás e brilhante de ouro e diamantes. *Com este tipo de ostentação*, pensou Lobo, *tem que ser uma amiga da Sheera.*

Evidentemente ninguém tinha vindo a procurar o Yirth.

Uma voz junto a seu cotovelo disse com calma:

— Entramos no porto bem a tempo.

Lobo se deu volta e viu a Sheera a seu lado, coberta da cabeça aos pés, como correspondia a uma dama, as mãos metidas em pele de cabrito bordada em ouro, o cabelo, uma massa de cachos e jóias que mantinham as largas telas de seus véus cor ameixa. Levava uma capa de seda a prova de água, orlada de pele, apertada contra seu corpo. Lobo do Sol, que vestia só uma camisa deteriorada e calças de escravo, olhou-a por um momento tocando a cadeia que lhe rodeava o pescoço e logo voltou a olhar o terrível mar que aparecia detrás das pontas de terra. Até no refúgio do porto, as águas ferviam e, ao tocar os moles de pedra, projetavam altas colunas de vapor da cor branca dos ossos. Nenhum navio poderia passar pelo canal.

— Se quiserem minha opinião, entramos muito perto para me sentir cômodo — grunhiu Lobo.

Os lábios da Sheera se esticaram sob o véu que voava a seu redor.

— Ninguém lhes perguntou — replicou, com severidade—. Têm que agradecer a Yirth que estejamos vivos. Subsistiu com drogas e muita resistência nestes últimos três dias para poder reter as tormentas até que chegássemos ao porto.

— Antes que nada, tenho que agradecer a Yirth —disse Lobo do Sol, com amargura— estar neste podre navio.

Houve um momento de silêncio, enquanto Sheera olhava os olhos dele com uma tensão perigosa no rosto. Aparentemente, não tinha dormido muito nos últimos dias, não muito mais que Yirth. Lobo do Sol lhe devolveu o olhar com calma, quase zombador, como se estivesse desafiando a que estalasse com uma de suas explosões.

Quando ela falou, sua voz era quase um sussurro:

— Recorde isto — disse —: posso falar com o Yirth e deixar que agonize a gritos.

Lhe replicou com a mesma suavidade:

— Então teriam que encontrar a outro para treinar a suas damas, não é assim?

Sheera nunca chegou a lhe responder, porque nesse momento apareceu Gilden, com um véu diáfano, precedida por uma linha de estivadores que levavam bagagem suficiente para um ano no deserto. Gilden disse com calma:

— Yirth está em seu camarote. Esperará até que as multidões se disseminem e logo baixará sem que a vejam. O fato de que viéssemos assim, antes da tormenta, já deve ter chamado bastante a atenção. Não queremos que os espiões do Derroug digam ao Altiokis que Yirth viajava a bordo.

— De acordo — disse Sheera, e Gilden desapareceu, deslizando-se sem esforço ao papel de uma infatigável e frívola nômade de classe média entre os vultos de sua bagagem.

Estavam já nos moles. A tripulação levava o navio rapidamente para o comprido mole principal de pedra. O ar úmido rangia com as ordens, as maldições e os gritos. Acima, no corrimão, Denga Rei e Olhos Âmbar se inclinava para fazer gestos e chamar a suas companheiras no porto. As rajadas de vento, poderosas, súbitas, tocavam a cabeça barbeada da gladiadora e a cauda suave, cor pêssego do cabelo da cortesã. Gilden e Sheera, como era próprio de damas de sua classe e estado, ignoravam-nas totalmente.

Baixaram a rampa. Um par de marinheiros, uma mulher e um moço, trouxeram o baú da Sheera. Depois de um só olhar severo, incendiário da Sheera, Lobo do Sol o levantou sobre o ombro e o levou pela rampa entalada detrás dela.

Os moles de Mandrigyn, como tinha visto Lobo da ponte do navio, estavam conectados a terra por um caminho de condução, indubitavelmente um lugar para os que estavam em moda na cidade caminhassem no calor do verão. No inverno, com seus cuidados sebes, nus agora pelos ventos, e com os pilares de mármore e as estátuas manchadas e obscurecidas pela chuva intermitente, era ventoso e deprimente. Cada tanto, este passeio era interrompido por pontes para pedestres de mosaicos brilhantes que cruzavam as bocas dos famosos canais do Mandrigyn. Lobo olhou através do arco hexagonal da ponte mais próxima e viu uma espécie de lacuna protegida, onde meia dúzia de gôndolas se balançava em seus moles. Detrás desses botes coloridos como o arco íris e com aspecto de peixes, o canal entrava para a cidade aquática entre as altas paredes das casas e as águas tremiam onde as tocavam as rajadas de chuva. Tudo parecia escuro de umidade e sujo de mofo. Contra essa paisagem, a pequena mulher que emergia sob seu teto de tecido de seda para saudar a Sheera, parecia incongruente e escandalosa.

— Sheera, aterrorizava-me pensar que não chegasse ao porto! — gritou com uma voz aguda, bastante leve, e estendeu suas pequenas mãos, embainhadas em confecções bordadas com diamantes e laço branco e lavanda.

Sheera tomou as mãos para saudá-la e as duas trocaram um beijo formal de boas-vindas entre um redemoinho de véus de sedas maltratados pelo vento.

— Para falar a verdade, eu também tinha medo disso — admitiu Sheera, com um sorriso mais próximo à amizade que Lobo do Sol tinha observado nela nos poucos dias que tinha observado desde que a conhecia. Sheera evidentemente apreciava a essa mulher e, conforme se viu pelas palavras seguintes, tinha-lhe muita confiança.

— Encontrou um? — perguntou a mulher, olhando o rosto da Sheera com uma expressão de profunda curiosidade, como se no momento só Sheera existisse para ela —. Teve êxito?

— Bom — disse Sheera e seu olhar passou a Lobo do Sol, que permanecia de pé, estóico, com o baú sobre seus ombros, um pouco mais à frente —, houve uma mudança de planos.

A mulher franziu o cenho indignada, como se isso fora uma afronta.

— O que? Como? — O vento se enredou em seus véus de seda lilás e os arrojou para trás, revelando um rosto de pele delicada e ossos finos, emoldurada por uns formosos olhos castanhos sob umas pestanas largas, perfeitamente retas. *Apesar de ir vestida como uma Santa em uma catedral da Trindade, era uma coisinha bem feita*, pensou Lobo do Sol, *delicada e com seios cheios*. Não era uma menina, e sim uma mulher da idade da Sheera.

Sheera os apresentou com calma.

— Drypettis Dru, irmã do governador de Mandrigyn. O capitão Lobo do Sol, chefe dos mercenários do Wrynde.

Os olhos do Drypettis, no princípio escuros de indignação ante a idéia de que apresentassem a um escravo, abriram-se de susto, logo tremeram, olhando a Sheera de novo.

— Trouxe ao comandante aqui?

Do navio, toda uma multidão brilhante de que pareciam prostitutas e gladiadoras passou junto a eles, rindo e brincando... Ao ver lobo do Sol, deixaram escapar um conjunto de murmúrios apreciativos, grunhidos, indignação atônita e comentários tão abertos que Drypettis Dru se endureceu de raiva e surpresa e o sangue apareceu como uma mordida sobre a pele fina de suas bochechas.

— Mas, Sheera — murmurou tensa—, se tivermos que ter a esse tipo de gente na organização, não pode lhes dizer que sejam um pouco mais... educados em público?

— Temos sorte de tê-los na organização, Dru —disse Sheera, tranqüilizando-a —. Podem ir a todas as partes e sabem tudo. E agora os necessitaremos mais ainda.

Os olhos castanhos e limpos voltaram a fixar-se na Sheera.

— Quer dizer que lhe pediram mais dinheiro de que podia oferecer?

— Não — disse Sheera com calma—, não lhe posso explicar isso aqui. Eu disse a Gilden que faça correr a voz. Haverá uma reunião hoje a meia-noite na velha estufa de laranjeiras em meus jardins. Ali explicarei a todos...

— Mas...

Sheera levantou um dedo para lhe impor silêncio. Da direção da lagoa, aproximava-se um par de serventes, que se inclinaram com grandes desculpa ante a Sheera por chegar tarde. Ela fez uma cortesia formal ao Drypettis e se foi, caminhando para a gôndola ancorada ao pé de umas escadas de pedra escorregadias de musgo, sem olhar atrás para ver se Lobo do Sol a seguia. Depois de um momento, ele a seguiu, mas sentiu os olhos do Drypettis cravados em suas costas todo o caminho.

Enquanto um servente acomodava a Sheera sob um teto de tecido no convés da gôndola, Lobo do Sol entregou o baú ao outro, baixando-o pelos estreitos degraus. Antes de descer, olhou para trás, para o mole, agora deserto, com os mastros dos navios balançando-se brandamente contra o quadro negro do céu. Viu a mulher Yirth, como uma sombra, descer lentamente pela rampa e deter-se ao final, inclinada contra o poste de bronze, a ponto de derrubar-se de cansaço. Logo, depois de um momento, endireitou-se, apertou-se a capa de bolinha vulgar com mais força ao redor dos ombros e se afastou caminhando para a cidade cada vez mais escura, a sós.

De sua água-furtada* sobre a estufa, Lobo do Sol ouviu chegar às mulheres. Ouviu como chegava a primeira em silêncio, os passos apenas um eco leve que golpeava sobre a madeira da grande

(*) água-furtada - ângulo entre duas águas do telhado por onde escorrem as águas pluviais;

habitação. Da alta janela da água-furtada, via suas sombras de gato deslizando-se através do portão volante ao final do jardim, que dava ao canal Leam, e escorrendo-se em silencio dos estábulos, onde, conforme lhe havia dito Sheera, havia um túnel de velhos contrabandistas que levava ao porão de um edifício sobre a lacuna Leam. As viu correr através das sombras do jardim molhado e repleto de erva, junto à silhueta do trabalhado pavilhão dos banhos e entrar, com um sigilo nada profissional, à estufa.

Tinha que admitir que Sheera não se equivocou na seleção do lugar. A estufa era o edifício mais afastado da casa e formava o lado sul do quadrado de todas as instalações. Estava separado do edifício mais próximo por uma franja de pátio seco, a parede da propriedade e o canal barroso e verde chamado Canal da Mãe, e esse edifício era o dos grandes tanques de São Quillan, que se fechavam depois da terceira hora da noite. Era muito difícil que os ouvissem se praticavam ali.

Ficou na escuridão de seu estreito colchão, escutando o murmúrio agudo, incompreensível, da habitação debaixo e pensou nas mulheres.

Mulheres. Seres humanos que não são homens.

Quem lhe havia dito isso uma vez? Falcão das Estrelas, no inverno anterior, ou no do outro ano, quando lhe explicava algo sobre esse estilo tão individual que tinha na briga... Era algo que ele não se deteve a pensar naquele momento. Agora, a frase voltava para ele, com a memória desses enigmáticos olhos cinza.

Seres humanos que não são homens.

Até de menino tinha entendido que os demônios que encantavam os pântanos vazios ao redor de sua aldeia eram entidades como ele mesmo, inteligentes a sua maneira, mas não humanos. Se alguém os pressionava, não reagiam como homens.

Encontrou-se com homens que temiam às mulheres e ele entendia esse medo. Não um medo físico..., na realidade, esse tipo de homem era o culpado dos piores excessos durante o saque das cidades. Era algo mais profundo que o físico. E, entretanto, o outro lado dessa moeda era um desejo de tocar, de possuir, esse desejo da carne estranha e suave do outro.

Não havia lógica nisso. Mas treinar a essa tropa não ia ser como treinar uma tropa de moços sem experiência, ou de homens de não mais de sessenta e cinco quilos.

A chuva do dia tinha terminado depois do pôr-do-sol. Um brilho úmido de lua pintava a parede inclinada sobre sua cabeça. Com o vento frio, as vozes do jardim entravam por ali, a da Sheera, falando com essas mulheres do dinheiro que tinha vindo em suas gôndolas como a uma festa, pela porta principal da casa grande, com fachada de mármore. Vozes de mulheres, como música na noite molhada.

Era o costume, perguntou-se Lobo do Sol, o que fazia que as mulheres desconfiassem uma das outras? O fato de que lhes negassem tantas coisas? Talvez especialmente em uma cidade como Mandrigyn, onde as mulheres estavam muito bem guardadas e onde lhes proibiam fazer algo que as liberasse da tutela do homem. Ele tinha visto isso antes, a atmosfera esquentada das intrigas e os pequenos ciúmes, das ofensas recordadas durante anos e desenterradas, frescas e fedorentas, no momento de uma briga. Seriam distintas se as criassem de outra forma?

E os homens?

A risada amarga, zombadora, de seu pai passou como um eco breve por sua mente.

Logo, deu-se conta de que alguém estava de pé junto a sua cama.

Não a tinha visto chegar nem tinha ouvido o som de seus pés sobre as pranchas do chão, como a queda de uma pétala. Só agora viu seu rosto, flutuando como uma caveira deformada sobre a mancha escura da marca de nascimento, emoldurada nas massas adornadas de prata de seu cabelo. Deu-se conta de que ela tinha estado parada ali durante um momento.

— Que merda...? — começou enquanto se levantava ela elevou a mão.

— Só porei sobre você os encantamentos que farão inofensivo o veneno que corre por suas veias sempre que fique em Mandrigyn —disse ela—. Como não sou uma maga verdadeira, e não cheguei ao máximo de meu poder, não posso fazer encantamentos à distância só com a mente. —Como a mão de um esqueleto, seus dedos brancos se moveram no ar, e adicionou —: Pronto.

— Mas o fizeram muito bem no navio — grunhiu ele, sem interesse.

Um extremo da linha negra de sobrancelhas se moveu.

— Parece-lhes? É uma das primeiras coisas que aprende um mago..., como entrar e sair sem que o notem, nem sequer se o olham fixamente. — Ela levantou a capa e a acomodou ao redor, um ruído de tecido na escuridão, enquanto se preparava para partir —. Estão irá agora. Não vai com elas?

— Para que? —perguntou ele, acomodando os ombros de novo contra a parede na cabeceira—. Só sou a ajuda alugada.

A voz de madeira doce seguiu inexpressiva.

— Talvez para ver o material a que terá que enfrentar? Ou para que elas o vejam?

Depois de um momento, ele ficou de pé. O movimento dos ombros afrouxou um pouquinho a pressão desacostumada da cadeia. Quando se aproximou do Yirth, viu a forma em que o cansaço tinha devastado seu rosto. As manchas negras sob seus olhos e as linhas duras de tensão não ajudavam a seu aspecto. Os últimos dias da viagem estavam esculpidas em seu rosto e em seu espírito como o pó do carvão nas mãos de um mineiro..., talvez o tempo o esclareceria, mas nunca de tudo.

Ele fez uma pausa enquanto olhava o interior desses olhos azul esverdeado.

— Sheera sabe disto? — perguntou —. Se, como diz, não é uma maga verdadeira., se não tiver chegado ao máximo de seu poder..., é uma loucura ir contra um mago que esteve exercitando seus poderes durante cento e cinquenta anos..., que sobreviveu a qualquer outro mago no mundo e parece imortal. Sheera sabe que nem sequer estão ao nível dele?

— Sim. — A voz do Yirth se ouvia fresca e amarga na escuridão da habitação—. É por culpa de Altiokis que não tenho que nunca terei todos os meus poderes como maga. Minha professora Chilisirdin, repartiu o conhecimento e o treinamento que devem ter os que nasceram com esses poderes. Esse treinamento é o que me ajuda a dominar os ventos, a lhes ter prisioneiro, a ver além das ilusões e as armadilhas com as que Altiokis guarda as minas. Mas assassinaram ao Chilisirdin..., assassinaram-na antes que pudesse me dar o segredo da Grande Prova. E sem isso, nunca terei o poder.

Os olhos de Lobo do Sol se afinaram.

— O que? — perguntou. Na linguagem do oeste, a expressão falava de uma prova com fins judiciais e de problemas muito graves. No dialeto do norte, era algo que às vezes se usava para nomear a morte também.

O nariz malformado se abriu com desprezo.

— É um homem que se orgulha de sua ignorância quanto a esses assuntos — fez notar —. Como o amor, a gente nunca pode estar segura de quando se cruzarão no caminho da vida, queira alguém cruzar-se com eles, ou não. Nunca soube no que consistia a Grande Prova..., só que matava aos que não tinham nascido com os poderes de um mago. Seu segredo passou de professor a discípulo através de gerações. Procurei durante anos a alguém dessa última geração de magos, ou um de seus discípulos, alguém que possa saber o que é..., que possa ter aprendido como se faz isso, que funde o poder com que nasceram esses poucos meninos, com a larga aprendizagem que devem adquirir de um mago professor. Mas Altiokis matou a todos, ou os faz esconder-se tão profundamente que não se atrevem a revelar a ninguém o que são, ou o que puderam ter sido. É por isso que jogo minha sorte com a da Sheera. Altiokis roubou a todos, todos os que íamos ser magos e agora estamos condenados a esta meia vida de desejos frustrados. Tenho que me vingar ou morrer tentando.

— Essa é sua eleição — disse Lobo com calma—. O que eu não gosto é que me arrastem nela, a mim e a todas essas mulheres estúpidas que acreditam que vão treinar para ser guerreiras.

As vozes chegavam até eles, um bate-papo leve, distante, como os sons prazenteiros de um rio na escuridão. Os olhos do Yirth brilharam como os de um gato.

— Elas também têm por que vingar-se — replicou a maga —. Quanto a você, morreria por duas moedas para pôr sobre seus olhos e pagar ao barqueiro do rio para o Inferno.

— Sim — aceitou ele, tenso —. Mas essa é minha eleição..., vou escolher o momento e a forma e a quem eu levo comigo quando for.

Ela suspirou com desprezo.

— Não tem eleição, meu amigo. O pai que lhes engendrou lhes fez o que são como me fizeram com o talento para a magia em meu coração e esta marca como uma listra de lixo em meu rosto. Não têm mais eleição no assunto da que tiveram quanto à cor de seus olhos.

De novo se envolveu na capa para cobrir sua feiúra e desceu em silêncio as escadas.

Depois de um momento, Lobo do Sol baixou atrás dela. Havia umas quantas velas acesas sobre a mesa perto da escada, mas sua débil luz não

penetrava mais que uns metros na vasta abóbada de madeira da estufa de laranjeiras. O único que podia ver nessa escuridão era o reflexo multiplicado de milhares de olhos atentos. Como o vento que morre na noite do verão, o som do bate-papo amainou quando Lobo entrou no tímido halo de luz, um homem dourado, grande, forte, tendo a Yirth como uma sombra negra a seus calcanhares.

Não tinha esperado ver tantas mulheres. Surpreso, olhou brevemente a Yirth, que lhe devolveu um olhar enigmático.

— De onde diabos vêm? — murmurou.

Ela agitou o curto e grosso rabo de cabelo prateado sobre seus ombros.

— Gilden Shorad — replicou em voz baixa—. Ela e sua sócia, Wilarne M'Tree são as melhores cabeleireiras do Mandrigyn. Não há uma mulher na cidade a que não possam lhe falar livremente, das nobres como Sheera e Drypettis Dru até as prostitutas comuns.

Lobo do Sol as olhou de novo, devia haver umas trezentas sentadas sobre o pinheiro gasto e poeirento do chão ou nas bordas dos grandes barris que continham as laranjeiras. Rostos suaves, sem barba, voltadas para ele. Tinha consciência dos olhos alertas, os cabelos brilhantes e os pés pequenos que aparecia sob as cores das saias largas. Talvez fosse só seu número, talvez o fato de que tinham acendido o fogo no local que havia para isso debaixo do chão, mas a enorme habitação, parecida com um celeiro, estava quente e o aroma do pó velho e do cítrico se mesclava com os aromas das mulheres e com seus perfumes. O ruído de tecido de seus vestidos e dos bordados dos pulsos das ricas era como o de uma selva no verão.

Logo, silêncio.

Nesse silêncio, falou Sheera:

— Voltamos hoje do Kedwyr — disse sem preâmbulos e sua voz clara, profunda, penetrou com facilidade nas sombras castanhas da habitação —. Todas vocês sabem por que fomos. Vocês puseram o dinheiro na aventura e o coração... ficaram sem coisas que desejavam para contribuir. Puseram-se em perigo... fizeram coisas que prefeririam não ter feito para conseguir o dinheiro. Sabem o valor do que deram..., eu sei.

Ficou de pé. O ouro de seu vestido de brocado a converteu em uma chama brilhante, o bordado duro de seu pescoço enredado em jóias de fogo em seu

cabelo. De onde estava, Lobo do Sol via as caras das mulheres, em um silêncio absorto os olhos bebendo as palavras da Sheera.

— Todas vocês conhecem o plano — continuou ela, inclinando o corpo contra a bordada mesa, as mãos cheias de gemas, relaxadas entre as dobras da saia —. Tomar mercenários, atacar as minas, liberar os homens e logo arrancar à cidade das garras do Altiokis e do bando de aves de rapina que pôs a cargo. Quero que saibam a partir de agora que não pude contratar a ninguém.

»Talvez não deveria me haver surpreendido por isso — seguiu —. Chega o inverno. Ninguém quer brigar no inverno. A primeira lealdade de um homem é para si mesmo, e ninguém quis arriscar-se a provocar a ira do Altiokis, nem sequer por ouro. Isso o entendo. — Sua voz se fez um pouco mais forte, mais capitalista de repente —. Mas para eles é só dinheiro. Para nós, é a vida. Não há nenhuma só mulher aqui que não tenha um homem, um amante, um marido, um pai, que não tenha morrido em Passo de Ferro ou tenha sido escravizado ali. E assim aconteceu a todos os homens decentes desta cidade. A todos que tiveram a coragem de partir no exército do Tarrin, a todos os que entenderam o que aconteceria se Altiokis adicionava Mandrigyn a seu império. Vimo-lo em outras cidades, no Racken Scrag, no Kilpithie. Vimo-lhe levar poder aos corruptos, aos ambiciosos, aos sem escrúpulos, homens que comeriam sapos para ele com tal de fazer dinheiro conosco. Vimo-lhe pôr a um homem desses aqui.

Os olhos de todas se posaram no Drypettis Dru, que tinha chegado com a Sheera e se sentou o mais perto possível da mesa, quase literalmente aos pés de sua líder. Durante todo o discurso se ficou em silêncio, olhando a Sheera com o brilho apaixonado dos fanáticos em seus olhos castanhos, as mãos apertadas com força sobre a saia. Mas quando as mulheres a olharam, endireitou-se um pouco.

— Todas ouviram os informes dos vícios do Derroug — continuou Sheera em um tom mais moderado —. Acredito que algumas de vocês tiveram experiências diretas de seus... hábitos. — Os olhos escuros brilharam sombrios —. Sabem que sua própria irmã se voltou contra ele e foi como minha mão direita na organização da causa.

— Não me voltei contra ele — corrigiu Drypettis em sua voz um pouco aguda e falta de fôlego —. Os atos de meu irmão sempre me resultaram repugnantes e deploráveis. Ele pôs em desgraça a nossa casa, que era a mais alta

da cidade. Nunca lhe perdoarei por isso. Nem por sua luxúria para vocês, nem por...

— Nenhuma de nós lhe perdoará Drypettis — disse Sheera, cortando de raiz algo que ameaçava convertendo-se em um catálogo interminável dos pecados do governador —. Todas vimos os efeitos malignos do poder do Altiokis em Mandrigyn. Se formos detê-lo, temos que detê-lo agora.

»Nós temos que detê-lo — repetiu; a voz pressionava com força sobre as palavras —. Estão brigando por algo mais que nós mesmas. Todas temos filhos, todas temos famílias, ou as tivemos. — Um murmúrio se moveu como o vento na habitação—. Já que não podemos tomar homens e lhes pagar para que lutem, teremos que aprender a fazer o que pudermos nós mesmas.

Olhou a seu redor, a esse silêncio sombrio, brilhante de olhos. A luz da vela tremeu no tecido duro de seu vestido dourado e ela brilhou como a folha de uma espada levantada.

— Todas já o temos feito — disse—. Desde Passo de Ferro, substituístes a seus maridos, de uma forma ou outra. Erntwyff, você sai todos os dias com a frota pesqueira. A maior parte da frota é dirigida pelas esposas dos pescadores, não é certo? E você tomaste a forja...

— Tive que fazê-lo — disse uma mulher grande, parecida com uma vaca, cujas mechas de cabelo loiro como o marfim a marcavam como parente do Gilden Shorad—. Se não, teria morrido de fome.

— E tomou a Tisa, a filha do Gilden, como aprendiz, não é verdade? Irmana Quincis, dizem-me que estiveram nomeando mulheres como sacerdotes provisórios na catedral, algo que não se feito em centenas de anos. Fillibi, você está à frente do negócio de seu marido..., e o leva muito bem, além disso. E a ninguém importa já se levarmos véu ou não, ou se tivermos acompanhantes. Negócios são negócios. Bom, nosso negócio é defender a cidade e liberar os homens. Demonstramos que as mulheres podem trabalhar tão bem como os homens. E acredito que podem brigar tão bem como eles.

»Acredito que todas sabem — continuou com voz mais grave — que se puserem a uma mulher contra a parede, a brigar, não por ela, mas sim por seu homem, seus filhos e sua casa, é mais valente que qualquer homem, mais dura que um homem..., merda, mais dura que um rato encurralado. E senhoras, hoje estamos nesta situação.

Se agora pedisse voluntárias, todas levantariam a mão, pensou Lobo. Tem a magia de um rei, essa magia de dar confiança.

Maldita cadela arrogante.

A voz da Sheera era baixa. Poderia-se ter ouvido cair um alfinete no silêncio cheio de vida da estufa.

— Não — disse —. Não pude encontrar homens para fazer o trabalho. Mas encontrei um homem para que viesse aqui a nos ensinar a fazer por nós mesmas. Se quisermos brigar, claro. Há uma diferença grande entre dar dinheiro, não importa quanto, e levantar a espada nós mesmas. E eu lhes digo senhoras, este é o momento de ver essa diferença.

Não podiam aplaudir porque o som chegaria longe, mas o silêncio foi uma coroa mágica sobre esses cachos negros. *Lhes assinale o caminho*, pensou Lobo do Sol com cinismo, *e partirão às minas esta mesma noite, estas cadelas tolas, e amanhã estarão todas mortas*. Como muitos líderes, Sheera tinha a habilidade de fazer que outros se preparassem para brigar sem haver-se perguntado o que lhes custaria essa decisão.

Deu-se um pequeno empurrão com os ombros contra o marco da porta e foi até onde estava Sheera frente a todas na aura da chama da vela, ela mesma uma chama em seu vestido dourado. Sheera girou a cabeça, surpreendida por esse movimento. *Talvez não acreditasse que eu falaria*, pensou Lobo com uma pontada de raiva por isso. Voltou-se por volta desse mar de olhos devoradores.

— O que diz Sheera é certo — aceitou com voz calma; o ronco grave de sua voz adequado ao tamanho da tropa, como fazem os líderes —. Uma mulher que briga por seus filhos, e às vezes por um homem, briga como um rato encurralado. Mas eu encurralei ratos e os matei com o calcanhar da bota e não acreditem que isso não pode acontecer a vocês.

Sheera se deu volta com fúria, todo seu corpo brilhante de raiva. Ele a olhou aos olhos e a silenciou, como se tivesse posto uma mão na boca. Depois de um momento, seus olhos voltaram para as mulheres.

— Assim de acordo. Aceitei lhes ensinar, aceitei fazer guerreiras de vocês. E pelo espírito de meus antepassados, o farei, embora tenha que lhes torcer o pescoço. Mas quero que compreendam o que estão fazendo. A guerra é séria. Muito séria. Todas vocês são menores, mais leves, mais lentas que os homens. Se esperarem vencê-los em combate, terão que ser duas vezes melhores que eles. Eu posso lhes ensinar a ser duas vezes melhores. Esse é meu trabalho. Mas no

processo, vão receber cortes, golpes, gritos, maldições e lhes arrastarão de volta a casa tão exaustas que não poderão lhes ter em pé, porque esta é a única forma de ser bom nisto, especialmente se forem tão pequenas que certos homens podem lhes levantar e lhes levar sob o braço. — Seus olhos procuraram à diminuta Gilden Shorad e se encontraram com um olhar desafiante, azul como o mar —. Assim se não acreditam que podem terminar esta corrida, não percam meu tempo começando-a. Cada vez que recebo um grupo de novos recrutas, termino por me tirar de cima pelo menos a metade. Não têm que ser duras para começar, eu lhes farei duras. Mas têm que seguir adiante, e estar dispostas a matar gente e talvez a perder um membro ou a sua própria vida. Isto é a guerra.

Seus olhos as olharam, brilhantes como os olhos de ouro de uma besta na penumbra: prostitutas, doces como todas as espécies do leste com seus cabelos frisados e seus olhos pintados. As mulheres castanhas dos trabalhadores, velhas antes do tempo, como montões de sarja desleixada. As esposas dos mercadores, muitas delas mercadoras agora, suaves e bem cuidadas com suas jóias e bordados.

— Vocês decidem se podem fazê-lo ou não — disse ele com calma —. Quero a minha tropa aqui amanhã à noite. Isso é tudo.

Deu-se volta e olhou a Sheera. Depois das pálpebras baixas, viu a curiosidade, a reavaliação, a especulação, como se ela estivesse perguntando-se o que havia trazido para Mandrigyn.

Capítulo 6



— Isto é uma espada — disse Lobo do Sol —. Sustentem por este lado.

Olhou com fúria à dúzia de mulheres que estavam de pé em uma linha frente a ele, todas ofegantes depois do esforço da hora de exercícios e saltos de pré-aquecimento, que tinha convencido, a elas e a seu instrutor, de que nunca seriam guerreiras.

— Você.

Assinalou à companheira do Gilden Shorad, uma frágil, pequena Wilarne M'Tree. Ela se adiantou os olhos negros, brilhantes, levantados com confiança para os de Lobo, e lhe arrojou a arma com o punho para frente. Ela a apanhou, mas Lobo do Sol viu pela forma em que recuperava o equilíbrio que a arma era mais pesada do que esperava.

Ele levantou a mão e fez soar os dedos. Ela a arrojou de novo, mas sem habilidade. Lobo a apanhou no ar sem esforço visível.

— ides trabalhar com armas pesadas — lhes disse, como já tinha feito com os dois grupos com os que tinha trabalhado a noite anterior e como faria com outro grupo mais tarde—. É a única forma em que podem fazer mais fortes seus braços.

Uma das mulheres protestou.

— Mas pensei que...

Ele se deu volta para olhá-la, feroz.

— Pedem-me permissão para falar — lhe ladrrou.

O rosto dela se avermelhou de fúria. Era uma mulher alta, de cara provocadora, com o cabelo vermelho e dourado das terras altas, os seios pequenos sob o protetor de couro, as pernas de joelhos fortes nas calças curtas de linho, as marcas de seu passado ainda visíveis na pele branca e sem músculos de seu ventre. Depois de um momento, disse com a voz tensa:

—Permissão para falar, senhor.

—Permissão outorgada — grunhiu ele.

A permissão para falar, tinha descoberto fazia tempo, era uma das melhores maneiras de quebrar a primeira avalanche de palavras. A maior parte dos recrutas não sabia do que estava falando de todas as maneiras.

Nesse caso, resultou. Com o primeiro estalo abortado, a mulher falou com cansaço mais que com fúria.

—Pensei que nos estávamos treinando para um ataque surpresa. Um ataque sem aviso.

—Claro que sim — disse Lobo do Sol com calma—. Mas se algo sair mau ou se lhes apanharem, talvez tenham que tomar a um homem com a espada, ou a vários homens, em realidade. Talvez tenham que desviar ataques do resto da tropa ou manter uma posição chave enquanto as demais seguem adiante. Não brigarão só por suas vidas mas sim pela de todas.

A mulher retrocedeu, ruborizada e muito incômoda. Com tato instintivo, Lobo se voltou para as demais.

—Isto vai por todas — lhes disse com um grunhido—. E para tudo o que ensine. Pagam-me porque sou um guerreiro, sei o que ides enfrentar. Me acreditem, tudo o que lhes ensine tem um sentido, não importa quão tolo pareça. Não tenho tempo de lhes explicar tudo. Entendem?

Assentiram, acovardadas.

Ele lhes gritou:

—Não fiquem aí movendo as cabeças acima e abaixo! Não posso ouvir como rangem seus cérebros desde tão longe! Entendem?

—Sim, senhor — se apressaram a responder Gilden e Wilarne.

Ele olhou a todo o grupo com severidade.

—O que?

—Sim, senhor — fizeram coro todas.

Lobo assentiu com brutalidade.

—Bom. —Assinalou com um dedo as armas que jaziam em uma pilha de arpilleras em um rincão da estufa mal iluminado—. Aí estão suas armas. Junto à parede encontrarão postes afundados no chão. —Indicou por volta do lugar onde ele mesmo tinha posto os postes esse dia, bem escondidos entre os velhos

tonéis das árvores e as pilhas de potes de argila—. Quero ver seu exercício: reverso, direito e abaixo, só esse três golpes. Primeiro só para aprender a sustentar a espada, depois tão forte como podem, como se tivessem um homem diante, preparado para lhes cortar a cabeça.

Algumas delas pareciam sentir-se afetadas ante tal idéia, outras começaram a correr ansiosas para as armas.

—De novo a filas! — gritou Lobo do Sol.

Obedeceram rápido. A mulher alta parecia quase a ponto de falar, mas o pensou melhor.

—Ninguém rompe filas até que eu dê a ordem — lhes ladrrou ele—. Se fossem meus homens, já lhes adornaria com um látego. Como não o são, tudo o que posso fazer é lhes jogar de uma patada em seus lindos traseiros antes que ponham em perigo ao resto da tropa por desobedecer ordens. Se lhes disser que lhes ponham em fila e logo vou jogar-me uma sesta, mais vale que lhes encontre ainda em fila e de pé quanto desperte, inclusive se for à manhã seguinte. Entendem?

—Sim, senhor — cantaram elas.

—Agora, em marcha! — Bateu as mãos e os ecos do golpe ainda soavam nas altas vigas quando as mulheres se afastaram, obedientes.

Detrás de Lobo do Sol, uma voz de mulher comentou:

—É amável com elas.

Ele voltou a vista e se encontrou com os olhos escuros, sardônicos, da Denga Rei. Como ele e como a maioria das mulheres, estava nua para os exercícios, deixando ver um corpo castanho marcado por cicatrizes de distinta antigüidade. A luz débil do abajur brilhava sobre o arco calvo de sua cabeça.

O grunhiu:

—Se chamas a isso «amável», tem um padrão diferente do meu, mulher.

—depois da escola de gladiadores — replicou a guerreira com tranqüilidade—, é uma carícia de amante e acredito que temos o mesmo padrão de medida, soldado.

Ele a estudou em silêncio por um momento. Era mais jovem do que tinha acreditado no princípio, provavelmente não mais de vinte e um ou vinte e dois anos; uma mulher grande, escura, com músculos no ventre, tão duros e

redondos como as costas de um crocodilo. Em sua alternância de silêncio e brincadeira durante a viagem, Lobo do Sol havia sentido sua animosidade contra ele e se perguntou o que faria se quão única podia ser seu segundo ao mando lhe odiava porque não era a primeira. Sabia que era um intruso na organização, fora contra sua vontade ou não. Sheera ainda estava claramente ao mando, mas ele tinha usurpado um lugar só um pouco inferior ao dela; não importa quanto o necessitassem, era óbvio que haveria ressentimentos. Deteve-se perguntando se chegaria a uma confrontação física entre ele e a gladiadora quando, por razões que se guardava para si mesmo, ela tinha decidido aceitá-lo. Entretanto, de vez em quando, ele ainda a descobria lhe olhando com um brilho estranho nos olhos escuros.

—Não tem sentido me descarregar com elas porque arrastaram a esta loucura — disse ele finalmente. Logo, fez um gesto com a cabeça para elas e perguntou —: O que opina?

Ela sorriu.

—São um pouco doces — disse—. Faz seis meses, não poderia ter posto uma espada nessas mãos delicadas. Mas desde que se foram os homens, aprenderam que sabem trabalhar, não só estas mulheres ou as mulheres da conspiração, a não ser todas elas. Estão levando os negócios, as granjas e os assuntos dos bancos e os mercados. Acredito que algumas delas, como nossa Gilden, desfrutam com uma folha de espada entre as mãos.

Ele o admitiu a contra gosto.

—vou dizer algo a favor delas: vieram. Isso me surpreendeu. A maioria das pessoas teria posto todo o dinheiro do mundo, de uma distância prudencial.

Ela se encolheu de ombros, e os músculos lhe brilharam como madeira dura e castanha.

—Puseram uma quantidade incrível de dinheiro, como sabe — fez notar—. Apesar do muito que odeio a essa pequena Drypettis, é uma excelente organizadora quando a gente pensa no lado monetário de uma operação. Ela foi a responsável por este tema.

—Sério? —Os olhos de Lobo viajaram ao longo da linha de mulheres suarentas que trabalhavam cansadas e teimadas em seus postos, enquanto procurava à diminuta discípula da Sheera.

—Claro. Ainda é a que leva as rédeas econômicas de tudo isto. Quando era só questão de lhes pagar a você e a seus homens, era a número dois da

Sheera. Dru também é a que faz que seu irmão não nos atire em cima — adicionou, tirando uma bolinha de pó do couro usado de seu protetor de peitos—. Tem feito muito pela organização, mas, merda, esse rosto afetada me atravessa na garganta. Se Sheera não lhe houvesse dito que o que estamos planejando é uma operação militar, não tivesse querido nem me dirigir a palavra.

Os olhos de Lobo se afinaram enquanto voltavam para essas costas reta, rígida e à larga cauda de cabelo castanho que pendurava entre os elegantes ombros.

Não a Denga Rei. Ele tinha suplantado ao Drypettis.

Por isso tinha observado dela, não ia se tomar com amabilidade que a tirassem de seu lugar como conselheira da Sheera e a relegassem a um posto de soldado, quanto mais porque não era boa como soldado. Recordava sua expressão no mole quando Denga Rei, Olhos Âmbar e seus amigos vulgares tinham acontecido fazendo ruído, lhe assobiando como um grupo de marinheiros a uma garota: uma expressão não só de raiva envergonhada, mas também quase de dor ante a idéia de ter que mesclar-se com esse tipo de gente. A política faz estranhas alianças e nunca comete um engano, pensou ele, e se perguntou de novo como essas mulheres tão distintas se chegaram a unir.

—E o que me diz de ti? —perguntou a Denga Rei enquanto a gladiadora, com os braços cheios de cicatrizes cruzados sobre o peito, vigiava as cargas conjuntas das mulheres—. Como é que uma moça boa como você terminou em um lugar como este?

Os olhos se burlaram dele.

—Eu? Ah, eu estou nisto só por meu amor.

Ele a olhou surpreso.

—Tem um homem nas minas? —Era o último que teria esperado dela.

As sobrancelhas negras, curvas, levantaram-se de um golpe; logo a mulher estalou em uma gargalhada alegre.

—Um homem? — engasgou-se, os olhos dançando de um lado a outro—. Crie que faria isto por um homem? Ah, soldado, me vais matar de risada. —E se afastou, rendo-se entre dentes.

Lobo do Sol meneou a cabeça e voltou a emprestar atenção ao trabalho de suas mulheres. A madeira dura dos postes de prática estava apenas atalho:

nenhuma delas parecia ter idéia de como sustentar ou usar uma espada. Ele olhou brevemente para o céu em um gesto de desespero, para pedir conselho a seus antepassados, não porque qualquer dos loucos frenéticos cuja semente o tinha engendrado, encontrou-se na situação de ter que ensinar a conhecer as amargas artes da guerra a um grupo de damas criadas com cuidado e tratadas sempre com suavidade. Logo, caminhou pacientemente pela linha, corrigindo formas de tomar a espada que, sem lugar a dúvidas, não haveria flanco de lutadores ou mesmo a espada ao primeiro golpe, se não se rompiam a pulso ao fazê-lo.

A maior parte de quão jovens iam a ele no Wrynde, sós ou em pequenas tropas, já não eram noviços. Tinham dirigido espadas, embora fora nas artes mais refinadas do duelo ou o treinamento para a tropa. Seus músculos estavam endurecidos pelos esportes dos meninos ou do trabalho. Um grande número destas mulheres, as mais ricas especialmente, não tinham feito esportes nem tinham trabalhado da infância. Seus corpos, vistos com um olho crítico que fazia avermelhar as bochechas das que notavam a direção do olhar, talvez eram magros, mas a carne era branda.

Lobo do Sol meneou a cabeça de novo. E esperavam atacar as minas! Oxalá ele pudesse estar bem longe, caminho do Wrynde, quando o tentassem.

Voltou para a linha, corrigindo golpes com paciência.

Muitas das mulheres se encolhiam quando as tocava; tinham-nas treinado para caminhar veladas e baixar os olhos em presença dos homens. A mulher alta que lhe tinha desafiado tinha o rosto vermelho e decomposta; Gilden Shorad, profissional e fria; Wilarne M'Tree, grave e confiada. Drypettis se estremeceu violentamente ao roce da mão que a corrigia e por um momento ele viu em seus olhos não só um ódio ciumento, mas também a sombra do terror. Virgem, pensou. Claro. E certamente seguirá assim, apesar de que é bonita.

Brandamente, estendeu a mão para pedir a espada e lhe mostrou a forma correta de fazê-lo. Os olhos grandes, castanhos, femininos, seguiram com cuidado os movimentos da mão do homem, sem desviar-se jamais nem a seu corpo nem a seu rosto. As bochechas estavam escarlates, como queimadas.

Apesar de que era uma coisinha dura, e decidida a fazê-lo bem fora como fosse, era outra dessas que teria que cuidar-se, pensou Lobo do Sol.

Só a tinham incluído na tropa pela insistência da Sheera.

O primeiro conjunto de mulheres tinha produzido um grupo de cem, das quais ele tinha eliminado ao menos a metade imediatamente. Tinha despedido de algumas só por razões físicas: gordura, ou essa palidez de dor interna que marcava os danos de nascimento. A algumas as tinha despedido por sinais óbvios de dependente de drogas e bebedeira. Tinha despedido de três, com o maior tato possível, porque seu instinto e uma observação muito breve lhe diziam que eram brigonas, gente que fomentava a discórdia para divertir-se ou inconscientemente, como se não pudessem evitá-lo. A versão feminina deste problema era menos física que a masculina, mas o resultado era o mesmo. Em um comando secreto, não se podia tolerar a gente que causasse problemas.

As mulheres que ficaram eram jovens, viúvas de artesãos trabalhadores, embora havia uma quantidade respeitável de esposas de mercados de diferentes graus de riqueza. Uma dúzia eram prostitutas, embora em privado. Lobo do Sol não esperava que a maioria delas terminasse o curso. Uma enorme experiência no ramo lhe tinha ensinado que a maioria das mulheres que se vendem para viver carece de disciplina e de força para controlar a própria vida e supunha que isso era verdade até para as que não tinha rechaçado de entrada por beber ou drogar-se. Uma das mulheres que tinha ficado no grupo final era uma monja, uma mulher amadurecida que tinha sido a panadera do convento durante vinte anos e que tinha uma mão forte como a de um ferreiro. Lobo do Sol pensou em Falcão de Estrelas e sorriu.

As que ficaram dividiram em quatro grupos, com instruções de ir à estufa em noites alternativas, umas horas depois de pôr-do-sol ou a meia-noite. Com sorte, esse acerto impediria que a casa e os terrenos da Sheera se convertessem em óbvios centros de atividade, porque havia três ou quatro rotas para chegar e se estavam desenhando outras. Yirth tinha jogado um sortilégio de morte para os que traíssem de dentro e as mulheres se juraram amizade umas a outras e lealdade a Sheera.

Estavam tão a salvo como se podia estar dadas as circunstâncias, de por si surpreendentes, mas Lobo do Sol olhou a linha desses corpos brancos, suarentos, indolentes, sem nenhuma esperança verdadeira de triunfo.

As mulheres se deslizaram em silêncio da casa de banhos ao final do terreno perto de duas horas depois, vestidas outra vez como as matronas e moças respeitáveis que tinham sido antes de iniciar o estudo das armas. Da porta escura da estufa, Lobo do Sol as viu partir, sombras breves contra o brilho opaco, avermelhado das janelas do pavilhão, procurando passagens, portas

postiças, pontes de pranchas sobre os canais e as ruelas laterais que as levariam a gôndolas amarradas em lacunas de pátios escondidos.

Uma garoa golpeava sobre os ramos nus e cinzas do jardim deserto. Detrás das paredes, o ruído da água dos canais formava o fundo de música e murmúrio de toda a vida nessa cidade aquática.

O relógio de água na habitação quase às escuras lhe disse que logo seria meia-noite. As mulheres do próximo grupo apareceriam em qualquer momento.

A umidade fria lhe mordida a pele nua dos ombros e as pernas e se deu volta para as abóbadas silenciosas de madeiras da estufa.

Sheera estava ali, envolta em um xale de lã cor chama cujas orlas lhe roçavam os pés nus. Ia vestida para o treinamento com calças curtas e protetores de couro, e seus olhos escuros estavam furiosos.

—Têm que lhes exigir tanto? —perguntou brevemente—. Algumas delas estão tão esgotadas que quase não podem mover-se.

—Querem lhes perguntar se preferem estar esgotadas agora ou morrer todas mais tarde?

O rosto da Sheera avermelhou.

—Ou estão tratando de que se vão, com a esperança de que eu abandone meus planos?

—Mulheres; aprendi faz tempo que não vale a pena esperar que deixem um plano que começastes a desenvolver e não importa quão tolo seja — lhe ladrou ele, enquanto ia até o único braseiro da habitação para esfregá-las mãos sobre o brilho dourado do fogo—. Se essas mulheres não podem fazê-lo, melhor será que saiam do exército. Não sabemos o tipo de resistência que vamos encontrar nas minas. E como me nomeastes instrutor, asseguro-lhe que vou preparar a essas mulheres para o que seja.

—Não há necessidade de... —começou ela com calor.

—claro que sim, se não poderem treinar mais que duas horas cada duas noites... —Ele se voltou para olhar a de frente; o reflexo do fogo o bordeaba como uma linha de fogo—. E considerando que não pudestes encontrar mais que catorzes espadas...

—Estamos fazendo o que podemos com respeito a isso! —replicou ela—. E com respeito a ter um lugar onde praticar de dia. Mas o primeiro que fez Derroug Dru quando chegou ao poder foi confiscar todas as armas da cidade...

—Disse-lhes isso do começo.

—lhes cale! E tem espiões em todas as cidades.

—Então, lhes encontre fora da cidade.

—Onde? —replicou ela com raiva.

Lhe replicou com suavidade sedosa:

—Esse é seu problema, senhora. Eu sou só seu humilde escravo, não é certo? Mas lhes advirto que se essas mulheres não se treinarem mais que agora, nunca serão soldados.

—Não te parece às vezes que Sheera está louca? —perguntou-lhe Lobo do Sol a Olhos Âmbar, muito depois, enquanto o brilho pálido da lua, que ficava, rompia as nuvens para filtrar-se através da janela da água-furtada e tocar o ouro em aro do cabelo da moça que jazia como um rio de seda sobre o braço e o peito de Lobo, quase branco contra o castanho de sua pele.

Ela pensou no assunto um momento e um olhar grave alcançou esses olhos geralmente sonhadores e dourados. Olhos de dormitório, chamava-os ele, gentis e um pouco vulneráveis, inclusive quando estava dirigindo a espada. Finalmente, Olhos Âmbar respondeu:

— Não, ao menos não mais louca que o resto de nós...

Ele trocou a posição de seus ombros contra o travesseiro.

— Isso não quer dizer muito.

Ela voltou a cabeça onde jazia no oco de seu braço e o estudou por um momento, com uma pequena ruga lhe cruzando a frente. A luz da lua brilhava na cadeia fina como um fio de ouro que rodeava seu pescoço com uma sombra que era um risco delicado de lápis onde cruzava os pequenos pontos do pescoço e se desvanecia entre as sombras suaves do cabelo.

A noite do primeiro encontro no estufa, quando Lobo do Sol subiu as escadas, ela estava ali, esperando, sentada na ponta da estreita cama, vestida só com essa juba dourada e entupida. Lobo do Sol, que nunca perdia oportunidades, tinha-a tomado, essa noite e as duas noites seguintes. De vez em quando se perguntava por que teria vindo a ele, já que obviamente lhe tinha

medo, mas se deixava de lado o bate-papo amoroso da profissão, quando lhe falava, ela se convertia em uma moça silenciosa, enigmática e evasiva.

Esta noite era a primeira vez que lhe tratava mais como a um companheiro de empresas que como a um cliente.

A estufa debaixo dos dois estava em silêncio agora e o jardim calado, a não ser pelo murmúrio incessante do canal do outro lado das paredes. Depois de uma inconclusa última briga com a Sheera, Lobo do Sol tinha ido à casa de banhos, imediatamente depois da partida das mulheres. A única luz da casa era a pulsação suave e vermelha das caldeiras de cobre. Nessa luz difusa, despiu-se, tinha deixado as roupas sobre o banco de mármore dourado, negro e barroco do hall, lavou-se e logo tinha nadado um momento nas águas sem luz da lacuna quente.

Isso lhe acalmou os músculos, mas não os sentimentos.

Olhos Âmbar ficou calada muito tempo, assim que lhe disse:

—Está louca se acreditar que vai resgatar a esse príncipe Tarrin são e salvo. Ah, já sei que se supõe que alguém o viu vivo, mas sempre dizem isso de um líder popular.

—Claro que não. —Ela se sentou um pouco, os olhos amarelos de gatinho muito ansiosos na pálida luz da lua—. Eu o vi. Em realidade, enviei-lhe uma mensagem faz apenas umas semanas, a última vez que estive nas minas fazendo mapas.

Lobo do Sol a olhou surpreso.

—O que?

—Sim — disse ela—. Todas lhe vimos, Cobra, Escarlate... —E nomeou a outras cortesãs da tropa—. Mais muitas das garotas que conhece, as profissionais, quero dizer. Do que outro modo poderíamos lhe fazer saber o que passa aqui?

—Quer dizer —disse Lobo do Sol lentamente— que estiveste em comunicação com os homens todo o tempo?

—É obvio. —Olhos Âmbar se sentou com uma rapidez compacta e ágil e sacudiu a juba pálida e esplêndida ao redor de seus ombros, que brilhavam como alabastro na escuridão. Pareceu esquecer a lânguida graça da cortesã e uniu os braços ao redor de seus joelhos—. Suponho que Sheera não quis te

contar nada ao respeito — adicionou com franqueza—, mas essa parte da organização ficou estabelecida muito antes que fôssemos te buscar.

A frase oculta lhe fez sorrir. Apesar de sua aparência de acanhamento, quando não estava escondida sob o que Lobo do Sol chamava seus modos profissionais, Olhos Âmbar podia ser sincera e desarmar a qualquer. Ele o tinha visto em seu modo de tratar a outras mulheres da tropa. Era como se mostrasse aos homens, a seus clientes, só o que eles pensavam que queriam ver.

—Foi Sheera a que o organizou? —quis saber.

Ela meneou a cabeça.

—Isso foi antes que Sheera e Dru entrassem no assunto. Em realidade passou quase por acaso. Bom, já sabe que a cidade sofreu muito, com os homens longe. Nós, as profissionais, não o sentem tão emocionalmente, exceto as que tinham amantes regulares na tropa do Tarrin. Mas lembrança que uma tarde fui à barbearia do Gilden (todas as que podemos pagá-lo vamos ao Gilden e Wilarne) e ela disse que seu marido tinha morrido, mas que Wilarne não sabia se Beddick, o seu, estava morto ou vivo. Gilden disse que havia muitas outras na mesma situação. Wilarne estava u pouco louca de pena e isso apesar de que Beddick não era alguém por quem se pudessem compor canções, e eu lhe disse que veria o que podia averiguar. Assim fui a cavalo às colinas perto de uma das entradas das minas no sul, uma que dá sobre Passo de Ferro, e deixei que meu cavalo me escapasse e fingi que me tinha machucado o pé, o usual. —Sorriu enquanto o recordava, divertida—. O superintendente dessa parte da mina foi muito galante.

»depois disso foi fácil. A vez seguinte, levei as minhas amigas. Os superintendentes de várias seções das minas e os sargentos dos guardas não vão à cidade freqüentemente. Está proibido levar mulheres aos barracos, mas quem vai informar? Gilden e eu conseguimos estabelecer um serviço regular de informações e conseguimos notícias sobre quem tinha morrido e quem estava vivo, Beddick o Doce por um lado e finalmente, Tarrin.

O rosto de Olhos Âmbar se nublou na luz velada da lua.

—Assim foi como Sheera entrou nisto ao princípio. Ouviu que havia uma forma de conseguir notícias. Fez-me chegar uma mensagem através do Gilden. Por então, já tínhamos garotas que foram lá quase todos os dias e começamos a passar mensagens em código. Tarrin, por sua parte, estava começando a organizar aos mineiros, passando mensagens de grupo em grupo quando lhes

levavam de um lado a outro para o trabalho nas minas. Os homens vão de um lado a outro na escuridão, assim não têm muita idéia de onde estão nos túneis; se um homem se separar de seu grupo pode vagar pelos túneis mais profundos e morrer. Os túneis também têm portas e estão separados um de outro. Mas para quando chegamos, eles já tinham começado a fazer mapas. De nosso lado, também começamos a riscar mapas das entradas principais, as habitações dos guardas e o lugar onde se encontram os barracos principais que vigiam os túneis que vão das minas até a cidadela de Escarpado Sinistro.

Lobo do Sol franziu o cenho.

—Há formas de sair da cidadela pelas minas?

—Isso é o que dizem os mineiros. Que a cidadela seja tão inacessível do exterior a faz muito fácil de defender, claro, mas devido a sua situação, sobre a ponta do penhasco, a rota desde o Racken Scrag (a cidade administrativa do Mago Rei ao outro lado de passagem de Ferro) tem que passar com um túnel através de um cotovelo da montanha para chegar às mesmas portas. Como era tão caro subir comida, conectaram esse túnel diretamente com as minas; agora levam a comida desde o Racken através da mesma montanha. Dizem que os caminhos das minas à cidadela estão guardados por magia e ilusão.

—Mas se vocês, as mulheres, atacam as minas — disse Lobo amargamente—, Altiokis pode enviar suas tropas diretamente da cidadela. Não é certo?

—Bom... —disse Olhos Âmbar, com tristeza—. Se atacarmos com suficiente rapidez...

—Maravilhoso. —Ele suspirou e se deixou cair de novo sobre os almofadões—. Se perderam centenas de batalhas porque um tolo general apoiava em seus planos «se isto ou aquilo».

—Mas temos ao Yirth — disse a moça, à defensiva—. Ela pode nos proteger do pior da magia do Altiokis e descobrir as ilusões.

—Yirth. —Ele respirou com força pelo nariz e seus dedos tocaram involuntariamente os elos de metal de sua cadeia—. Assim é como entrou em tudo isto, não é certo?

—Bom, sim. — Olhos Âmbar olhou as mãos, enquanto dobrava, inquieta, uma esquina do lençol com os dedos. Fora, um ramo sacudia pelo vento raspava como os dedos de um fantasma sobre o teto. O abajur de uma gôndola se

refletiu ao passar sobre uma raia aquática de ouro escuro contra o vidro ondeado da janela.

—Foi Sheera a que trouxe para a Yirth — disse ela por fim—. Todas conheciam a Yirth, claro. Não acredito que haja uma só mulher em toda a cidade que não tenha ido a ela em busca de anticoncepcionais, abortos, filtros de amor ou simplesmente porque é a única médica mulher da cidade. Sheera era uma das poucas que terão também a maga. Nunca teve nada que ver com a organização quando só passávamos informação de um lado a outro. Mas quando Sheera entrou nisto, trocou. Antes, não havia esperança em nada do que fazíamos. Para que comunicar-se com os homens nas minas, inclusive se havia amor de por meio, se de todos os modos não havia forma de esperar que alguma vez saíssem dali? Se algo andava mal por aqui, se a uma confiscavam as propriedades ou prendiam a seus amigos, não podíamos dizer-se a eles porque em realidade isso só se somou a sua terrível situação. Mas Sheera foi quão única disse que onde se podia passar informação, também se podiam fazer planos. Ela nos deu esperança.

»E depois Dru pensou a forma em que podíamos tirar dinheiro do tesouro e começaram a reunir recursos para contratar uma tropa mercenária. Y... —Ela abriu as mãos, os dedos finos se fizeram translúcidos na luz marfim da lua—. Nossa organização se voltou parte da dela. E a do Tarrin. Tarrin e os homens nos conseguem informação sobre as minas e a mandam através das basus...

—As o que? —A palavra lhe era familiar pelo jargão dos mercenários: para ele significava o tipo de mulher mais troca, que se vende aos lixeiros e os curtidores pelo preço de uma taça de vinho barato.

—As basus. —Ela abriu os olhos suaves, cor mel, para olhá-lo—. Já sabe as mulheres feias ou as gordas ou as velhas e brandas. Os guardas acreditam que é cômico as jogar a um bando de mineiros. Alguns dos escravos estiveram ali abaixo tanto tempo que também se converteram em bestas. —Os lábios delicados se apertaram duros de repente, e uma irritação que ele nunca tinha visto antes brilhou nesses olhos de gato—. Levam a uma dessas mulheres abaixo, jogam-na no barraco dos escravos e dizem: «Adiante, é sua, moços», e logo se vão.

Ficou calada por um momento, distante enquanto dobrava a ponta de um lençol uma e outra vez entre seus dedos. Por fora, seu rosto refletia calma mas a raiva contra os homens que tinham o poder de fazer isso, e talvez contra todos os homens, era como um calor que ele podia sentir através da pele aveludada

onde seu ombro se apoiava nela. E quem era ele para lhe discutir?, Perguntou-se com amargura. A lembrança de coisas que ele mesmo, de homens que ele tinha conhecido, considerava graciosas quando estavam meio bêbados e saqueando uma cidade o silenciou frente à irritação de Olhos Âmbar.

Logo, ela se encolheu de ombros e deixou a irritação de lado.

—Mas são as basus as que se comunicam de um grupo de escravos a outro. Em geral, as ordens do Tarrin impedem que delas abusem. Os superintendentes seguem mesclando aos recém vindos, os homens do Mandrigyn, com mineiros mais velhos (há milhares de mineiros lá abaixo) para impedir que os homens conspiram entre eles. Mas isso só consegue difundir o complô. E o resto de nós, mulheres com as que as esposas desses homens tinham proibido falar antes da guerra, conseguimos mapas das minas e impressões de cera das chaves das portas. Sabe que a irmã do Gilden , a Eo, é herrera? Ela copia as chaves e também trazemos detalhes dos lugares onde estão os depósitos de armas.

Lobo do Sol deixou descansar suas costas contra a parede e a olhou quase curioso, nas sombras. Fora, a lua desaparecia e o perfume da chuva entrou pela janela como um aroma frio. Iluminada pela luz leve, o rosto da moça parecia jovem, quase a de uma menina; ele a recordava à luz das velas na habitação com aroma de rosas do Kedwyr, tendo com essa risada suave, rouca, profissional, enquanto o levava a armadilha da conspiração. Deu-se conta de que lhe estava fazendo um completo ao lhe mostrar outro rosto, franco, aberta, sem artifícios, o rosto que mostrava a suas amigas, a outras mulheres. Sem dúvida, o rosto que mostrava a seu amado. Tirou o chapéu perguntando-se se teria um amor, não um «regular» a não ser um amante a sério; e se, como o marido sem nome do Gilden, como Beddick M'Tree, como tantos outros, ele teria seguido ao Tarrin da Casa Dela nessa última campanha a Passo de Ferro.

O peso quente do corpo dela se apoiava contra seu ombro, um gesto de intimidade que era menos sexual que amistoso, como um gato que decidisse acomodar-se em seus joelhos.

—falamos muito — disse ela agora com a voz profissional, suave e zombadora.

—Uma pergunta mais — insistiu ele—. Por que está aqui?

Ela sorriu.

Lhe deteve a mão que se estendia para ele.

—Tem medo de mim, verdade?

Sentiu que o corpo dela se movia no círculo de seu braço; quando lhe respondeu, a voz era a de uma moça de dezenove anos, ferida pelo que era, mas franco, sem mentiras.

—Antes — disse. A luz da lua logo que roçava suas pestanas em prata quando levantou o olhar para ele—. Mas não acredito que fora justo que não soubesse como funcionam as coisas na organização. Dru e Sheera dizem que quanto menos saiba, menos poderá lhe contar a ninguém. Mas quanto a sua pergunta... —seus lábios roçaram os de Lobo na escuridão—. Eu também tenho meus segredos.

Ele a aproximou de seu corpo. Quando se moveu, os elos da cadeia ao redor de seu pescoço tilintaram levemente no silêncio da água-furtada escura.

Capítulo 7



Os problemas das armas e de um segundo lugar para praticar de dia, longe dos espiões do Derroug Dru, resolveram, não por obra da ingenuidade da Sheera, mas sim pela do destino, guiado presumivelmente pelos antepassados de Lobo do Sol, mortos e muito, mas muito divertidos com a situação.

As terras dos barões, ao leste do Mandrigyn, tinham estado sob domínio do Altiokis durante muito tempo. Em realidade, os antiquados e orgulhosos barões dos clãs que as possuíam tinham sido os primeiros em jurar uma aliança com o Mago Rei. Mas o reino do Altiokis se estendeu às cidades mais ricas da costa e tinha extraído ouro e prata das veias das montanhas, trabalhadas por escravos. As terras dos barões ficaram como sempre tinha acontecido como um lugar inútil e muito pouco povoado. Os caminhos que se curvavam nessas colinas cinza da selva de botequins e antros criminais da Costa Leste não levavam a nenhuma parte. Depois de que os homens guardavam durante o inverno as ovelhas que pastavam a espaçada erva e os urzes, as terras dos barões ficavam totalmente vazias.

Assim foi fácil para as mulheres atravessar o rio Rack na escuridão anterior à aurora de uma manhã de chuva e estar longe da cidade para quando saiu o sol, para correr no espaço agreste de retamas e turberas, a sós.

Um vento gelado empurrou outra rajada de chuva sobre as costas nua de Lobo do Sol. No chão baixo entre as colinas cinza, empapadas, a água jazia como prata batida, justo por cima do ponto de congelamento; sobre o chão alto, as rochas faziam mais fácil a marcha porque os ramos molhados, nuas, fortes do inverno podiam raiar até a pele melhor coberta de uma armadura de barro.

Diante de Lobo, o principal grupo de mulheres à carreira impulsionava as pernas através da luz sem cor da tarde pálida. Evidentemente, estavam fraquejando.

As que não se trançaram o cabelo o levavam em molhos empapados, espessos, sobre as costas. Justo diante dele, uma mulher magra levantou a cabeça para recolher um cacho molhado e loiro que lhe chegava quase até o final

de suas costas bem formada, seu passo se atrasou quando o fez. Lobo do Sol a adiantou sob os golpes da chuva e gritou:

—vais arrumar esse cabelo de merda na batalha, querida?

Ela voltou para ele um rosto surpreso, semelhante a uma flor, agora destruída pelo cansaço, e outras, tão culpados como ela, também olharam. Ele levantou a voz até convertê-la em um rugido cortante, como o que usava para que lhe ouvissem sobre o fragor da batalha.

—À próxima pessoa que se toque o cabelo eu corto!

Todas se encurvaram e correram mais depressa: os braços se balançavam, os joelhos faziam força, os peitos talheres de couro saltavam, as calças se pegavam ao corpo sob a chuva. No curso da primeira semana, todas chegaram à conclusão de que não havia muitas coisas das que Lobo não fora capaz.

Mas como, pensou ele com amargura enquanto aumentava a velocidade e passava com facilidade à frente do grupo, era como devia ser.

Muito poucas das mulheres corriam bem. Tisa sim, por exemplo, a filha de quinze anos do Gilden Shorad, com suas pernas largas. E também, como era que se chamava uma fêmea caseira, larga, esposa de um pescador, Erntwyff Pescador. E Denga Rei. O resto se criou em meio da suavidade e até a mais dura carecia de fôlego e de força para brigar durante muito tempo.

Algumas delas e Lobo do Sol se divertiu ao notá-lo, ainda sofriam agonias de vergonha ao ver-se quase nuas em presença de um homem.

Passou a Sheera, que trabalhava exausta, no terço final do grupo. Seu cabelo negro estava pego a suas bochechas nos lugares em que se escapou das tranças; estava coberta de barro, úmida, ofegante e, entretanto, ainda tinha o suficiente para lhe gelar a um homem o sangue nas veias. Lobo do Sol desejou com maldade que estivesse desfrutando do treinamento.

Em geral, estava surpreso da quantidade de mulheres que tinham sobrevivido à primeira semana.

Um treinamento duro de uma semana tinha reduzido o número a cinquenta, e o solo feito de que tivesse ficado uma falava muito bem da determinação de todas. Jovens virgens, matronas e as que não eram nenhuma coisa nem a outra, tinham estado submetidas ao treinamento físico mais terrível e vigoroso que Lobo do Sol pudesse inventar: jogar-se no chão para treinar os reflexos e identificar às covardes; exercícios de pesos e de arrojados objetos para

dar força aos braços; briga corpo a corpo, luta com espadas sem ponta; correr nas colinas. Todos eles preliminares para as artes mais rebuscadas e difíceis do boxe e a morte por surpresa.

Mulheres que Lobo teria jurado que seriam campeões, deixaram o treinamento; pequenas como Wilarne M'Tree e torpes como Drypettis Dru ainda seguiam com eles. Podia ver essas duas de onde estava trabalhando uns metros detrás das demais.

Lobo do Sol estava chegando rapidamente à conclusão de que não entendia às mulheres e de que nunca o faria.

Falcão das Estrelas...

Sempre tinha pensado nela como diferente ao resto das mulheres, inclusive de outras mulheres guerreiras de sua própria tropa. Só agora, que se achava rodeado de mulheres, havia elementos da personalidade dela que de repente encontravam seu lugar e a via de uma vez mais e também menos enigmática ao mesmo tempo, uma mulher que tinha rechaçado a sujeição para a que estas mulheres tinham sido criadas, que a tinha rechaçado muito antes que seu atalho se cruzasse com o de Lobo do Sol.

A lembrança de seu primeiro encontro cruzou brevemente por sua cabeça. A frieza do sol da primavera no jardim do convento da Santa Cherybi e a força do perfume da terra recém trabalhada. Viu-a de novo como a menina alta que tinha sido ascética, distante e fria como o mármore nas roupas escuras de uma monja. Lobo tinha esquecido o porquê de sua visita ao convento, provavelmente tinha ido conseguir provisões da Mãe, mas recordava o momento em que se encontraram os olhos dos dois e ele soube que essa mulher era guerreira em seu coração.

Nunca tinha acreditado que sentiria tantas saudades. Olhos Âmbar era doce e muito boa para a cama, exatamente o tipo de garota que gostava ou que lhe tinha gostado, pelo menos, mas era a Falcão das Estrelas a que procurava com suas mãos, como um homem em perigo busca sua espada. Nunca tinha aceitado de tudo não tê-la aqui, a seu lado.

As primeiras corredoras estavam chegando à última colina sobre o grupo de bosques em que se reuniram à manhã. Tinham deslocado uns quatro quilômetros, nada mal para uma primeira vez, e para mulheres que não estavam treinadas para isto, pensou Lobo enquanto diminuía o passo e se deixava ir ao final do grupo novamente. Gritou um insulto ao Gilden que estava

fraquejando, o rosto dessa cor fúcsia brilhante que tomam as mulheres muito loiras com o cansaço; ela tropeçou enquanto fazia um intento fútil, mas lhe gratifiquem por correr mais rápido. Insultava-as como tivesse insultado a seus homens, as chamando covardes, bebes, putas. Quando ficou junto à cambaleante irmã Quincis, gritou:

— Vi aos heréticos da Trindade correr melhor que isto!

Separaram-se ao chegar à crista da colina em uma onda cada vez mais estendida. Debaixo deles, a terra jazia nua e castanha cinzenta sob a chuva entupida; a larga serpente de água chapeada no fundo do vale refletia o céu sem cor. Lobo do Sol andou ainda mais lentamente para rodear às últimas corredoras. Denga Rei, os músculos duros e castanhos brilhantes sob a água, já tinha chegado à lacuna que estava debaixo.

Ele lhes gritou:

— Corram, cadelas folgazonas!

E recolheu um olhar do Drypettis que teria podido armazenar-se em garrafas e vender-se como produto para tirar o verniz dos móveis. Quase se deteve quando Wilarne M'Tree passou tropeçando a seu lado. Ele a açulou com uma palmada no pequeno traseiro redondo.

Para quando alcançou ao grupo ao redor da água, duas ou três delas se recuperaram o suficiente para começar a vomitar.

— Faz isso nas árvores, sob as folhas, onde não possa vê-lo um inimigo! — gritou ao Eo, que tinha o rosto verde e vomitava—. Quer que os espiões do Altiokis sigam o aroma até nosso esconderijo? E o digo a sério! — adicionou enquanto ela começava a dobrar-se de novo.

Tomou pela parte posterior do pescoço e a empurrou para as árvores. Outras já tinham começado a caminhar nessa direção.

A Sheera, para quem era muito tarde, ordenou-lhe:

— isso poda!

Sem dizer uma palavra, porque o impedia o cansaço, ela recolheu folhas para lhe obedecer.

— E os restos de vocês comecem a caminhar — ordenou cortante—. Vão se congelar se ficam quietas e não vou ter lhes tremendo e lhes deprimindo na prática esta noite.

—Muito bonito! —Uma voz, profunda e rouca como a de um corvo, riu da escuridão protegida dos bosques próximos—. Me haviam dito que no Mandrigyn tinham enviado a algo parecida com um homem com sangue nas veias às minas. Alegra-me ver que os informe eram exagerados.

Lobo do Sol se voltou com rapidez. Pálida, Sheera ficou de pé. Um cavalo alto e baio saiu dos ramos enredados das sarças. A mulher que o montava ia sentada de flanco, o corpo reto como uma lança. Nas sombras de um capuz verde de tecido impermeável, brilhavam zombadores, uns olhos cor cinza avelã. A capa a cobria quase por completo, exceto a orla de seu vestido e as luvas, estes com uma riqueza Bárbara tão exuberante que deixava poucas dúvidas sobre sua fila social. A brida do baio tinha pedacinhos de cobre, trabalhados como flores.

—Malmequeres — disse Sheera em voz baixa—. O emblema dos barões do Wrinshardin.

A anciã girou a cabeça com um sorriso irônico, lenta.

—Sim — ronronou—. Sim, sou lady Wrinshardin. A mãe, do barão, não sua esposa. E você, se não me equivocar, é a legendária Sheera Galernas, em cuja honra meu filho escreveu uma vez versos pueris.

O queixo da Sheera se levantou. Os cachos espessos de seu cabelo escuro pegavam às bochechas com a chuva, e a água brilhava sobre seus braços e ombros nus, vermelhos pelo frio e em carne de galinha.

—Se seu filho for o barão atual do Wrinshardin que me cortejou quando eu tinha quinze anos — replicou com frieza—, alegro-me ver que seu gosto em poesia se parece tanto ao meu.

Houve um momento de silêncio. Logo, o sorriso zombador se ampliou e lady Wrinshardin acrescentou:

—Bom. Nesse momento me pareceu que, como a maioria das desavergonhadas da cidade, tinha rechaçado a oportunidade de te casar com sangue decente por considerações de dinheiro e por medo ao aborrecimento da vida no campo. Alegro-me ver que atuou por sentido comum.

Os olhos agudos, esvaídos, examinaram como ao passar a cena presente frente a eles, olhando à mulher esgotada, quase deprimida e ao homem grande com a cadeia ao pescoço que não tinha os olhos de um escravo.

—Não acredito que tenha visto um homem perseguir a tantas mulheres desde que meu marido morreu — fez notar em sua voz rouca, lenta—. E nem

ele se atrevia com cinqüenta ao mesmo tempo. Correr nuas nas colinas no inverno é uma nova moda na cidade ou é que há um propósito detrás disso?

—Nada que vão ouvir os estranhos.

Lady Wrinshardin girou a cabeça lentamente ante o som da voz da Denga Rei, como se acabasse de notar a figura grande da gladiadora.

—Detecto uma ameaça nessa frase críptica? —perguntou, sem interesse.

O cavalo agitou a cabeça com um relincho de medo. Dos arbustos molhados dos bosques, um círculo de mulheres se materializou detrás e ao redor de lady Wrinshardin, algumas um pouco pálidas, mas todas com a expressão dura e amarga de um grupo de bandidos.

No rosto enrugado, uma sobrancelha se levantou lentamente.

—Ah, ah — murmurou a dama para si mesmo. Logo, com um rápido som das bridas, deu volta ao cavalo e atravessou a linha para o campo aberto.

—Detenham! —ladrou Sheera.

Umas mãos tomaram a rédea. O cavalo se elevou e lutou contra as mulheres que lhe aproximavam muito. Denga Rei tomou o bocado e lhe fez baixar a cabeça enquanto o animal se retorcia furioso, para liberar-se.

—Basta! —disse lady Wrinshardin com severidade, sentada sobre essa arreio de pirueta com o aprumo de uma avó que se sinta em sua poltrona rede—. Já provaram sua coragem; não há necessidade de ser redundante até o ponto de lhe machucar a boca.

A escura mulher aliviou a pressão sobre o bocado, mas não o soltou. A um flanco, Tisa se pendurava com expressão amarga da brida, o cabelo nos olhos, com um aspecto absurdamente jovem. A orgulhosa mulher olhou a seu redor, às mulheres que a rodeavam e o sorriso zombador, divertida, voltou a estender-se em seu rosto enrugada.

Abruptamente, tendeu a mão a Tisa.

—Pode me ajudar a baixar, menina.

Surpreendida, a moça estendeu as mãos unidas para fazer um degrau. Com um só movimento, lady Wrinshardin baixou ao chão e cruzou o pasto molhado até onde estava Sheera. Movia-se orgulhosa e egoísta como uma rainha.

—Suas tropas estão bem treinadas — disse.

Sheera meneou a cabeça.

—Só bem disciplinadas. —Era a única entre todas as mulheres que não parecia assustada por essa matriarca elegante. Até o Drypettis, cuja família, como se apressava a lhe recordar a tudo o que estivesse interessado, estava entre as mais importantes da cidade, sentia-se acovardada. Depois de um momento, Sheera adicionou—: Com o tempo, estarão bem treinadas.

Os olhos da anciã se desviaram para Lobo do Sol, pensativos, e logo depois de novo para a Sheera.

—Foi inteligente em não te casar com meu filho — disse, tirando o capuz de tecido para revelar uma trança recolhimento de cabelo branco apertada contra sua cabeça—. Não tem mais coragem que um cão mestiço que deixa que o tirem a chuva e lhe dêem só as vísceras das peças que caça. É como seu pai, que também tinha medo do Altiokis. Conhece o Altiokis?

Sheera se assustou ante a pergunta, como se conhecer mago Rei fora igual a conhecer os antepassados mais remotos, pensou Lobo do Sol, ou conhecer a Mãe do Deus Triplo em pessoa.

O lábio fino da dama se curvou.

—É vulgar — pronunciou—. A idéia de que uma criatura assim possa viver tantos anos... —Sob as pálpebras marcadas, os olhos tremeram, estudando a Sheera, e os lábios quadrados se afirmaram em suas rugas de sempre com um sentido de determinação.

Lobo do Sol recordou incômodo, uma velha tia dele que tinha tido à família e a maior parte da tribo a seus pés, aterrorizados, durante anos.

—Vêem comigo ao alto da colina, menina — disse ao fim. As duas mulheres se moveram pelo pasto molhado, arrasado pelo inverno; logo, lady Wrinshardin se deteve e olhou para trás, a Lobo, como se o tivesse pensado de novo—. Vêem você também.

Ele duvidou, logo a obedeceu como todos deviam obedecê-la e a seguiu pela ladeira levantada onde as pedras de granito apareciam suas pontas no chão plano, como se o corpo da terra estivesse impaciente com esse vestido magro e improdutivo. As colinas verde castanhas os rodeavam sob os farrapos pardos e cambiantes do céu esbranquiçado.

—Meu bisavô jurou fidelidade ao barão de Escarpado Sinistro faz cento e cinquenta anos — disse lady Wrinshardin depois de subir em silencio por uns

momentos, com o penhasco sobre suas cabeças, vasto como a extensão do oceano—. Poucos o recordam ou ao império que quis construir, ele e logo seu filho. Nesses dias, muitos governantes tinham magos nas cortes. Os grandes reis, os senhores do Reino do Meio no sudoeste, podiam pagar aos melhores. Mas os que serviam aos barões eram ou os mais jovens, os inexperientes, que estavam criando sua reputação, ou os que não tinham a habilidade para ser ou fazer mais. Todos eram iguais, em realidade. Meu tatara avô tinha um, os barões do Schlaeg tinham um..., e os de Escarpado Sinistro, os mais capitalistas entre os barões das montanhas Tchard, também tinham um.

»Seu nome era Altiokis. Isso foi o que soube de boca de meu avô, que era um moço quando o barão de Escarpado Sinistro começou a cercar uma aliança com todos os barões dos velhos clãs, os clãs guerreiros daqui, das montanhas Tchard e da Costa da Enseada, nos lugares em que não tinham sido expulsos por um grupo de mercadores aproveitadores e tecedores que viviam detrás das paredes da cidade e nunca tiravam o nariz da porta para ver de onde soprava o vento. Isto foi nos dias anteriores ao tempo em que os nuuwas começaram a multiplicar-se e a vagar pelas montanhas e as colinas como lobos, os dias anteriores ao tempo em que essas coisas entre homens e cães, essas abominações que chamam ugis tivessem aparecido por aqui. O velho barão de Escarpado queria cercar uma coalizão entre os barões e as cidades comerciais e estava tendo êxito, dizem. Mas algo lhe aconteceu. O avô não recordava bem se tinha sido súbito ou gradual; diz que a garra do velho barão começou a escorregar. Uma semana, duas semanas e logo estava morto. Seu filho, um moço de dezoito anos, regeu a nova coalizão, com o Altiokis a seu lado. Nenhum de nós soube exatamente o momento em que o moço desapareceu da vista.

A colina levantada tinha feito mais lento os passos dos três, e a velha mulher e a jovem se inclinavam sobre a ladeira. Lobo olhou para trás e viu as outras mulheres movendo-se abaixo, a pele brilhante contra as cores fumaça do chão. Tisa e sua tia, a irmã do Gilden, Eo, grande, bovina, mantinham quieto ao cavalo lhe acariciando o focinho suave; Drypettis, como sempre, estava sentada longe das demais, falando consigo mesma; seus olhos ciumentos seguiam a Sheera.

O vento fresco rangia na capa de lady Wrinshardin como em uma vela estendida. A velha voz cascata continuou:

—A primeira conquista do Altiokis foi Kilpithie, uma cidade bastante grande do outro lado das montanhas; fazem bom tecido de lã ali. Utilizou a seus

habitantes como escravos para construir a cidadela sobre Escarpado Sinistro, onde levantou essa choça de pedra em uma só noite. Dizem que antes se escondia ali para meditar. De lá levantou seus exércitos e fundou o império.

—Com os exércitos dos clãs? —perguntou Sheera com voz calma.

Ddetiveram-se a descansar, mas a ascensão a tinha esquentado de novo e estava de pé sem tremer; vento que penteava as cristas das colinas lhe enredava o cabelo negro sobre o rosto.

—Ao princípio sim — disse a dama, amargamente—. Uma vez que começou a tirar ouro do Escarpado e das montanhas que o rodeiam, pôde tomar mercenários. Sempre dizem que há outra maldade que parte com suas tropas, mas talvez seja o tipo de homens que aos pagamento. Suja tudo o que touca. Há animais selvagens que se multiplicam em seus reino. Conhecem os ugis? Coisas como bonitos, as montanhas Tchard estão cheias deles, embora nunca os tenha visto antes. Os nuuwas...

—Altiokis não inventou aos nuuwas — interrompeu Lobo do Sol. Meneou sua cabeça molhada, para liberar a da cadeia que lhe rodeava o pescoço; sentia os olhos agudos da anciã, lhe olhando, julgando a relação entre a cadeia e Sheera e contrastando-a com a segurança e o poder de sua voz. Continuou—: Sempre há informe da aparição dos nuuwas em um lugar ou outro, e isso há séculos, até que os informes se perdem no tempo. Mencionam-se em algumas das canções mais antigas de minha tribo, dez, doze, quinze gerações atrás. De vez em quando, aparecem de qualquer jeito, atropelando tudo na selva, matando e comendo tudo o que vêem.

O fino nariz tremeu um momento, como se lady Wrinshardin não queria aceitar que existia alguma maldade que não se originasse no Altiokis.

—Dizem que há nuuwas em seu exército.

—Já ouvi isso — disse Lobo—. Mas qualquer que saiba algo sobre nuuwas, sabe que isso é impossível. Em primeiro lugar, não há tantos. Simplesmente aparecem e suas aparições são escassas e muito espaçadas.

—Não tão escassas nestes dias — rebateu ela, teimada. Colocou-se o capuz impermeável um pouco mais sobre os ombros estreitos e seguiu subindo a colina.

—E de todos os modos — discutiu Lobo enquanto ele e Sheera a alcançavam e ficavam junto a ela de novo—, são muito estúpidos para partir. Merda, se não serem mais que bocas que caminham...

—Mas não pode negar-se que Altiokis pulveriza o mal em tudo o que touca — continuou a dama—. Os barões lhe serviram uma vez por respeito aos votos feitos ao barão de Escarpado Sinistro. Agora o fazem por medo a ele e a seus exércitos.

Detiveram-se no topo da colina, enquanto os ventos passavam, furiosos, a seu redor, como o mar entre rochas estreitas. Debaixo, do outro lado, as terras dos barões se perdiam na distância, silenciosas e encantadas em sua cor parda de inverno, com uma beleza estranha e árida. A sarça morta e o pasto das colinas de granito cinza piçarra brilhavam, chapeados, com a umidade. Árvores retorcidas se aferravam à linha do céu como bruxas encurvadas e tremiam agitando punhos ao céu.

Ao longe, em uma depressão parecida com uma taça entre três colinas, uma só torre média ruínosa assinalava como um osso partido para o vazio ventoso de acima.

—O que fazem é tolo, sabem? —disse a dama.

O nariz da Sheera tremeu, mas não disse nada. Todo um tributo à força de caráter da velha, pensou o Lobo, se pode manter calada a Sheera.

—Suponho que há algum tipo de plano na cidade para liberar o Tarrin e aos homens e recuperar Mandrigyn. Como se Altiokis não pudesse vencê-los de novo, depois de havê-lo feito uma vez.

—Venceu-os porque estavam divididos em facções — disse Sheera, com calma—. Sei. Meu marido era o primeiro homem na partida do Derroug Dru e teve mais que ver com a vitória do Altiokis que muitos de outros. Muitos dos homens que apoiaram a causa do Altiokis, os mais pobres, cujo favor não precisava comprar, terminaram nas minas também. E minhas moças, as prostitutas que vão às minas, dizem-me que há outro exército de mineiros, de todos os rincões do reino do Altiokis, que brigariam pelo homem que os libere.

—Seu amado Tarrin.

A cor brilhou no rosto da Sheera, os lábios vermelhos se abriram para replicar.

—Ah, sim, menina, já ouvimos a respeito de seu Príncipe Dourado, apesar de que sua família era de recém vindos que fizeram seu dinheiro com o monopólio do sal e a idéia de secar os pântanos para construir a Leste Costa. Melhor sangue que a de seu precioso marido, de todos os modos. —Respirou forte.

—Meu marido... —começou Sheera, com raiva.

Lady Wrinshardin a interrompeu.

—Realmente crie que este grupo de garotas de membros brancos pode aprender a vencer aos mercenários do Altiokis?

Os lábios da Sheera se esticaram, mas não disse nada.

—Direi-te isto, então. Se triunfares ou não volte para a cidade. Os túneis das minas estão conectados com a cidadela. Corta a cabeça da serpente, não volte a te esconder detrás dos muros a esperar que ela te ataque.

Com os olhos abertos de surpresa, Sheera murmurou:

—Isso é impossível. Esse caminho está guardado com magia. Altiokis não pode morrer...

—Nasceu como qualquer outro — replicou lady Wrinshardin—. Nasceu como um homem e lhe pode matar como a um homem. Ataca a cidadela e terá aos barões de seu lado, a mim, ao Drathweard do Schlaeg e a todos os peixes pequenos também. Espera que ele volte a pôr local à cidade e te cairá em cima com tudo o que tem. —Levantou o queixo para os vales e colinas e a torre distante—. Aquela é a velha torre Cairn. Os barões do Cairn se enredaram com o décimo quinto barão do Wrinshardin, que Deus dê descanso a isso que eles chamavam suas almas. O lugar permaneceu abandonado após. Está a uma boa carreira daqui — adicionou com um brilho malicioso nos olhos.

Logo se deu volta e baixou de novo a colina, reta e arrogante como uma rainha dessas terras selvagens. Sheera e Lobo do Sol marcaram o lugar da torre com os olhos e a seguiram.

Enquanto montava o cavalo junto à lacuna, a anciã disse, como se o tivesse pensado nesse momento:

—Dizem que há armas guardadas ali. Não acredito que ache alguma nos velhos esconderijos, mas podem lhes levar o que encontrem.

Acomodou-se nos arreios e recolheu as rédeas com uma economia de movimentos que falava de uma vida montando a cavalo.

—Sai desse pântano a me visitar — adicionou —, se quiser. Precisamos nos conhecer melhor.

E dizendo isto, deu volta em seu cavalo, ignorou às outras mulheres como se não existissem e partiu pelas colinas.

Depois disso, encontraram-se de amanhã e de noite, rodando os grupos; sob a luz do dia, nas ruínas da velha torre Cairn; sob a luz das lâmpadas, na estufa de madeira. Lobo do Sol anunciou que correr ida e volta até a choça de lavradores onde estavam acostumados a deixar as capas lhes proveria o condicionamento necessário da respiração e os músculos e após não voltou às tirar uma carreira pelo campo mais que de vez em quando. Em uma semana, sabia quem corriam da torre à choça e os quais caminhavam.

As que caminhavam que não eram muitas, foram expulsas.

E todo o tempo podia sentir como se uniam em uma força sob sua mão. Estava começando a conhecer e a entender as mudanças que via nelas, não só em seus corpos, mas também em suas mentes. Com seus véus e suas carabinas, tinham descartado a noção instintiva de que eram incapazes de levar armas, inclusive em defesa própria, timidamente ao princípio, com mais valor depois. Desde sua conversação com Olhos Âmbar, Lobo do Sol se perguntou muitas vezes o que acontecia nas mentes das caladas, as suplicantes, as que tinham sido educadas para lhe dizer aos homens só o que eles queriam ouvir. Essas mulheres lhe olhavam à cara quando ele falava, até as mais tímidas. Ele se perguntou se seria o efeito do treinamento com armas ou se era porque, quando não estavam aprendendo as artes da luta, levavam as finanças da cidade.

Teve que admitir ante si mesmo que, depois de um começo desencorajador, estavam-se convertendo em um grupo respeitável de guerreiras.

As armas que encontraram escondidas na torre Cairn eram velhas e mais primitivas e pesadas que as que faziam os artesãos peritos do Mandrigyn. A irmã do Gilden, Eo, e a jovem Tisa, puseram uma forja na torre para lhes tirar todo o peso possível, mas sem perder o que era necessário para deter um golpe ou matar com elas. Um dia, enquanto olhava a prática na torre, Denga Rei sugeriu que as baixas do grupo usassem alabardas.

—Uma alabarda de um metro cinqüenta pode usar-se em batalha como uma espada — disse, olhando como Wilarne trabalhava para empunhar sua espada contra uma cortesã negra de pernas largas chamada Cobra. O vestíbulo sem teto da velha fortaleza era uma areia oval de uns doze metros de comprimento e as mulheres estavam pulverizadas ali, lutando, brigando com armas, praticando tiros mortais e formas de quebrar um ataque por surpresa. Por uma vez, não chovia e, exceto em alguns lugares, o barro acostumado a

água estava seco. Lobo tinha trabalhado ali em dias em que o barro as cobria tanto que só as podia reconhecer pelos movimentos e a forma do corpo.

De onde estavam de pé ele e a gladiadora, sobre o que deve ter sido o estrado das festas nos velhos tempos, podia ver mais à frente no barro acostumado a molhado da habitação o triplo arco da porta e os pântanos. Devia ter havido um pátio de algum tipo ali alguma vez, agora só ficava uma depressão achatada no chão e pequenos montes de pedras cobertas de musgo e sementes. E debaixo, entre eles e a porta, as mulheres trabalhavam.

Lobo do Sol se perguntou o que pensaria delas Falcão.

Denga Rei continuou:

—A maior parte das baixas utilizam umas espadas que são o mais livianas que podem ser sem deixar de ser efetivas como armas e ainda têm problemas. Em uma briga dura, um homem pode arrancar-lhe.

Lobo do Sol assentiu. Com sorte, surpreenderiam aos guardas das minas e liberariam e armariam aos homens com as armas dos depósitos sem necessidade de dar batalha. Mas sua larga experiência lhe tinha ensinado que nunca se devia confiar na sorte.

O único problema com a idéia de que as mulheres baixas usassem alabardas em batalha vinha do Drypettis, que tomava como afronta pessoal o fato de que Lobo o permitisse por seu tamanho. Com uma voz tensa lhe disse:

—Podemos triunfar em seus términos, capitão. Não há necessidade de ser condescendente.

Ele a olhou surpreso. Às vezes, soava como um eco absurdo da Sheera, sem a astúcia da Sheera nem seu sentido de propósito. Disse-lhe com paciência:

—Só há uma série de términos para medir o triunfo na guerra, Drypettis.

A pequena ruga nos cantos de sua boca se tornou algo mais profunda.

—Assim nos hão isso dito, muitas vezes — replicou ela com desgosto—. E na forma mais brutal possível.

Detrás dela, Gilden e Wilarne intercambiaram um olhar; as outras mulheres baixas, a irmã Quincis e a ruiva Tamis Weaver, pareciam incômodas.

—Sério? —grunhiu Lobo com calma—. Não acredito. O triunfo na guerra —prosseguiu— se mede simplesmente pelo fato de que alguém faça ou não o que tinha pensado fazer, não pelo fato de que alguém mora ou sobreviva. Na

guerra o triunfo não se mede nos mesmos términos que o triunfo em uma briga. Triunfar na guerra significa conseguir o que alguém quer, e a gente pode morrer ou viver, isso não importa. Agora, às vezes é mais bonito estar vivo depois e desfrutar do que se ganhou na briga, sempre que isso possa desfrutar-se. Mas se alguém o quer o suficiente e quer que outros o tenham, nem sequer isto é necessário. E claro está, não tem nenhuma importância que alguém persiga dito objetivo com nobreza ou sem ela; não importa quem aceita facilitar as coisas para você ou quem é condescendente no processo. Se a gente souber o que quer e o deseja o suficiente para fazer algo, então o faz. E se não o faz, terá que esquecer-se de tudo.

Nesse único rincão da torre ruínosa se podia apalpar o silêncio. Os gritos agudos e as ordens furiosas na habitação que ficava detrás deles pareciam fazer-se leves e distantes como o ruído do vento através dos pântanos detrás dos muros. Era a primeira vez que ele lhes tinha falado de guerra, e sentiu que todos os olhos do grupo de mulheres baixas se cravavam nele.

—É o ir até a metade do caminho o que acaba com um — acrescentou Lobo do Sol com suavidade—. O tratar de fazer o que um não está seguro de querer fazer, o querer fazer o que um não tem a coragem ou o egoísmo necessário para realizar. Se alguém acreditar que só pode se conseguir com injustiça e sujando as mãos e pisoteando a amigos e desconhecidos, então terá que entender o que isso fará a outros e a gente mesmo e pescar ou cortar a isca de peixe. Se alguém acreditar que só pode conseguir-se com a morte ou a miséria de por vida, terá que entender isso também.

»Eu brigo por dinheiro. Se não ganhar, não me pagam. Isso faz que tudo seja claro para mim. Vocês..., vocês talvez estejam brigando por outras coisas. Talvez por uma idéia. Talvez pelo que creem, ou dizem que crêem. Talvez para salvar a alguém que lhes alimentou, vestiu-lhes e lhes amou, o pai de seus filhos, talvez por amor e talvez por gratidão. Talvez estão brigando porque a vontade de alguma outra lhes trouxe aqui e prefeririam morrer antes que lhe dizer a ela que têm outros objetivos. Não sei. Mas acredito que será melhor que vocês saibam claramente, antes que lhes enfrentem a um inimigo armado.

Ficaram em silencio a seu redor, essas mulheres pequenas e delicadas. Os olhos do Wilarne estavam baixos e confusos e ele viu como a cor subia a essas bochechas maltratadas pelo vento. Mas foi Drypettis a que falou.

—A honra pede...

—A merda a honra — disse Lobo, que se dava conta de que ela não tinha ouvido nenhuma palavra do que ele havia dito—. As mulheres não têm honra.

Drypettis ficou branca de raiva.

—Talvez as mulheres com as que vocês tratam habitualmente não o te...

—Capitão! —A voz da Denga Rei cortou o ar através do burburio, agudo e inquieto—. Vem alguém!

Todos os sentidos de Lobo do Sol se esticaram, alerta. Disse rapidamente:

—lhes esconda.

Ao redor deles, ao som da voz da gladiadora, as mulheres desapareciam da vista, procurando a escuridão dos arcos que uma vez tinham mantido uma galeria que bordeava o vestíbulo e agora era uma ruína de sombras e escombros; escondiam-se nas centenas de buracos que ofereciam as passagens ruinosas e torres médias derrubadas cujas pedras estavam manchadas de musgo seco e samambaias. Gilden e Wilarne se agacharam dentro da chaminé monstruosa do velho vestíbulo como treinaram desde garotas para subir o que fora. Só Drypettis ficou onde estava rígida de fúria.

—Não podem... — começou quase rígida de raiva.

Lobo do Sol a tirou do braço e quase a jogou para o escuro oco de uma porta rota.

—lhes esconda, por seus olhos... —rugiu-lhe e correu para onde só estavam Sheera e Denga Rei, visíveis a ambos os lados do arco triplo da porta.

Dali, podia-se ver o vale onde se achava situada a torre do Cairn em toda sua extensão de pasto castanho e seca e águas quietas. Desolado e vazio, jazia rodeado de colinas com cristas de rochas e do peso cinza da cobertura de nuvens, uma solidão infinita, quebrada só por umas poucas árvores nuas e machucadas pelo vento. Logo, nessa solidão, moveu-se algo, uma figura que corria para a torre.

—É Tisa — disse Sheera com surpresa e medo na voz—. Estava de guarda no despenhadeiro Ghnir, vigiando a cidade.

—Algo mais se move ali — disse Denga Rei—. Olhem, nos arbustos junto ao despenhadeiro.

Tisa chegou à carreira, lançou-se para os degraus, tropeçando sobre as ruínas, e se jogou nos braços de Lobo do Sol. Estava ofegando, incapaz de

tranqüilizar-se; não era o fôlego moderado do corredor, a não ser os suspiros aterrorizados de alguém que correu para salvar a vida.

—O que? —perguntou Lobo do Sol e ela levantou a vista e o olhou aos olhos, com os seus muito abertos.

—Nuuwas — ofegou—. Vêm muitos, capitão.

—mais de vinte?

Ela assentiu; a pele lhe tremia sob as mãos de Lobo pelo que tinha visto tão de perto.

—Acredito que são mais de vinte. Vêm de todos os lados...

—Malditas sejam essas coisas. Fora! — gritou ele, a voz como trovão nas paredes cobertas de novelo—. Nos atacam. Nuuwas, muitos...

As sombras floresceram: as mulheres. Algo menos da metade da tropa se encontrava ali esse dia, dezoito mulheres, contando a Sheera.

—Vinte nuuwas! —estava dizendo Denga Rei—. Que merda estão fazendo todos esses nuuwas nas terras dos barões? É ridículo! Nunca se vêem mais de uns poucos por vez e nunca...

Mas enquanto amaldiçoava, recolhia suas armas. As mulheres corriam saltando sobre as paredes ruídas sob as duras ordens da Sheera. Algumas levavam arcos e flechas; outras, as velhas espadas. Todas tinham adagas.

Mas se a gente estiver à distância em que se pode usar uma adaga, pensou Lobo do Sol, já é muito tarde para lutar com um nuuwa.

Agora os via, movendo-se nas colinas. Corpos torpes que se arrastavam entre as montanhas com um meio galope deslizante e enganosamente rápido. Sentiu que lhe arrepiava o cabelo ante o número. Pelo Primeiro Antepassado do Mundo, quantos eram?

—Que alguém faça um fogo — ordenou e começou a arrastar os restos ruinosos de uma escada da galeria para a plataforma rota sobre a porta. A vista de ali acima lhe revolveu o estômago de medo.

Os nuuwas vinham por todos os lados e convergiam para a torre. Cabeças sem olhos que se agitavam frouxas, sobre pescoços trementes; ombros inclinados; mãos grandes e de unhas retorcidas que se moviam ao redor dos joelhos, sacudindo-se. As conchas vazias desses olhos carcomidos se moviam de um lado a outro, como se ainda pudessem ver através da carne, cheia de chagas.

Se não tivesse sido pela forma em que se moviam, sempre para frente, sem consideração alguma pelos desníveis do terreno, teriam podido passar por homens.

Lobo do Sol contou quase quarenta.

Dali podia distinguir toda a torre Cairn. O que ficava do muro que uma vez tinha rodeado o lugar jazia em um anel destruído ao redor da torre oval. O muro e a torre não eram concêntricos, a torre ficava para um lado, de modo que seu arco triplo, sem barreira defensiva, olhava diretamente para o vale. Detrás dele, via as mulheres que se moviam, excitadas, com o passar da borda superior ruído do muro, a pele nua dos ombros e as cores do cabelo muito brilhantes contra a opacidade do inverno nas pedras mofadas e a sarça e as ervas amareladas. Não fazia falta esconder-se porque os nuuwas não localizavam a sua presa com a vista. Não fazia falta estratégia, porque os nuuwas não a entendiam.

Só entendiam a carne, só procuravam carne. Da parede, ouviu o gemido das cordas dos arcos e viu tropeçar a duas das criaturas que avançavam. Uma delas ficou de pé de novo e seguiu adiante com a flecha cravada através do pescoço como um crave de chapéu em um pulso; a outra caminhou a tropicções uns passos, cuspiendo sangue pelo jugular cravado, logo caiu; os dentes grotescos e enormes se fecharam e se abriram em um movimento horrível, como se mastigasse enquanto tratava de seguir adiante. Outras criaturas tropeçaram com ele ao avançar, logo ficaram de pé e seguiram. Os nuuwas, como outros predadores, nunca tocavam a carne dos da mesma espécie. O ar estava infestado de flechas. A maioria das mulheres não tinha pontaria.

A fumaça lhe golpeou os olhos. Debaixo, no pátio, viu que Gilden tinha acendido o fogo; Tisa procurava ramos, paus, tudo o que pudesse usar como tocha. Sheera e Denga Rei tinham fogo nas mãos, de pé nos arcos abertos da porta. Os nuuwas possuíam instinto suficiente para temer o calor do fogo. Desde sua posição, um ponto panorâmico vantajoso, Lobo do Sol comprovava que de alguma forma as criaturas sabiam que não havia parede frente à soleira. Meia dúzia se aproximava já às duas mulheres que cuidavam essa entrada. Desceu da plataforma à carreira.

Barro molhado e pedaços da nevada da última semana cobriam os degraus destruídos. Todo o muro protetor devia ter a mesma capa e era um problema para ficar em cima, pensou. Logo o ouviu, detrás das ruínas mais altas da torre. Do outro lado do muro que agora ficava fora de sua vista, chegou o

rangido comprido de pedras e corpos que escorregavam, os grunhidos ululantes dos nuuwas e o ruído suave, violento, do aço que remói carne nua.

Lobo levava uma tocha em uma mão e uma espada na outra enquanto saltava os degraus para a porta vazia, instantes antes que chegassem os nuuwas, a boca aberta, para enfrentar-se com as mulheres. Sheera cometeu o engano de apontar ao branco maior, o peito, e a criatura que cortou caiu sobre ela com uma ferida vasta, úmida e aberta, o rosto sem olhos contorsionada, a boca aberta para morder. Lobo tinha decapitado à primeira criatura ao seu alcance; um instante depois, girou e arrancou as duas grandes mãos que aferravam o braço da Sheera, com o qual ela pôde saltar para trás e cortar para baixo o pescoço da coisa. Foi tudo o que pôde fazer, os nuuwas os pressionavam, sem deter-se pelos cortes do aço; o sangue os empapava quente sobre a pele e úmida no chão escorregadio. Deu-se conta da presença vaga da Denga Rei junto a ele; ela brigava com a brutalidade casual de uma profissional com a espada e a tocha nas mãos.

De repente, Lobo sentiu que algo cortava e rasgava seu tornozelo e viu que um nuuwa cansado lhe tinha fundo os dentes na carne. Moveu a espada para baixo e lhe cortou a cabeça enquanto lhe partia a carne. Umas garras tomaram o braço armado e atacou esso rosto sem olhos com a tocha. A barba suja e o cabelo emaranhado do nuuwa se acenderam. A criatura lhe soltou e começou a uivar com um gemido primitivo, rangente, golpeando aos outros nuuwas e gesticulando o fogo. Denga Rei, livre por um instante, chutou-o com força e o nuuwa caiu rodando pelos degraus, o rosto em chamas, gritando sua agonia enquanto outros o pisavam para seguir atacando aos defensores da torre.

Através da confusão dessa briga horrível e da agonia dilaceradora da cabeça que ainda se aferrava com empecinamiento a sua carne, Lobo do Sol ouvia o caos distante de gritos, grunhidos ásperos e uivos agudos. Ouviu um grito, duro e horrível, que se elevou até transformar-se em um alarido de dor e espanto, e soube que uma das mulheres tinha sido vencida e que a estavam matando. Mas como muitas outras coisas no calor da batalha, notou sem muito interesse, em frio, enquanto punha toda sua concentração na briga para evitar um destino semelhante. Soou outro grito mais perto, junto com um rangido de corpos que caíam da parede. Pela extremidade do olho, Lobo viu formas entrelaçadas que se retorciam sobre a argila geada do chão do vestíbulo, um montão de membros em luta e sangue a fervuras. Eo, a herrera, saltou para frente com um desses grandes espadones que se levam com as duas mãos

levantado como se fora tão leve como uma vara de salgueiro. Não viu mais: mãos sujas e bocas abertas, babeantes, aproximaram-se por todos os lados. Por um momento, sentiu como se essa multidão horrível o estivesse tragando, enquanto o empurravam para as sombras da porta vazia e ele se perguntava onde estavam os degraus.

Logo, o aço gemeu perto dele; enquanto Lobo decapitava a uma das coisas que tratavam de apanhá-lo e mordê-lo, a espada da Denga Rei cortou o espinhaço de outra e a coisa caiu, rodando em espasmos, a seus pés. Esses foram os últimos atacantes. Lobo do Sol se deu volta e viu que os degraus estavam talheres até o joelho de corpos que se retorciam. Deles brotava uma corrente de vermelho brilhante que formava uma pequena lacuna entre as rochas. Debaixo dele, a torre permanecia em silêncio, salvo por uma só voz aguda em um gemido desesperado de dor.

Os nuuwas estavam mortos. Todos.

Olhou abaixo, onde a cabeça separada ainda lhe aferrava a carne com a força da morte. Brigou contra uma náusea crescente, inclinou-se e golpeou a união das mandíbulas com o pomo pesado de sua espada até que o osso se rompeu e pôde tirar a coisa atirando do cabelo, um molho como de vermes. Tremiam-lhe os dedos; ajoelhou-se sobre os degraus escorregadios e estendeu a mão para tomar a tocha da Denga Rei, porque a sua se perdeu na briga. Girou-a e aplicou a ponta em chamas contra a ferida. A fumaça e o aroma da carne queimada lhe assaltaram o nariz; a dor lhe atravessou o corpo como um raio. Lá longe, ouviu o som dos vômitos da Sheera em um rincão do vestíbulo.

Arrojou a tocha e se deixou cair sobre mãos e joelhos, lutando contra a náusea e a escuridão. Não era a primeira vez que tinha tido que fazer isso, com feridas de nuuwas ou de outros, mas nunca chegava a acostumar-se.

Uns passos golpearam o chão de argila. Ouviu um murmúrio e abriu os olhos. Viu olhos Âmbar que enfaixava o braço sangrento da Denga Rei com o xale quebrado e bordado em ouro de alguém.

As duas mulheres se apressaram a aproximar-se, e Olhos Âmbar se ajoelhou para lhe enfaixar as feridas. As mãos da moça estavam pegajosas de sangue coagulado. Quando teve fôlego suficiente para falar, Lobo lhes perguntou:

— Eles morderam?

— Alguns arranhões — disse a gladiadora brevemente.

—Queima-os.

—Não são profundos.

—Hei dito que os queime. Não falamos de feridas de espada na areia; os nuuwas são mais sujos que os cães raivosos. Farei-o por ti se tiver medo.

Isso a afetou. Amaldiçoou-o sem malícia, sabendo que tinha razão. Sob o bronzeado de sempre, até ela parecia pálida e decomposta.

Depois de uma cauterização rápida e brutal, Lobo do Sol lhe ajudou a ficar de pé e os dois se apoiaram um pouco em Olhos Âmbar. Em um momento, lhes uniu uma Sheera pálida, o cabelo em largos fios frente a seus olhos. Como os deles, seus membros estavam talheres de sangue. Lobo do Sol se livrou da Denga Rei e foi tropeçando a lhe pôr uma mão suave sobre o ombro.

—Está bem?

Ela tremia de cima abaixo, como a corda de um arco depois de arregar a flecha. Ele sentiu que faltava muito pouco para que ela se derrubasse sobre seu ombro, histérica, mas depois de um momento, respirou profundo e disse, com voz rouca:

—Estarei bem.

—Boa garota.

Aplaudiu-lhe o traseiro com carinho e foi recompensando com o tipo de olhar que em geral se reserva para os insetos mais humildes em seus últimos momentos, antes de chamar um servente para que os prendam. Lobo sorriu para si mesmo. Evidentemente, Sheera tinha sobrevivido à primeira paralisia de horror.

Não havia outras mulheres no vestíbulo vazio. Lentamente, coxeando pela dor de suas feridas, os quatro foram tropeçando até a porta que levava ao círculo ruinoso do muro de amparo. Como os degraus, o chão que pisavam estava coberto; com os corpos dos nuuwas mortos, com cabeças, pés e mãos cortados. O sangue escuro descia pelas pedras e se afundava no duro chão do inverno. Ao final do pátio, as mulheres estavam de pé em um grupo silencioso, olhando com fascinação e asco a uma mulher alta, de ossos agudos, chamada Krakes, que estava de joelhos, o rosto afundado entre as mãos, sobre o corpo desmembrado e médio comido da pequena, fraca e ruiva Tarmis Weaver. Kraken se girava a um e a outro lado e chorava um som desolado de duelo, como um animal ferido.

Depois de um momento, Gilden e Wilarne se aproximaram, marcadas e pintadas com o sangue de seus inimigos mortos, ajudaram lentamente ao Kraken a ficar de pé e a levaram. Ela se movia como uma cega dobrada pela dor.

Lobo do Sol olhou às que ficavam. Viu mulheres com rostos assustados, cinzas de espanto e náusea, as pontas das cabeleiras enredadas e agudas de sangue. Algumas delas tinham sofrido mordidas, rasgões, haveria mais trabalho: queimar as feridas, o epílogo agônico da guerra. O lugar ardia com o aroma peculiar da batalha: sangue, vômito e excrementos, morte e terror. Algumas delas, como Erntwyff Pescador, pareciam furiosas ainda; outras, como a irmã Quincis e Eo, queimadas, como se só ficassem cinza fria do fogo que as tinha levado com vida através da batalha. Outras pareciam simplesmente intrigadas, olhavam a seu redor, confusas, como se não tivessem idéia de como tinham chegado ali, a esse matadouro, feridas, cansadas, congeladas. Mais de uma chorava de alívio de dor e espanto.

Mas nenhuma era o que tinha sido antes nem o seria de novo.

Lobo suspirou.

— Bem senhoras — disse com voz calma —. Agora viram uma batalha.

Capítulo 8



A chuva que golpeava contra as persianas fechadas do Macaco de Bronze rugia longínqua, como um mar distante. Com as botas estendidas para a enorme fogueira que era a única iluminação da habitação comum, completamente afundada nas sombras, Falcão das Estrelas examinou aos poucos viajantes que ainda andavam pelos caminhos com este clima e decidiu que ela e Gazela se alternariam para dormir essa noite.

Pousadas nesta parte das montanhas eram notórias em qualquer caso, mas durante a estação seca, quando as caravanas do Mandrigyn, Pergemis e o Reino do Meio enchiam a vasta habitação até o batente, havia algum grau de segurança. A maioria dos mercados era bastante decente e nenhum viajante tolerava que roubassem a outro, embora só fora porque sabia que ele podia ser o seguinte. Durante as chuvas, era diferente.

Frente a ela, em outro banco usado e estreito, um pequeno homem sem barbear, com a boca frouxa e o olho movediço olhava de cima abaixo a Gazela, que estava de pé no extremo da grande habitação, regateando com o hospedeiro. Outros dois estavam inclinados em uma das mesas ante uma taça de estanho cheia de cerveja e os restos de um prato de veado, sem olhar ao redor. Falcão não estava segura de que a ajudassem se surgiam problemas.

Quase automaticamente, com a experiência do ofício, começou a procurar as saídas da habitação comum e as rotas de escapamento da estalagem.

Do outro lado, Gazela assentia ainda; a doçura ocasional de sua voz grave fazia de contraponto ao gemido irritante do hospedeiro. Durante os últimos quinze minutos, tinham estado regateando pelo preço das habitações, a comida e os mantimentos que se levariam. Um processo prolongado que Gazela era capaz de continuar durante mais de uma hora sem perder jamais seu ar de grave interesse. O calor da habitação estava secando sua capa a quadros; no âmbar fumegante do lar, Falcão das Estrelas podia ver o vapor que se elevava do tecido, como o fôlego em uma noite nevada.

Desde o Kedwyr, tinham viajado através das plantações de limoeiros e olivares das colinas castanhas até as cidades mais pobres do Nishboth e Plegg. Sortes as cidades se renderam fazia já muito ao domínio do Kedwyr e se reduziram a pouco mais que cidades de mercado, com as mansões trabalhadas de pedra em decadência e as ruínas quase ruídas de suas catedrais de mosaicos sonhando melhores dias. Depois de duas jornadas de caminho, as chuvas as alcançaram, ventos congelados que rugiam desde o mar e correntes de água negra caindo do céu, água que alagava os caminhos e convertia os pequenos arroios inócuos das colinas secas detrás do Plegg em correntes brancas.

Subiram para Passo Solitário e o largo caminho que se retorcia através dos topos cinza das montanhas Kanwed do leste para o Reino do Meio. A neve as tinha apanhado a três jornadas do passo e durante dias tinham vagueado e lutado para abrir caminho por esse mundo de ventos e pedras, desoladas, exaustas, fazendo às vezes só oito quilômetros por dia. Do passo, tinham tomado o caminho que ia junto a borda das montanhas, com os ombros talhados de árvores dos picos principais elevando-se milhares de metros sobre suas cabeças, invisíveis no torvelinho cinza das nuvens.

Em todo esse tempo, Gazela nunca se queixou e tinha feito todo o possível para seguir o passo mais seguro de Falcão das Estrelas. Apesar de que tinha passado os últimos dois anos em meio da forma de vida suave de uma concubina, era dura, e Falcão tinha que admitir que a moça causava muitos menos problemas do que tinha temido a princípio. No Plegg, onde venderam suas jóias, tinha conseguido um melhor preço que o que Falcão das Estrelas tinha esperado que pudesse pagar nessa cidade dormida e meio deserta; e tinha mostrado um gosto inesperado pelo regateio nos entendimentos por comida, atendimento e forragem para o burro no caminho. Falcão das Estrelas não entendia como o fazia, mas em realidade, como a maior parte dos mercenários, Falcão sempre tinha pago três vezes mais que o preço local por tudo o que comprava e nunca se deu conta.

Perguntou a Gazela algo sobre isso uma noite, quando estavam acampadas em uma cova de rochas sobre Passo Solitário, com um fogo aceso na entrada para afugentar aos lobos. Com as bochechas vermelhas, Gazela confessou:

—Meu pai era mercador. Sempre quis que aprendesse as maneiras de uma dama para melhorar minha posição com um matrimônio elegante, mas sempre soube muito o preço das coisas para poder parecer realmente bem educada.

Falcão a tinha olhado com assombro.

—Mas você é a pessoa mais parecida com uma dama que conheci — protestou. Gazela riu.

—É o resultado do trabalho mais duro que possa imaginar. Em realidade tenho alma de comerciante. Meu pai sempre dizia isso.

Gazela se aproximou do outro extremo da habitação; o fogo levantava raias vermelhas e fumegantes das bandas bem trancadas de seu cabelo escuro. O pequeno patife gordurento do rincão da chaminé levantou a vista para ela e até os dois tolos da mesa subiram os narizes de suas jarras de cerveja quando ela passou a seu lado.

—Quer apostar se lhe fazem uma oferta de habitação grátis esta noite? — perguntou-lhe Falcão das Estrelas enquanto ela se sentava a seu lado sobre o carvalho gasto e enegrecido do banco.

—Já tive uma, obrigado — replicou a moça em voz baixa e olhou para o homem gordurento que lhe devolveu o olhar e lhe sorriu, com os dentes quebrados e uma risada luxuriosa. Ela desviou a vista, as bochechas ainda mais vermelhas do que tinham estado pela luz do fogo—. Paguei pelo jantar, a cama, o café da manhã, comida para o burro e alguns mantimentos para o caminho.

Falcão das Estrelas assentiu.

—Sabe se tem idéia de quanto que falta até a próxima estalagem?

—Vinte e um quilômetros, diz. O Pavão. Depois dessa, não há nada até o Foonspay, uma aldeia bastante grande vinte e cinco milhas mais longe.

Falcão fez uns rápidos cálculos mentais.

—Amanhã de noite estaremos ao descampado, disse segura —. Talvez a noite seguinte, seguindo o caminho. Se esta chuva voltar a converter-se em neve, vai ser um inferno.

Um movimento lhe chamou a atenção. O homem gordurento se aproximou com sigilo ao bar, onde conversava sobre voz baixa com o hospedeiro. Os olhos de Falcão das Estrelas se afinaram, lhe olhando.

—Pedi-lhe os mantimentos esta noite e não amanhã?

Gazela assentiu.

—Disse que sim, mais tarde.

Falcão das Estrelas aspirou nervosa.

—Asseguraremos-nos disso, então. Vou aos estábulos procurar os pacotes. Não quero que haja nenhuma razão pela que não possamos sair daqui no meio da noite se quisermos.

Gazela não parecia muito alegre, mas a astúcia e o cuidado de Falcão das Estrelas eram legendários na tropa e mais de uma vez tinham salvado a vida dos comandos de exploração que mandava. Deixou a habitação comum no maior silêncio possível, atravessou a sopa de barro, neve e chuva no pátio só depois de assegurar do lugar onde se encontravam o hospedeiro e a mulher suja e despojada que cozinava. O Macaco de Bronze não podia orgulhar-se de um moço de quadra. Falcão inspecionou o interior dos grandes estábulos de pedra construídos dentro do esculpado que se elevava da sujeira do pátio da estalagem e pensou que o lugar estava muito bem provido e mantido para o pouco trânsito que devia ter tido nas últimas semanas antes destas chuvas tardias.

Recolheu todos os mantimentos e a equipe, exceto as selas, os pendurou nos ombros e braços e esperou na escuridão dos grandes arcos da galeria até que viu que a sombra do hospedeiro e a da mulher cruzavam a luz do abajur da porta entreaberta. Dirigiam-se à habitação comum com o jantar de Gazela e a dela mesma. Cuidando muito bem o lugar onde punha os pés, Falcão das Estrelas se deslizou de novo para a estalagem entre as sombras da parede e logo pelas escadas de caracol até a habitação que Gazela tinha negociado.

Viu os colchões úmidos e cheios de insetos que havia sobre os dois estreitos jergones e se alegrou de ter subido as camas que traziam. A habitação estava congelada e o teto gotejava em dois lugares. Entretanto, abriu as persianas e olhou à escuridão em movimento da noite. Uns centímetros por debaixo do batente da janela, nadava o teto de palha da cozinha como um montão de trigo em uma inundação; o calor de abaixo formava vapor sobre ele. Satisfeita, fechou de novo as persianas, mas não as trancou; controlou o ferrolho da porta, pôs os mantimentos debaixo das camas, e baixou de novo.

O homem gorduroso estava inclinado sobre a mesa, falando com uma Gazela de rosto aborrecido. Falcão das Estrelas cruzou a habitação para eles, olhou-o de cima e abaixo com calma e perguntou:

—Convidou a este cérebro de chorlito a comer, Gazela?

O homem começou a murmurar algum tipo de explicação. Falcão das Estrelas olhou nos olhos, calculando, fixando os traços em sua mente para

reconhecê-lo de novo. Os olhos dele se desviaram. Logo, agachou a cabeça e deixou depressa a habitação; a chuva entrou pela porta quando a abriu e a fechou de novo atrás dele.

Falcão das Estrelas se deslizou no banco frente a Gazela e se dedicou ao guisado de veado e ao pão negro.

Gazela suspirou.

—Obrigado. Não me podia tirar isso de cima...

—O que queria? —perguntou Falcão, enquanto tomava uma jarra de cerveja.

—aproximou-se e me ofereceu me contar como estava o caminho adiante. Me... pareceu que sabia muito, mas não estou muito segura.

—Possivelmente estava tratando de averiguar que caminho seguíamos e onde estaremos amanhã de noite. Quanto queria esse ladrão pelo canil em que nos colocou?

Como Falcão das Estrelas esperava, esse tema alegrou a Gazela. Tinha convencido ao hospedeiro de que lhes cobrasse a metade do preço que tinha pedido ao começo; ao contá-lo, houve uma faísca em seus olhos suaves. Falaram de outras pousadas e outros hospedeiros, de preços e regateios, historia sobre alguns dos pagamentos mais ridículos que tivessem tido que fazer Lobo do Sol ou outros mercenários, ou que lhes tivessem devotado. Nenhuma das duas falou do destino da viagem nem do que fariam quando chegassem aos muros impenetráveis da cidadela do Altiokis; por um acordo tácito, cada uma guardou suas esperanças e seus medos.

Um momento depois, baixou outro homem, velho de barba escura, que parecia um cavaleiro em decadência de uma das cidades mais abatidas da península com seu gorguera engomada e seus calções molhados, sujos de cinza. Acomodou-se entre os dois tolos com guerreiros a quadros que bebiam cerveja e falavam em voz baixa; finalmente, todos se foram acima, à cama.

Falcão das Estrelas se sentiu incômoda e consciente de como sua voz e a de Gazela ricocheteavam na habitação vazia e da escuridão das sombras que se amontoavam sob as vigas enegrecidas pela fumaça. Fora, o vento uivava com mais força sobre as rochas. Esse som podia encobrir o de qualquer ataque.

Alegrou-lhe abandonar a habitação. À luz de uma débil vela de sebo, ela e Gazela subiram as estreitas escadas de caracol até a habitação fria sob as vigas.

—Bom, estas camas servirão para algo, finalmente — comentou Falcão com amargura enquanto fechava o ferrolho com cuidado. Gazela riu e atirou de um extremo do pesado marco de troncos para apartar o da parede—. Não, assim não. Levantaremos-lo. Não tem sentido lhe dizer a esse açougueiro de abaixo o que estamos fazendo.

Foi um problema fazer uma barricada sem ruído. Mais ou menos na metade do trabalho, um som chamou a atenção de Falcão; levantou a mão e escutou. As paredes da estalagem eram grossas, mas soava como se alguém tivesse tido a mesma idéia.

Gazela desenrolou sua cama junto à parede onde tinha estado a de madeira e tratou de evitar as goteiras maiores no teto.

—Realmente crie que tratarão de nos roubar durante a noite?

A voz se tornou muito tranqüila; os olhos, na luz tremente da vela que já se apagava, tinham perdido o barulho que tinham na planta baixa. O rosto estava sombria e cansada. Falcão das Estrelas pensou que, apesar de sua coragem brilhante, Gazela não tolerava bem a viagem. Parecia esgotada e ansiosa.

—Acredito que espero que o façam — replicou Falcão em voz calma. Soprou a chama e a habitação se afundou em uma escuridão de tinta—. Preferiria me enfrentar a eles aqui e não no caminho, amanhã.

O silêncio caiu sobre a estalagem.

Entre as viagens, as guerras e as largas emboscadas, Falcão tinha desenvolvido uma capacidade para determinar o tempo com bastante exatidão. Depois de três horas, estirou-se e sacudiu a Gazela, falou-lhe na escuridão por uns minutos para assegurar-se de que realmente estava acordada, logo se recostou e caiu imediatamente nesse sonho leve, cansado, animal dos cães guardiães e os soldados profissionais. Deu-se conta vagamente de que chovia uma hora e meia depois; ouviu como o tamborilo se desvanecia até converter-se em um ruidito inquieto e suave na escuridão, como diminutos pés que corressem incansáveis sobre a palha cheia de goteiras e por debaixo desse som, o murmúrio suave da voz de Gazela, que sussurrava palavras de uma velha balada para manter-se acordada e passar o tempo. Logo, dormiu de novo.

Despertou rapidamente, em silêncio e sem mover-se ao toque urgente da mão de Gazela sobre seu ombro. Fez soar os dedos levemente para demonstrar

que estava acordada e escutou com cuidado os sons que tinham alertado à moça.

Depois de um momento, ouviu-o: o rangido de um passo sobre os tablones soltos do vestíbulo; seguia-lhe o chiado pegajoso do couro molhado e o tinido de uma fivela. Mas mais que qualquer dessas chaves, podia sentir, quase nos ossos, o peso, o calor e a respiração espreitando na escuridão do outro lado da porta.

Falcão das Estrelas se sentou, procurou a espada que jazia junto a ela no chão sujo e a tirou sem um som. Com sorte, pensou, Gazela recordaria ter a adaga lista; ela não ia avisar a ninguém que estavam acordados lhe dando uma ordem.

Uma só raia de luz apareceu na escuridão, o leve raspão do brilho amarelado de uma vela de sebo. Na total escuridão, até essa escassa luz era como um sol do verão. Logo, ouviu o rangido de uma adaga de ponta afiada que aconteciam a bordada porta sob o ferrolho, para levantá-lo lentamente. Houve um ruído suave e claro quando o ferrolho caiu para trás. Logo, outro silêncio comprido e ansioso.

Gazela e Falcão estavam de pé. Gazela se moveu para a janela como tinham ficado previamente. Falcão das Estrelas caminhou sem ruído para a porta bloqueada. A raia de luz se alargou e apareceram sombras avultadas mais à frente. Houve uma vibração aguda, seguida por uma maldição em voz baixa, alguém as chamou putas desgraçadas e as mandou ao inferno. Um ombro forte pegou contra a madeira e a cama grunhiu e se deslizou para trás enquanto a forma grande de um homem passava de flanco através da estreita abertura.

A porta se abriu para dentro e à direita. O intruso tinha entrado com o ombro esquerdo adiante. Matá-lo foi tão fácil como apunhalar a uma rã. O homem suspirou quando a espada entrou em seu corpo e os joelhos lhe tremeram; aí estava o aroma e o estalo do sangue e Falcão das Estrelas saltou para trás enquanto outros pegavam contra a porta e a empurravam para dentro, amaldiçoando furiosos, caindo sobre o cadáver e a cama e perdendo a vela na confusão. Falcão seguiu em silêncio, cortando e empurrando; as vozes gritaram e amaldiçoaram. O aço lhe mordeu a perna. Pensou que havia três que ainda viviam e tropeçavam na escuridão como porcos cegos em um poço. Logo, ouviu os gritos de Gazela e a respiração rouca de um homem onde supunha que estava a moça. Um corpo se agarrou do dele, umas mãos lhe agarraram as pernas e a desequilibraram. Uma voz áspera gritou:

— Aqui! Tenho a uma!

Ela cortou para baixo, para o lugar de onde vinha a voz, logo girou em um círculo amplo com a espada e sentiu que a ponta se afundava em algo que ofegava e amaldiçoava; o homem a arrastou para baixo, aferrando-a e arranhando, muito perto agora para que a espada servisse de algo. Ela deixou cair a arma e cortou com a adaga; logo a luz caiu sobre eles e outros homens entraram com ruído do vestíbulo.

A luz mostrou a faca levantada do homem que se aferrava a suas coxas e Falcão das Estrelas o cortou de reverso enquanto ele se dava volta para ver os que chegavam. Abriu-lhe o jugular e a traquéia e se banhou toda em uma fonte de sangue quente. O homem que apareceu primeiro na porta tropeçou com o cadáver e logo com a cama; o segundo subiu reto sobre os três (o vulto escuro de seu corpo tampou a luz) e se arrojou como um imenso leão sobre o único bandido que ficava de pé. Arrancou a arma do homem com um golpe de reverso que teria desacordado a um cavalo, tomou pelo pescoço e lhe esmagou a cabeça contra a parede de pedra com um horrendo rangido. Logo, deu-se a volta, o rosto quadrado, de mandíbulas fortes, rosada e suarenta no brilho leve da luz procedente do vestíbulo, como se procurasse uma nova presa. Além dele, Falcão das Estrelas viu Gazela de pé contra a parede junto à janela fechada, o rosto branco e a roupa revolta manchada de sangue negro. Sustentava uma adaga em sua mão, e um ladrão estripado ainda se retorcia e soluçava a seus pés.

O gigantesco recém vindo se relaxou e se voltou para o vulto que lutava com seu companheiro na soleira.

— Não deixe cair a luz, mente carcomida por um gaum — disse—. Já chegamos com atraso. — Um só passo lhe levou junto a Gazela—. Está bem, moça?

O homem que tinha tropeçado com os restos enredados da cama tombada caiu outra vez sobre o bandido morto, em sua pressa por chegar a Falcão das Estrelas, que ainda estava sentada, coberta do sangue e sujeira do chão, sob seu assaltante morto. O homem se ajoelhou junto a ela, ainda maior que o outro e com o mesmo arbusto de cabelo castanho sobre os olhos graves, azul cinzento.

— Está ferida?

Falcão das Estrelas meneou a cabeça.

— Estou bem — disse—. Mas obrigado.

Para sua surpresa, ele a levantou do chão como se tivesse sido uma pluma.

—Teríamos chegado antes — disse, desculpando-se—, se não fosse por uma florzinha medrosa que quis fazer uma barricada em nossa porta...

—Flor será você — replicou o outro homem com os ásperos da Enseada—. Se tivéssemos sido os primeiros em sofrer o ataque teria agradecido o atraso e o aviso da barricada, no caso de que tivesse despertado com o ruído dos empurrões à cama, coisa que duvido.

O homem maior se deu a volta como um boi açoitado pelas moscas.

—E por que crie que precisamos despertar para arrumar contas com um bandido das montanhas?

—Cantou outra canção anteontem à noite, quando nos atacaram os lobos...

—Rain! Orris! —chiou uma voz áspera da soleira. Os dois gigantes se calaram. O pequeno cavaleiro fracote ao que Falcão das Estrelas tinha visto um segundo na habitação comum entrou no dormitório, passando com agilidade sobre a confusão da soleira com uma tocha em uma mão. A outra mão estava baixa com o peso de uma espada curta, enorme para sua pequena mão ossuda—. Devem desculpar aos meus sobrinhos — disse às mulheres com uma saudação cortesã que era totalmente incongruente dada a horrível situação—. Em casa os uso como bois para arar e por isso suas maneiras para com as damas estão muito descuidados.

Endireitou-se um pouco. Olhos brilhantes, negros, titilaram nos de Falcão das Estrelas e lhe sorriu.

—Nooo... —RAM e Orris levantaram punhos apertados e ameaçadores contra esse insulto a suas boas maneiras.

O homenzinho os deixou de lado com sublime indiferença.

—Meu nome é Anyog Mercado, cavaleiro, estudioso e poeta. Há água na habitação perto da nossa, já que estou seguro de que fazem falta ablução neste momento...

—Primeiro vou procurar a esse hospedeiro, malditos sejam seus olhos — ladrou Falcão das Estrelas—, e me assegurar de que não tem outros bravos escondidos por aí. —Levantou a vista e encontrou o rosto de Gazela que se havia posto verde de repente. Voltou-se para o homem imenso que tinha a seu lado—. Levem a Gazela a sua habitação, se querem — disse—. Conseguirei vinho na cozinha.

—Temos vinho — disse o homem grande, RAM ou Orris—. E muito melhor que o que têm aqui. Irei com você, moça. Orris cuida da senhorita Gazela. E tome cuidado: não faça estupidezes — adicionou enquanto ele e Falcão das Estrelas se dirigiam para a porta.

Orris, o bom moço dos dois irmãos, adivinhou Falcão das Estrelas, o mais jovem por vários anos, levantou as sobrancelhas escuras e muito inclinadas para trás.

—Eu fazer estupidez? —perguntou enquanto tomava com suavidade o braço de Gazela e lhe agarrava a adaga da mão paralisada—. E quem tropeçou com seus próprios pés enquanto entrava na habitação como um touro por uma tranquera, né? De todas as coisas estúpidas que comem os gaum...

—Necessitaria-se um bom gaum para encontrar seus miolos... —Falcão das Estrelas, que se dava conta de que os irmãos seguiriam discutindo até o fim do mundo, tomou a manga a quadros de RAM e atirou dela para a porta com determinação.

Não havia mais bandidos na estalagem. Encontraram ao hospedeiro, grunhindo, desgrenhado, na habitação que ficava debaixo da cozinha, entre um montão de lençóis nas que disse ter estado dormindo depois de que lhe vencessem. Mas enquanto explicava tudo isto a RAM, Falcão das Estrelas jogou um olhar ao tecido rasgado e não encontrou rugas como as que se formam quando se fazem nós. A mulher disse com voz opaca que se encerrou por medo aos bandidos. Os dois estavam pálidos e assustados, como se pudesse ser verdade, mas Falcão das Estrelas começou a suspeitar que ao matar aos bandidos, tinha destruído o meio de vida do casal. Sorriu com satisfação para si mesmo enquanto ela e RAM subiam as escadas uma vez mais.

—Parece que conhecem o trabalho duro... —disse RAM, a voz surpreendida e cheia de respeito.

Falcão das Estrelas se encolheu de ombros.

—Faz oito anos que sou mercenária — disse—. Esses eram aficcionados.

—Como sabem? —Inclinou a cabeça e a olhou com curiosidade—. Me pareceu que tinham nascido com uma faca na mão.

—Um profissional tivesse posto um guarda em sua porta. E que diabos significa «carcomido por esses gaums é uma que não tinha ouvido nunca.

O riu, com um ruído áspero na garganta.

—Ah, é o que dizem quando querem dizer que alguém perdeu o cérebro. Os gaums são..., como se diz...?, libélulas; ao menos assim as chamamos no lugar de onde venho. Há parteiras que dizem que podem roubar o cérebro de um homem e deixá-lo vagando nos campos até que se afoga sozinho em um pântano.

Falcão das Estrelas assentiu enquanto dobravam uma curva da escada e os dois viam uma luz na porta de uma das habitações a metade de caminho para o vestibulo.

—No norte dizem que os demônios levam aos homens à morte dessa forma ou os correm do ar. Mas nunca soube que fossem libélulas.

Chegaram à habitação que tinham usado as mulheres, convertida agora em um matadouro. À luz do abajur que tinham tirado da cozinha, Falcão das Estrelas comprovou que o homem gordurento que tinha falado com Gazela era o que Orris tinha golpeado contra a parede. Então era lógico pensar que o hospedeiro estava de acordo com eles.

—E estes? —disse RAM.

—Deixaremos que nosso anfitrião limpe as coisas — disse Falcão das Estrelas, com indiferença—. É sua estalagem..., e seus amigos.

Orris e o tio Anyog levaram as posses das mulheres a sua própria habitação enquanto RAM e Falcão percorriam o edifício. Armaram as camas nos colchões imundos. Gazela dormia o cabelo esparsa ao redor de sua cabeça em uma glória sedosa e escura sobre o andrajoso travesseiro. A julgar pelo aspecto de suas botas, tio Anyog tinha estado investigando os estábulos. Disse que não faltava nada e que os animais não estavam feridos...

—Pensavam fazê-lo assim nos instalássemos — disse Falcão das Estrelas, enquanto reunia as calças sem usar, a camisa e o jergón e se preparava para passar à outra habitação, lavar-se e trocar-se—. Talvez não pensavam lhes atacar a vós três. Se perguntavam por nós, o hospedeiro sempre podia lhes dizer que tínhamos partido cedo.

—Claro que não — assinalou Orris—. Porque lhes tivéssemos alcançado no caminho, não é certo?

—Depende da direção em que vão...

Na habitação vazia, tomou um banho muito rápido e muito frio para tirá-la sangue seca da pele e o cabelo, limpou-se o arranhão superficial da perna com

vinho e o enfaixou e ficou a roupa limpa. O tio Anyog estava encolhido e dormido sobre o piso em um rincão. RAM e Orris seguiam falando em voz baixa, discutindo sobre o valor de uma ganga que tinham comprado, umas opalas que haviam trazido das minas do norte. Falcão das Estrelas se acomodou no piso com uma manta, um pouco de água e uma garrafa de azeite para limpar as armas e o couro antes de seguir adiante. A noite quase tinha passado e sabia que já não voltaria a dormir.

Orris terminou de assinalar a seu irmão algo sobre a flutuação do preço das peles e a razão pela que se podia esperar um aumento no preço das opalas (nenhum dos dois temas tinha sentido para Falcão das Estrelas) e logo se voltou para ela e disse:

—Falcão das Estrelas? Se não lhes importar que pergunte, em que direção vão agora, você e a senhorita Gazela? É uma época muito ruim nos caminhos, sei. Aonde vão?

—Ao leste — disse Falcão, evasiva.

—Onde ao leste? —insistiu Orris, sem dar-se por informado.

Ela deixou de ter tato.

—Importa?

—Em certo modo, sim — disse o jovem, ansioso, inclinando-se para frente com as mãos sobre os joelhos levantados—. Nós vamos ao Pergemis, como sabem, com uma carga de peles de raposa, castor e ônix do norte. Tivemos problemas no caminho antes: o homem que trouxemos conosco morreu em um ataque dos lobos faz cinco noites. Se repetirem os assaltos de bandidos no caminho, vamos perder todos os lucros do verão. Bom, eu não ponho em dúvida que é uma lutadora e nós necessitamos um lutador; e nenhum de nós dois é mau nisso e a senhorita Gazela também necessita amparo. Se fossem ao sul...

Falcão das Estrelas duvidou um momento e meneou a cabeça.

—Mas não vamos ali — disse. Pergemis se encontrava onde a Enseada golpeava contra os pés das mesetas maciças que rodeavam as montanhas Kanwed, longe, ao sudoeste do Escarpado Sinistro—. Mas nossa rota vai com a sua até o Foonspay. Isso nos tirará das montanhas e da pior parte da região nevada. Se não tiverem objeção, iremos com vós até lá.

—Feito — acordou Orris, contente. Logo a luz morreu em seu rosto honesto, gordinho e seus olhos se entrecerraram—. Não vão ao Racken Scrag, verdade, moça? Nesse país é mau mesclar-se com o Mago Rei.

—Assim dizem — replicou Falcão das Estrelas, sem comprometer-se.

Como não acrescentou mais e voltou a limpar o sangue do punho da adaga, Orris ficou nervoso e continuou:

—Duas moças que viajam sozinhas...

—Provavelmente correm muito perigo — terminou ela—. Mas acontece que matei a muitos homens. —Provou a folha da adaga com o polegar—. E como provavelmente tenho cinco anos mais que você, não acredito que me possa chamar «moça».

—Sim, moça, mas...

Nesse ponto, RAM o chutou, e os irmãos voltaram a brigar jovialmente, deixando a Falcão das Estrelas a sós com seus silenciosos pensamentos.

Nos dias que seguiram, chegou a sentir-se agradecida pelo companheirismo dos irmãos apesar de que a voltavam louca com seus ataques de cavalheirismo. Orris não deixava de tentar averiguar o destino e os objetivos das duas mulheres, não por malícia a não ser com a melhor das intenções: convencer as de que a viagem era tola e perigosa, o qual era pior porque isso não o fazia menos necessário se queria encontrar e ajudar a Lobo do Sol e averiguar o que planejava Altiokis para o resto da tropa, se é que planejava algo. Orris supôs automaticamente que, embora as conhecessem desde fazia apenas um dia e não sabia as razões pelas que viajavam, estava melhor qualificado que elas para julgar a correção da viagem e as possibilidades de êxito. Isso às vezes divertia a Falcão das Estrelas e outras a irritava até o inexprimível.

Do mesmo modo, as brigas bonachonas e insultos dos dois irmãos podiam ir mais à frente do mero entretenimento. Quando não se burlavam um do outro por seu aspecto, cérebro ou maneiras uniam-se verbalmente a burlar do tio Anyog por seu hábito de recitar poesias enquanto caminhava, por sua pequenez ou por seus ataques de eloquência retórica; o tio Anyog o tirava de bom modo. ao redor dos fogões dos acampamentos, os irmãos escutavam, tão apaixonados como Gazela e Falcão das Estrelas, os contos do homem sobre heróis e dragões e a magia chapeada de suas canções. Falcão das Estrelas, depois de anos em acampamentos de guerra possuía uma imensa capacidade de tolerância pela

nervura de humor bovino dos irmãos, mas descobriu que muitas vezes desejava poder negociar com eles uma meia hora de silêncio absoluto.

Entretanto, pensava, não podia escolher a seus companheiros. Tontuelos ruidosos e laboriosos como os dois irmãos e o muito eloqüente Anyog eram muito melhor que viajar através do inverno das montanhas as duas sozinhas.

Quando chegaram à estalagem Pavão, estava deserta; a neve penetrava pelas janelas de uma habitação comum destroçada. No estábulo, Falcão das Estrelas descobriu os ossos de um cavalo, mastigados, quebrados e talheres de geada, mas claramente frescos; as persianas e portas estilhaçadas da planta baixa não estavam maltratadas pelo clima. Com o pó de neve rangendo sob as botas, Falcão das Estrelas voltou rodeando o pátio. Na habitação comum encontrou a Gazela e ao tio Anyog agachados, muito juntos, olhando inquietos a seu redor e respirando como dragões na luz do dia que se desvanecia pouco a pouco. Orris e RAM desceram pelas curvas resbalosas da escada.

—Não há nada acima — informou Orris, com brevidade—. Arranharam e golpearam a porta acima, mas não há signos de que a tenham forçado. Quem tem feito isso já se foi, mas provavelmente estaremos mais seguros se passarmos a noite acima.

—Parece-lhes que as mulas subirão as escadas? —perguntou Falcão das Estrelas. Disse-lhes o que tinham encontrado nos estábulos. Havia seis mulas, além de seu próprio burrito.

Orris começou a pôr objeções e a organizar um horário para fazer guardas no estábulo, mas RAM disse:

—Não, estarão melhor acima conosco. Se algum de nós caísse doente, estaríamos muito justos para levar isto daqui ao Foonspay, não penso abandonar as peles e a equipe.

Era uma forma tola e ridícula de passar uma tarde, pensava Falcão das Estrelas, empurrar e enrolar a sete criaturas totalmente recalcitantes para cima, às câmaras normalmente reservadas para seus superiores sociais. Tio Anyog a ajudava, com vivas e assombrosamente elaboradas maldições; o ancião erudito era mais ágil do que tinha pensado. Enquanto isso Orris e RAM ficaram com pás a limpar um lugar ao redor do lar para cozinhar, e Gazela recolhia palha da cama dos estábulos e lascas no pátio.

Quando a noite se posava sobre os ermos cumes das montanhas, entrincheiraram-se no piso superior da estalagem, Falcão das estrelas estava

taciturna e inquieta, presa de uma inquietante sensação de perigo. O barulho dos irmãos não fazia nada para melhorar seu gênio, nem tampouco o fazia a conferência séria que Orris lhe dava sobre a necessidade de que todos eles se mantiveram juntos. Como de costume, não dizia nada sobre seu temor ou sua irritação. Somente RAM levantou a vista quando saiu cedo para sua guarda. Gazela e Orris estavam envolvidos muito profundamente em uma discussão animada do comércio de especiarias para dar-se conta de sua saída.

O silêncio do escuro vestíbulo era como água depois de uma febre larga. Controlou as mulas aos que tinha colocado no melhor dormitório frontal, depois seguindo a incandescência débil da vela de sebo se dirigiu à parte superior das escadas, onde tio Anyog estava sentado diante da porta fechada.

Seus brilhantes olhos se animaram quando a viu.

—Ah, bem a tempo, minha pomba guerreira. Confie em que um profissional fará pontualmente seu guarda. Meus bois se deitaram?

—Acredita que Orris fecharia seus olhos quando tem uma audiência para escutar seus planos para financiar uma empresa no Leste?

Embora falasse com sua calma habitual, o ancião deve ter captado alguma faísca de amargura em suas palavras, já que lhe sorriu ironicamente.

—Nosso moço financeiro é ocupado — suspirou—. Todo o caminho do Kwest Mralwe, através dos bosques do Swyrmlaedden, onde cantam os rouxinóis, através das colinas de veludo dourado do Harm, e através do manto de neve aos pés das Montanhas do Ambersith, favorecia-me com os detalhes mínimos das últimas flutuações da moeda do Reino do Meio — Suspirou outra vez com remorso—. Esse é nosso Orris. Mas é muito bom, sabe.

—OH, sei. —Falcão das Estrelas dobrou suas longas pernas em baixo dela e se sentou junto a ele, apoiando suas costas contra o estuque manchado da parede—. Para fazer muito dinheiro, uma pessoa tem que pensar em dinheiro grande parte do tempo. Suponho que isso é pelo que, embora em todos estes anos fui paga tão generosamente, não saí adiante. Nenhum mercenário o faz.

A barba grisalha se abriu em um amplo sorriso.

—Mas está muito adiante deles na lembrança do gozo, minha pomba — disse—. E essas lembranças não são afetadas por oscilações monetárias. Fui um estudante itinerante por toda parte o mundo, das lacunas azuis celeste do Mandrigyn aos escarpados ventosos do oeste, até que me fiz muito velho e em lugar disso me fiz professor itinerante, pagaram-me fortunas as universidades

do Kwest Mrawle e Kedwyr e a Metade do Reino do Meio. Agora aqui estou voltando em minha velhice para ser um pensionista na casa de minha irmã no Pergemis, para ficar com uma mulher cujos únicos conhecimentos se reduzem a como somar, subtrair, e criar filhos grandes e viajantes. —Sacudiu sua cabeça com um pesar que era só parcialmente auto-burlar—. Não há justiça no mundo, minha pomba.

—Notícias velhas, professor. —Falcão suspirou.

—Temo que tem razão. —O tio Anyog estendeu um dedo para assinalar a madeira sólida da porta—. Vê as marcas no outro lado?

Assentiu. Nem RAM nem Orris as tinham identificado.

Ela mesma tinha visto algo similar só uma vez antes, sendo uma menina pequena.

—Nuuwa?

Ele assentiu, as pétalas brancas rígidas de seu gorguera oscilavam, apanhando um bordo da luz como uma flor absurda.

—mais de um, deveria dizer. Certamente uma manada grande, se foram capazes de destroçar a estalagem.

O rosto de Falcão das Estrelas estava séria.

—Nunca ouvi que andassem em manadas.

—Não? —Anyog se inclinou para frente para tomar a vela que se posava em uma taça de lata entre os dois, no chão. Sua sombra, grande e distorcida, inclinou-se sobre ele, como a escuridão de um destino horrível—. Se fazem mais e mais numerosos à medida que a gente vai para o leste em todas as terras ao redor das montanhas Tchard.

Ela o olhou de flanco, perguntando-se quanto saberia ou adivinharia sobre o lugar aonde se dirigiam ela e Gazela. Abaixo, na estalagem, ouvia os ruídos sigilosos de raposas e doninhas que disputavam os restos do jantar. Por alguma razão, o som lhe fez estremecer-se.

—Por quê? —perguntou quando o silêncio começou a lhe incomodar sobre a pele—. Você é um estudioso, Anyog. O que são os nuuwas? É verdade que antes eram homens? Que algo, alguma enfermidade, faz que percam os olhos, que troquem e se deformem desse modo? Ouço lendas e dados sobre eles, mas ninguém parece saber nada com segurança. Lobo diz que antes apareciam

só um e muito estranha vez. Agora, dizem-me que vêm do leste em grandes manadas.

—Lobo? —O homem levantou uma sobrancelha espessa, inquisitivo.

—O homem que procuramos eu..., eu e Gazela —explicou Falcão das Estrelas sem vontades.

—Um homem, né? —murmurou o estudioso e Falcão das Estrelas sentiu que, assim porque sim, as bochechas lhe enchiam de sangue.

Seguiu nervosa:

—Em alguns lugares que conheço, dizem que se um homem caminhar no ar da noite pode voltar-se nuuwa. Acredito que esse conto de seus sobrinhos sobre gaums, libélulas, tem que ver com isto. Não verdadeiras libélulas, a não ser talvez algo que se parece com elas ou se move como elas. Mas ninguém sabe. E estou começando a pensar que isso, de por si, já é suspeito.

Ele a olhou com olhos agudos, olhos escuros e preocupados de repente. Falcão das Estrelas lhe devolveu o olhar, com calma, e se perguntou por que lhe parecia de repente que ele tinha medo dela. Logo, Anyog desviou o olhar e dobrou as pequenas mãos finas ao redor de seus joelhos ossudos.

—Um mago poderia sabê-lo — disse—, se ainda ficasse algum vivo.

Ela voltou a recordar a coisa sem olhos, com a boca aberta e as batidas os dentes no ar, essa coisa que tinha golpeado e mastigado as portas do convento; recordou à irmã Wellwa, com o fogo que saía de suas mãos nodosas e um espelho de prata em um rincão de sua habitação. Recordou ao Pequeno Thurg lhe falando com um homem que não era o que parecia.

—Anyog — disse lentamente—, em todas suas viagens, alguma vez ouvistes falar de outros magos, além do Altiokis?

O silêncio se alargou e o brilho tremente da vela destacou o perfil do estudioso em um fundo de ouro enquanto ele seguia olhando ao longe, à escuridão. Finalmente, respondeu:

—Não, não que eu recorde.

—Há magos vivos?

Ele riu uma risada suave, áspera, na escuridão.

—Há. Isso dizem pelo menos. Mas os que nasceram com o poder não são tão parvos para dizê-lo hoje em dia. Se aprenderem um pouco de magia, têm

muito cuidado de que suas varinhas sejam tacos pequenos que possam guardar-se sob a manga se forem homens, ou escondidas como cabos de vassouras. Há uma lenda sobre uma maga que aceitou um trabalho como governanta dos filhos de um homem rico e disfarçava sua vara como cabo de sua sombrinha.

—Pelo Altiokis?

O velho suspirou.

—Pelo Altiokis. —voltou-se para ela e o brilho leve, incerto, fez que seu rosto fosse de repente mais velha, mais cansada, cheia de rugas como a marca de anos de dor—. E de todos os modos, há poucos e menos que tenham cruzado a soleira até alcançar a totalidade de seu poder. Têm pequenos poderes, os que se podem aprender da natureza ou de seus professores se os tiverem, ou assim me hão dito. Mas poucos nestes dias tentam a Grande Prova e inclusive há muito poucos que recordem o que é.

Ficou de pé, sacudindo a borda de suas calças; o corpo ossudo se destacou contra a luz baixa da habitação em que RAM e Orris discutiam sobre o tempo que levava navegar do Mandrigyn ao Pergemis no comércio do verão.

—E o que é? —perguntou Falcão das Estrelas com curiosidade, olhando ao Anyog enquanto ele endireitava a puntilla enrugada de seus punhos.

—Ah, quem sabe? Somente o feito de admitir que alguém sabe que isso existe põe a um homem sob suspeita aos olhos dos espiões do Altiokis, seja ou não mago em realidade.

Capítulo 9



Afastou-se pelo vestíbulo, fraco e feio como uma aranha estranha de patas largas, assobiando a melodia de alguma complexa sinfonia contrapuntística na escuridão.

—Eu não gosto. —Falcão das Estrelas franziu o cenho enquanto examinava a cidade que divisava abaixo.

Junto a ela, RAM cruzou os grandes braços para esquentar-se. Parecia imenso nas capas esvaídas de seu tecido de quadros púrpura, o rosto grande, caseiro, avermelhado pelo frio.

—Tudo parece tranqüilo — objetou, com dúvidas. O olhar cinza de Falcão das Estrelas se deslizou de flanco para ele.

—Muito tranqüilo — aceitou—. Mas nenhuma só dessas chaminés tem fumaça. —Assinalou para frente e um floco perdido de neve quase em pó, desprendido dos ramos de pinheiro que havia sobre sua cabeça, meteu-se no tecido de seus punhos—. Esta neve caiu faz duas noites e nada passou sobre ela após, nem na rua nem das casas que ficam mais à frente. RAM franziu o cenho e se agachou.

—Tem razão, moça. Seus olhos são mais agudos que meus, mas fui parvo ao não me dar conta. Há rastros ao redor dos muros, verdade?

—Ah, sim — disse Falcão das Estrelas, com suavidade—. Há rastros. —deu-se a volta, deixando-se cair da colina que olhava para o pequeno vale no que ficava a vila do Foonspay e os pés lhe deslizaram sobre o pó resbaloso da neve; embora desse os passos quando queria, era uma descida difícil. RAM escorregou duas vezes e caiu entre grandes nuvens de pó volátil; de todos os modos, ofereceu-lhe o braço para que se apoiasse com galanteria total cada vez que o terreno se elevava. Tinha nevado a noite que passaram na estalagem do Pavão. Logo chuva e mais neve. O caminho, tal como era, pôs-se cristalizado e traiçoeiro e perderam a maior parte de um dia atravessando-o; até o esforço de dar um passo lhes cansava. Ao redor deles, os bosques permaneciam em silêncio, um silêncio que punha os nervos de Falcão das Estrelas ao vermelho vivo. Tinha descoberto que estava sempre alerta, sempre escutando, esperando um som, qualquer som. Mas não tinha escutado nada, nem um passo de esquilo

sobre os grandes ramos negros dos pinheiros; nenhum coelho tinha chiado os dentes de uma raposa. Durante duas noites, nem sequer os lobos uivaram; em suas caminhadas de exploração a ambos os lados do caminho, Falcão das Estrelas não tinha visto nenhum rastro de pássaros ou animais.

Havia algo nos bosques, algo ante o qual até os lobos corriam em silêncio.

Os outros também o sentiam. Diante, podia ver as seis mulas e o burro com manchas escuras na brancura marmórea da neve, o azul vivido da guerreira a quadros do Orris, o negro primitivo do Anyog e os quadros verdes e castanhos de Gazela, um montezinho apertado de cores, unidos no medo. Todos saltaram quando RAM emergiu entre as árvores.

—A cidade está deserta — disse ele quando se aproximou—. Os edifícios continuam de pé, mas a Mãe sabe o que esta dando voltas por aqui. Saíamos. Logo, RAM e eu a exploraremos.

Os irmãos assentiram, mas ela vislumbrou a dúvida em suas caras. Orris, porque muito dentro, em seu coração, sentia que ele deveria estar dando as ordens, apesar de que sabia que Falcão das Estrelas era superior em questões de defesa; RAM, porque sabia também e considerava que uma mulher não deveria ocupar-se dessas coisas.

Enquanto ela abria o passo com cautela pelo suave pendente do caminho, deteve-se pensar que, provavelmente, a maior parte das mulheres se houvesse sentido adulada pela forma em que o homem queria protegê-la. Ela o encontrava irritante como se ele acreditasse que ela era incapaz de proteger-se a si mesmo ainda mais, porque era uma atitude inconsciente e bem intencionada. Lobo do Sol, pensou, jogando um olhar por sobre seu ombro ao silêncio antinatural dos bosques, tinha-a ajudado a sair de problemas, mas sempre supunha que ela podia fazer sua parte da luta sozinha.

Falcão das Estrelas examinou o céu, que estava mais escuro para a hora do dia, logo olhou por cima de seu ombro de novo, um hábito que tinha adquirido nestes dias. Por diante deles, as paredes de pedra e os tetos talhados de neve da cidade se fazia cada vez maior e ela passou seus olhos sobre eles, procurando algum signo, alguma marca. As costas lhe arrepiavam. As persianas de vários edifícios estavam rotas e rasgadas, as marcas amarelas contra o cinza do tempo na madeira. Tropeçou, escorregou e os pés romperam a crosta de neve. Aferrou-se a arreios da mula que levava para equilibrar-se. Detrás dela, outros faziam o mesmo. O mundo estava em silêncio a não ser pelas maldições do Orris e o

rangido dos cascos e botas na neve. Os edifícios escuros pareciam olhá-los com olhos sombrios através da luz tinta de malva.

A voz do Orris soou horrivelmente alta.

—Querem explorar essa casa grande aí no centro da cidade? A porta está fechada e as persianas intactas. Haverá lugar para nós e para os animais.

—Parece boa idéia — aceitou Falcão das Estrelas—. RAM...

A mula que estava junto a ela sacudiu a cabeça para livrar-se de sua mão e ficou em duas patas com um alarido esmigalhado. Falcão das Estrelas se deu a volta imediatamente e estudou o silêncio das árvores que tinham a suas costas.

O ser chegou tropeçando dos bosques com esse passo estranho e cambaleante, a cabeça sem olhos girando sobre o pescoço ondulante. Falcão das Estrelas gritou:

—Nuuwas! —E enquanto isso, Orris também gritava e assinalava enquanto outras três formas se arrastavam dos arbustos cristalizados dos bosques que os rodeavam. Falcão das Estrelas amaldiçoou em voz alta, embora já sabia pelo que havia dito Anyog no Pavão que podia haver muitos juntos e jogou no Anyog a brida da mula—. À casa grande! —ordenou a outros—. E por amor de Deus...

Logo viu algo mais, um movimento nos arbustos ao redor dos borde dos bosques, e ouviu que Anyog murmurava:

—Bendita Trindade!

Gazela deu um alarido.

Falcão das Estrelas nunca tinha visto tantos nuuwas juntos. Não menos de vinte se balançavam na neve em um galope talhado, os disformes braços girando para manter o equilíbrio. Ela se lançou para frente para alcançar ao resto do grupo, o mais rápido que pôde e que se atreveu; suas botas rompiam as crostas coveiras da neve e o pânico lhe esquentava as veias como brandy barato. Suas lembranças lhe jogaram de volta a sua infância, sua fuga a gritos para as paredes do convento com a coisa que grunhia e mordida no ar tropeçando a suas costas, confundida com as criaturas que a perseguiam agora. Havia uma lentidão horrenda na fuga, como as carreiras dos sonhos. Os nuuwas caíam e se levantavam e caíam de novo, aproximando-se deles, terríveis, inexoráveis.

Como em um sonho, viu cada detalhe, vivido, sobrenatural, os dentes disformes, sem cor nas bocas abertas; as conchas podres dos olhos, fechadas com cicatrizes sujas; feridas abertas que manchavam a pele frouxa.

Diante, Gazela caiu pela décima vez. RAM a pôs de pé, arrastando-a e caiu a sua vez. Falcão das Estrelas se deteve para deixar que fossem por diante, amaldiçoou-os, lhes chamando par de panacas de pés planos e calculou que se seguiam avançando com essa lentidão, nenhum chegaria a salvo.

As paredes se levantavam como escarpados; viu os ossos pulverizados de humanos e animais meio talhados de neve nas ruas. Adivinhou que os nuuwas mais próximos, os que se aproximavam dela, estavam a poucos metros. Seus grunhidos troavam detrás e as borbulhas turvas de seu fôlego úmido pareciam lhe encher os ouvidos.

Pensou em dá-la volta e brigar. Uma vez que se detivera, podia levá-los com ela e outros seguiriam adiante... Ao diabo com isso, pensou indignada. Não sou um pedaço de carne para que o joguem aos lobos... Santa Mãe, mas sei o que posso usar como pedaço de carne... gritou:

— Anyog, lhes detenha, lhes detenha!

O velho se deteve junto com todo o grupo e as mulas seguiram adiante gritando. Gazela escorregou de novo e caiu sobre os joelhos na neve espessa. Falcão das Estrelas voltou a gritar:

— Outros, sigam! Anyog, me traga uma dessas mulas! Já mesmo!

— O que vais fazer...? — começou Orris.

Discutir, Santa Mãe! pensou Falcão das Estrelas com a indignação que ficava.

— Maldição corra — lhes gritou.

— Mas...

— Lhes mova!

Anyog já estava a seu lado, arrastando um dos animais que gritava e se retorcia na brida. Por um momento, não souberam se Orris ia fazer, lhes matar com seus desejos de seguir discutindo, mas o anel cada vez mais próximo de nuuwas ao redor dele pareceu decidi-lo. Arrojou todo seu peso contra as mulas que levava. RAM arrastou a Gazela para que ficasse de pé e brigaram por seguir adiante na neve, como um par de bêbados.

Ofegante, o rosto branco como sua suja gorguera sob a barbita em ponta, Anyog conseguiu pôr uma mula ao alcance de Falcão das Estrelas. Os nuuwas estavam já muito perto, uivando enquanto escorregavam na neve e a baba escapava de suas bocas. Falcão cravou sua espada com a ponta para baixo na neve, tirou a adaga de seu cinturão e tomou a cabeça da mula. Anyog se deu conta do que queria fazer e adicionou seu peso para baixar a cabeça do animal. A mula retrocedeu e o aço mordeu com força a grande veia do pescoço.

Falcão das Estrelas voltou a embainhar a adaga sangrenta e tirou a espada da neve antes que a besta caísse. A mula rodou pelo chão, ofegante em sua agonia, e o sangue salpicou por todos os lados, brilhante e deslumbradora contra a brancura da neve. Falcão das Estrelas e Anyog voltaram a correr para a cidade; Anyog correu como uma gazela durante dois passos, logo foi mais rápido que seu próprio equilíbrio e caiu em um montão de ossos.

Falcão das Estrelas lhe viu cair pela extremidade do olho ao mesmo tempo em que via derrubar-se ao primeiro nuuwa enlouquecido sobre a mula que gemia. O aroma do sangue fresco levava para ali às criaturas que já começavam a arrancar pedaços da carne viva e fumegante da mula. Anyog ficou de pé como pôde, sem chamar Falcão das Estrelas nem lhe pedir que se detivera e seguiu adiante atrás dela. Não era momento para esperar-se um ao outro. Isso só serviria para que morressem os dois juntos.

Falcão das Estrelas ouviu como os nuuwas mordiam e mastigavam detrás dela e também o rangido dos pés cambaleantes do velho na neve. Viu-os de flanco, um tão perto que a alcançaria antes de chegar ao escarpado negro do edifício e dois um pouco mais atrás. Deu-se a volta formando um arco brilhante com a espada na luz difusa e leve.

O nuuwa caiu ante a folha cortante, sangue e tripas saindo pela ferida no ventre. Logo, jogou-se sobre ela de novo, abrindo e fechando a boca e aferrando suas próprias vísceras enquanto outro chegava cambaleando-se do flanco. Havia outros perto, pensou ela enquanto despachava ao primeiro. Um instante de atraso e os teria a todos em cima. Dois caíram sobre ela simultaneamente. Enquanto cortava a cabeça de que tinha adiante, o peso do segundo a golpeou atrás, o aroma a rodeou, terrível e sujo, enquanto os grandes dentes rasgavam o couro de sua guerreira. Retorceu-se, cortando, brigando contra a loucura do pânico que a invadia ante a coisa áspera e disforme que a estava atacando. Ao longe, podia ouvir os gritos desesperados para o Anyog. O peso das garras nas costas a tombou; não podia alcançar ao nuuwa com a espada. A boca gimiente,

lesma atacou a parte baixa de sua cabeça. Com um movimento de torção final Falcão das Estrelas se liberou de sua guerreira e correu freneticamente entre as casas.

O vulto cinza da casa maior na cidade se elevou ameaçadora frente a ela, quebrado pela boca negra de uma porta rodeada de um grupo de mulas aterrorizadas. Uns passos rangentes lhe encheram os ouvidos, tropeçando atrás dela com um ofego gimiente em cada respiração. Os degraus da casa soaram sob seus pés. A voz do Orris gritava maldições às mulas e por extremidade do olho, Falcão das Estrelas viu o primeiro de seus perseguidores, não um nuuwa, a não ser Anyog, que arrastava uma dessas coisas sujas, obstinada a ele, teimosa, sem soltar-se.

Anyog caiu sobre os degraus, quase aos pés de Falcão das Estrelas, com a boca faminta e suja do nuuwa cheia de sangue de seu flanco. Falcão das Estrelas saltou para trás, a espada brilhante na penumbra cinza do entardecer e a deixou cair como uma tocha sobre os corpos retorcidos. O resto dos nuuwas seguia seis ou oito passos mais atrás. Ela arrastou ao velho e o jogou para o vulto púrpura e impreciso que sabia que era RAM. Umas mandíbulas poderosas tiraram três centímetros de couro do talão de suas botas enquanto ela atravessava a porta. Fechou-a atrás dela e o ruído da portada foi como um trovão no edifício vazio.

Os nuuwas uivaram fora.

Deitaram ao Anyog junto ao fogo que Gazela as tinha arrumado para acender no grande lar do vestíbulo da planta baixa. Como Falcão das Estrelas supôs, o lugar tinha sido a estalagem principal do Foonspay e havia sinais de que grande parte da população tinha passado ali vários dias, compartilhando o lugar para proteger-se. Enquanto ajudava ao Anyog com os instrumentos substitutos que pôde encontrar — agulhas e fio, água fervendo —, Falcão das Estrelas se perguntou quantos deles tinham morrido antes que todos conseguissem escapar e se tinham chegado a salvo a algum outro lugar ou morreram no caminho.

RAM e Orris tiraram ramos do lar de tijolos para iluminar o caminho e explorar a escuridão profunda dos corredores da estalagem, enquanto Gazela procurava um lugar para as mulas. Podiam ouvir os grunhidos mortícios e ululantes dos nuuwas do outro lado das paredes grossas e as pesadas persianas. Dentro, tudo estava silencioso, como morto.

Dizia-se que os magos sabiam curar, que seu poder podia limpar as sementes escondidas da gangrena, deter o sangue para que a carne se fechasse. Enquanto trabalhava, ensangüentada até os cotovelos, Falcão das Estrelas compreendeu que faria esse falta poder para salvar a vida do velho. Contra a escuridão de sua barba, o rosto do Anyog tinha menos cor que a cera, fraca e afundada. Sua larga experiência tinha dado a Falcão das Estrelas o conhecimento íntimo das marcas da morte e viu que estavam ali.

Não soube quanto tempo trabalhou nem quando se sentou depois junto ao velho, olhando como as cores do fogo jogavam sobre a carne sem cor desse rosto moribunda. Não tinha idéia do lugar onde se encontravam os outros nem lhe importava muito, pensou para si mesmo. Tinham suas próprias preocupações, sobre tudo a de manter-se com vida; ela não tinha por que preocupá-los com más notícias. Todos deviam ter suposto, quando levaram o velho para dentro, que morreria logo.

Ao seu tempo, os dedos fracos, frios, que estavam sob os seus se moveram e a voz cascata do Anyog murmurou:

—Minha pomba guerreira?

—Estou aqui — disse Falcão, a voz cuidadosamente neutra na penumbra quieta, iluminada pelo fogo—. Levaremos-te com sua irmã ainda — adicionou para respirá-lo.

Houve um pequeno murmúrio de risada, seguido instantaneamente por um ofego ainda menor de dor. Logo, Anyog murmurou:

—E você, minha pomba?

Ela se encolheu de ombros.

—Nós seguiremos.

—Seguir. —As palavras não eram mais que o ar da respiração—. Ao Escarpado Perigoso?

Durante um comprido momento, ela ficou calada, sentada com as costas sobre os tijolos estilhaçados do lar, olhando a forma encolhida que jazia frente a ela entre as mantas manchadas. Logo assentiu e respondeu com gagueira:

—Sim.

—Ah — murmurou ele—. O que outro destino podia esconder com tanto cuidado da atenção de nosso par de bois? Mas eles têm razão — murmurou—.

Têm razão. Não vá ali menina! Altiokis destrói tudo o que é puro, tudo o que brilha. Destruirá-lhes a você e à bela Gazela, só por ser o que são.

—De todos os modos, devemos ir — disse ela com suavidade.

Anyog meneou a cabeça, os olhos negros se abriram, resplandecentes de febre à luz do fogo.

—Não entendem? —murmurou—. Só outro mago pode entrar na cidadela, a menos que entrem como amante ou como cativa. Só um mago pode ter esperanças de trabalhar contra ele. Sem magia, estão desarmadas frente a ele, apanhará-lhes com ilusões e lhes levará com truques a sua própria destruição. Seu poder é velho; é profundo; não é a magia da humanidade. É uma magia do mal — murmurou, enquanto as pálpebras se deslizavam de novo sobre os olhos brilhantes; a carne manchada de negro e verdeada com o sofrimento a seu redor—. Ninguém deve desafiá-lo.

Algo se moveu na escuridão. Falcão das Estrelas levantou a vista rapidamente. A tensão fria da batalha saltou a seu coração, mas não viu nada nas sombras impenetráveis que cobriam os rincões da habitação. Com a suavidade de uma mãe que não quer perturbar o sonho de seu filho, Falcão tirou as mãos de debaixo das do Anyog e ficou de pé. A espada saltou quase por si mesmo a suas mãos, com o reflexo de muitos anos de guerra. Entretanto, quando chegou ao arco que levava ao vestibulo, não viu nada nem ouviu som algum no corredor.

Quando voltou junto ao Anyog, o velho estava dormido; as pequenas mãos brancas, que nunca tinham feito um trabalho mais pesado que tocar música ou escrever poemas jazia imóvel como dois montões de ramos secos sobre o peito fundo. Ela se assegurou de que um fio de fôlego passava ainda por esses lábios brancos e se sentou no mesmo lugar que antes e deixou que o silêncio a seu redor se convertesse em algo assim como uma paz desesperadora. Sabia que Anyog tinha razão: sem a ajuda de um mago, não poderia entrar na cidadela nem resgatar a Lobo das garras do Mago Rei. Em certo modo, supunha que ela e Gazela o tinham sabido do começo, embora nenhuma das duas queria admiti-lo; nenhuma queria renunciar a Lobo.

Desde esse silêncio, Falcão das Estrelas procurou a quietude mais profunda e a paz da meditação; pôs sua mente no Círculo Invisível, na música que ninguém podia ouvir. Muitas das monjas olhavam o fogo para começar o Círculo; Falcão de Estrelas era muito boa como guerreira para cegar-se de

forma, mas tinha aprendido, em seus largos anos como mercenária, que podia encontrar o lugar para começar em sua própria mente.

O fogo rangia e murmurava no lar e suas cores infinitas jogavam como seda sobre as pontas dos tijolos, a madeira, a pele. Falcão das Estrelas se precaveu lentamente da corrente de ar que se movia pelos corredores curvos da estalagem escura, do peso e a força das vigas no ponto de união sobre sua cabeça e do teto de palha que se derrubava, vestido pela prata congelada da lua. Sua consciência se ampliou, como a água em uma planície que se alaga: consciência das mulas, que dormiam na escuridão do que agora era seu estábulo; de Gazela que chorava; do passo pesado dos irmãos que exploravam a estalagem; dos nuuwas que grunhiam e gemiam fora e das estrelas na noite distante.

Deu-se conta do momento em que a magia roçou o ar quieto da habitação.

Chegou até ela tão leve como um fio de música ouvida só pela metade, mas tão claro como o perfume de uma só rosa na habitação obscurecida. Não tinha pensado que a magia pudesse sentir-se assim. Não era nada semelhante ao brilho do fogo ou as terríveis teias de ilusão tecidas pelo Mago Rei e transmitidas por quatro gerações de rumores aterrorizados. Era uma coisa muito simples, como a aura de brilho que às vezes lhe tinha parecido ver ao redor da irmã Wellwa, semelhante à meditação, mas ativa, em lugar de quieta.

Ouviu a voz tremente, baixa, do tio Anyog, murmurando encantamentos de cura.

Depois de um momento, voltou da meditação. A voz murmurante do Anyog continuou um tempo, logo se calou. Sem a mudança em sua consciência, em sua profunda visão das coisas, talvez teria pensado que desvairava de febre e talvez ele tinha contado com isso. Estava quieto agora; os olhos abertos refletiam o brilho do fogo como velas em uma habitação escura. Ela se moveu para ele e pôs sua mão na sua.

— Vocês são magos — disse brandamente —, não é certo?

Um ruído áspero, como um soluço, escapou da garganta do Anyog.

— Eu? Nunca! — Os dedos secos se encolheram abaixo dos dela, sem força para obstinados—. Uma vez pensei..., pensei... Mas tive medo. Medo do Altiokis, medo da Grande Prova mesmo. Escapei-me, deixei a meu professor, fingi amar mais outras coisas. A música, os poemas, tinha medo de que alguém

suspeitasse. Acumulei pequenos pedacinhos de poder, consumido pelos sonhos do que pude ter tido.

Os olhos brilhantes de febre a olhavam com fixidez, brilhantes e inquietos. Por cima, as madeiras rangeram com o passo pesado dos irmãos. Em algum lugar na escuridão, uma mula se moveu junto à forragem.

—Minha pomba guerreira — murmurou ele—. O que procuram com o Mago Rei? O que é esse sonho que vejo em seus olhos, esse sonho que ides seguir até sua própria destruição na cidadela?

Falcão das Estrelas meneou a cabeça, teimada.

—Não é um sonho — replicou em voz baixa—. É meu chefe; Altiokis o deixa prisioneiro.

—Ah. —O fôlego saía leve dos lábios azuis—. Altiokis. Minha menina, ele não deixa escapar com facilidade aos que agarrou. Inclusive se pudessem encontrar um mago, um mago verdadeiro que lhes ajudasse, não viveriam o suficiente para morrer junto a seu capitão.

—Talvez não — disse Falcão das Estrelas com calma e ficou em silêncio por um tempo, olhando o brilho fundo do lar. As chamas se apagaram e só ficava o calor profundo, tremente das brasas, mais capitalista que o fogo, mas invisível. Finalmente, Falcão das Estrelas prosseguiu—: E foi feliz ao abandonar seu sonho por sua segurança, Anyog?

O rosto maltratado se dobrou um segundo, com dor, logo ficou quieto de novo. Ela pensou que dormia, mas depois de um comprido silêncio, os lábios do ancião se moveram. A voz era débil e se detinha com frequência.

—Esse homem que procuram — murmurou—. Deve amá-lo mais que a sua vida.

Falcão das Estrelas desviou a vista. As palavras atravessaram sua mente como um rangido de uma espada na carne, súbitas, violentas e ela se deu conta de que Anyog havia dito a verdade. Era uma verdade que tinha escondido dos outros guerreiros na tropa de Lobo do Sol, de Lobo do Sol mesmo e de sua consciência de mercenária; entretanto, não se surpreendeu por sabê-lo agora. Durante anos se havia dito a si mesma que o que sentia era a lealdade que um guerreiro devia a seu capitão e isso, ao menos, tinha-lhe economizado o ciúmes das numerosas concubinas de Lobo. Desde menina sabia que era feia e Lobo sempre escolhia moças formosas.

Mas ela não era a única que lhe amava mais que à vida. Apertou os dentes com força ante a amargura e olhou com os olhos secos e abertos a escuridão. Agora que dito sentimento tinha sido descoberto, já não podia desconhecer-lo, mas entendia as razões pelas que tinha trabalhado para enganar-se a si mesmo quase desde o começo. Algo era melhor que o vazio deste desespero.

A voz de RAM fez um eco na cozinha da estalagem, através da porta entreaberta que levava a habitação comum onde estava Falcão das Estrelas. Dizia algo ao Orris, algo a respeito de fechar as persianas com mais força e Falcão das Estrelas suspirou. Que seus sentimentos para Lobo do Sol fossem a lealdade de um soldado ou o amor de uma mulher, que ele soubesse ou não, que tivesse morrido ou estivesse vivo ainda, nenhuma dessas coisas alterava a situação mais imediata: estava apanhada em uma estalagem com vários nuuwas que golpeavam e mastigavam fora. O primeiro é o primeiro, disse-se com amargura enquanto se levantava. Haverá tempo para enredar-se com o amor e a magia, se estiver viva amanhã a esta hora.

Encontrou aos irmãos conferenciando nas sombras junto ao lar frio e vasto da cozinha; a luz da tocha do Orris arrojava reflexos sobre os olhos brilhantes dos dragões nos recursos de cobre das panelas e sobre a água potável na vasilha de pedra. podia-se ouvir os nuuwas fora, raspando e mordendo os Marcos das janelas; os alaridos ásperos, quebrados de tanto em tanto por compridos gemidos dilaceradores.

—Como vai? —perguntou Orris.

Falcão das Estrelas meneou a cabeça.

—Melhor do que parece — replicou—. Faz um momento tivesse apostado a que estaria morto a esta hora e teria perdido meu dinheiro. Tudo está seguro por aqui?

Os dois pareciam muito surpreendidos. Orris se recuperou primeiro e disse que acreditava que as persianas agüentariam o embate dos nuuwas.

—Pusemos cunhas em algumas das persianas da planta baixa — adicionou—. Deus sabe que há muitas tochas e cunhas na habitação da lenha, embora haja pouca lenha. Mas quanto a como vamos sair deste buraco...

—Arrumaremos-nos — disse Falcão das Estrelas—. Se ocorrer o pior, podemos pôr ao tio Anyog em uma das mulas e deixar o resto como isca de peixe...

—Mas e as peles? —protestou Orris, horrorizado—. E a mercadoria? Todo o comércio do verão...

—Mamãe nos vai matar — adicionou RAM.

—Terá que ficar de vigia. Eu estou primeiro — lhe recordou Falcão das Estrelas, levantando o dedo para as janelas fechadas—. Onde está Gazela?

Encontrou a Gazela no salão que tinham convertido em estábulo, escondida nas sombras entre os pacotes de peles, o rosto afundado entre as mãos. Falcão das Estrelas se guiou pelo som afogado de seu pranto porque a habitação e o comprido corredor da habitação comum estavam muito escuros. Falcão ficou de pé, oculta junto ao arco negro da porta, escutando esse som horrível e afogado; seu instinto lhe dizia que se aproximasse de Gazela e lhe ajudasse a dominar seus medos, mas a nova consciência que haviam lhe trazido as palavras do Anyog o impedia.

Amava a Lobo do Sol. Amava-o não como um guerreiro ama a seu chefe, mas sim como uma mulher ama a um homem; e não podia conceber o amor por um homem que não fora ele.

Sua infância lhe tinha ensinado que o amor significava a submissão da vontade de um a de outro. Tinha visto como sua mãe se inclinava indefinidamente ante os desejos de seu pai, a pesar do amor que tinha havido entre os dois. Recordava a essas moças que tinham competido em humildade para converter-se nas esposas de seus irmãos, lhes cozinhando pão, limpando suas casas, abandonando o brilho de sua juventude para dar a luz e criar seus filhos. Tinha visto gazela e a todas essas outras moças anteriores, suaves, suplicantes; moças que tinham sido amantes de Lobo do Sol, as tivesses comprado com dinheiro ou não.

Algumas vezes Lobo do Sol lhe tinha pedido que fizesse coisas que não gostava. Mas suas petições nunca deixaram de ter suas razões, e as razões sempre tinham sido honestas. De sua discípula, converteu-se em sua amiga, talvez a amiga mais próxima que tinha. Apesar da camaradagem fácil que reinava entre ele e seus homens, havia uma parte de si mesmo que se escondia essa parte que falava de teologia nas largas tardes de inverno ou que arrumava e voltava a arrumar as pedras em um jardim até que satisfaziam seu sentido da quietude e a perfeição. Lhe tinha mostrado essa parte, somente a ela.

No entanto, essa moça era sua mulher.

Minha rival pensou Falcão das Estrelas, com uma pontada de desgosto amargo. A isso vamos chegar, eu e esta mulher com a que compartilhei uma dúzia de acampamentos nas montanhas? Minha companheira de perigos, que dividiu os guardas comigo e discutiu os preços com os hospedeiros? vamos terminar nos atirando do cabelo, como um par de moças de aldeia que brigam pelo afeto de um dos caipiras do povo?

A idéia lhe parecia horrenda, como as lembranças baixas e sujas das noivas de seus irmãos maiores e seus subterfúgios baratos para ganhar bailes com eles nas feiras.

E em realidade, o que me tirou Gazela? Nada que eu tenha tido. Quebrei meus votos por Lobo do Sol e depois quebrei meu corpo para aprender dele as duras artes da guerra. Nunca me arrependerei disso, nunca me quis como sua mulher nem sequer desde o começo.

Não é suficiente que me tenha por amiga?

A mulher que havia nela recordou como Gazela tinha apoiado suas mãos lívidas sobre os largos ombros de Lobo do Sol e beijado a parte da cabeça onde o cabelo já raleava.

Não, não era suficiente.

No entanto, compreendia também, com curiosa claridade, que Gazela possuía todas as coisas que faltavam a ela: suavidade, capacidade para receber amor sem desconfiar dos motivos do que o dava, a gentileza que cede e o vestido mágico de sua beleza que a fazia preciosa ante os olhos de Lobo do Sol.

Seria mais fácil, refletiu ela, se Gazela fosse uma cadela malcriada e ambiciosa. Então, ao menos, saberia o que sentir. Mas então, claro, Lobo não a teria eleito. E a moça não teria vendido tudo o que tinha e deixado a segurança e a comodidade para buscá-lo em meio dos perigos da cidadela do Altiokis.

Gazela tinha dezoito anos, estava maltratada e muito assustada; foi isso, mais que qualquer consideração para Lobo do Sol, o que fez que Falcão se aproximasse finalmente a ela para consolá-la entre braços incômodos e desacostumados.

Apesar de seu cansaço, Falcão das Estrelas dormiu mal essa noite depois de sua guarda. As palavras do Anyog voltavam para ela uma e outra vez:

Devem amá-lo mais que a sua vida... Só outro mago pode entrar na cidadela... Só um mago... Seu poder é velho; é profundo... Uma magia do mal, que não se pode desafiar... Nunca te apaixone e nunca te mescle com a magia... Em seus sonhos, tirou o chapéu tropeçando por salões cheios de sombras encantadas, onde os troncos das árvores partiam as pedras das paredes derrubadas e os ramos se arrastavam na água que formava pequenas lacunas sobre os chãos escorregadios. Estava procurando a alguém, a alguém que podia ajudá-la, e era terrivelmente importante que o encontrasse antes que fosse muito tarde. Mas nunca antes tinha procurado a ajuda de ninguém; sempre tinha brigado suas batalhas sozinha: não sabia que palavras devia empregar para pedir ajuda. Na escuridão, ouviu os pequenos passos da irmã Wellwa que se afastavam, viu o brilho pálido da gorguera branca e manchada do Anyog. E detrás dela, das curvas cheias de trepadeiras dos corredores, chegavam outros sons: corpos que tropeçavam e fôlego áspero, úmido. Correu para romper a força do chão e despertar, mas estava muito cansada; os sons babosos, sujos pareciam mais próximos na escuridão.

Com um esforço muito grande, abriu os olhos e viu gazela sentada sobre o lar, inclinada para escutar as palavras que murmurava o tio Anyog. A cor vermelha do fogo fundo destacava seu rosto contra um bordo cor rubi; os lábios pareciam tensos e secos. O ar da habitação estava carregado e fedorento. Através da confusão do despertar, Falcão das Estrelas ouviu que RAM e Orris faziam suas rondas em alguma parte da estalagem, ruídos suaves, torpes, vozes que discutiam. O tio Anyog calou e Gazela se inclinou para limpar o suor que molhava as bochechas afundadas.

Logo, ficou de pé e se colocou a capa a quadros sobre o vestido branco, que era tudo o que levava em cima. Seu cabelo solto brilhava com rastros de âmbar e vermelho na luz moribunda, Falcão das Estrelas lhe perguntou, confusa:

— Aonde vai?

— A procurar um pouco de água — disse Gazela, enquanto punha a mão na porta da cozinha para abri-la.

Havia uma fonte ali, recordava Falcão das Estrelas; sua mente cansada se movia com lentidão. Viu-a quando falava com RAM e Orris, de pé junto à monstruosa escuridão da chaminé..., a chaminé...

Seu grito de «Não!» afogou-se no grito de Gazela quando abriu a porta.

Falcão das Estrelas pensou depois que certamente já estava de pé e correndo quando Gazela gritou. Tomou a manta como escudo; isso e as dobras espessas da capa que Gazela ainda tinha ao redor de seu corpo foram suficientes para enredar ao primeiro nuuwa e salvar a Gazela de seu ataque apressado. O segundo e o terceiro entraram tropeçando sobre o monstro que se retorcia, uivando sobre a soleira. Falcão das Estrelas decapitou a um enquanto lhe aproximava, logo girou violentamente para cortar ao outro que tinha arrancado uma parte de carne do braço de Gazela. A cabeça saiu saltando e rodando, com a boca sangrenta ainda aberta, as mãos aferrando à moça como se ainda pudesse devorá-la.

Falcão das Estrelas chutou a porta para fechá-la e girou o ferrolho enquanto via outro movimento, uma luta e um ofego perto do lar.

Quando se deu a volta, RAM e Orris já estavam soltando a coisa que aferrava a Gazela. À luz da tocha de RAM, a criatura aparecia coberta de uma sujeira que formava um barro negruzco, misturado com sangue derramado. Gazela estava inconsciente. Por um momento, quase decomposta, Falcão das Estrelas pensou que estava morta.

Lobo não me perdoará por isso...

Meu rival...

Fui deliberadamente lenta?

Santa Mãe, com razão dizem que não é profissional estar apaixonada! Acaba com seu instinto de luta!

—Vêm pela chaminé — disse. RAM estava de pé. Não podiam ter passado mais de sessenta segundos do momento em que Gazela tinha aberto a porta —. Estão no telhado.

Com uma rapidez surpreendente para seu tamanho, RAM se situou junto à janela mais próxima, olhando através de um buraco na persiana a leve luz da lua de fora. Desde dentro da cozinha, chegava um rangido e uma mescla vasta de sons; os grandes ferrolhos da porta se curvaram sob o peso terrível dos corpos.

—Podemos rompê-lo? —perguntou RAM, dando-a volta. Um ponto de luz de lua jazia como uma pequena moeda sobre sua bochecha de ossos chatos, sem barbear.

—Está louco? —perguntou Orris com voz rouca—. Vão cair do teto para nos apanhar.

—Não se colocarmos fogo à estalagem...

—Escuta estúpido carcomido pelos gaums, têm que ter deixado a alguém para cuidar as portas.

—Não — disse Falcão. Tinha deslocado até o outro lado da habitação para abrir a persiana. O brilho do ar mostrou a neve branca da rua vazia entre a escuridão dos edifícios—. Nem sequer têm cabeça para trabalhar em grupo como os lobos. Encontraram uma forma de entrar na estalagem e todos o fazem. Escutem, nem sequer sabem que devem jogar-se contra uma porta todos juntos ou usar a mesa como aríete.

Orris ficou de pé, com Gazela deprimida e branca entre seus braços, exceto a mancha cada vez mais grande de vermelho sobre o tecido branco.

—Pela Trindade, são criaturas mais parvas que meus irmãos! —gritou—. Nunca pensei que veria algo assim.

—Verá tantas como quer se não apurar esses pedaços de madeira cheios de mofo que chama pés — lhe replicou RAM, correndo para o estábulo das mulas.

Falcão das Estrelas procurava tochas e amontoava palha, com uma orelha atenta ao concerto de grunhidos na cozinha. Levou o que ficava da lenha à porta da cozinha e tomou uma tocha do lar.

—E Anyog? —perguntou Orris e se ajoelhou junto ao velho—. Não podemos fazer um beliche nenhum rastro...

—Ponham como carne morta então — replicou Falcão, que tinha saído de campos de batalha assim—. De todos os modos, morrerá se ficar aqui. —Já podia ver as dobradiças da porta da cozinha cedendo sob o peso demolidor. Orris a olhou, com a boca aberta de horror—. Maldição, façam o que lhes digo! —gritou como tivesse feito com um soldado na batalha—. Não há tempo que perder!

Orris ficou de pé e a obedeceu. Se Anyog for mago, pensou ela, Altiokis ou não, fará o que possa para seguir vivo com o poder que tenha. É o melhor que podemos esperar para ele...

Mas assim como Falcão das Estrelas era soldado profissional, os irmãos eram mercados profissionais e podiam preparar um burro e cinco mulas com a

velocidade do relâmpago, adquirida em centenas de acampamentos de emergência. Em uns momentos, as mulas estavam relinchando e chutando no vestibulo, acompanhadas pelo Orris e seus insultos e um látego. RAM chegou correndo junto a Falcão das Estrelas; a tocha e as cunhas da lenheira pareciam brinquedos em suas grandes mãos. Com a extremidade do olho, Falcão das Estrelas distinguiu o vulto comprido, esmagado que era o tio Anyog, caído sobre o lombo de uma mula e o de Gazela, de pé de algum modo, envolta na guerreira negra e primitiva do velho, tropeçando ao abrir as grandes leva do exterior.

O ar gelado se derramou sobre eles. Os gritos ululantes das criaturas da cozinha tinham aumentado até a loucura. As portas cediam enquanto ela e RAM percorriam os outros salões. As chamas subiram sobre as madeiras e arderam na palha das mulas, pulverizada agora pelo chão. A porta da cozinha se quebrava quando Falcão das Estrelas arrojou a tocha contra ela e logo correu para trás através da habitação comum, ao encontro de RAM que a esperava, sua silhueta contra a noite nevada de fora.

Meia dúzia de cunhas selaram as portas. Enquanto baixavam os degraus até onde Orris os esperava com as mulas, Falcão olhou para trás e viu, em silhueta contra as chamas do teto, as sombras negras dos nuuwas, uivando e chiando como as almas dos condenados no inferno da Trindade.

Nada os atacou ao sair da cidade. Quando subiam pelo caminho para as montanhas, viram a luz detrás deles durante um comprido momento.

Capítulo 10



—Mamãe está chorando.

Lobo do Sol olhou para a voz nova, suave, que entrava na solidão do jardim molhado pela chuva. A filha da Sheera, Trella, sentada a seu lado com a pá de pedreiro na mão, disse automaticamente:

—Claro que não.

O menino que tinha vindo a trazer as notícias atravessou cuidadosamente o chão úmido e revolto até onde Lobo e a garotinha conversavam, sentados sobre uma grande rocha; emprestava uma imensa atenção para não enlamear as chinelas negras nem os meias três - quartos. Trella, que tinha seis anos e tinha estado ajudando a Lobo do Sol em suas tarefas como jardineiro desde que chegou à casa, não tinha tais considerações. Suas saias negras de lã estavam manchadas quase até as coxas e por cima da ponta da rocha escapavam duas perninhas como palitos em meias negras enrugadas.

O menino não disse nada. Só os olhou com os olhos castanhos e formosos da Sheera, muito abertos.

—Mamãe nunca chora agora. E Nani diz que não deve te chupar o dedo como um bebê — adicionou Trella, para começar a discutir.

O menino tirou o dedo da boca, mas o sustentou com a outra mão, como se tivesse medo de que caísse ou se secasse se não o protegia.

—Chorou quando papai morreu — disse à defensiva—. E Nani diz que não deve te sentar nas rochas nem jogar com os escravos.

—Não estou jogando com ele, estou-lhe ajudando a trabalhar — disse Trella com dignidade—. Não é certo?

—Claro que sim — replicou Lobo do Sol, sério, mas com um brilho de diversão em seus olhos ao olhar aos filhos da Sheera.

Muito poucas vezes via o Graal Galernas, de quatro anos; até que o moço era Sheera em miniatura, também era suave, quase tímido e sentia muito sua dignidade como cabeça da casa do Galernas. Trella provavelmente se parecia com o pai morto; tinha cabelo cor areia, olhos avelã, um nariz arrogante e não temia a nada exceto a sua formosa mãe. Lobo do Sol os tinha conhecido uma vez

que escaparam de sua governanta para jogar na estufa, o qual evidentemente lhes estava proibida. Era um costume que Sheera nunca tinha mencionado e ele se perguntava se sabia. Graal se tinha aborrecido da jardinagem com rapidez, mas Trella lhe tinha ajudado a construir uma série de casas para as roseiras ao longo da parede sul da estufa. Nesse projeto, lhe tinha devotado informações de vários tipos sobre a Sheera.

Agora, Graal disse:

—Sim que chorou quando papai morreu.

Trella se encolheu de ombros.

—Estava chorando antes que isso. Chorou quando chegaram os mensageiros a casa com notícias da batalha e chorava quando voltou de casa de lady Yirth mais tarde. E a ouvi chorar na cozinha quando esquentava vinho para papai.

—Nunca fez tal coisa — a contradisse seu irmão, que ainda se sustentava o dedo—. Temos serventes que esquentam o vinho. — Tremia a pesar do veludo com puntillas chapeadas de seu pequeno gibão; embora tenha deixado de chover fazia horas, o dia estava frio e o ar úmido. Na opacidade deserta do jardim vazio, o menino parecia uma jóia abandonada sobre o lixo.

—Bom, fez-o — replicou Trella—. Eu estava jogando na despensa e a ouvi. E logo foi até sua habitação e chorou e chorou e ainda estava ali quando papai teve as câibras no estomago e morreu, assim aí tem.

As lágrimas encheram os olhos brandos do moço e o dedo voltou para sua boca. Murmurou confusamente:

—Nani diz que não deve jogar na despensa.

—Isso foi faz meses e meses e meses, e se o diz a alguém, porei um caracol em sua cama.

Para estar preparada, desceu da rocha e começou a procurar o caracol prometido. Graal retrocedeu rapidamente e fugiu chorando para a casa.

Lobo do Sol, sentado com os joelhos levantados sobre a pedra suavizada pelo rio, olhou como se ia o menino. Logo, voltou a olhar à menina, que ainda rebuscava a propósito na terra movida do jardim de rochas que ele tinha estado preparando.

—Ele amava a seu pai, verdade?

Ela se endireitou, avermelhou e apontou, com voz opaca:

—É só um bebê. —Isso, evidentemente, arrumava ao pai e ao irmão ao mesmo tempo.

Já que realmente sabiam tanto, Lobo se perguntou se também saberiam algo sobre sua mãe e o príncipe Tarrin.

Não lhe haveria dito a uma menina que seu pai era colaboracionista e sua mãe, uma puta, não mais do que teria açoitado a um cachorrinho por algo que não tinha feito, e pela mesma razão, em realidade. Considerava que os meninos eram bichinhos, e nem Graal nem Trella pareciam ofender-se por esse tratamento. Mas sua própria infância lhe tinha ensinado a Lobo que havia muito pouco que os homens e as mulheres não fossem capazes de fazer a seus filhos.

Perguntou-se o que lhe teria dado Yirth a Sheera para pôr no vinho quente de seu marido.

O vento moveu os ramos nus dos borde do buraco no que estavam trabalhando; gotinhas chapeadas de chuva se desprenderam sobre os dois. Lobo do Sol não lhes emprestou atenção —tinha estado molhado e frio uma grande parte de sua vida e não lhe parecia importante— e Trella, que o vinha imitando conscientemente durante semanas, ignorou-as também. O aroma da terra se mesclou com o silêncio úmido, mofado, enquanto ele arrumava e voltava a arrumar os ossos suaves e nus das rochas, procurando a harmonia indefinível das formas, e passou muito tempo antes que Trella rompesse o silêncio.

—Não está chorando — declarou. Depois de um momento, adicionou—: E de todos os modos, é só porque esse homem veio aqui a vê-la.

«Esse homem» —e Lobo do Sol sabia— era Derroug Dru, o governador designado pelo Altiokis no Mandrigyn.

E tal como dizia Trella, depois de um momento viu a pequena figura asseada do governador, que emergia do invernáculo e caminhava pelo atalho com um servente que sustentava uma sombrinha lavrada em oro sobre sua cabeça. O parecido familiar com o Drypettis era grande; os dois eram pequenos, mas Drypettis era magra e o governador Derroug Dru era um animal pequeno, retorcido, fracote. A forma altiva dessa cabeça e esses ombros descendiam com rapidez para pernas débeis e mirradas. Uma perna não era mais que um osso retorcido encerrado em meias três - quartos de seda cujo discreto cheio acentuava a deformidade, em lugar de dissimulá-la; caminhava com uma fortificação, e Lobo do Sol tinha observado como todos seus acompanhantes

diminuíam o passo para compassá-lo ao dele, não por cortesia, mas sim por medo. Seu cabelo castanho já raleado se apoiava despachosamente brilhante sobre as têmporas, e seus olhos, dissipados e castanhos, cuidadosamente pintados para esconder as piores marcas dos excessos. Nesta ocasião só lhe acompanhava um servente, mas Lobo sabia que geralmente viajava com toda uma corte de parasitas e vários guarda-costas. Não era um homem popular no Mandrigyn.

Olhos Âmbar lhe tinha contado que antes que Altiokis tomasse a cidade, ela e suas amigas estavam acostumados a jogar o deitar-se com o Derroug. A que perdia, tinha que aceitá-lo. Desde que era governador, seus vícios se fizeram mais públicos.

Lobo do Sol agachou a cabeça enquanto arrumava a terra úmida ao redor das pedras. Ouviu o ruído da fortificação e os passos um pouco arrastados que se detinham sobre o atalho de lajes; sentiu os olhos do homem e soube que o governador lhe odiava por sua altura e seu corpo. Logo Derroug continuou seu caminho. Estava por debaixo da dignidade do governador do Mandrigyn emprestar atenção a um escravo.

Perto de seu ombro, Trella murmurou:

—Odeio-lhe!

Ele olhou à menina e logo à figura elegante que ascendia os degraus da galeria, um estalo de pele branca e sedas lilás contra os cinzas salpicados e os vermelhos manchados de musgo da parte posterior da casa e o branco opressivo do mármore do chão e a pilastra. Sheera nunca falava do governador, mas ele tinha vindo a vê-la várias vezes desde que Lobo estava ali, e nunca quando Drypettis se achava presente. Lobo do Sol supunha que a mulherzinha interferiria entre o irmão e a amiga, o qual, além da posição anterior do Drypettis na conspiração, talvez explicava o porquê do carinho da Sheera.

Começava a chover de novo. A governanta dos meninos chegou correndo pelo atalho para brigar com Trella por sair sem sua criada, por não usar véus, por sujá-las as mãos e por manter conversação com um homem vulgar e primitivo.

—lhe falar com um homem a sós..., a gente tomará por uma pequena rameira! —disse entre dentes e Trella inclinou a cabeça.

Lobo do Sol se limpou as mãos sobre as calças remendadas e disse com secura:

—Acusaram-me de muitas coisas em outros tempos, mulher, mas é a primeira vez que a alguém lhe ocorre sequer que possa querer corromper a uma menina de seis anos. —Não gostava da governanta.

Ela levantou seu nariz bem formado em um ângulo um pouco maior que o usual e replicou:

—É o princípio. Uma menina deve aprender desde que nasce o que está além das linhas da correção. Surpreende-me ver o que ocorre na cidade nestes dias: as mulheres que saem com rosto descoberto e se sintam sobre os mostradores de negócios em público como prostitutas em suas janelas..., e além disso conversam com prostitutas..., Por Deus, não deveria me surpreender tanto! Essa mulher que esteve aqui antes levava o rosto grafite! O que houvesse dito meu senhor...

Retrocedeu pelo atalho, mantendo à menina perto de sua saia, apesar da resistência, e murmurando para si mesmo sobre a queda no vício que via na cidade.

Lobo do Sol meneou a cabeça e recolheu as ferramentas. A chuva era desse tipo volátil, fina, cheia de rajadas, que anuncia sempre uma tormenta mais capitalista para a chegada da noite; caía por seu comprido cabelo sobre os ombros e atravessava com rapidez a malha primitiva de sua camisa. No entanto, ficou de pé por um momento, estudando as rochas que tinha colocado a grande de granito suave enterrada com um pouco de inclinação para que se visse a larga fissura do flanco e formasse uma espécie de cova, protegida por outras quatro pedras menores. As linhas das pedras eram corretas, formavam uma espécie de música contra a rigidez da terra castanho escuro, mas pensou que lhe tivesse gostado de ter a opinião de Falcão das Estrelas.

Em certo sentido lhe preocupava a forma em que esse pensamento voltava uma e outra vez a sua mente.

Sempre tinha sabido que ela era um bom segundo ao mando. Não se tratava só de sua habilidade para enfrentar-se e vencer a homens muito maiores, mas também da frieza desumana que demonstrava ante as tropas, o qual fazia que eles a respeitassem e lhe temessem, e assim devia ser. Como líder, ele se dava conta do que valia sua prudência extrema e sua lucidez para definir e resolver os problemas. Como homem, além de como chefe, deu-se conta do valor que supunha sua companhia.

Só agora compreendia quanto valia por ela mesma. Na campanha, às vezes passava dias e semanas sem vê-la, mas sabia que estava sempre ali. Agora, despertava às vezes durante a noite e se dava conta de que se algo andava mau — e não tinha dúvidas de que isso passaria cedo ou tarde — já não voltaria a vê-la. Ocorria-lhe pensar que morreria no Mandrigyn, mas nunca antes tinha pensado na morte em tais términos.

Era um pensamento perigoso e o suprimiu de sua mente enquanto entrava nas sombras vastas e castanhas da estufa. A isso se referia seu pai, pensou, quando falava de abrandar-se, uma espécie de rabisco, de indefinição no lado duro do coração de um guerreiro. E por que, maldição? Falcão das Estrelas nem sequer era bonita.

Não o que a maioria dos parvos chamaria bonita, claro.

A chuva golpeava sobre a parte do teto que não estava coberta pelo mezanino. A grande habitação devolvia um eco suave com seu rugido longínquo. Na escuridão que agora lhe era familiar, as poucas árvores que não tinham sido transportados às casas recém construídas se agrupavam como rondas dormidas em um rincão, escondendo os postes para as práticas. A mesa ainda estava ao final da habitação, perto da porta que levava às estreitas escadas. Sobre um cano derrubado, com a cabeça entre as mãos, olhando sem ver as pranchas cinza da parede, estava Sheera; a lã pesada de seu vestido carmesim caía como um rio de sangue ao redor de seus pés.

Seu filho tinha razão. Tinha chorado, isso era claro.

Quando levantou a vista ao passo de Lobo do Sol, seus olhos estavam afundados e marcados de vermelho, mas ele viu como ela introduzia à força algo duro neles e uma calma especial em seu rosto.

—Quando podem estar preparadas as mulheres para atacar as minas?

—Com ou sem mago para lhes ajudar? —replicou ele.

O cansaço do rosto da Sheera se transformou em raiva, como uma explosão de pó destrutivo e abriu a boca para lhe ladrar algo.

—Um mago verdadeiro digo, não essa misturadora de venenos local.

Os lábios vermelhos se fecharam e as linhas duras que ele tinha observado tantas vezes se esculpíram em seu rosto, do nariz estendido até os extremos tensos da boca.

—Quando?

—Um mês, seis semanas.

—Muito tempo.

Ele se encolheu de ombros.

—Você é o comandante.

Voltou-se para ir-se e ela ficou de pé de um salto e o tirou do braço, lhe dando a volta para que a olhasse de novo.

—O que tem de mau atacar agora?

—Nada — disse ele—. Enquanto não tem importância que todas suas amigas, as que lhes foram fiéis, a você e a sua causa patriótica e ridícula, fiéis até quase matar-se e pôr em perigo a suas famílias para aprender a ser soldados, morram porque você meio preparadas para a batalha.

A mão dela o soltou como se a pele de Lobo do Sol se converteu em escamas de serpente. Mas ele viu em sua irritação um medo latente, o desespero de uma mulher que luta contra o destino e as circunstâncias com reservas cada vez mais escassas de força.

—Não entende? — perguntou a voz tremendo de preocupação e raiva—. Cada dia que esperamos, ele se faz mais forte; e cada dia que passa aumentam as possibilidades de que machuquem ao Tarrin ou o condenem a morte nas minas. Já suspeitam que está organizando algo lá embaixo; açoitaram-no e golpeou e depois o arrojaram de novo a seu lugar na cadeia para que fizesse toda sua cota de trabalho com os membros quase deslocados. Mas sem ele, a resistência dos homens se derrubaria; ele é a esperança e o brilho de sua coragem; o único que se interpõe entre suas mentes e o desespero mudo e indiferente da escravidão.

»Eu sei — murmurou—. Ele nasceu para ser chefe, é um rei nato; e possui a magia de um rei, a magia que faz que os corações dos que lhe seguem lhe obedeçam sem perguntas. Eu o amo desde que nos conhecemos: desde que nos olhamos pela primeira vez, soubemos que seríamos amantes.

—E isso não lhes impede de jogar com a forma em que lhes corteja Derroug Dru? —perguntou Lobo do Sol, irônico.

—Me cortejar? —Lhe cuspiu a palavra com desprezo—. Por favor! É isso o que criem que quer? Matrimônio ou inclusive um amor honorável? Não o conhecem. Porque fui a esposa do que mais o apoiou, o homem mais importante

e mais rico de sua facção na cidade, manteve-se longe. Mas sempre me seguia com os olhos. Agora vem como um cão quando a cadela está em zelo...

Lobo do Sol recostou seus ombros largos contra um dos pilares primitivos de cedro que sustentavam o teto.

—Então suponho que lhes apressaram muito ao envenenar a seu marido, não é verdade?

Os olhos dela brilharam como os de um animal na penumbra do vasto vestíbulo.

—Me apressar? —ladrou-lhe—. me apressar quando esse porco fingiu acontecer-se à facção do Tarrin, durante as discussões antes do ataque do Altiokis, quando respirou a cada um dos homens leais ao Tarrin, a cada um dos homens leais à cidade, a unir-se ao exército do Tarrin e isso sabendo o que lhes esperava em Passo de Ferro? Não havia nada que não se merecesse pelo que fez esse dia.

Sheera caminhava de um lado a outro da habitação; o brilho leve das janelas ondeava como a luz sobre a pele de um animal; o rosto, branca contra a cor sangrenta de seu vestido e o negro de seu cabelo.

—O que fez esse dia foi cortar minha vida, cortar a vida de cada uma das pessoas desta cidade. Deixou-nos sem raízes, roubou aos que amávamos e pôs em perigo constante nossas vidas. O que se merecia se não a morte?

—Não sei — disse Lobo do Sol, em voz baixa—. Considerando que isso foi o que você fez, sem pensá-lo duas vezes, não posso responder com justiça a essa pergunta. —Deixou-a e subiu a escada encerrada, escura, para seu mezanino enquanto a chuva golpeava como o trovão a seu redor e sobre sua cabeça.

Capítulo 11



Chovia no Pergemis. A chuva dura, plúmbea golpeava com fúria sobre os tetos a duas águas daquela grande cidade com um som quase semelhante ao tamborilo do granizo. Os paralelepípedos da rua levantada, três pisos por debaixo da janela de Falcão das Estrelas, corriam como um rio; arroios brancos saltavam dos deságües dos tetos. Além das paredes de pedra com seus ângulos agudos, o mar distante era do mesmo cinza frio, profundo do céu.

Falcão das Estrelas, com a cabeça inclinada sobre o vidro, sentia-o como gelo úmido contra a pele. Em algum lugar da casa alta, estreita, ouvia a voz de Gazela, leve e aguda, com o tom que usava para lhe falar com os meninos. Logo, chegaram seus passos dançando pelas escadas.

Está de pé outra vez, pensou Falcão. É tempo de seguir a viagem.

A idéia atirava dela, como um peso que se volta a tomar antes que as costas tenham descansado de tudo. Perguntou-se quantos dias tinham perdido. Vinte? Trinta? O que poderia ter acontecido com Lobo nesses dias?

Nada que ela tivesse podido remediar, pensou. E não poderia ter deixado a Gazela.

Para quando chegaram ao cruzamento de caminhos, onde o do sul que levava a costa da Enseada se separava da rota das terras altas que ia para o Racken Scrag e finalmente a Escarpado Sinistro, a pele danificada do braço e o pescoço de Gazela tinha começado a supurar. Falcão das Estrelas tinha feito todo o possível por ela. Anyog, cujas feridas, por sorte ou por magia, seguiam podas, estava muito doente para ajudá-la. Era impossível separar-se.

Para quando chegaram ao Pergemis, Gazela estava febril, queixava-se em uma agonia de dor e chamava com voz débil a Lobo do Sol. No pesadelo confuso dos dias e noites que seguiram apesar de tudo o que podia fazer a dama, Pel Pasolargo, a moça se perdeu em um delírio desesperado, soluçando e pedindo a Lobo que a salvasse.

Durante os primeiros quatro ou cinco dias em casa da mãe viúva de RAM e Orris, Falcão das Estrelas só tinha sentido cansaço interminável e medo, e não recordava ter conhecido a ninguém claramente, exceto ao Pel mesma. A mãe da equipe de bois era ridiculamente parecida com seu irmão Anyog, pequena,

flancuda, com o cabelo tão encaracolado e manchado de branco como a barba dele. Encarregou-se imediatamente de Gazela e Falcão das Estrelas: cuidava incansável, à moça no tempo que ficava depois de dirigir um dos estabelecimentos comerciais mais bem-sucedidos da cidade. As lembranças de Falcão das Estrelas nesse tempo eram uma confusão de cataplasmas fedorentos que lhe queimavam as mãos, vapor de ervas e a frescura da água de lavanda, uma sensação de cansaço como nunca tinha conhecido na guerra e uma amargura desesperada, culpada, que voltava como a dor de uma velha ferida cada vez que via o rosto branco, carcomido, de Gazela. Os outros membros da casa tinham sido apenas vozes e uma que outro rosto que espiava pela porta.

A única lembrança clara que ficava dos fatos desse tempo era o da noite em que cortaram um punhado de carne podre da ferida de Gazela. Falcão das Estrelas se sentou com ela depois, com a respiração leve, dormida, da moça como único som na casa escura. Tinha meditado sem encontrar a paz nisso e estava sentada na cadeira com almofadões junto à cama, olhando fixamente a escuridão que ficava além da única vela, quando, entrou Anyog, ofegando pelo esforço de haver-se miserável até ali do outro extremo da casa. O velho tinha rechaçado os gestos ansiosos dela que tratava de obrigá-lo a sentar-se; até fazia pouco tinha estado pior que Gazela e ainda parecia um cadáver em seu lençol branco, envolta sobre uma bata vermelha e suja.

Apoiou-se nela para manter-se de pé enquanto ofegava:

—me jurem que não o dirão a ninguém. Jurem por sua vida.

E depois do juramento, sentou-se sobre a bordada cama e com estupidez, com o ar de alguém que faz muito tempo que não praticava, fez encantamentos de cura com mãos que tremiam de debilidade.

Depois deste acontecimento, Pel Pasolargo fez notar a Falcão das Estrelas que seu irmão dormia mau. Em seus pesadelos, murmurava o nome do Mago Rei.

Além do Pel, a família estava formada por três filhos. Imber era o major, que compartilhava o mando dos interesses comerciais dos Pasolargo com ela; Gillie era a esposa do Imber, e seus filhos, dois pequenos terrivelmente empreendedores, Idjit e Keltie. Idjit tinha três anos, era alarmantemente suave e ágil com a língua para um menino de seus anos e gostava muitíssimo fazer que sua irmã menor fizesse as travessuras por ele. Gillie esperava um terceiro filho para a primavera.

—Quiséssemos outra menina — lhe confessou Imber a Falcão das Estrelas uma noite enquanto jogava com o Idjit a lutar com os dedos frente a lareira da cozinha —, sobre tudo pelo trabalho que dá este jovem.

Além disso, a casa podia orgulhar-se de ter uma criada, um servidor e três empregados que dormiam nos mezaninos, sob a ladeira levantada do teto úmido, mais dois gatos e três dos perritos negros dos navios que se viam em grande número na cidade. Pel dirigia tudo isso com um amor rápido e eficiente, e uma mão de ferro.

Nessa casa, pensou Falcão das Estrelas, poderia ter sido feliz se as coisas tivessem sido distintas.

Não havia glória ali, meditava olhando a chuva branca da tarde; nada dessa verdade fria e brilhante da batalha, onde todas as coisas possuíam o fulgor do triunfo, capitalista contra a sombra profunda da morte. Não havia nada dessa beleza energética da vida do guerreiro e ninguém que a entendesse. Mas a vida nestas cores também podia ser cômoda. E não tivesse estado sozinha. A solidão não era nada novo para Falcão das Estrelas. Algumas vezes, sentia que sempre tinha estado sozinha, exceto quando estava com Lobo do Sol.

Esses dias de descanso lhe deram tempo para estar sozinha e tempo para meditar, e a profunda calma de tudo isso tinha esclarecido seus pensamentos. Agora que tinha admitido seu amor ante si mesmo, já não sabia se podia voltar a ser o que tinha sido; mas sem a presença de Lobo, não lhe importaria muito nem onde estava nem o que fazia. Existia a possibilidade, a probabilidade depois de tanto tempo, de que estivesse morto e de que sua larga busca terminasse em escuridão e dor.

No entanto, não podia abandoná-la.

A hora das lâmpadas se aproximava. A habitação situada sobre o lado sul da casa olhava ao mar e o brilho do dia se atrasava ali quando no resto da casa, Gillie e a criada, Pérola, começavam a acender as velas gordas, brancas de cera de abelhas e as lâmpadas de vidros multicoloridos. As colgaduras sobre a cama de hóspedes que tinha compartilhado com Gazela durante a última semana, desde sua recuperação, eram uma rica sombra vermelha no dia, mas nessa meia luz da tarde, pareciam quase negras e as cores do friso de flores desenhadas sobre o gesso pálido das paredes se tornavam vagos e confusos nas sombras. Frente a ela, sobre a grande cômoda esculpida, um mural enorme mostrava

algum santo local caminhando sobre as águas do mar para pregar às sereias, com peixes e polvos meticulosamente pintados, jogando entre seus pés.

Sentada junto à janela, Falcão das Estrelas se fechou as dobras pesadas da bata de lã verde. Ainda tinha o cabelo molhado do banho e toda ela cheirava a sabão de ervas. Ela e RAM tinha levado ao Idjit e à pequena Keltie a caminhar pelos moles de pedra depois do almoço, enquanto as gaivotas voavam em círculos sobre suas cabeças uivando avisos de tormenta. A expedição tinha resultado um êxito. Idjit induziu ao Keltie para lhe buscar caranguejos de uma das lacunas de maré desce no extremo do corno de terra que ficava além dos moles, e Falcão das Estrelas tinha tido que baixar ao resgate, enquanto RAM lhe advertia, ansioso, que não se machucasse. Um dia do mais satisfatório para todos os envoltos, pensou ela e sorriu.

Para uma mulher que passou a vida em companhia de adultos, já fossem monjas ou guerreiros, estava surpreendida da forma idiota em que gostava dos meninos.

Não seria fácil, e sabia deixar esta agradável casa, sobre tudo à luz do que teriam que enfrentar ela e Gazela.

Entretanto, os dias nesse lugar tinham estado cheios de culpa e inquietação; ficou acordada de noite, escutando o fôlego suave da moça a seu lado, enquanto se perguntava se o preço dos dias que tinha passado cuidando de Gazela não seria a morte de Lobo.

Mas não podia abandoná-la entre desconhecidos. E isso a havia tornado filosófica. Tinham transcorrido dias inteiros em que realmente tinha podido descansar e desfrutar na grande cozinha ou na habitação comum da família em que tinha escutado ao Gillie tocando a flauta de ossos e tinha falado de viagens pacíficas e de lugares longínquos com RAM. Quando Gazela pôde baixar lentamente as escadas, lhes uniu. Falcão das Estrelas se divertia ao ver como tinha ganho o coração de negócios do Orris com sua compreensão rápida do dinheiro e o comércio.

Para Falcão todo aquilo era como se tivesse reencontrado seus irmãos maiores. Depois que Pel, Gazela e Gillie subiam a dormir, passava noite detrás noite bebendo e jogando aos jogos de dados com os três grandes bois, contando contos ou escutando-os falar dos caminhos para o noroeste.

— Não são quão únicos falam de grandes grupos de nuuwas nestes dias — disse Imber enquanto ficava a larga pipa no extremo da boca e olhava a Falcão

das Estrelas por cima da mesa com olhos tão azuis como os de seus irmãos, mas muito mais rápidos e ardilosos—. Depois de que estes parvos se fossem ao norte, soubemos sobre isso antes que o clima fechasse o mar. Tinha medo de que lhes acontecesse algo nas montanhas.

Orris franziu o cenho.

—Quer dizer que há outros que viram manadas assim de grandes?

—Sim, e manadas duas e três vezes maiores. —Imber se inclinou para frente em sua cadeira esculpida e empurrou o copo para RAM, que se encarregava de servir o vinho quente—. Fleg Barnhithe me disse que alguns pastores das terras dos barões asseguravam ter visto uma manada perto de quarenta...

—Quarenta! —exclamaram outros, surpreendidos.

—reproduzem-se nas montanhas, em alguma parte. —Imber suspirou, meneando a cabeça—. Converteram os caminhos em um problema. Eles e outras coisas, outros tipos de monstros...

Falcão das Estrelas franziu o cenho e recordou as palavras que tinha cruzado com o Anyog na meia escuridão do corredor da estalagem deserta do Pavão.

—reproduzem-se? —disse com suavidade—. Mas se me disseram que são homens..., ou que alguma vez o foram.

—Isso é impossível — afirmou Orris, um pouco muito rápido—. Em todas as partes se castiga com a cegueira e os que ficam cegos não perdem a razão e muito menos se convertem em..., nisso. E de todos os modos, um homem cego não segue adiante na forma em que o fazem eles. E não possui esse tipo de..., de força enlouquecida.

Mas seus olhos duvidavam enquanto falava e um rastro de medo se refletia em sua voz; se os nuuwas foram homens alguma vez, a terrível conclusão era que qualquer homem estava em perigo de transformar-se em nuuwa.

—Vi uma força próxima a essa nos homens na batalha — objetou Falcão das Estrelas. Dobrou suas mãos largas, ossudas, sobre o carvalho encerado da mesa—. Conheci homens aos que terá que matar para detê-los, homens levados por uma necessidade tão extrema que chegam além dos limites da força humana.

—Mas se for uma coisa que..., que acontece, como se fosse uma enfermidade, não lhe aconteceria também às mulheres? Não acredito que ninguém tenha visto jamais uma fêmea entre eles.

—Mas isso dificulta ainda mais a idéia de que se reproduzam — assinalou RAM, enquanto enchia os copos com o vinho como ouro líquido na brilhante luz do abajur—. De qualquer modo, não se reproduzem nunca, comeriam a seus próprios filhos, como fazem com algo que sentem a seu passo.

—A Mãe não os fabrica com pedacinhos de argila — disse Falcão das Estrelas.

Orris riu.

—Nunca convencerá a RAM disso.

—Oooo, só porque não teve educação, se não contarmos que lhe deram os guardas do cárcere... — brincou Imber, os olhos brilhantes e travessos.

—Melhor que a que te deu e cuida do canil — replicou RAM com um sorriso amplo, e a discussão terminou nas brincadeiras rudes e fortes às que Falcão das Estrelas tinha terminado por acostumar-se nessa casa ruidosa.

Mas a lembrança dessa noite voltava para ela agora enquanto pensava em retomar seu caminho. Tremeu e recolheu os joelhos baixo as dobras suaves da bata. Apoiou o queixo sobre os pulsos cruzados. Nem ela nem Gazela haviam dito a outros aonde foram; e não era a primeira vez que ela se sentia agradecida de que a pouca capacidade mental dos irmãos lhes impedisse de adivinhar o que Anyog sabia. Não tinha vontade de enfrentar-se ao ataque poderoso e dominante de carinho e desejo de amparo que essa suspeita tivesse despertado neles.

Desde algum lugar abaixo, chegou-lhe a voz de Gazela, como um hálito de perfume passageiro.

—... se fizer falta, não lhes parece que seria proveitoso manter um posto fortificado no norte todo o ano?

Responderam-lhe os tons rápidos do Pel:

—Sim, mas só o rendimento do mercado do ônix...

Deviam ter acontecido anos, pensou Falcão, da última vez que Gazela tinha estado com o tipo de gente com que tinha crescido anos desde que tinha ouvido a linguagem prática, inteligente, das finanças e o comércio. Falcão das Estrelas sorriu para si mesmo, enquanto recordava a confissão envergonhada de

Gazela de que, no fundo, era uma comerciante. Seu pai, cujos ossos se ficaram ali, à intempérie, onde os deixaram os ladrões, tratou de convertê-la em uma grande senhora; Lobo do Sol a tinha transformado em uma amante prática e consumada; só agora, depois de provas e lutas e aventuras desesperadas, Gazela era livre para voar com suas próprias asas. Apesar de que sabia que eram rivais pelos amores do mesmo homem, Falcão das Estrelas estava orgulhosa dela.

Uns passos fortes rangeram no vestíbulo. Os de RAM, identificou ela, e se deu conta de que a habitação estava agora às escuras. Ficou de pé e acendeu uma varinha no brilho leve das brasas da lareira. Levava a luz à mecha de um abajur de cobre com a forma de um alegre golfinho quando os passos se detiveram e soou o golpe dúbio de RAM na porta.

—Falcão das Estrelas?

Ele abriu a porta com lentidão. Também estava brilhante e úmido do banho, as mangas de sua túnica de uma cor bronze avermelhado recolhidas sobre braços enormes; a estreita cadeia de ouro que usava no pescoço, como um risco de labareda sob a luz do abajur.

Lhe sorriu.

—Os meninos estão todos banhados?

Ele riu.

—Sim, apesar de tudo o que gritou e chorou Keltie para que a deixasse banhar-se com o Idjit e comigo, passamos um momento formoso e molhado na cozinha, é a verdade. Estou acostumado a parece a maré alta e o vapor, as névoas da primavera.

Falcão das Estrelas riu com a idéia e notou, enquanto olhava como a cor âmbar, rosado da luz, derramava marcas de ouro profundo em seu cabelo castanho e pequenos reflexos em seus olhos. Viu a seriedade do rosto e sua risada se desvaneceu.

—Falcão das Estrelas — disse ele em voz baixa—, falaram de seguir seu caminho. Ir procurar a esse homem de Gazela. É necessário?

... esse homem de Gazela. Ela desviou a vista, olhou as mãos, manchadas com os reflexos de topázio das facetas do abajur. Posso assegurar que RAM vai se pôr protetor comigo.

—Terei que ir cedo ou tarde — replicou—. Melhor agora.

—Seguro? cedo ou tarde?

Ela não disse nada. O azeite fervia brandamente contra o metal frio do abajur; o aroma do perfumado azeite de baleia, rico e um pouco florido, chegava, quente, ao nariz de Falcão das Estrelas junto com os aromas brandos do sabão e a lã. Não olhou a RAM.

—Se o homem desapareceu todo este tempo, certamente está morto — insistiu RAM com suavidade—. Falcão das Estrelas, sei que sentem lealdade para ele porque foi seu chefe, e o respeito, seriamente. Mas... não poderiam ficar conosco?

O tamborilo da chuva sobre as telhas e a lembrança do frio desesperador dos caminhos quebrou o silêncio de Falcão. Sentiu a amargura e o cansaço de saber que deveria encontrar um mago em alguma parte se queria ter alguma oportunidade na torre de Escarpado Sinistro, e de que a partida seria mais dura agora, com a idéia de que talvez só haveria dor ao final.

Se for duro para mim, pensou o que será para Gazela, sozinha.

Meneou a cabeça, teimada.

—Na primavera... —começou ele.

—Na primavera será muito tarde. —Ela levantou a cabeça e viu o rosto dele, de repente tensa de emoção, o grande queixo quadrado para frente e os lábios apertados.

—Agora já é muito tarde — insistiu ele—. Falcão das Estrelas, tenho que dizer tudo, eu que sou tão duro com as palavras? Amo-te. Quero me casar contigo e que fique aqui comigo.

E com estupidez apaixonada, envolveu-a entre seus grandes braços e a beijou.

Entre a surpresa que lhe causou que um homem lhe dissesse essas palavras e a força rude do abraço, Falcão das Estrelas passou um momento sem mover-se nem para rechaçá-lo nem para aceitá-lo. Os dois namoricos que tinha tido na tropa de Lobo do Sol tinham sido uma busca curta, quase rotineira, de algo que sabia do começo que não encontraria. Mas isto era diferente. Lhe estava oferecendo não o calor de uma noite, a não ser uma vida nesse lugar a seu lado. E isso a atraía igual à forma e a força do corpo de um homem em seus braços.

Ele deve ter a sentido tremer, sem responder, sem saber o que fazer, porque seus braços se afrouxaram e retrocedeu. Havia dor em seu rosto.

—Poderia?

Ela tremeu e o olhou pela primeira vez não como a um viajante como ela ou como a um guerreiro aficcionado frente a seu profissionalismo, mas sim como a um homem frente a sua feminilidade. Teria sido reconfortante recostar a cabeça contra esse grande peito e sentir os braços maciços, fortes a seu redor, um consolo que não tinha conhecido. Tirou o chapéu pensando: parece-se muito ao chefe..., e se deu a volta, alagada por um sentido poderoso de vergonha, amargura e arrependimento.

Em silêncio, amaldiçoou ao Anyog por lhe haver feito isto, por fazê-la consciente de si mesmo como mulher e de seu sobrinho, esse boi bondoso e merecedor de tudo, só em términos do homem que ela queria em realidade e ao que nem sequer podia ter esperanças de possuir algum dia.

Ouviu o ruído das roupas de RAM e se afastou da mão que lhe estendia antes que a tocasse.

—Não — murmurou com cansaço e levantou a vista e viu a ferida nos olhos dele.

—É porque não poderia deixar seus costumes de guerreira, verdade? — perguntou-lhe ele com suavidade.

E a culpa que queimava a Falcão das Estrelas a queimou mais ainda porque nunca lhe tinha falado de que houvesse outro amor. E em realidade RAM gostava muito mais, o qual piorava.

Mas não o amava mais do que amava ao Ari; e não podia conceber-se casada com um mercador ansioso e torpe, sempre lutando contra seus esforços para protegê-la e dirigir sua vida.

—Não seria justo para ti — lhe disse.

—Que tomasse uma guerreira por esposa? — Um sorriso leve brilhou em seus olhos—. Mas já não seria guerreira então, não é certo? Talvez meus irmãos se burlariam de mim, mas poderia me proteger e te entender com eles por mim, já vê.

Ela não disse nada e o brilho da travessura morreu nos olhos de RAM.

—Ah, bom — disse depois de um momento—. Lamento ter falado Falcão. Não sinta que tem que deixar esta casa antes do que desejas só para escapar de meu ardor de apaixonado. Não voltarei a abrir a boca.

Ela baixou os olhos, mas não achou palavras. Sabia que tinha que falar e lhe dizer que, embora não o amava, apreciava-o muito, mais que a qualquer de seus irmãos; lhe dizer que se não tivesse estado lutando com um amor tão sem esperança como desesperado, nada lhe teria gostado mais que unir-se a esta família ruidosa e cheia de orgulho... Mas não podia. Não havia ninguém a quem pudesse falar assim, em realidade; só existia uma pessoa a que teria crédulo seus sentimentos e era a pessoa que não devia saber isso nunca.

... esse homem de Gazela.

Trocou-se e baixou para jantar. Não se deu conta do que comia nem de que quase não tinha falado. RAM estava ali, pálido e calado sob as brincadeiras de seus irmãos. Embora não notava muito que acontecia ao seu redor, Falcão das Estrelas se deu conta de que Gazela tampouco tinha muito que dizer. Os olhos agudos e negros do Pel Pasolargo foram de um rosto a outro, mas a pequena comerciante ardilosa não mencionou o silêncio e chegou a chutar a seu filho menor sob a mesa quando perguntou a RAM, gritando, se não comia nada porque estava apaixonado.

Sempre dizem que o amor afeta às mulheres assim, pensou Falcão das Estrelas, fugindo do ruído amistoso do comilão, logo que pôde fazê-lo com decência. Mãe Santa, comi bons jantares depois de saquear uma cidade e cortar a garganta de civis inocentes. Por que razão lhe dizer que não a um burguês grandote ao que nem sequer amo faz que isto que Gillie cozinhou com todo seu tempo e seu suor me pareça massa de farinha crua e cinza? O chefe me mataria.

Não, pensou. O chefe entenderia.

Deteve-se frente ao espelho de sua habitação e ficou comprido momento com a vela na mão, olhando o rosto pálido, frágil, refletida na prata.

Não viu nada que alguém pudesse chamar formoso nem sequer por cortesia. Apesar da delicadeza das bochechas e a brancura da pele loira, era um rosto amaldiçoada por um queixo muito comprido e muito quadrado, por lábios muito estreitos, e por um nariz marcado com essa torção reveladora, protuberante, que era o signo familiar dos lutadores. O cabelo pálido, fino, tomou a luz da vela, que voltou escuro como a cor das cerdas do milho; no sol era quase branco, tão fino e volátil como o de um menino. Tinha crescido algo na viagem e pendurava murcho contra os vazios de suas bochechas. O sol também teria acendido seus olhos até chapeá-los; na luz das velas, eram da cor da fumaça, quase tão escuros como o anel cinza-carvão que rodeava suas

pupilas. Suas pestanas eram retas e incolores. Uma cicatriz marcava a bochecha, como uma linha rude de giz rosado. No banheiro, tinha notado de novo como a linha seguia por debaixo de sua clavícula e se estendia um palmo através do músculo peitoral e o seio.

Recordava um tempo em que tinha estado orgulhosa de suas feridas.

Quem, exceto RAM, ofereceria matrimônio a uma guerreira?, Perguntou-se. Certamente não um homem que podia escolher a belezas jovens e frágeis como Gazela.

Abriu-se a porta detrás dela. As profundidades líquidas do espelho lhe mostraram outra vela; o brilho ondeou sobre um vestido de veludo castanho, adornado com as puntillas pálidas do tecido cru que faziam as damas das ilhas da Enseada, com um rosto delicado perdido na sombra mais acima.

Falcão das Estrelas se deu a volta do espelho.

—Como se sente? —perguntou.

Gazela se encolheu de ombros e apoiou a vela.

—Renovada — replicou em calma—. Como se..., como se tivesse chegado a primavera depois de um inverno de pesadelos.

Cruzou até a mesinha junto à janela e levantou a escova, como fazia todas as noites. Mas logo o apoiou de novo, como tinha feito com os talheres carregados de massa de farinha e cinzas na mesa do jantar. No brilho sedoso, âmbar da vela e o abajur, os dedos lhe tremiam.

—Pronta para voltar para o caminho? —perguntou Falcão, e sua voz soou como metal em seus próprios ouvidos. Esse homem de Gazela havia dito RAM. Mas isto, disse-se a si mesmo, não era um tema para curvar a Gazela. Não era sua culpa que a tivessem raptado nem que Lobo do Sol a tivesse apreciado como mulher. Lobo estava perdido e em grave perigo, e Gazela tinha arriscado sua vida para encontrá-lo.

A moça ficou calada durante um comprido momento, olhando a escova, apartando o rosto. Em uma voz lhe sussurrem, disse finalmente:

—Não. —Levantou a vista com um desafio amargo nos olhos verdes—. Não penso voltar para o caminho.

Até a inesperada declaração de RAM tinha sido menos surpreendente para Falcão. Por um momento, ficou olhando e seu primeiro sentimento foi de

indignação pelo fato de que essa moça pudesse abandonar a busca de seu amante.

—O que? —foi tudo o que disse.

A voz de Gazela tremia.

—Fico aqui — disse ela com a voz tensa—, e me caso, caso-me com o Orris.

—O que? —E logo, ao ver os olhos da moça cheios de lágrimas de vergonha e amargura, Falcão das Estrelas cruzou a habitação em dois passos muito compridos e lhe deu um abraço rápido, consolando-a enquanto sua própria mente girava, confusa—. Gazela, eu...

Gazela começou a soluçar.

—Falcão das Estrelas, não te zangue comigo. Por favor, não te zangue comigo. Lobo do Sol foi tão bom, tão doce..., salvou-me de não sei que tipo de escravidão e dores. Mas..., mas Anyog tem razão. Eu estava na estalagem quando disse que nunca poderíamos entrar na cidadela sem a ajuda de um mago, estava escutando no vestibulo. E tem razão, Falcão. Não podemos brigar contra Altiokis nós sozinhas. E já não há magos. Ele é o único que fica, o único...

Não se posso obrigar ao Anyog de algum jeito, pensou Falcão das Estrelas com amargura. Mas disse:

—Encontraremos um.

Sua honestidade a levava a reconhecer que o amor de Gazela por Lobo era tão válido como o seu e até tinha feito que deixasse que a moça a acompanhasse.

—Não — murmurou Gazela—. Embora o encontrássemos, Falcão, não é só isso. —Retrocedeu enquanto olhava com ansiedade à mulher maior; tinha os olhos largos, verdes como o absinto—. Falcão das Estrelas, não é suficiente. Quero um lar; quero filhos. Inclusive se o encontramos, inclusive se não esta morto, não quero viver como a mulher de um mercenário. Amo a Lobo do Sol, acredito que sempre lhe amarei. Mas não vou seguir sendo uma elevada prostituta de acampamentos. Não posso.

Os dedos trementes fizeram um gesto para a habitação em penumbras, com a cama cortinada e as lâmpadas brilhantes e suaves, o santo ridículo de roupas duras pregando às sereias no mar, que flutuavam com o cabelo esparsos entre os seios.

—Este é o tipo de casa no que cresci, Falcão. Esta é a vida que conheço. Eu pertenço a um lugar como este. E me acredite — adicionou com um sorriso torcido—, me casar em uma assinatura de mercados de especiarias é muito melhor, ao final, que ser a amante do mercenário mais rico da criação.

Falcão das Estrelas ficou atônita, não podia falar.

Só olhou surpreendida a esse rosto formoso, reservada, e se perguntou como alguém que tinha o amor de Lobo do Sol podia abandoná-lo por um parvo ruidoso e pomposo como Orris Pasolargo.

Gazela se liberou em silêncio do abraço de Falcão das Estrelas e foi até a janela. A puntilla de sua garganta quase cobria as bandagens que ficavam sobre as feridas do nuuwa; como Falcão das Estrelas, levaria cicatrizes até o fim de seus dias. A voz era suave quando prosseguiu.

—Falei com o Pel sobre o tema esta tarde. Sei que gosto ao Orris. E... quero isto, Falcão. Quero uma casa e uma família e um lugar; quero saber que meu homem não vai deixar-se matar na guerra o ano que vem ou me abandonar por outra a semana que vem. Amor este lugar e amo a esta gente. Entende-me?

—Sim — disse Falcão, com a voz tão baixa que não estava muito segura de que pudesse ouvir-se sobre os ruídos agudos de seu coração e de sua mente—. Sim, entendo-te.

As costas de Gazela era uma sombra de escuridão contra o poço profundo da sombra da janela; a vela arrojava um pequeno assobio de luz contra a bordada puntilla e o halo do cabelo.

—O que vais fazer você? —perguntou a moça.

Falcão das Estrelas se encolheu de ombros.

—Seguir sozinha.

Foi no dia seguinte. Pel, Orris, Gillie e os meninos foram se despedir nas portas da cidade, envoltos em tecidos impermeáveis para proteger-se da chuva. Anyog, embora já podia mover-se, ficou na casa, como RAM e Gazela, cada um por uma razão distinta e pessoal.

Todo o caminho pelas ruas levantadas de paralelepípedos da cidade, Orris falou e falou sobre precauções e conselhos a respeito dos caminhos que

cruzavam o vale da Água Grande que a levaria para o noroeste, ao Racken Scrag; sobre os bandidos que os assolavam, conforme diziam, e sobre os perigos em terras do Altiokis.

—Não só tem que preocupar-se pelo fato de que os bandidos possam te roubar os cavalos, moça — disse com ânsias. Pel lhe tinha dado a Falcão das Estrelas uma égua de andar e uma mula para a carga—. Esse Altiokis está pagando mercenários e a região está cheia deles. São tipos perigosos...

Falcão suspirou com paciência, olhando de flanco ao Orris desde debaixo de seu capuz molhado.

—Sei tudo o que preciso saber sobre mercenários.

—Sim, mas...

—Deixa tranqüila a essa pobre mulher — ordenou Pel com severidade—. Por Deus, não sei como te tolerou todo o caminho desde o Foonspay.

Seu sorriso brilhava branca no castanho cigano de seu rosto. Seu capuz era do tipo dos que estavam de moda, como bonés; debaixo de seu arco elevado, as tranças empilhadas do meio doido de viúva brilhavam levemente na luz chuvosa do dia. Apressou o passo para alcançar a Falcão das Estrelas, que caminhava à frente da pequena caravana de cavalos levados da brida e tomou a mão do Falcão em sua mãozinha quadrada.

—Mas estamos muito contentes de que tenha estado conosco, menina — acrescentou Pel, em voz suave—. Sua estadia significava muito para Gazela. No fundo, talvez isso salvou sua vida: ao menos sabia que não a tinham abandonado em um lugar desconhecido.

Falcão das Estrelas não disse nada. Sentia-se incômoda com Gazela quase culpada. Mas seu rosto impassível não mostrava nada do torvelinho que havia por dentro quando olhou ao redor as paredes pintadas e brilhantes dessa cidade afundada na chuva, com aroma de pescado. Pel pareceu aceitar seu silêncio pelo que era e se moveu com rapidez a seu lado, levantando as pesadas saias negras sobre os arroios que corriam cantando entre os paralelepípedos. Orris insistia.

—Mas os mercenários... são de má estirpe, Falcão das Estrelas, embora tenha que te pedir perdão por dizê-lo. E dizem que Águia Negra, que Altiokis pôs ao mando de todos seus mercenários, é o pior...

—Águia Negra? —Falcão das Estrelas levantou as sobrancelhas.

—Sim. É um homem mau, conforme dizem...

—Vamos! —replicou Pel—. Nossa menina certamente esteve com ele, não é certo?

—Em realidade, sim — admitiu e Orris a olhou surpreso e aborrecido.

Da os arreios da égua de Falcão das Estrelas, Idjit anunciou:

—Vou com Falcão.

—Ey, eu vou com Falcão — corrigiu Gillie, que levava a égua da rédea—. E vá ou não, você não vai, garotinho.

—Então, vai a merda — replicou o moço no dialeto desço da costa da Enseada que sua mãe estava tratando cuidadosamente de apagar de sua forma de falar.

Keltie, pendurada entre os pacotes da mula, olhava a seu irmão com a adoração marcada nos redondos olhos azuis.

A mãe parecia molesta com esse desafio, mas Falcão das Estrelas disse:

—Está bem, Gillie, inclusive se pudesse os levar meninos comigo, e não posso, não levaria a um que fala como um pescador.

Ante este rechaço de sua heroína, Idjit calou e Pel escondeu um sorriso. Tinham chegado às torres baixas da porta da cidade. Despediram-se entre as multidões de camponeses e granjeiros locais que chegavam. Falcão das Estrelas levantou os meninos e montou no lugar que tinha ocupado Idjit. Inclinou-se nos arreios a estreitar as mãos. Já sentia saudades, e mais que aos que vinham a despedi-la, sentia saudades a RAM, ao Anyog e a Gazela. Mas não havia nada que lhes dizer ao partir. O que podia lhe dizer ao homem que estava abandonando para procurar a outro ou à mulher que tinha deixado essa busca? E embora ao final não teve o coração necessário para lhe falar com o Anyog de sua necessidade se desesperada para a ajuda de um mago, embora fora covarde e pouco experiente, advertia que Anyog sabia. Não o culpava por seu medo, mas sabia que ele se culpava a si mesmo.

—O vale da Água Grande estará alagada a esta altura de ano — lhe aconselhou Orris—. Melhor será que vá pelas colinas.

A égua se assustou mais ofendida que temerosa, quando uma mulher do mercado fez acontecer um grupo de gansos através da porta; no refúgio dos beirais das portas uma moça vendia castanhas assadas de um braseiro cheio de carvão. Sua canção leve e monótona se elevava sobre o ruído geral. A chuva leviana e contínua, golpeava sobre as telhas brilhantes e a capa negra e

impermeável de Falcão das Estrelas. O som da chuva e o aroma do pescado e do mar sempre se mesclariam em sua mente com esta gente: os dois meninos que se penduravam das mãos do Gillie Pasolargo; o monumental Orris, que seguia lhe dizendo que tomasse cuidado com as estalagens que elegia e Pel Pasolargo, como um esquilo pequeno e castanho, que se elevava para lhe dar a mão e lhe dizer adeus.

—Tome cuidado, menina — disse a comerciante com suavidade—. E recorda, onde quer que esteja aqui há uma casa segura para ti se a necessitar.

Falcão das Estrelas se inclinou nos arreios e beijou a bochecha castanha. Logo, fez voltar a cabeça do cavalo; a mula estirou o pescoço até onde pôde antes de começar a caminhar depois da rédea. Falcão das Estrelas deixou aos Pasolargo nas sombras cheias de gente da porta ruidosa e não olhou para trás.

Deixaste atrás a tanta gente, disse-se, para deter a dor traiçoeira de seu coração. Com o tempo, superará a lembrança de todos menos um, e superará estes.

Perguntou-se se Águia Negra tomaria como mercenária. Isso lhe permitiria entrar na cidadela sem necessidade de procurar um mago que a ajudasse. Por isso haviam dito RAM e seu irmão, a maior parte da gente não acreditava que seguisse havendo magos, só Altiokis, desumano, imortal, invencível, enroscado na escuridão das montanhas Tchard como uma víbora venenosa debaixo do chão da cozinha.

O úmido vento lhe levantou a capa. Farrapos de nuvem branca se abriram descobrindo as primeiras colinas dessas montanhas e as ondeadas terras altas, pedregosas e desertas, que guardavam todos os caminhos de acesso desde esse lado. Perguntou-se quanto tempo passaria até que Altiokis dirigisse suas energias na costa da Enseada, como tinha feito com o Mandrigyn e os estreitos do Megántico.

Em outro tempo, teria observado os procedimentos com interesse como fazia Lobo do Sol, julgando o momento propício para conseguir trabalho no meio do caos. Tinha incendiado e saqueado muitas cidades; dava-se conta de que essa era a primeira vez que tinha vivido em uma em tempos de paz. Pel, RAM, eram os burgueses que ela e seus homens tinham ajudado a matar; Idjit e Keltie, os meninos vendidos como escravos para lhes pagar.

Meneou a cabeça e levou esses pensamentos para trás, para o fundo de sua mente. Cada coisa a seu tempo, disse-se, e agora devo pensar o que vou fazer

quando chegar aos muros da cidadela. Águia Negra conhecia certamente sua lealdade para Lobo, tinha-os visto trabalhar junto quando brigavam no leste. Inclusive se chegava com uma história de lealdades perdidas ou traídas, o momento, se Lobo era prisioneiro na cidadela, delataria-a.

Tinha que encontrar um mago, um que não tivesse tanto medo do Altiokis para esconder seus poderes, preferentemente um que tivesse passado por essa prova da que tinha falado Anyog. Mas tinha toda a terra da Mãe Santa para procurar e todos os dias que tinha perdido no Pergemis lhe pressionando, lhe recordando o pouco tempo que fazia falta para matar a um homem.

Maldita seja Gazela, de todos os modos, pensou exasperada, e logo sentiu uma pontada de culpa. Dava-se conta de que racionalmente não cabia esperar que a moça tivesse sabido do começo que ficaria no Pergemis; e de todos os modos, Pel Pasolargo tinha razão. Talvez tivesse sido fácil se morresse, sem amigos e entre desconhecidos. Entretanto, como sabia que Gazela era sua rival, Falcão das Estrelas nunca a tivesse abandonado para que morresse.

Ouviu-se um ruído de cascos sobre a superfície dura do caminho. Falcão das Estrelas se deu volta com violência nos arreios e o vento cada vez mais afresco lhe tirou o capuz da cabeça. Era um só cavaleiro, envolto como ela em um poncho negro de tecido impermeável. As dobras do poncho golpeavam como a cauda negra e enredada do cavalo no frio úmido do ar. Ficaram junto a ela, cavalo e cavaleiro, fumegantes de seu próprio fôlego.

Falcão das Estrelas disse:

— Esta louco de arremate?

— Suponho que sim. — O tio Anyog ofegava, obstinado ao pomo dos arreios para equilibrar-se, o rosto branco contra a escuridão de sua barba de sal e pimenta —. Mas não podia permitir que seguisse minha pomba guerreira. Não sozinha.

Ela o olhou por entre suas pálpebras média fechadas.

— Vais começar a me chamar moça, como RAM?

Ele sorriu. Falcão recolheu as rédeas e começou a subir pelo caminho para as colinas e para as montanhas Tchard com o Anyog correndo a seu lado.

— Em realidade, foi RAM que lhe disse que viessem? — perguntou de repente.

—Acredito que seria muito mais honorável para meu cérebro que dissesse que me ameaçou me matando de uma morte horrível se não lhes acompanhava. —O velho suspirou—. Mas por desgraça, na velhice um aprende a receber a honra que se merece por suas próprias loucuras. Nenhum deles sabe nada, filha. Deixei uma nota ao Pel.

—Deve ter pelo menos três páginas — fez notar ela.

Anyog estava recuperando um pouco o fôlego. Falcão das Estrelas via que sob o tecido impermeável ia vestido como sempre, como um cavaleiro, com o negro sóbrio e castanho escuro habitual, a puntilla branca e engomada da gorguera como pétalas ao redor de seu rosto.

—No pentâmetro yâmbico mais delicioso — ampliou um pouco—. Minha pomba, sei por que não quiseram aceitar a mão de RAM, cheia de ouro e parecida com um martelo, e suspeito que sei por que deixou o convento. —A cabeça dela se voltou com violência, e os olhos cinza se afinaram—. Ah, sim, vi-lhes meditar e sei que não aprenderam isso como mercenária... Mas por que lhes transformaram em uma irmã, para começar?

Ela se deteve e se enfrentou a aquele exame negro, brilhante com fria reserva.

—Nunca me nego a aceitar uma oferta de ajuda — disse—. E agora que lhes oferecestes, não lhe enviarei de volta porque lhe necessito, mas isso não quer dizer que não esteja disposta a lhe levar amarrado a Escarpado Sinistro, se me perguntar coisas que não são de sua incumbência.

Falou à égua e seguiu adiante.

—Mas é de minha incumbência, minha pomba — insistiu o homem, totalmente imperturbável—. Porque acredito que somos mais semelhantes do que pensa. Você converteu se em irmã, suponho, pela mesma razão pela que logo se converteu em guerreira, porque não queria tolerar a forma lenta em que se quebra o espírito sob o jugo de uma casa e um filho e os caprichos de um homem, e qualquer vida lhe parecia melhor que essa, porque necessita uma vida de cores mais brilhantes, porque prefere a escuridão iluminada pelo raio a uma penumbra eterna. Minha filha —disse com suavidade, enquanto apressava o passo de sua égua bago para pô-la junto à dela no estreito atalho—, eu não poderia me converter em um guerreiro como você e me seria igualmente impossível ficar a viver como pensionista na casa de minha querida irmã. Vivi com meu medo muito tempo — continuou, enquanto se apertava a capa sobre o

corpo porque o vento vinha gelado outra vez—. Não me tinha dado conta até agora da forma em que esse medo me dominava.

Capítulo 12



Lobo do Sol se deteve em seu caminho para ouvir o som de passos suaves que se aproximavam na escuridão. Da escada, pensou. Seu suspiro foi profundo e aborrecido, e trocou o peso de um pé a outro como um homem transido em

um largo guarda. Os passos leves se detiveram. Ao redor dele, a vasta escuridão gelada estava brilhante de fôlegos.

Em algum lugar rangeu uma tabua do piso. Logo, um peso lhe golpeou os ombros e a parte posterior de seu joelho, um peso leve, musculoso, como o de um gato, controlado e cruel. Ao primeiro toque do impacto, deu-se a volta, soltando-se dos braços suaves que procuravam seu pescoço. Na escuridão, estirou as mãos e torceu com profissionalismo a mulherzinha chata que respirava violentamente tão perto de seu ouvido.

Sentiu que seu assaltante se retirava. Com um assobio oleoso de metal quente, alguém descobriu um abajur surdo. Gilden estava de pé junto a ele, ofegando e olhando-o com pena e raiva.

Na habitação, com o cabelo tirante e trancado e os braços brandamente modelados, as damas do Mandrigyn o olhavam, muito olhos doídos.

—Está empurrando com os ombros — disse ao Gilden, enquanto olhava no fundo desses olhos de pestanas largas, azuis como o mar—. Seu centro de equilíbrio é mais baixo que o de um homem, por isso a vocês, as mulheres, supõe-lhes um problema quando lhes arrojam uma sobre a outra. É uma das vantagens que têm sobre um homem. Empurra dos quadris, assim, para me atirar ao chão. Que alguém de seu tamanho use a força bruta contra alguém do meu é mais que estúpido..., é suicida.

Gilden avermelhou, mas disse:

—Sim, senhor. Obrigado, senhor.

—E te ouvi vir.

Ela disse algo mais, em um sussurro, algo que tinha tirado obviamente de um vocabulário bem baixo.

Ele olhou às damas reunidas.

—A seguinte?

Ouviu detrás, o assobio rápido do Gilden, um fôlego furioso, um protesto sem palavras. Quando se deu a volta e levantou uma sobrancelha hirsuta, ela perguntou:

—Posso tentá-lo de novo?

—Não — disse ele com suavidade —, porque só tinha uma oportunidade e agora está morta. Sente-se.

Ela voltou sem dizer uma palavra a seu lugar a bordade um dos canos girados entre o Wilarne e sua filha Tisa. Lobo do Sol, pela décima vez essa noite, caminhou até a pequena habitação dos vasos de barro que dava sobre a estufa principal para não poder ver nem ouvir, supostamente, desde onde viria a próxima agressora. O único abajur surdo que iluminava a vasta habitação arrojava sua sombra, enorme, grotesca e movediça, através dos tablones cinzas da parede; ouviu que Denga Rei movia a tampa do abajur e amaldiçoava ao queimar os dedos. Quando fechou a porta atrás dele, percebeu o suave som do bate-papo que começava. Gilden, sempre solta de língua, tinha-lhe informado que era para cobrir qualquer ruído que pudesse fazer a próxima atacante ao tomar seu lugar, mas Lobo do Sol suspeitava que era simplesmente porque as mulheres desfrutavam do bate-papo.

Isso era verdade até no caso de Falcão das Estrelas, embora não havia um só homem em sua tropa que o tivesse acreditado. Por isso sabia, ele era o único que ela falava com liberdade, não com o pequeno bate-papo inconseqüente da guerra e o acampamento, a não ser sobre coisas que realmente lhe importava o passado e o futuro, a jardinagem, a teologia, a natureza do medo. De uma forma estranha, havia-se sentido realmente honrado ao dar-se conta de que era assim, porque a fachada de Falcão das Estrelas era uma das mais frias e distantes que conhecia. A maioria dos homens sentia certo temor para ela.

Ele mesmo tinha ficado atônito ao dar-se conta de que a amava.

Em primeiro lugar, um dos enganos mais fatais que pode cometer um comandante é apaixonar-se por um de seus capitães, homem ou mulher. Sempre se faz público e ele nunca tinha visto um caso em que não surgissem problemas.

Em segundo lugar, Falcão das Estrelas era guerreira com o coração e com os ossos, lógica, fria e rude com algo que se interpor no caminho que tinha elegido. Quão namoricos tinha tido com outros membros da tropa terminaram no minuto em que esses homens interferiram com seu treinamento. Lobo do Sol não estava seguro da forma em que reagiria se ele voltasse para o Wrynde e lhe dissesse:

— Amo-te, Falcão das Estrelas.

Entretanto, descobriu que desejava muito voltar e encontrá-la ali, séria, tranqüila, lhe perguntando com ironia se todas essas mulheres não o tinham seqüestrado como semental.

Houve um toque respeitoso na porta. Lobo saiu e fez um gesto a Denga Rei para que apagasse de novo o abajur. Logo começou a caminhar com o passo lento de uma sentinela a todo o comprimento dessa escuridão vazia, tratando de ouvir seu estudante nessa lição sobre como vencer e matar a um homem.

Era Eo, não tão pesada e nem a metade de torpe do que tinha sido a princípio. Preparou-se bem, pôs seus passos ao mesmo ritmo que os de Lobo e recordou que devia jogar-se do quadril, não dos ombros. Lobo pegou com força contra o piso e lhe tocou o braço no momento em que o osso de um pulso lhe fechava a traquéia. Ela o deixou ir imediatamente e a luz se acendeu sobre ela, agora inclinada, nervosa, com medo de havê-lo machucado. Ele se sentou, esfregando o pescoço e sorrindo; era típico da herrera deprimir a um homem e logo lhe pedir perdão, contrita, quando voltava em si.

Um ato muito comum nas mulheres, esta preocupação pelos golpes das demais. Lobo podia insultar e ficar verde, mas não obtinha que se agredissem uma à outra exceto em contadas ocasiões. A técnica que tinham conseguido era boa. A maioria entendia que o tamanho pequeno necessitava alavanca e, entre correr e o treinamento rigoroso da manhã e da noite, desenvolviam os reflexos que podiam as pôr no mesmo nível que outros oponentes maiores e mais pesados. Mas sempre via como alguém que realmente punha em apuros a seu oponente na prática da espada, baixava-a imediatamente para assegurar-se de que a outra mulher não estava ferida antes de seguir adiante com o exercício. Isso voltava louco a Lobo do Sol; por sorte as viu brigar contra as nuuwas; sem essa segurança, teria tratado de lavar mãos de todo o assunto, infructuosamente, assim o supunha.

Tinha descoberto muitas coisas sobre as mulheres nas últimas semanas. Tinha aprendido que podiam conversar entre elas sobre temas tão obscenos que tivessem feito avermelhar a qualquer mercenário que conhecesse. Aprendeu-o a noite em que foi molhar se no jorro quente que saía da casa de banhos depois do treinamento, quando as mulheres estavam na parte principal do edifício. Tinha pensado ir-se à cama em seguida. Mas foi uma experiência tão surpreendente que o deixou com os olhos abertos. Ao fim e ao cabo era um homem criado no mito popular masculino da delicadeza feminina.

—Nem eu faria brincadeiras como essas — disse depois a Olhos Âmbar, e ela se derreteu em gargalhadas desconcertantes.

Outra coisa alarmante com respeito às mulheres eram suas travessuras. As cabeças em brincadeiras que foram emboscá-lo quando saía rosado e úmido,

depois do banho, até lhe enviar horrendas cartas anônimas de amor eram Gilden Shorad e Wilarne M'Tree, por fora tão graciosas e decentes como o par de matronas mais respeitável ante quem se inclinou alguma vez um homem na rua.

Mas o mais importante que tinha descoberto era a força teimada, rude e, se era necessário, mais cruel que a de um homem. Tinha uma qualidade animal nessa força, forjada por anos de repressão de toda sua beleza e sua doçura, eram cinquenta pessoas que faziam o que for necessário e às vezes se assustava da forma simples e decidida em que o pensavam.

Pensava nisso nesse momento, sentado sozinho, por fim, na habitação dos vasos de barro, esquentando-as mãos sobre um braseiro de carvões, escutando como partiam as mulheres. A chuva se reatou, golpeava ruidosamente acima, sobre o teto e murmurava nas águas dos canais.

A maior parte das manhãs as ilhas mais baixas da cidade se alagavam, deixando as grandes praças que se estendiam frente a seus milagres flutuantes do Iglesias e prefeitura, transformadas em desertos de água cruzadas por tablones primitivos. O frio úmido lhe comia os ossos. As mulheres estavam envoltas como presuntos curados com melaço, em couro e seda impermeável; as vozes, uma música suave na semi-obscuridade.

A próxima classe começaria logo. Através das frestas da janela da habitação dos vasos de barro, olhou como tremiam as sombras das mulheres contra as luzes da casa e sorriu ao pensar nelas. Tinham percorrido um comprido caminho, tanto as criaturas tímidas cobertas por véus que avermelhavam ao ver um homem como as que tinham filhos e presumivelmente os tinham concebido de alguma forma: agora eram lutadoras mortíferas e frias. Se o que lhe diziam Gilden e as outras era verdade, também se tinham transformado em mulheres de negócios e comerciantes duras, ardilosas, práticas.

Os homens do Mandrigyn, pensou com amargura, iriam achar uma boa surpresa quando finalmente voltassem para casa.

A habitação, exceto pelo brilho vermelho e leve do braseiro, estava escura; nas sombras espreitavam as formas das pás, os restelos e os bulbos brotados; borde-os, quase de oro na escuridão. Os aromas do lugar lhe eram familiares: húmus, terra fresca, postes de cedro, o perfume mais úmido, mais rochoso do cascalho, o aroma algo poeirento do meio cubo de carvão marinho no rincão. Da

porta, ouviu a voz da Sheera, os tons altos, pedantes. Ouviu o nome do Tarrin, esse príncipe perdido, essa esperança dourada que tratava de organizar as minas e logo depois de novo a voz do Drypettis.

—Mas ele te merece, Sheera — dizia—. De todos os homens da cidade, só ele merece seu amor, o maior, o melhor, sempre o pensei.

—É o único homem da cidade ao que amei — replicou Sheera.

—Isso é o que me enfurece, que você e ele estão escravizados e humilhados, ele pelas minas e o látego, você pelos costumes baixos dos barracos. Que te rebaixe a usar a um... um caipira violento que não tira os olhos nem as mãos das que estão brigando pela cidade...

—Atribuí a Olhos Âmbar — corrigiu Sheera, diplomaticamente—. Ela não se negou.

—Ele poderia ter tido a decência de rechaçá-la...

Sheera riu.

—Ah, vamos, Dru! Pensa que ela teria se sentido insultada!

Quase podia ver os lábios sensíveis levantados.

—Estou segura de que essa é a única razão pela que o fez — replicou Drypettis sarcástica, e um momento mais tarde, ele ouviu o ruído suave da porta que se fechava. Logo se aproximaram os passos da Sheera, lentos e cansados, e apareceu emoldurada na escuridão da soleira da habitação dos vasos de barro.

Lobo do Sol tirou um banco de debaixo da mesa de trabalho e o empurrou para ela com o pé. Lhe via cansada e tensa, como sempre que alguém lhe trazia notícias sobre o Tarrin das minas. Ignorou o assento.

—Se me odiar tanto — disse Lobo, com as mãos sobre os carvões luminosos—, por que fica? É livre de deixar a tropa. Não perderíamos nada.

A boca da Sheera ficou tensa, e um brilho de irritação tremeu em seus olhos. Nua para o treinamento, uma manta velha lhe envolvia os ombros e as dobras pesadas apagavam a forma forte de seu corpo.

—Suponho que você, como mercenário, julga a todos com sua própria medida — replicou—. Para você é inconcebível que uma pessoa qualquer fique por lealdade a uma meta superior, sem que lhe importem seus sentimentos pessoais sobre o que aconteceu com sua liderança. Como eu... como todas nós.

—Fez um gesto brusco com a cabeça para trás, para onde podiam distingui-las formas imprecisas da Denga Rei e Olhos Âmbar, que falavam em voz desce no outro extremo da habitação—. Drypettis é cidadã do Mandrigyn. Quer ver sua cidade livre e orgulhosa...

—O fato de que seja a irmã do governador não tem nada que ver com a idéia de que fique, verdade? —ironizou Lobo do Sol.

Sheera respirou com ironia.

—Derroug pode encontrar cem espiões melhores.

—Em quem vocês confiam?

—Mais aceitáveis para seus gostos, pelo menos — ladrou Sheera—. Talvez seja uma presunçosa terrível; talvez seja irritavel e obstinada; talvez seja espantosamente inflexível, vã e suscetível, mas a conheço de toda a vida, desde que fomos companheiras na escola. Ela nunca nos trairia.

—Poderia nos trair se puser muito em jogo e termina por não saber o que faz. —Lobo moveu os ombros, massageou os músculos doloridos de suas costas e encontrou, como sempre, ao menos uma dúzia de vezes por dia, o aço da cadeia de escravo que jazia ao redor de seu pescoço como um nó.

—Seja o que for, não é estúpida.

—É o elo mais fraco da cadeia.

—Não neste caso.

Ele se deu a volta para ela de novo.

—De todos os modos — rugiu—, têm todas as debilidades. É o comandante o que deve saber quais são e tomar em conta. Um só membro instável poderia arruinar toda a empresa, e eu digo que essa mulher é tão instável como qualquer mulher instável que eu tenha conhecido.

—Seria um insulto tira-la da tropa a estas alturas, sem razão alguma — replicou Sheera, com calor—. Quando era questão de organização, ela era virtualmente a segunda ao mando...

—Ou é que vocês gostam de ter um discípulo fiel?

—Tanto como vocês odeiam não ter um. —Sheera estava zangada agora; os reflexos carmesim do fogo saltavam em seus olhos—. Foi fiel, não só como conspiradora, mas sim como amiga.

—Como comandante...

A voz dela rangia.

—Posso lhes recordar capitão, que a comandante desta força sou eu?

O silêncio que se abriu entre os dois foi tão audível como o ruído de uma soga tensa que se solta. Na luz avermelhada, os olhos dela pareciam queimar-se com os fogos refletidos do braseiro. Mas as palavras que talvez se haveriam dito nunca chegaram a pronunciar-se porque se abriu a porta do estufa e se ouviram as vozes brincalhonas de Escarlata e Erntwyff Pescador.

—Assim diz: «Quem foi o bastardo que te deu somente um cobre?» E ela diz: «O que quer dizer? Todos me dão um cobre.»

As mulheres chegavam para a segunda classe. Depois de um momento comprido, Sheera girou sobre seus calcanhares —a manta se formou redemoinhos como uma capa com seus passos— e foi falar com elas, deixando a Lobo do Sol de pé e em silêncio na habitação dos vasos de barro, olhando para ela através do marco da porta escura.

À manhã seguinte, Lobo deixou a casa ao amanhecer para procurar à maga Yirth na cidade.

Tinha a impressão de ter visto o Yirth muitas vezes desde que falaram em seu mezanino na noite do primeiro encontro, mas não teria podido dizer sem um esforço muito grande nem onde nem quando a tinha visto. Era uma mulher habituada a passar despercebida. O qual não é nada fácil, pensou ele com crueldade, para alguém tão feio, e enquanto o dizia esquecia que, para seu tamanho, ele também tinha talento para fazer que outros não lhe vissem. Duvidou antes de ir procurar, porque sabia que em realidade era sua mão, e não a da Sheera, a que sustentava a rédea que atava sua vida. Além disso, não estava seguro de poder encontrá-la.

Logo que terminou o toque de silêncio, saiu deixando a Olhos Âmbar enrolada e quieta na cama e tomou uma das saídas secretas que usavam as mulheres para ir da estufa. A chuva da noite tinha cessado e os canais estavam tão opacos como espelhos de prata entre as paredes manchadas de musgo; as gotas que caíam das cumbreras sobre os atalhos estreitos e quão passadiços bordeavam a água soavam a oco na quietude da manhã, como os passos intermitentes dos fantasmas bêbados.

Cuidou-se de não caminhar muito pela cidade; Altiokis usava tropas mercenárias como parte do guarda e sempre havia uma possibilidade de que um deles lhe reconhecesse. Mas além disso havia algo em todas as cidades cativas que punha nervoso a Lobo, uma sensação de que lhe espiavam, de que se pedia ajuda em meio de um problema, ninguém lhe escutaria. A batalha de passagem de Ferro realmente tinha deixado à cidade sem saúde, sem decência, como dizia Sheera, e os homens que encontrava nas ruas eram sobre tudo inválidos, drogados (porque Mandrigyn era um dos portos chave no tráfico do açúcar dos sonhos desde o Kilpithie) ou tinham um ar furtivo de vergonha e engano que os fazia muito desagradáveis. Até os escravos que via na cidade pareciam de mau estofado; os mais fortes tinham sido confiscados como parte da indenização depois da batalha e enviados com seus donos a trabalhar nas minas. A saúde e o tamanho de Lobo do Sol o faziam visível e notório, e não ajudava muito o fato de que havia várias mulheres que tinham enviado notas escritas a Sheera, pedindo seus serviços, por certo inespecíficos.

Cruzou a teia de curvas das ruelas retorcidas e as pontes de pranchas de madeira que passavam sobre canais que ele poderia ter salvado de um salto se tivesse havido lugar para correr um pouco nessas islitas repletas de edifícios. Sobre as ruelas que foram junto aos canais ou rodeavam as lacunas sobre o segundo ou terceiro pisos das casas, tinham aparecido já velhas e juvenzinhas que sacudiam a roupa de cama no ar úmido e passavam intrigas de ida e volta sobre as estreitas águas. Na puntilla negra dos becos, afundados na água congelada das ilhas mais baixas, viu como se acendiam as luzes nas cozinhas e ouviu o rangido do ferro e o arranhão do metal sobre a pedra quando se tiravam as cinzas. Cruzou uma pequena praça frente à fortaleza negra e silenciosa de uma igreja de três cúpulas, cheirou desde alguma parte o perfume a glória do pão que se cozinhava, como o olhar breve e luminoso de um fantasma desses céus em que viviam os Santos.

Na luz chapeada da manhã, o mercado da cidade era um escândalo de cores: o carmesim escurecido pela chuva dos serventes dos ricos e o azul úmido dos aventais do campo; os verdes sombrios do espinafre e as couves e os verdes crocantes das alfaces; os escarlates e dourados das frutas e o brilho pródigo, quebrado, das pirâmides de melões, todos brilhantes como porcelana sob os colares da chuva. Os aromas das ervas agudas e o barro cheio de pescado lhe alagaram, mesclados com os do chão sujo e a fumaça da lã úmida; ouviu as vozes das meninas tão doces como os morangos caseiros que anunciavam e o

jargão incompreensível de um velho do campo. Criado no norte bárbaro, Lobo do Sol era já um homem quando viu pela primeira vez um mercado de cidade; e inclusive depois de todos estes anos, o impacto dessa delícia caleidoscópica era o mesmo.

Perguntou a uma mulher do campo a direção do Yirth em um posto em que penduravam pássaros silvestres como grandes molhos de plumas; e embora lhe dirigiu um olhar de suspeita desde seus olhos velhos e escuros, disse-lhe onde podia encontrá-la.

A casa estava em Ilha Pequena, alta, desbotada e velha. Como quase todas as casas da cidade, era de um estilo passado de moda, pela metade revestida de madeira e decorada com relevos esculpidos, e com cada pilar, cada poste nas portas, cada persiana, incrustados com uma puntilla extravagante de Santos, demônios e bestas, rodeados por grinaldas de todas as flores do campo. Mas a pintura e o banho de ouro se gastaram fazia já muito. De pé frente à porta, Lobo do Sol olhou de abaixo as folhas entrelaçadas por miúdos disformes e malevolentes. Entretanto, a casa mesma estava muito limpa; as persianas atarraxadas a cada janela da fachada estavam envernizadas de uma cor escura e os tijolos gastos dos degraus, lavados e esfregados. Ouviu como seu golpe soava no vazio dos grandes espaços da mansão e um momento mais tarde, o toque leve, suave, dos passos da maga que se aproximavam.

Ela se fez a um lado rapidamente para deixá-lo passar. Lobo do Sol supôs que muito poucas pessoas se aproximavam desses degraus.

—Sheera lhes enviou? —perguntou ela.

—Não. —Ele viu que um fulgor de surpresa cruzava os olhos cor mar—. Vim por mim mesmo.

A única linha de sobrancelhas escuras se fez profunda no meio, sobre o nariz torcido. Logo, Yirth disse:

—Suba. —Nas ilhas mais baixas, só os mais pobres usavam a planta baixa da casa para outra coisa que não fora armazenar.

O estudo do Yirth era escuro, comprido e estreito; a janela alta do extremo dava sobre a luz esverdeada de um canal. Alguns tecidos lhe serviam de cortina, amontoadas em vasos de barro ou pendurando como bandas de ladrões no castigo da mesma galera, e a luz que entrava era verde e salpicada. Ao redor dele, Lobo teve uma sensação de coisas ocultas, de vasilhas de argila que continham ervas sobre prateleiras escuras, de livros cujas usadas cobertas

brilhavam de cera e ouro, e de embriões preservados em brandy, ervas penduradas em molhos secos e nodosos das alfardas. Instrumentos musicais desconhecidos dormiam como monstros estranhos nos rincões; mapas, esquemas em línguas desconhecidas e diagramas ocultos das estrelas se alinhavam sobre o gesso pálido das paredes. O lugar cheirava a sabão, ervas e drogas. Teve a sensação curiosa, lhe atraíam, da magia latente no ar.

Ela se deu a volta para olhá-lo nas sombras listradas.

—O que quer? —perguntou.

—Quero saber o que poderia lhes dar, ou o que posso fazer por você, para que me libere. —No momento em que o disse, soube que em realidade não havia nada que pudesse lhe dar, porque não tinha nada que não fora sua espada. Merda de situação, pensou, para o mercenário mais rico no oeste.

Mas Yirth só lhe olhou por um momento, com as mãos cruzadas sobre a teia cinza de sua mantilha. Logo, disse:

—Mate ao Altiokis.

A mão de Lobo golpeou a larga mesa que dividia a habitação. As garrafas de vidro saltaram e a voz do homem rangeu de raiva.

—Maldição, mulher, esse não foi seu preço no navio!

A sobancelha negra se moveu, mas não o olhou.

—É o preço que ponho para lhes liberar agora mesmo — respondeu ela com frieza—. Se você não gostar, negocie com a Sheera. Liberaremos e lhe pagaremos quando partir a força de ataque.

—Sabem tão bem como eu que isso é uma loucura.

Ela não respondeu e usou assim seu silêncio contra o de Lobo.

—Maldição sabe que essa mulher lunática vai matar a cada uma das saias dessa tropa! —enfureceu-se ele—. Trabalhei com estas mulheres e as adestrei e algumas serão excelentes guerreiras em dois anos se viverem até então, e não o farão se forem à batalha com um capitão verde. Mas se ela teimar em fazê-lo, então quero estar longe daqui, não quero ter nada que ver com isto nem com ela.

—Temo que não têm poder para decidir isso —replicou Yirth, com calma. Deixou as mãos sobre a madeira escura da mesa; a luz débil destacava seus nós e vales e já quase não pareciam humanas, como as formas estranhas, pregadas

de um nó de carvalho—. Os homens vão à guerra para divertir-se ou pela diversão de outro homem; as mulheres, só porque devem fazê-lo. Altiokis, bom, Altiokis não pode morrer e por isso está aborrecido. Diverte-lhe conquistar cidades. Viu o que ocorre a uma cidade que está sob seu domínio?

—Como não sou suicida — grunhiu Lobo, irritado—, evito as cidades que estão sob seu domínio.

—Como não é mercador nem pai de vários filhos nem um comerciante que precise viver de algo, podem as evitar, suponho — replicou Yirth—. Mas Tarrin... Tarrin brigou pelos homens que não podiam ir-se, pela geração de homens que não queria que seus filhos crescessem sob o domínio do Altiokis. Ele e Sheera querem liberar Mandrigyn. Mas minha meta é diferente. Eu quero ver destruído ao Mago Rei, quero-o arrancado da raiz, como ele arrancou da raiz e destruiu aos outros magos. Não estamos loucas, capitão, os loucos são os que lhe deixaram viver e crescer.

—Nem sequer sabem se é possível matá-lo — disse Lobo do Sol—. É mago desde antes que vocês nascessem. Não sabemos sequer se for homem ou demônio ou o que...

—É homem — lhe replicou ela, a voz como um látego, amarga e fria.

—Então por que não morreu? — perguntou Lobo—. Toda a magia do mundo não pode prolongar a vida de um homem, não durante cento e cinquenta anos. Se não for assim, teríamos um exército de magos idosos de todas as idades do passado arrastando-se pelas paredes como formigas. Mas os demônios são imortais...

—É homem — insistiu ela—. Brando e corrupto em sua própria imortalidade. Seus desejos são os desejos de um homem: poder, terras, dinheiro. Seus caprichos são os caprichos de um homem, não os de um demônio. Encontrou uma forma de prolongar a vida, indefinidamente pelo que sabemos. A menos que lhe detenha, seguirá crescendo e tudo o que toque se apodrecerá. —deu-se a volta e caminhou até a janela brilhante. A luz tocou as raiais pálidas de seu cabelo, como madeira queimada em um fogo ao meio arder—. O que procuro é sua morte, custe o que custar.

—Maldita, e nem sequer é uma maga verdadeira! — gritou ele—. Nunca passaram essa Grande Prova de merda da que sempre me falam; não têm a força para apagar as velas de seu dormitório... É tão parva como Sheera!

—Mais — mordeu ela, dando-a volta com violência para olhá-lo, e Lobo do Sol sentiu a tensão que fumegava desde esse corpo feio como a névoa de um atoleiro em uma noite de geada—. Mais, porque Sheera briga com esperança e eu não a tenho. Sei o que é Altiokis, sei o abismo que existe entre seus poderes e meus. Mas se podemos levá-lo a batalha, há uma oportunidade, embora seja muito pequena. Usarei a fortaleza de uma Mandrigyn liberada para destruí-lo, como ele destruiu a meu professor, como destruiu meu futuro. Se o fizer, sentirei-me satisfeita embora me custe a vida. Como maga em uma cidade sob seu domínio, sei que é só questão de tempo que saiba que existo e minha vida estará em perigo então, não importa o que faça.

—E o que há do custo para outros? —enfureceu-se ele—. O que tem que quão vistas Altiokis destruirá?

—Pensei que só lhes preocupavam com a sua, capitão — se burlou ela—. Todos temos nossos motivos, como hão dito. Sem mim, brigariam de todos os modos. Sem você, sem a Sheera, sem o Tarrin. Sem eles, eu teria encontrado outra arma que levantar contra o Mago Rei. Pode estar seguro, capitão, é parte de nós, sua carne e seu destino selados com o nosso. As outras não se dão conta disto, não de tudo; até a Sheera o entende só em termos de sua própria necessidade, como todas. Mas cedo ou tarde, consciente ou inconscientemente, você, Sheera, Tarrin, cada um dos homens das minas e cada uma das mulheres do Mandrigyn terão um papel nesse encontro.

Lobo do Sol a olhou fixamente um momento, silencioso frente a sua amargura mortífera. Logo repetiu de novo:

—Estão loucas.

Mas só lhe olhou com esses olhos como de gelo polar. Ficou de pé como uma estátua de carvalho negro, emoldurada no verde comprido da janela, envolta na capa terrível e misteriosa de seu poder. Não se moveu quando os passos dele se afastaram pelo poço sonoro das escadas, nem quando a porta se fechou de um golpe enquanto ele saía à rua estreita.

Lobo do Sol caminhou pelas ruas do Mandrigyn posuído por uma fúria escura. Agora compreendia que, inclusive no caso muito improvável de que pudesse falar com essa louca da Sheera ou convencer a de que o liberasse, Yirth não ia deixar que o fizesse. Tinha ouvido chamar veleidosas e vacilantes às

mulheres, mas agora comprovava que era só nos assuntos que não lhes interessavam. Se tinham uma só meta, um destino, a gente não podia as desviar. De momento era questão de terminar o treinamento do grupo antes que alguém na cidade se desse conta do que acontecia.

Atravessou a ponte dos Capitéis e dobrou através da praça da catedral para evitar as multidões que estariam partindo do mercado. A manhã ainda estava fresca no céu; o ar era frio e úmido contra o rosto e a garganta, e os pássaros do mar cantavam entre os almofadões aglomerados das nuvens, falando das próximas tormentas. A dois lados da praça, grupos de sedas e peles de cores brilhantes proclamavam aos donos dos postos dos encadernadores; no terceiro lado, uma pequena tropa de guardiães da casa do governador Derroug estava de pé vigiando seu beliche com cortinados junto aos degraus da catedral. Os aduladores de sempre se encontravam ali. Lobo reconheceu o Cão, o professor do porto, que parecia um cadáver arrumado para o enterro em um funeral da Trindade e ao gordo bruto que era o capitão do guarda do Derroug. Sobre eles se elevava a catedral: os mosaicos, ouro e turquesa brilhantes na manhã pálida; a cúpula e o contraforte, como de luz dourada.

Quando passava os degraus da igreja, uma voz chamou detrás dele:

—Capitão!

Conhecia a voz e o coração lhe encolheu no peito de medo e de fúria. Seguiu caminhando. Se alguém podia ouvi-los, melhor era que não se detivera.

Aguda e clara como o miado de um gato, a voz do Drypettis voltou a chamar:

—Capitão!

Um olhar rápido lhe mostrou que não havia ninguém perto que pudesse ouvi-los. Retrocedeu enquanto escutava os passos que baixavam a escada lavrada da igreja e também o tinido nervoso de ouro enredado.

Tremente de véus, como uma banderola meio recolhimento e cheia de gemas, a mulherzinha chegou brincando de correr sua importância até onde estava Lobo.

—Capitão quero que diga a Sheera... —começou.

Lobo do Sol tomou pelos estreitos ombros como se fora a matá-la a sacudidas.

—Nunca, nunca mais — disse em uma explosão de fúria sem som—, nunca lhes dirijam para mim como «capitão» em público.

O rosto de boca vermelha ficou branca de ira, embora deve ter entendido que não tinha razão. Sob o safrón de linho de suas mangas acolchoadas, ele sentiu que os músculos delicados se endureciam como ossos.

—Como lhes atrevem! —cochichou raivosa. Com um movimento brusco e desesperado, livrou-se de suas mãos—. Como lhes atrevem a lhes dirigir a mim...!

A fúria rangeu dentro de Lobo, uma fúria alimentada pelo desespero zombador do Yirth, o padecimento da Sheera e os perigos que sentia fechar-se a seu redor desde fazia muito. Impaciente, replicou-lhe:

—Podem estar absolutamente segura de que vou falar lhes; merda, se alguma vez for tão estúpida como para...

Ela retrocedeu frente a seu dedo severo, pálido, cuspiendo como um gato encurralado. A raiva em seus olhos o deteve assustado, antes que ela gritasse:

—Não me toque bandido asqueroso!

De repente, o tom cortante, esmiuçado, do Derroug Dru perguntou:

—O que é isto, por Deus?

O governador do Altiokis acabava de emergir das grandes leva de bronze da catedral e estava de pé na ponta das escadas, retorcido e elegante contra seu fundo de adúladores.

Desde sua posição levemente superior, podia olhar para baixo a Lobo do Sol.

—Solta a minha irmã, moço.

Os guardas que rodeavam o beliche já se aproximavam da carreira.

Capítulo 13



A cela dos escravos do cárcere sob o Escritório de Registros da cidade era úmida, suja e cheirava a privada; a palha sob os pés estava cheia de vida negra e furtiva. Para a quantidade de gente que tinha encadeada às paredes, o lugar estava estranhamente calado. Ainda aqueles que tinham a sorte de estar encadeados à parede com uma cadeia o suficientemente larga para poder deitar-

se ou dormir pelo menos, tinham a sensatez de manter a boca fechada. Aqueles que, como Lobo do Sol, tinham seus colares de escravos atados a cadeias curtas de dez centímetros mais ou menos, apenas se podiam inclinar-se contra os tijolos úmidos em um silêncio exausto, incapazes de mover-se, de descansar ou de alcançar o fitilho sujo de água que corria pelo centro da cela.

Lobo não sabia quanto tempo tinha estado ali. Horas, pensou, enquanto trocava de posição tinhaas câibras joelhos. Como a maioria dos soldados, podia relaxar-se em qualquer posição; passaria um bom momento até que o esforço começasse a notar-se nele. Outros eram menos afortunados, ou talvez estivesse ali fazia mais tempo. Um moço bom moço de mais ou menos vinte anos se cansou três vezes desde que encerrassem a Lobo. Tinham-no levantado afogado quando o colar de ferro lhe apertava ao redor da garganta. Agora se mantinha em pé, mas parecia pálido e doente, o fôlego curto e laborioso, os olhos abertos e se desesperados, como se estivesse sentindo a forma em que escapava a força com cada minuto de fechamento. Lobo se perguntou que crime teria cometido, se é que tinha cometido algum.

Do outro lado da habitação, um homem se queixava e se retorcia na palha incrivelmente suja em que jazia, sintomas evidentes de falta de droga. Lobo do Sol fechou os olhos com cansaço e se perguntou quanto tempo passaria até que alguém avisasse a Sheera do lugar onde se encontrava.

Drypettis o faria certamente, disse-se. Equivocou-se ao lhe chamar por seu título em lugar de por seu nome, mas apesar do muito que lhe desgostasse admitir seu engano, e apesar do muito que lhe odiasse por havê-la suplantado como mão direita da Sheera na conspiração, não poria em perigo a causa da Sheera para salvar seu orgulho; ao menos ele esperava que não o fizesse.

Chegou-lhe o ruído longínquo de passos fortes que se aproximavam. Houve um som de ferros que se encontram. Ouviu a voz bastante aguda do Derroug outra vez, sedosa e fria. Lobo recordava o olhar ciumento, amarga que lhe tinha jogado o homem enquanto os guardas o arrastavam para baixo. Os passos se fizeram mais claros, o ruído da fortificação enfatizava a marcha desemparelha sobre a perna contrafeita.

Lobo do Sol suspirou e se endireitou. O ar fétido era como uma massa pegajosa e cálida em seus pulmões. Do outro lado da habitação, o drogado tinha começado a gemer e se defendia dos insetos, reais e imaginários, que se amontoavam sobre sua pele suarenta.

Houve um ruído súbito de homens que saudavam e apresentavam armas e o rangido da chave na fechadura. Lobo do Sol abriu os olhos quando a luz da tocha e o suspiro de um ar mais afresco penetrou pela porta aberta; viu figuras em silhueta contra a soleira da porta na parte superior das escadas, Derroug estava ali, uma mão branca que saía como um fio de lã do centro de uma flor, nas pontas dos pés para descansar em manga de ouro pesado da fortificação. Lobo do Sol também recordava a fortificação, o golpe que lhe tinha dado com ele estava lívido agora, em sua mandíbula.

Sheera estava junto ao Derroug e lhe levava mais de uma cabeça.

—Sim, é ele — disse ela, com tom desinteressado.

A Lobo pareceu ver um brilho de cobiça nos olhos do homem.

Um guarda vestido com a librea azul e ouro da cidade baixou os degraus com as chaves, seguido por outro que levava uma tocha. Soltaram a cadeia que unia seu pescoço à parede, mas lhe deixaram as mãos atadas por detrás e o empurraram para frente pela larga habitação; a luz da tocha brilhava, escura, dos atoleiros sujos do chão. Detiveram-se o final dos degraus e ele levantou a vista para a Sheera, deliciosa e altiva em seu cetim azulado e suas ametistas que titilavam como estrelas apanhadas nas mechas negras de sua larga cabeleira. Estava tremendo, como um arame muito estirado antes de soltar-se.

—Insultou a minha irmã — ronronou Derroug, que ainda olhava de acima a esse homem mais alto que ele, embora Lobo do Sol tinha a estranha sensação de que não lhe falava com ele a não ser a Sheera —. Por isso, poderia te confiscar e fazer que lhe mutilassem e pusessem a lavar letrinas pelo resto de sua vida, moço.

Mataria-te primeiro, pensou Lobo do Sol, mas sentia os olhos da Sheera sobre os seus, olhos que lhe pediam com desespero que fora humilde. Tragou saliva e manteve a atenção fixa na puntilla costurada com pérolas do pirado do vestido bordado dela.

—Sei meu senhor. Lamento-o..., nunca foi minha intenção fazê-lo. —Sabia que se levantava a vista e olhava esses olhos presumidos talvez lhe escaparia algo de seu desejo de atravessar essa cabeça azeitada com seus próprios dentes brancos.

—Mas depois de consultar com você... sua senhora... —A voz deixou cair um dobro sentido sobre a palavra que designava à proprietária de escravos, e Lobo do Sol levantou os olhos a tempo para ver como Derroug passava pelo

corpo da Sheera, com deleite—. Depois de consultar, minha irmã aceitou esquecer o incidente. Depois de tudo é um bárbaro e estou seguro de que lady Sheera se desgostaria muito se tivesse que prescindir de vocês... serviços.

Lobo advertiu que as bochechas da Sheera se obscureciam à luz da tocha e viu o sorriso insinuante do Derroug. Obrigou-se a dizer:

—Obrigado, meu senhor.

—E como é um bárbaro — continuou Derroug, severo—, estou seguro de que sua educação é tão pouca que não sabe que é costume ajoelhar-se quando um escravo se dirige ao governador desta cidade.

Lobo do Sol, que estava perfeitamente a par das leis da servidão, sabia que não havia nenhum costume que exigisse isso, sabia que esse homem queria ver um maior que ele de joelhos frente ao governador. Com estupidez, porque ainda levava as mãos atadas à costas, ajoelhou-se e apoiou a frente contra a argila fedorento dos degraus sujos.

—Lamento-o, meu senhor — murmurou através dos dentes apertados.

A voz da Sheera disse:

—te levante.

Ele a obedeceu, enquanto trabalhava seu rosto com cuidado para que não dissesse nada da raiva que lhe percorria como um ataque de febre, e desejava ter algo da fria impassividade do rosto de Falcão das Estrelas. Viu que Derroug lhe olhava atentamente, viu a ponta aguda de uma língua rosada sair a lambar esses lábios; pequenos.

—Mas me temo, Sheera querida, que vocês são culpados em parte por não lhe haver ensinado melhor. Conheço estes bárbaros; o látego é o que melhor entendem. Mas em realidade, tenho... tenho algo melhor. —Os olhos brilhantes, castanhos, do governante se deslizaram para ela, de flanco. O olhar viajou lento, sobre ela, como uma mão que se toma seu tempo—. Lhes incomodaria que eu lhe desse uma lição saudável?

Sheera se encolheu de ombros sem olhar a Lobo do Sol. Sua voz era cuidadosamente desinteressada.

—Se pensarem que isso beneficiaria a alguém...

—Ah, estou seguro de que sim — Derroug Dru sorriu—. Acredito que será de grande benefício para os dois. Sempre vale a pena uma lição sobre as conseqüências da desobediência.

Enquanto os guardas os conduziam pelos estreitos corredores debaixo dos Registros, Lobo do Sol sentiu como o suor riscava caminhos sobre o pó que cobria seu rosto. Uma lição sobre as conseqüências da desobediência podia querer dizer algo e Sheera, obviamente, estava disposta a que ele tomasse. Não porque pudesse fazer algo a respeito, pensou nesse rincão calmo e amargo de sua mente. Como ele, podia escolher tratar de escapar agora, brigando e destruir a todos outros da tropa no furor que seria o resultado dessa decisão ou seguir adiante e apostar em sua sorte. Entre as sombras ameaçadoras dos corredores cada vez mais estreitos, as costas da Sheera se mantinha reta e pouco comunicativa. O brilho da tocha baixava derramando-se pelo cetim do vestido que ela sustentava longe da sujeira das pedras; a mão do Derroug, que tratava de tocar seu quadril, era como uma aranha branca, flácida, sobre o tecido lustroso.

—Nosso senhor Altiokis me acaba de enviar... algo que pode usar-se para castigar aos que são desobedientes ou desleais a mim como governador — estava dizendo—. Em vista dos levantamentos recentes, tais medidas são muito necessárias. Não deve ficar dúvida em minha mente da lealdade de nossos cidadãos.

—Não — murmurou Sheera—. Claro que não.

Lobo do Sol, que estava detrás dela, sentia que tremia de raiva ou de medo.

Um guarda abriu uma porta, a penúltima antes do fim do comprido corredor. A luz da tocha brilhou sobre algo suave que a refletia na escuridão. Enquanto se colocava de flanco para deixar que Sheera entrasse primeiro, Derroug perguntou ao sargento do guarda:

—Deixou solto a algum?

—Sim, meu senhor — murmurou o homem e se limpou o rosto perlada de suor sob a borda dourado do casco.

O homem sorriu e seguiu a Sheera à habitação. Outros guardas empurraram a Lobo do Sol pelos dois pequenos degraus que descendiam para ela. Logo a porta se fechou, deixando fora a luz da tocha do vestíbulo.

A única luz da habitação provinha de velas que tremiam atrás do painel grosso de vidro fixado na parede oposta à porta. Lobo do Sol viu ali uma cela estreita, como as que se usavam usualmente para quão prisioneiros eram o suficientemente importantes para estar confinados a sós. Os tijolos estavam

arranhados pelos desenhos aborrecidos de ocupantes anteriores. A habitação era pequena, de um metro e meio quadrado, aproximadamente; não escondia nada, inclusive nesse brilho difuso. Os reflexos das velas mostravam o rosto da Sheera, impassível, mas preocupada, e o fulgor ambicioso nos olhos do governador quando a olhava.

—Observem — ronronou Derroug, enquanto a mão se movia para a janela—. Tive o privilégio de ver a cela do Altiokis; uma como esta, construída na parte mais antiga da cidadela. E o privilégio foi ainda maior porque ele me enviou a permissão para fazer uma para mim. É o mais efetivo para a deslealdade.

A habitação do outro lado do vidro era obviamente uma cela mais solitária. Um pouco maior que a que ocupavam eles e estava totalmente vazia. Diversas velas ardiam em uns nichos perto do teto, mais alto do que podia alcançar um homem. A cela tinha quatro ou cinco caixas; uma delas tinha sido aberta. A porta, claramente a última do vestibulo comprido pelo que tinham caminhado, estava fechada, mas Lobo podia ouvir mais guardas que se aproximavam pelo corredor. Em meio de seus seguros passos, distinguia-se o ritmo da resistência dos pés do prisioneiro, ao que certamente arrastavam pelo chão.

Algo se moveu na semi-obscuridade da habitação que ficava além da janela. Por um momento, pensou que era só um reflexo no vidro; viu que a cabeça da Sheera se movia para vê-lo, como fazia a sua. Ao cabo de um momento houve outro relâmpago, brilhante e elusivo. Havia algo ali, algo semelhante a um floco de fogo formado redemoinhos, que subia e se sacudia com um tremor inquieto que quase parecia que estivesse vivo.

Lobo do Sol, com o cenho franzido, seguia-o com os olhos através da janela protetora. Se era brilhante em si mesmo ou só um reflexo casual das chamas, não poderia dizê-lo. Era difícil seguir seus movimentos, já que voava aqui e lá, quase aleatoriamente, como uma mosca doméstica em um dia caloroso ou uma libélula que se deslizasse no ar quente sobre os pântanos; era apenas um brilhante ponto ígneo movendo-se na escuridão depois do vidro.

Houve um ruído hesitante no corredor. A porta visível na outra habitação se abriu com uma rapidez assombrosa e se fechou de novo atrás do homem que tinha sido empurrado dentro, o jovem escravo ruivo que tinha estado em frente de Lobo do Sol na prisão.

O prisioneiro tropeçou e abriu os braços desatados para equilibrar-se; por um instante ficou de pé no centro da habitação, olhando com a boca aberta a seu redor, olhos azuis de bebê, muito largos e duros de medo.

Logo, girou em redondo com um grito de terror. Como uma larga agulha de fogo, o floco brilhante, ou o que fora, atacou uma visão foto instantânea de rapidez incrível. O jovem se cambaleou, as mãos subiram a cobrir um dos olhos como se algo o tivesse picado. Imediatamente seguinte, ouviam-se seus alaridos através da pedra e o vidro da parede.

O que seguiu foi terrível, terrorífico até para um mercenário imune a todas as formas em que os homens se matavam uns aos outros. O moço se dobrou em dois, aferrando o olho e seus gritos subiram até chegar a um pico de terror enlouquecido. Começou a correr enquanto se cravava as unhas no rosto, às cegas, e tropeçava contra as paredes. Lobo viu um fio de sangue que caía por entre os dedos crispados enquanto os joelhos do moço se dobravam. Registrou, com uma consciência clara, clínica, o progresso da dor pelas sacudidas e as voltas do corpo do moço no chão e pela agonia cada vez mais aguda e o horror de seus alaridos. Notou como picavam e cavavam os dedos enlouquecidos, como os membros indefesos se sacudiam em todas as direções e como a costa se curvava em um arco.

Pareceu durar anos. O moço rodava pelo chão, gritando..., gritando.

Lobo do Sol notou (pensava que todos o tinham notado) o momento em que os alaridos trocaram, quando o fogo, o veneno, o inseto, o que fora, abriu-se passo, comendo, comendo, até o cérebro. Algo se quebrou nos gritos do moço; um ruído ensurdecedor, animal, substituiu a voz humana. O corpo sacudiu, como se cada músculo tivesse feito um espasmo ao mesmo tempo, e começou a rodar e saltar pela cela em uma paródia suja e grotesca da vida. Lobo do Sol jogou um olhar a Sheera e viu que tinha fechado os olhos. Se tivesse podido, provavelmente se teria abafado os ouvidos para emudecer os gritos, detrás dela, o rosto do Derroug sustentava um sorriso tenso, satisfeito; através de seu nariz distendido, passava o fôlego, áspero, como se tivesse tomado vinho.

Lobo do Sol olhou outra vez a janela, sentindo seu próprio rosto, suas mãos, banhadas em suor frio. Se tivesse havido uma suspeita, tão somente uma mínima dúvida sobre a tropa, o governador só tinha que lhe mostrar ao suspeito o que ele acabava de ver. Não havia dúvida de que quem quer que fosse houvesse dito tudo, Lobo estava seguro.

Os gritos continuaram, um ulular grosso, bestial; o corpo ainda se movia, as mãos manchadas de sangue procuravam as pedras do chão.

A voz do Derroug era um murmúrio suave, quase sonhado.

—Assim aí têm, minha querida — estava dizendo—, é melhor que nos asseguremos de uma vez e para sempre de quem pode demonstrar sua lealdade para mim. —E sua pequena mão branca se posou sobre a cintura dela—. Envie a seu moço a casa.

—Pedir desculpas ao Drypettis? —Lobo do Sol se deteve no ato de servir o brandy; a bebida dourada caiu sobre a bordada taça e logo sobre sua mão. A mesa de pinheiro da habitação dos vasos de barro estava alagado de vinho vermelho e bebidas cor âmbar; o ar carregado ardia com o peso dessas bebidas sobre os aromas espessos da sujeira e a argila. Os olhos do Lobo do Sol tinham um bordo vermelho e lhes faltava estabilidade, não parecia natural, assim, injetados em sangue. Tinha estado bebendo metodicamente tudo o que caía em suas mãos desde que voltaram para a casa essa manhã. Faltava uma hora para a queda do sol. Sheera acabava de retornar. A voz de Lobo do Sol se ouvia apenas confusa pelo vinho quando disse—: Essa perrita orgulhosa não deveria me haver chamado capitão em público e ela sabe.

A boca da Sheera parecia branca, os lábios apertados com força, o cabelo escuro ainda pego às bochechas com a umidade do banho. Lobo estava quase tentado de lhe buscar uma cadeira e lhe servir uma taça, e não porque houvesse muito nas garrafas nesse momento. Nunca tinha visto uma mulher que o necessitasse mais.

Mas Sheera disse:

—Diz que nunca lhes chamou capitão.

Ele a olhou, enquanto se perguntava se o brandy não lhe teria afetado a cabeça.

—Diz o que?

—Nunca lhes chamou capitão. Disse-me que lhes chamou e lhes pediu que me trouxessem uma mensagem e lhes negaram e lhe disseram que não fora o mensageiro de ninguém...

—É mentira. —Tomou todo o brandy de um gole e logo deixou que o copo se deslizasse entre seus dedos. Depois o sacudiu a raiva, com mais força que qualquer bebida, com mais força que a raiva que sentiu para o Derroug quando estava de joelhos frente ao governador no cárcere de escravos.

—Capitão — disse Sheera, muito tensa—. Dry me falou logo que deixei o palácio. Nunca lhes tivesse chamado por seu nome em público. Sabe o que são as coisas.

—Talvez saiba — disse Lobo do Sol com voz tensa e calma—, mas se deve ter esquecido. De acordo. Mas isso é o que me disse e por isso...

A voz controlada se quebrou.

—Estão dizendo que Dru me mentiu.

—Sim — disse Lobo—, isso é o que digo. Antes que admitir que se equivocou.

De repente lhe passou pela mente a idéia de que não deveria estar discutindo, não bêbado como estava, não essa tarde, não depois do tipo de cena que, conforme acreditava, tinha tido lugar com o Drypettis imediatamente depois do que podia definir-se como violação. Viu como as linhas de tensão se faziam mais profundas e mais duras no rosto da Sheera, igual à marca de lembranças desagradáveis em sua pele esgotada, e o tremor súbito, incontrolável de seus lábios partidos. Mas as palavras seguintes lhe tiraram esse pensamento da mente.

—E o que faria vocês capitão antes que admitir que está equivocado?

—Não mentiria sobre alguém de minha tropa.

—Ja! —Ela agarrou um pequeno restelo e lhe dava voltas, nervosa, entre os dedos trementes; depois, jogou-o de volta à mesa com violência—. Sua tropa! Você a teria expulsado desde o começo...

—Claro que sim — replicou ele—. E esta é a razão.

—A razão é que você nunca gostou isso é em realidade o que querem dizer.

—Mulher, se pensarem que tudo o que pude fazer nos últimos dois meses é educar a um harém de assassinas eu sozinho...

—Maldição, o que outra coisa têm feito? —gritou ela—. De lady Wrinshardin ao Gilden e Wilarne...

—E não esqueçamos as que me foram atribuídas — rugiu ele, levantando a voz para afogar a da Sheera—. Se estiver ciumenta...

—Não seja pedante! —cuspiu-lhe ela—. Isso é o que vos deixa doente, verdade? Não pode ensinar às mulheres a arte da guerra porque tal arte é só sua, verdade? A única forma em que o tolera é se forem suas mulheres. Têm sua permissão para ser boas sempre que você seja melhor, e lhes assegura muito bem de que as educa para ser as melhores lhes amem suficiente como para não querer lhes vencer nunca...

—Não sabem de que merda fala e lhes asseguro que não são um guerreiro suficientemente experiente para saber o que isso, significa! —respondeu-lhe ele como um látego, enquanto arrojava uma garrafa de brandy contra a parede. A garrafa estalou em uma explosão de álcool e vidros—. A melhor mulher que conheço é melhor que qualquer homem...

—Ah, sim — se burlou ela, furiosa—. Vi essa excelente mulher, a olhava como uma colegial a sua primeira noite! Nunca lhe importou nem um pouco a essa esta tropa! Não lhe importaria que destruísse a todas sempre que não desafiássemos sua excelência!

—Poderão me falar assim quando tiverem sido guerreiras tanto como eu ou Falcão! —gritou-lhe ele—. E não, não me importa a esta tropa e sua estúpida causa. E sim que não sejam cortadas em pedaços as mulheres por sua ridícula missão...

—Tarrin...

—Estou até os narizes de ouvir falar sobre seu Tarrin e sua asquerosa causa! —rugiu ele.

Vermelha de raiva, ela gritou por cima da voz de Lobo:

—Não vêm além de sua comodidade...

Lhe gritou também:

—Isso é o que lhes adverti desde o começo, merda! E tivesse lavado as mãos de todo este assunto imundo, e de você também, que é uma arpia teimada e mandona. Terminei com você e suas malditas rabietas!

—Ficam e lhes vai gostar! —enfureceu-se Sheera—. Ou morrerão uivando a um dia de caminho dos muros da cidade e essa é a única alternativa que têm, soldado! Farão o que lhes digo ou talvez Yirth não lhes dê sequer essa oportunidade!

Girou em uma chicotada de cores acesas de saias e véus, e saiu da pequena habitação, fechando a débil porta com um golpe. Ele ouviu como suas pernas se afastavam na distância, rangendo no vazio e, finalmente, a portada de trovão da outra porta. Viu através da janela como ela caminhava a grandes passos pela penumbra do jardim para a casa, junto às rochas que ele tinha acomodado entre as raízes nuas dos zimbros e o pavilhão escuro dos banhos. Soluçava com os soluços secos, amargos, da raiva.

Lobo do Sol tomou uma garrafa de vinho da mesa com deliberação e a jogou contra a parede oposta. Fez o mesmo com a outra e a outra e a outra e todas as que tinha consumido no curso do dia, desde que retornou ao ver o que ocultava Derroug em seu palácio. Logo ficou de pé e foi com passo totalmente firme aos estábulos, selou um cavalo e saiu do Mandrigyn pela porta que dava para o continente, justo no momento em que ficava o sol.

Cavalgou toda a noite até a manhã. O álcool se queimava lentamente e logo deixou podar seu sangue, mas a decisão de romper os planos da Sheera de uma vez e para sempre não se fez menos forte em sua mente. O anizid era a última opção que teria tomado se lhe tivessem permitido escolher sua própria morte, mas se ficava no Mandrigyn, sua morte seria horrível de todos os modos. Esse dia tinha visto ao menos uma morte que era pior que a do anizid. E de todos os modos, morreria escravo de si mesmo e não da Sheera.

Fez voltar a cabeça do cavalo para o oeste e atravessou a escuridão dos campos médio alagados, bicudos de juncias e cheios de ramos nus de árvores secas. Antes da meia-noite, chegou ao cruzamento onde o caminho subia para Passo de Ferro e o grande vulto das montanhas Tchard, e saía para as terras altas para atravessar as rochas do vale da Água Grande até a Costa Rica da Enseada.

Pensou em cruzar o passo, sabendo que a Sheera nunca lhe ocorreria buscá-lo na soleira do Altiokis. E ela o buscaria, disso estava seguro. Nunca toleraria esse último desafio. Ele se tinha prometido não lhe dar a satisfação de encontrar seu corpo nem de assegurar-se de que estava morto.

Além disso, se o encontrava antes que o anizid o matasse, talvez conseguisse o levar de volta a tempo.

Mas finalmente não pôde tomar o caminho da cidadela. Girou a cabeça da égua para o oeste onde os caminhos se cruzavam e se afastavam através do silêncio borbulhante dos bosques escuros.

Perguntou-se se Falcão entenderia o que estava fazendo.

Ari, isso sabia, teria pedido desculpas ao Drypettis com uma enorme sinceridade aparente e uma promessa mental de vingar-se: dessa víbora de carinha apertada. E Falcão... Falcão lhes haveria dito do começo que preferia morrer e as teria amaldiçoado ou teria encontrado uma forma de evitar toda a situação.

Que tinha querido dizer Sheera com isso da forma em que o olhava Falcão? Era só o ciúmes de Sheera ou seu ódio? Ou era que, como mulher, via as coisas com olhos diferentes?

Não lhe pareceu possível, embora lhe tivesse gostado de acreditar que Falcão das Estrelas lhe tinha cuidadoso com algo diferente desse olhar calma, prática. Segundo sua experiência, o amor sempre significava exigências, de tempo, de alma e certamente de atenção. Falcão das Estrelas nunca lhe tinha pedido nada exceto instruções para o ofício que ambos tinham eleito, o da guerra, e de vez em quando um bulbo de narcisistas para seu jardim.

Em realidade, era Falcão das Estrelas a que tinha definido para ele a razão pela qual o amor era mortal para a profissão em uma dessas largas noites de inverno no Wrynde, quando Gazela já dormia com a cabeça sobre o regaço de Lobo e os cachos caíam sobre seus joelhos. Ele e Falcão se ficaram sentados, conversando, meio bêbados frente à areia branca do lar quase apagado, escutando o tamborilar da chuva sobre os ciprestes do jardim. Ele tinha falado de amor, tinha chamado a máxima de seu pai: não te apaixone e não te mescle com a magia.

O amor era uma greta aberta na armadura de um homem, havia dito. Mas Falcão, com sua clara inteligência, tinha manifestado que o amor simplesmente fazia que alguém deixasse de ter um só objetivo. Para um guerreiro, deixar de olhar o objetivo principal, a sobrevivência, podia significar a morte. Por isso se sua meta era sobreviver a toda costa, não devia amar.

Uma mulher apaixonada podia falar do amor com essa claridade brutal?

E uma mulher sem amor?

Chegou o entardecer, lento e cinza através das colinas cobertas de bosques. As folhas amarelas silenciavam o caminho com tapetes empapados; os ramos que se elevavam sobre a rota gotejavam sobre as costas de Lobo. Agora, cavalgava mais lentamente, explorando ao mesmo tempo, orientando-se com as colinas cada vez mais próximas que apareciam sobre as árvores nuas. Ao sul do

caminho, as colinas se aproximavam umas a outras, maciças, avultadas, marcadas por gargantas estreitas e uma rede cada vez mais elevada de salientes, médio afogadas em maleza e videiras silvestres. Aqui e ali, podia ouvir as vozes espumosas de arroios inchados que golpeavam entre as rochas.

O vento lhe removia o comprido cabelo sobre os ombros e lhe punha uma mão fria sobre a bochecha. Tinha esquecido quão formoso era estar sozinho e livre, embora fora livre para morrer.

Era já o meio da tarde quando deixou ir ao cavalo. Enviou-o pelo caminho do oeste com um golpe na anca e o animal saiu trotando com elegância, deixando os rastros que Sheera seguiria. Com forte, rastrearia-o durante um tempo e nunca encontraria o corpo de Lobo.

Algo se apodreceria no coração dessa arpia, pensou com uma careta que era quase um sorriso interno, quando pensasse que talvez, por um milagre, ele a tinha evitado, que talvez, em algum lugar, estava livre e ria dela.

Já estava começando a sentir ao anzid trabalhando, como os primeiros movimentos da febre. Cruzou para trás pelos bosques em um curso oblíquo para as rochas das colinas mais altas e as covas que sabia que se encontravam em direção ao Mandrigyn. Foi um comprido caminho e o percorreu com cuidado, cobrindo seus rastros, vadeando na corrente limpa e fria dos arroios e tratando de pisar sobre o chão rochoso por instinto quando a luz do dia se deprimiu de novo em noite.

Seus sentidos sempre tinham sido mais agudos que os da maioria dos homens na escuridão; tinha essa habilidade desde menino, recordava-o, e tinha sido quase milagrosa. Inclusive na escuridão das nuvens e o vento, podia distinguir as sombras vagas das árvores, os fantasmas e os carvalhos zombadores, monstruosos como gárgulas. Seu olfato lhe disse que mais tarde choveria. Isso tamparia seus rastros, o vento já lhe atirava das roupas.

O chão que pisava se tornou íngreme e rochoso, quebrado pelos ossos salientes da terra. Deu-se conta de que sua respiração tinha começado a lhe serrar a garganta e os pulmões, um gélido fio como se rondassem pedaços de vidro quebrado em alguma parte dentro de seu corpo. O chão se fez mais e mais íngreme e a folhagem diminuiu a seu redor; viu vagas sombras de rocha mais acima, com uma orla de meia luz leitosa que só a total escuridão do resto da noite lhe deixava ver. A debilidade atirou de seu corpo junto com uma espécie

de dor febril que não tinha uma localização clara; a náusea tinha começado a lhe atirar do estômago como uma tenaz.

A primeira onda lhe golpeou na alta escuridão, ventosa da ladeira quebrada de uma colina; Lobo se dobrou em dois, como se uma chuva de ácido lhe tivesse derramado sobre as vísceras. O horror lhe deixou sem fôlego e, quando a dor desapareceu, sentiu-se débil e tremente, decomposto e terrivelmente vulnerável. Depois de um momento, ficou de pé; tinha medo de que ao mover-se retornasse essa agonia vermelha. Enquanto seguia avançando a tropicões, sentiu-a, lhe espreitem, esperando-o como uma fera detrás cada uma das fibras de seus músculos.

Levou-lhe uma hora encontrar o tipo de lugar que procurava. Queria uma cova profunda nas colinas, longe do caminho para que nenhum do que lhe buscavam escutasse seus alaridos, embora fossem terríveis. O que encontrou foi um edifício em ruínas, uma espécie de capela cujas paredes destruídas estavam comidas pelo tempo e cobertas de cortinas de trepadeiras castanhas pelo inverno. Na cripta, um pouco mais à frente, abria-se um poço circular de uns seis metros de profundidade e uns três metros de largura. Arrojou pedras que soaram com solidez ou rangeram entre as malezas; a pouca luz que se filtrava através dos ramos que se sacudiam com o vento não lhe mostrou nenhum movimento, exceto o dos arbustos maltratados pelo clima.

Nesse momento, já tinha começado a suar; as mãos lhe tremiam, uma dor cada vez mais aguda alagava seu corpo, interrompida por poderosos estalos de cãibras. Pendurou com cuidado as mãos na borda do poço e logo se deixou cair.

Foi um engano. Pareceu-lhe que lhe tinham esfolado; o menor golpe, a sacudida mais pequena lhe rasgava como uma lasca afiada de madeira. A intensidade terrível da dor lhe fez vomitar e o vômito trouxe novas dores, que a sua vez alimentava outras. Como a primeira greta de um dique, cada nova agonia diminuía sua resistência ante as que se amontoavam detrás, até que comoveram sua carne e sua mente como um vulcão à rocha que o sela. Vagamente, perguntou-se como era possível que ainda estivesse consciente ou se a agonia seguiria desse modo até que morrera.

Foi só o começo de uma noite interminável.

Sheera o encontrou no poço, muito depois da aurora que logo que iluminava a negrume das garças da noite. O vento lhe sacudia as saias molhadas de montar enquanto ficava ali, de pé, olhando a borda do poço e estirando as mechas empapadas de seus cabelos. Embora o que a atraíu foram os gritos de Lobo, agora a voz dele se quebrou e já não se ouvia tanto. Através da chuva que lhe golpeava os olhos, Sheera o via mover-se ainda, arrastando-se febril através da sujeira espessa que cobria cada centímetro do chão do poço, grunhindo cada tanto, incapaz de descansar.

Apesar da chuva, o lugar cheirava como o pior dos deságües do inferno. Sheera atou a soga que havia trazido para o tronco de uma árvore e baixou, resolvida. Sua raiva de leoa a tinha levado através da caça noturna, mas ao ver o que ficava agora que o anzid tinha feito seu trabalho, só sentia uma estranha mescla de piedade, asco e horror. Perguntou-se se Yirth tinha sabido que a morte demoraria tanto.

Pela febre ou a dor, Lobo se tinha tirado quase toda a roupa, e a chuva abria caminhos sobre a sujeira que cobria sua pele azul e geada. Ainda se arrastava, teimado, como se de alguma forma pudesse ir mais rápido que a agonia; mas quando ela se aproximou, dominou-lhe um espasmo de vômitos que fazia já muito tinham deixado de expulsar nada que não fora bÍlis amarga. Sheera viu que tinha as mãos rotas e ensangüentadas, crispadas pela dor com tanta força que parecia que foram quebrar seus próprios ossos.

Depois da convulsão, ficou ali, soluçando, atormentado pelo que tinha sofrido, enquanto a chuva caía sobre o matagal sujo de seu cabelo. Tinha o rosto de flanco um pouco afastada das horrendas lacunas nas que jazia com a pele afundada e angulosa, como a de um moribundo.

Não se ouvia nenhum som no poço, exceto o sussurro incessante da água que caía e os soluços ásperos e se desesperados. Ela tampouco tinha esperado isso. Aproximou-se um passo e ficou olhando com uma espécie de fascinação horrenda a cabeça degradada, o cabelo empapado, escasso e enredado no lixo e a mãos rotas e trementes.

—Estúpido bastardo teimoso — disse com uma voz baixa que soava trememente em seus próprios ouvidos—. Tenho vontade de ir e lhe deixar, depois de tudo.

Não acreditou que ele a tivesse ouvido. Mas Lobo moveu a cabeça um pouco e uns olhos dilatados lhe olharam através da névoa de dor desde

profundidades de pele enegrecida. Ela se deu conta de que ele estava quase cego, de que lutava com cada músculo atormentado de seu corpo para enfocá-la, para falar, para controlar o fio agudo de voz quebrada pelos gritos e convertê-lo em algo que pudesse ouvir-se e entender-se.

Conseguiu murmurar:

—me deixem, então.

O horror da Sheera ante o que ela mesma tinha feito se converteu em fúria, alimentado pelo cansaço da busca aterrorizada durante a longa noite. Através da escuridão as nuvens da debilidade, Lobo do Sol não via quase nada, mas seus sentidos, crusos como se lhes tivessem acontecido papel de lixa, trouxe-lhe a sensação da fúria dela como uma onda de calor. Por um momento, perguntou-se se Sheera o chutaria tal como estava ou se lhe golpearia com o látigo que levava na mão.

Mas logo a ouviu afastar-se e o ruído de água de suas botas retrocedeu através dos atoleiros que sujavam o chão do poço na chuva. Durante um momento, ficou assim, lutando contra o desmaio que só lhe trazia o terror espantoso das visões. Logo, ouviu o rangido dos cascos de um cavalo que se afastava cada vez mais leve no tamborilar incessante da chuva. Voltou a cair na vertigem vermelha do delírio.

Reinava uma completa solidão, terrores que reduziam a dor que rasgava seu corpo distante a um mal-estar insignificante que só resultaria em sua morte alguma vez. Coisas piores lhe perseguiram e lhe apanharam: perda, arrependimento, ódio para si mesmo e toda a fealdade derramada que se guarda nos poços mais profundos da mente.

E logo, depois dessas vagabundagens negras, deu-se conta de que havia lua em um lugar que nunca tinha visto antes, perto do ruído longínquo do mar. Piscou e viu as paredes de pedra que se faziam mais e mais estreitas de uma dessas capelas semelhantes a favos de abelhas que povoavam as costas pedregosas do oceano no noroeste, a escuridão do altar da Mãe e a forma de um guerreiro que se ajoelhava justo um pouco mais à frente do círculo desigual da luz da lua que jazia como um pequeno tapete no centro do chão de argila pisoteada.

As roupas do guerreiro, o tecido quadriculado, brilhante da costa da Enseada não lhe resultaram familiares. Conhecia as botas gastas e a espada que jazia com a folha contra a lua, prata branca e cegadora. Mas não poderia ter confundido nunca a cabeça inclinada, pálida e brilhante como a luz da lua.

O guerreiro levantou a vista e viu as lágrimas brilhando nas maçãs do rosto alto, como chuva queda sobre pedra. Ela murmurou:

—Chefe?

Ficou de pé com dúvidas; seus olhos lutaram por atravessar a névoa que os separava.

—Chefe, onde está? Estive-te procurando...

Ele estendeu a mão para ela e ela a viu, quebrada e suja, como ele a tinha visto na imundície do poço. Duvidou e logo tomou, os lábios como gelo sobre os dedos, as lágrimas queimando a pele machucada.

—Onde está? — murmurou de novo.

—No Mandrigyn — disse ele com calma, tratando de acalmar os restos queimados de sua voz—. E morrendo, não me busque mais.

—Ao diabo com isso — disse Falcão das Estrelas, a voz lhe tremia—. Não cheguei até aqui para...

—Falcão, escuta — murmurou ele e ela levantou a vista enquanto o sangue da mão de lhe manchava a bochecha, já marcada e suja pelas lágrimas—. Me Diga..., amava-me?

—Claro — disse ela, impaciente—. Sempre te amarei, Lobo. Sempre te amei.

Ele suspirou e o peso caiu com mais força sobre ele, a dor pelo que podia ter sido.

—Lamento-o — disse—. Perdi o tempo que tínhamos e o sinto pelo que isso significou para ti.

Ela meneou a cabeça e até esse movimento leve de cabelos finos rasgou a pele nua do corpo esgotado de Lobo. Apertou os dentes com força contra a dor, porque já se sentia ir, a pele carcomida pelos ventos de um nada.

—Não perdemos esse tempo — disse Falcão das Estrelas com suavidade—. Se tivesse pensado que me amava como amou a Gazela e às outras, teria-me

mantido a distância como fazia com elas, e isso tivesse sido pior. Prefiro ser um de seus homens e não uma de suas mulheres.

—Entendo — murmurou ele, porque realmente entendia em meio das visões retorcidas da noite interminável—. Mas isso fala melhor de ti que de mim.

—Você é o que é. — A voz de Falcão era tão calada agora que alguém podia ouvir por cima dela o golpe distante do mar sobre as rochas e o fio leve do vento noturno. Suas mãos se apertaram como ossos congelados sobre a deformidade dos dedos de Lobo, e ele se deu conta de que ela sentia que ele se estava indo—. Não tivesse querido outra coisa.

—Fui o que fui — corrigiu ele—. E queria que soubesse.

—Sabia.

Ele nunca a tinha visto chorar nem sequer quando lhe arrancavam as flechas da pele sobre os campos de batalha; as lágrimas caíam agora sem amargura nem debilidade: percorriam somente a solidão que ele também tinha chegado a entender. Lobo do Sol levantou a mão para tocar a seda branca desse querido cabelo.

—Amo-te, Falcão — murmurou—. Não só como a um de meus homens e não só como a uma de minhas mulheres. Lamento não havê-lo sabido a tempo.

Sentiu que se afastava dela, miserável de novo para a escuridão terrível e tormentosa. Sabia que seu corpo e sua alma se estavam quebrando, como um navio sobre um recife; toda sua força acumulada peneirava sangue através do naufrágio das vigas. Todas as coisas enterradas — os amores, esperanças e desejos que tinha desprezado e esquecido porque não podia tolerar que o destino os negasse — se derramaram, ardentes, desde suas gretas escondidas e lhe desafiaram a negá-los agora.

Eram como velhos sonhos de fogo, tão dolorosos como o ouro fundido. Ouviu as brincadeiras depreciativas de seu pai na escuridão embora a voz era a sua própria; os velhos sonhos ardiam como chamas, e o calor era maior que a dor do anqid que queimava sua carne. Mas ele os reuniu a todos entre as mãos, embora fosse feitos de fogo, de raiva fundida e de curiosidade. As chamas desse poder machucaram o que ficava de sua pele e terminaram com ela, e sua última visão foi a teia nas pontas dos pés de seus ossos, obstinada a esses fogos esquecidos.

Logo, a visão desapareceu como sua imagem tinha desaparecido entre as mãos de Falcão das Estrelas. Abriu os olhos à madeira oblíqua do teto da água-furtada, manchado com a luz esvaída do sol que se filtrava através das árvores nuas do jardim da Sheera. Ouviu o murmúrio da voz dela no estufa e a réplica tensa e depreciativa do Yirth.

Yirth pensou e fechou os olhos de novo, dominado pelo horror e o desespero. Todos seus esforços desse dia interminável, seus esforços para ocultar seu rastro da Sheera, e ela só tinha que lhe pedir ao Yirth que dissesse o nome de seu prisioneiro e olhasse na água estancada. A noite que tinha passado no poço, a dor inexprimível e a pena não tinham servido de nada.

Débil e esgotado, não ficava nada de sua carne nem de sua mente, purgadas de tudo o que pudesse responder a sua própria chamada; se tivesse tido forças, teria chorado. As mulheres tinham ganho. Estava vivo e ainda era escravo. Embora tivesse podido encontrar uma forma para escapar da magia do Yirth, sabia que já não o tentaria de novo. Nunca teria a força necessária para passar por isso outra vez.

Capítulo 14



Se tivesse podido, Lobo do Sol teria evitado os cuidados do Yirth. Mas não podia. Durante dois dias se encontrou absolutamente indefeso, bebia o pouco que lhe dava, sentia que as sombras apareciam e desapareciam com o passo dos dias nublados, e ouvia o tamborilar da chuva sobre as telhas ou as gotas que murmuravam intrigas dos beirais. Nas noites, ouvia como as mulheres se reuniam abaixo, ouvia o golpe dos pés e o latido agudo da voz da Denga Rei, as

ordens cortantes da Sheera e a mescla de vozes nos jardins, quando foram e vinham da casa de banhos. Uma vez, ouviu uns passos indecisos subindo pelas escadas para seu mezanino; detiveram-se justo sob a volta que dava à porta e esperaram um comprido tempo antes de retroceder de novo.

Dormia muito. Seu corpo e sua mente estavam vazios. Às vezes, falavam-lhe as mulheres que vinham, Olhos Âmbar, Yirth, de vez em quando Sheera, mas ele não recordava lhes haver respondido. Não tinha sentido fazê-lo.

Ao terceiro dia pôde comer de novo um pouco, embora a carne, ainda lhe produzia vômitos. Pela tarde, baixou à habitação dos vasos de barro e arrumou o dano que o descuido tinha feito a seus bulbos e às árvores jovens e novas para a estufa. Como uma faísca que treme lentamente e volta para a vida na lenha úmida, sentia que voltava em si, mas o cansaço que pendurava de seus ossos lhe voltava cuidadoso: a mais mínima tarefa punha em perigo seu corpo ou as cintas ainda mais rasgadas de sua alma. Quando ouvia vir a Sheera à estufa na penumbra cambiante do anoitecer, evitava-a. Afundava-se nas sombras da habitação dos vasos de barro para deslizar-se pela porta sem que ela o visse. Depois de que as mulheres chegaram e se foram essa noite, foi banhar se na água quente e o vapor da casa de banhos, enquanto ouvia o vento que agitava os ramos por cima de sua cabeça; sentiu, como quando era menino, essa sensação curiosa de estar cheio da vida noturna que o rodeava.

Voltou para afundar-se em um sonho limpo de pesadelos.

As vozes na estufa despertaram, murmúrios furtivos e o ruído rápido de uns pés nus. Embora o cuidava durante o dia, Olhos Âmbar não tinha passado a noite ali durante sua enfermidade. Ele se perguntava se no tempo em que Sheera a tinha atribuído para mantê-lo ocupado, ela teria encontrado outro amante. A habitação estava vazia agora. Lobo se levantou sem fazer ruído e chegou até a porta da escada.

Ouvia as vozes com claridade.

—...estúpidas, nunca deveram havê-lo tentado sozinhas! Se lhes tivessem apanhado...

Era a voz da Sheera e a tensão tremente que se adivinhava nela desmentia a irritação de suas palavras.

—Se tivéssemos sido mais, não teria ajudado — discutiram os tons mais graves do Gilden—. Só teriam sido mais mulheres que apanhar... Por Deus, Sheera, você não estava ali! Não sei o que foi! Mas...

—Ela ainda está lá, então? —perguntou Denga Rei, severa.

Gilden deveu assentir. Depois de um momento, a gladiadora seguiu, com rudeza:

—Então, teremos que voltar...

—Mas sabem que alguém está tratando de resgatá-la. —Esta era a voz do Wilarne.

Pelos espíritos de meus antepassados, quantas delas estão neste seja o que fora?, Perguntou-se Lobo do Sol.

Com cada uma das fibras de sigilo animal que possuía, confiando em que o ruído que estavam fazendo na estufa as distraía se as escadas rangiam embora não devia ser assim, se elas tinham treinado bem, Lobo se deslizou para baixo e se deteve justo no lugar em que, de ter dado um passo mais, a luz tivesse iluminado seu corpo.

Havia cinco, agrupadas ao redor da semente de luz que brilhava sobre o abajur de argila na mesa. Um fio de reflexo dourado delineava a curva aguda do perfil aquilino da Denga Rei e ardia sobre seus olhos escuros. Junto a ela estava Sheera, envolta na lã vermelha de sua bata de noite, o cabelo negro estendido sobre seus ombros como algas marinhas. As outras três mulheres foram vestidas, ou despidas, para a batalha.

Desde seu esconderijo, Lobo do Sol viu as mudanças nesses corpos de ossos delicados. O músculo duro tinha substituído à carne frouxa. Até o Eo, que se elevava sobre as duas pequenas cabeleireiras, tinha algo que era brunido, tenso, apesar de seu tamanho. Sob as capas escuras, vestiam só os protetores de seios de couro de seus trajes de treinamento, calças curtas e cinturões para as facas. Levavam o cabelo bem trancado e recolhido para trás; o do Wilarne estava um pouco cansado por alguma briga e agora se derramava como uma sogá assimétrica sobre seu ombro esquerdo, as pontas duras e pegoteadas de sangue.

As mulheres da Sheera, pensou ele, foram à batalha antes que sua comandante estivesse preparada. Perguntou-se por que. Sheera estava falando.

—Quando a prenderam? E por quê?

Eo a olhava fixo com olhos frios, azuis, amargos.

—Realmente precisa perguntar por quê?

A costa de Sheera ficou tensa.

—A razão é suposta insolência na rua — disse Gilden com sua diplomacia acostumada—. Mas ele falou com ela ontem às portas da ferraria do Eo.

Eo seguiu com amargura:

—Bom, em realidade não pode suspeitar seriamente que a menina de quinze anos seja uma traidora.

—Tivemos que atuar com rapidez — disse Wilarne, os olhos negros e amendoados largos de preocupação—. Por isso não viemos a classe ontem à noite.

—Fariam melhor em vir e pedir ajuda — ladrrou Denga Rei.

Na escuridão das escadas, Lobo do Sol sentiu que a irritação se elevava nele, assustador e frio. Tisa, pensou. A filha do Gilden, a sobrinha do Eo, a aprendiz. Uma menina cuja estupidez adolescente ia convertendo-se em beleza de potranca. Perguntou-se se ela também tinha tido uma oportunidade de provar sua «lealdade» ao Derroug e tinha sido presa por rechaçá-lo.

Gilden seguia falando.

—Passamos a parede perto do canal Lupris. Vencemos a dois guardas, tomamos os corpos e os arrojamos. Mas..., Sheera, os guardas no composto do palácio mesmo, esses vêm na escuridão, juro-o. Não havia luz, nenhuma, mas nos viram e nos perseguiram. Ouvimo-los. Um deles apanhou ao Wilarne...

—Não o entendo — murmurou Wilarne. As mãos, de ossos finos e tão pequenos como os de um menino, aferraram-se uma a outra na lembrança da briga e o medo—. Ele..., não parecia sentir dor. Vinham outros..., machuquei-lhe, sei que lhe machuquei, mas isso não o deteve não lhe fez nada. Não sei como escapei...

—De acordo — disse Sheera—. Enviarei uma mensagem ao Drypettis e lhe direi o que aconteceu verei se ela nos pode fazer entrar no palácio.

—Vai estar vigiada — disse Lobo do Sol—. E não poderiam lhe enviar uma mensagem esta noite.

Era a primeira vez que falava em três dias, e elas giraram em redondo, assustadas: não sabiam que ele as estava observando. Como lhe tinha falado a Falcão das Estrelas no poço, Lobo do Sol já não estava surpreso ante o que ficava de sua voz, mas viu a ruga na frente da Sheera quando ela ouviu; esse ofego áspero, e a preocupação no rosto larga, maternal do Eo, e a onda de alegria e

alívio nos olhos do Gilden e Wilarne. Deu-se conta de que tinham estado realmente preocupadas com ele.

Sheera foi primeira em falar.

—Derroug não suspeita do Dru...

—Talvez não como traidora, mas sabe o que faria tudo o que vocês peçam. Se entender ou não que há alguma conexão entre você e Gilden, não sei... Mas de todos os modos, temos que tirar Tisa dali antes que ele possa lhe pôr a mão em cima.

Interceptou um olhar do Gilden e se deu conta de que apesar de sua atitude prática e rápida, não era a mãe desinteressada que parecia. Também notou que ela não esperava que ele estivesse de acordo com ela. Amplificou a idéia com aspereza:

—Se Derroug tratar de forçá-la, vai brigar..., e brigará como um guerreiro treinado, não como uma menina assustada. E então, entenderá tudo. Quando atacaram aos guardas, Gilden?

Gilden gaguejou, tratando de recuperar-se.

—Faz umas duas horas —disse—. Começavam o guarda..., os guardas são de quatro horas.

—Então, necessitamos uma distração. —Lobo olhou a Sheera—. Criem que poderiam encontrar de novo o local em que dorme Derroug?

—Sim — afirmou ela, com o rosto escarlate e um tom muito tenso.

—lhes troque, então, e tragam suas armas. Denga, você fica aqui. Não me surpreende que esses bastardos de guardas vissem suas saias na escuridão se não lhes enegreceram a pele.

Gilden, Wilarne, e Eo se olharam, confusas.

—Mas não importa, têm sorte de não ter morrido e o deixaremos assim. Não sei se riscaram algum plano se por acaso tudo fracassava, Sheera, mas é muito tarde para pensar um agora. Sabem muito bem que se apanharem a alguém, falará. Também estavam nesse porão.

Sheera ficou pálida ao recordar os uivos do jovem escravo ruivo; o rosto lhe esvaziou de cor com tanta rapidez como se ruborizou.

—Eu mesmo trataria de sair do passo. Mas se não voltarmos pela manhã, Denga, pode pensar que está ao mando e que Derroug sabe tudo. Toma as decisões que considere necessárias.

—De acordo — disse a gladiadora.

—Levaremos a Tisa à casa de lady Wrinshardin. Derroug sabe que é sua filha? — Isso último ia dirigido ao Gilden, que meneou a cabeça.

—Bem. — Ele ficou de pé um momento, estudando a suas duas pequenas assassinas bonitas, de menos de metro e meio de altura e com os cabelos manchados de sangue—. Uma coisa mais. Como necessitamos uma distração. Vocês duas são boas para fazer planos; para quando voltar, quero que pensem em algo.

E o interessante foi que, quando baixou a escada cinco minutos depois, vestido só com uma pequena capa de batalha, botas e as armas, já tinham algo que lhe dizer.

—Aí vão.

Lobo do Sol voltou a cabeça levemente para que seu nariz não se apoiasse nas telhas sujas do teto e olhou o pátio dos barracos do palácio do governador, logo a Sheera, que jazia estendida sob a sombra do parapeito ornamental a seu lado. Ela levantou um pouco a cabeça; a vista do teto da Casa da Moeda que fechava o pátio dos barracos era excelente. Distinguia-se aos homens saindo dos edifícios, enquanto ficavam seus libreas azuis e douradas médio dormidos ou se arranhavam as caras sem barbear e amaldiçoavam. Em meio deles, sustentadas com cuidado pelo gordo capitão, inclinavam-se as formas veladas do Gilden e Wilarne, vestidas até as sobancelhas de uma forma que teria orgulhado a Cobra e Escarlata, as prostitutas. Ouviu o fôlego leve da risada da Sheera.

—Onde diabos conseguiu Gilden essa capa de plumas? — murmurou—. É a coisa mais vulgar que vi, mas deve lhe haver custado a alguém mais de cinquenta coroas...

A voz do Gilden, estridente e vulgar, que chegava até eles era uma cópia surpreendentemente boa dos tons nada educados de uma cortesã.

—O bastardo disse algo de queimar os registros, que todas as tropas de sua alteza não serviriam para nada sem seus registros.

Sheera murmurou:

—O Escritório de Registros está na ponta noroeste do palácio. Os quartéis do Derroug estão no sudoeste.

—Correto.

Lobo do Sol se moveu com cuidado deslizando-se pela inclinação aguda do telhado, rodeou uma gárgula de chumbo e se deslizou por um pau de carvalho de uma viga decorada que se adiantava para o espaço, uns quatro metros por cima da parte escura do pátio que separava a Casa da Moeda da parede de barracos. O lugar era insignificante e o local para baixar, estreito, apenas quarenta e cinco centímetros na parte superior do parapeito. Nesse rincão das instalações de defesa que alguma vez tinha rodeado todo o palácio, a construção de pedra parecia descuidada e traiçoeira. Lobo do Sol saltou, fora e abaixo, e o corpo lhe flexionou, compacto, ao tocar a parte superior das almenas e voltou a saltar com limpeza para o corredor uns poucos metros mais abaixo.

Olhou outra vez ao teto. Sheera teve a inteligência de seguir movendo-se com rapidez e suavidade uma vez que ficou ao descoberto. A escuridão ventosa da noite era tão grande que tudo parecia mover-se. Teria sido difícil dizer que esses movimentos eram humanos. Lobo do Sol se dava conta de que, desde sua aventura no poço, podia ver claramente na escuridão e pensava que seu sentido da orientação, que sempre tinha sido excelente, também tinha melhorado. Nas sombras, viu o rosto da Sheera, tensa e alerta, quando chegou à ponta do telhado. Logo, desprendeuse: os pés procuraram a viga com habilidade, os braços enegrecidos, como silhuetas momentâneas contra o gesso um pouco mais pálido da casa.

Um salto felino e estava a seu lado. Em silêncio, olhou o vulto escuro do palácio frente a eles e assinalou ao sudoeste.

Graças ao alarme, os barracos estavam desertos. Descenderam pela parede junto à escada da torre da casa dos guardas, agachados junto à asa do estábulo que Sheera, por sua relação com o Drypettis, sabia que corria a todo o comprimento do flanco oeste do palácio fundindo-se com as cozinhas no rincão sudoeste. Enquanto corriam pegos às paredes, na escuridão, Lobo do Sol podia sentir a inquietação dos cavalos nos estábulos, excitados pelo vento e o tumulto longínquo de outros rincões do palácio. À primeira oportunidade, levou a Sheera através da porta do depósito de carruagens e logo por uma escada para os mezaninos que ficavam sobre a larga linha de caixas. Duas vezes, ouviram

mais abaixo as vozes dormidas, grunhonas, dos pajens e os moços das cavaliças, mas ninguém associou a inquietação dos animais com nada que não fora o vento.

Por certo que os guardas, que corriam aqui e lá pelo resto do palácio procurando anarquistas ignotos que pensavam queimar o Escritório de Registros, não pensaram nunca em buscá-los no quarto do governador.

Dos mezaninos, subiram ao teto das cozinhas e à alta coluna vertebral e enrugada da cumbrera. Ao longe, as luzes se cunhavam reunidas ao redor das formas altas, quadradas, da asa administrativa do norte. À esquerda ficava a parede sul das defesas do palácio e detrás da pedra recoberta de mármore, o Grande Canal; as luzes das grandes casa do outro lado do canal brilhavam, leves e poucas a essa hora, e seus reflexos nas águas ondeavam sobre os adornos da pedra como seda moiré.

Algo se movia no espaço escuro dos jardins das cozinhas. Cães? Perguntou-se Lobo. Mas nesse caso, ladrariam. Entretanto, o ruído era animal, não humano.

De onde jazia, sobre o telhado inclinado, distinguia a pequena porta e as escadas pelas que tinham entrado Gilden, Wilarne e Eo, e o passadiço vazio por cima.

Ouviu um movimento rápido, deslizante nas telhas e logo uma pele quente se estendeu ao seu lado. Sheera murmurou:

—Podemos cruzar o jardim sem que nos vejam?

—Há algo ali — replicou Lobo, apenas mais alto que um suspiro—. Animais acredito, gatos de caça ou cães.

Moveu-se de flanco, com a cabeça debaixo da canaleta final do telhado da cozinha, um friso agudo de Santos e gárgulas, verde de tempo onde não se converteu em vultos brancos irreconhecíveis pela comunhão prolongada com as pombas do palácio. Sentiu as telhas mais cálidas sob a pele nua quando se deslizou ao redor de um grupo grande de postes de chaminés e levantou a cabeça de novo.

—Aí — murmurou—. O atalho coberto da cozinha ao comilão. Disseram que as vezes que comeram com o governador, a comida chegava quase fria.

—E logo a deixavam cair em pratos de ouro para completar o esfriamento — disse Sheera, divertida e silenciosa—. Sim, já vejo. Essa janela iluminada por

cima, à esquerda, é o vestíbulo do dormitório do Derroug. Aí está a janela que dá luz ao final do vestíbulo.

—Bem.

Ele se deslizou para trás pelo declive do telhado e os pés dentro das botas procuravam ocos entre as telhas rotas. Por debaixo, os estábulos eram uma massa de cumbreras e poços de sombras. O vento lhe tremia sobre a pele, movendo as largas mechas de seu cabelo. As telhas, quedas e escorregadias de musgo, estavam ásperas sob as mãos que avançavam a provas e que ainda não se curara de tudo. Pelo beiral, corria uma espécie de boca-de-lobo a todo o comprimento das cozinhas, e ele se deslizou por ela com rapidez para o extremo do edifício, o pico que dava sobre o final dos jardins do lado do canal. O vento era mais forte ali, encerrado entre as paredes; levava o aroma do pescado do mar e o sabor salgado das águas. Por debaixo, os jardins eram um murmúrio inquieto de árvores esqueléticas e redes castanhas, agudas nos sebes, uma escuridão inquieta quebrada por ruídos estranhos.

Apoiando-se na boca-de-lobo, Lobo soltou uma telha. O ruído do vento que corria como água fresca sobre o corpo cobriu os sons ásperos da tarefa: em realidade, cobriu quase até os sons das vozes. Ouviu que um homem amaldiçoava e se congelou, achatando-se contra a escuridão desigual do telhado e rezando para que a mescla de graxa e azeite de abajur que cobria seu corpo não se perdeu em alguma parte e mostrasse agora a pele pálida que aparecia debaixo.

Ouviu desde atrás a maldição minuciosa de um guarda. Uma segunda voz disse:

—Não há nada por aqui.

—Alguma sinal do Kran?

Evidentemente, alguém meneava a cabeça; Lobo apertou o rosto contra as telhas sujas e se perguntou quanto tempo passaria antes que um ou outro olhassem para cima.

—É do mais estranho que esse se perca um enfrentamento tendo guarda na próxima ronda... Se esses malditos vierem deste lado...

—Para queimar o Escritório de Registros? Não acredito. Que sorte que essas duas putas nos disseram isso...

—Então, para que terá que revisar os estábulos? Maldito seja o sargento...

Logo, com uma sensação curiosa, quase atávica, Lobo do Sol soube que podia impedir que os guardas olhassem para cima. Não era nada que não tivesse experiente antes, mas agora a sensação lhe atraía; um conhecimento poderoso de uma técnica, uma mudança na mente e a atenção que nem sequer podia definir ante si mesmo. Era tão natural como deter um golpe, tão congênito nele como o manejo dos pés na batalha; entretanto, não era nada que tivesse feito ou pensado fazer antes. Era parecido à forma em que sempre tinha podido evitar os olhos da gente, mas nunca até agora o tinha realizado em uma posição de exposição completa.

Sem mover-se, sem sequer olhar para baixo, consciente, deliberadamente impediu que eles olhassem para cima, como se lhes tirasse essa idéia da cabeça por algum processo que não tinha conhecido nunca exceto nos sonhos da infância. Talvez por essa razão, talvez porque a noite era fria e ventosa e os homens estavam esgotados, nenhum levantou a vista.

—Sigamos companheiro. Estou-me congelando. Não há ninguém aqui.

—Sim. Maldito seja...

Fechou-se uma porta. Lobo ficou assim por um momento, sobre as telhas varridas pelo vento, contando o retrocesso dos passos dos guardas até que esteve seguro de que se foram. Logo, tomou o grupo de telhas soltas na mão, inclinou-se sobre o beiral e as jogou no rincão escuro do jardim. As telhas caíram com ruído nos trabalhadores de pedreira secos de abaixo. Lobo se escondeu de novo no rincão do telhado enquanto se ouviam outros ruídos e o que havia abaixo, cães ou sentinelas, apressava-se a investigar. Escondido detrás da esquina do telhado, Lobo do Sol se deslizou ao longo da boca-de-lobo e voltou rápido como um gato, até o lugar do declive em que esperava Sheera. Via movimentos ao final da cozinha enquanto se ajoelhava junto a ela; nesse pequeno período comprado de tempo se levantou pela metade para subir sobre os dentes desiguais da borda e baixar ao telhado do atalho coberto.

O telhado era plano, uma tolice em uma cidade chuvosa como Mandrigyn. Provavelmente perde como um coador todo o inverno, pensou Lobo do Sol enquanto se arrastava sobre o ventre. Um rápido olhar lhe disse que Sheera seguia detrás, o corpo tão engordurado e sujo como o seu; outro olhar e soube que os jardins de abaixo ainda estavam vazios. Dirigiu uma prece a seus antepassados para que seguissem assim e estudou as janelas disponíveis.

—Capitão! —murmurou Sheera. Ele a olhou. O vento virou de repente e ele cheirou a fumaça. Como homem que sabia começar um fogo, reconheceu o aroma da fumaça nova, o primeiro salto de uma chama respeitável. Olhou e viu sair uma coluna formidável da parte norte do palácio: um arroio de ondas enormes, brancas no vento. Houve vozes que gritavam pés que corriam; todos os que tinham ido ao alarme original, corriam agora para o fogo e todos outros detrás. Gilden e Wilarne eram cuidadosas.

Lobo do Sol se aproximou da primeira janela e golpeou o vidro com a bota.

Como havia dito Sheera, era a última janela de um comprido corredor, logo que iluminado com abajures de vidro cor âmbar e silenciado pelos tapetes de seda brilhante, azuis e trabalhadas das ilhas. Lobo do Sol se deslizou pela porta mais próxima para um hall, procurando o caminho ao dormitório; logo, um ruído detrás dele no corredor lhe fez voltar-se com violência. Viu a Sheera, detida no ato de segui-lo para a porta, negra e suja como um demônio do pior poço do inferno; e frente a ela, no corredor, o corpo disforme, vestido com uma bata luxuosa de brocado carmesim e arminho, com o rosto vermelho cheia de uma expressão de profunda surpresa e medo. Era Derroug Dru em pessoa.

Olharam-se por um instante; do escuro hall, Lobo do Sol viu o salto do peito do governador e o murmúrio do fôlego em sua garganta quando inalou para gritar a seus guardas...

Nunca conseguiu emitir um som. Sheera era mais alta que ele e mais pesada; o treinamento permanente até a extenuação havia tornado rápida como o raio. Apesar de seu poder para fazer que outros lhe obedecessem, Derroug era um inválido. Lobo do Sol viu a adaga em mãos da Sheera mas não lhe pareceu que Derroug tivesse chegado a vê-la. Ela tomou o cadáver e começou a arrastá-lo para o hall, enquanto o sangue caía das artérias abertas do pescoço. A habitação adquiriu em seguida um aroma agudo sobre o peso sufocante do incenso. As mãos dela brilhavam abaixo o leve reflexo das lâmpadas do corredor.

—lhe arrojem algo em cima — murmurou Lobo do Sol enquanto fechava a porta atrás dela—. Isto corta o tempo, tomara que Tisa esteja realmente aqui e não tenhamos que procurá-la.

Enquanto Sheera aproximava o corpo a um rincão, ele já estava cruzando a hall em direção à porta fechada do outro lado. Abriu os ferrolhos e entrou.

—Tisa...

Algo lhe golpeou os ombros e a parte de atrás do joelho; frio e resbaloso, um braço se cruzou sobre sua traquéia e umas mãos pequenas se ataram sob sua mandíbula em seu abraço mortal. O reflexo lhe dominou. Rodou com o ombro para frente, agachou-se e atirou. Um peso incrivelmente leve passou sobre sua cabeça e golpeou como uma manta molhada contra as peles profundas do chão.

Sob a suavidade do tapete havia ladrilhos duros e se ouviu um pequeno soluço, mas Tisa já estava rodando sobre seus pés quando ele a agarrou pelos pulsos. Manteve a cabeça longe do golpe, mas havia lágrimas de terror e dor em seu rosto. Logo, viu quem era e girou o rosto, envergonhada de que a visse chorar.

Não era o momento adequado para ser guerreira, pensou Lobo, especialmente se alguém tinha quinze anos e era vítima de um homem cruel e poderoso. Tomou entre seus braços. Ela tremia do terror silencioso, com a cabecinha aguda afundada no músculo duro de seu largo peito. Sheera ficou de pé em silêncio na soleira da porta, as mãos vermelhas até os cotovelos, olhando enquanto ele acariciava o cabelo enredado de marfim da Tisa e murmurava ao ouvido como um pai a um filho aterrorizado por um pesadelo.

—Está morto — disse com suavidade—. Já passou tudo. Viemos a te resgatar, está morto e já não te buscará.

A menina gaguejou.

—Mamãe...

—Sua mamãe está queimando o outro lado do castelo — disse Lobo, no mesmo tom reconfortante—. Está bem...

Tisa levantou a cabeça, as bochechas manchadas de fuligem, musgo verde e sujeira de pássaros.

—Estão brincando?

Lobo abriu os olhos.

—Não — disse—. Creste que brincava?

Ela se limpou os olhos e tragou saliva.

—Não estou chorando — explicou depois de um momento.

—Não — disse ele—. Lamento te haver machucado Tisa.

—Não me machucou. —A voz lhe tremia; o fôlego lhe tinha talhado dentro e talvez algo mais também.

—Bom, você quase me estrangula — replicou ele, resmungão—. Te parece que pode nadar?

Ela assentiu. Ele viu então que vestia uma espécie de túnica branca e solta, que evidentemente lhe tinha dado Derroug. Era um pouco grande para ela e estava adornada com lentejoulas brancas e orlas elaboradas salpicadas de contas leitosas, opalescentes. Nessa túnica a viu transformada, já não em uma moça esbelta como uma potranca a não ser em um pimpolho médio aberto de femilidade. Tinha as pálpebras manchadas de negro pela fadiga e o terror, o cabelo pálido contra a seda, quase tão leve como o de Falcão das Estrelas no brilho do abajur do dormitório. A túnica deixava ver a metade de seu jovem peito. Antes de tomar seu posto para o ataque, Tisa a assegurou com um broche de rubis que brilhava sob seu pescoço como uma grande gota de sangue. Quando Lobo a pôs de pé, pareceu livinha como uma flor em suas mãos. Os olhos brilhantes da moça olharam a Sheera e se abriram ao vê-la coberta de sangue. Lobo do Sol murmurou:

—Vamos. Vão começar para buscá-lo agora que começou o fogo...

Enquanto se deslizavam pelo hall para a janela, Tisa sussurrou:

—O que aconteceu com sua voz, capitão? Eu pensava que...

—Agora não...

Ela reuniu como em molhos suas saias volumosas, obediente, e seguiu a Sheera para o telhado do atalho coberto, até para os olhos mais agudos de Lobo, os jardins pareciam desertos. Via, vaga na escuridão mais densa da parede em sombras, a forma de portinha da grande porta de saída.

—Esperem até que dê o sinal — disse em voz baixa—. Um assobio como o de um chupacabras. Logo sigam as sombras junto à parede. Se estiver fechada, teremos que subir até o parapeito e mergulhamos.

Sheera calculou a altura do muro.

—Graças a Deus que é o Grande Canal: é o mais profundo da cidade.

Lobo do Sol se deslizou pelo flanco do atalho coberto, baixou aos jardins.

As nuvens se espessavam mais e mais com os ventos da noite que acariciavam as chamas do extremo norte do palácio. Ouvia-se o ruído do fogo sobre o gemido do vento. Deveria mantê-lo ocupados durante outra hora pelo

menos, calculou Lobo e começou a mover-se, lenta, cautelosamente, junto à parede para os poços coloridos de sombra que jaziam entre ele e a porta.

O negrume aqui era quase absoluto; fazia um mês não tivesse podido ver nada. Agora, conseguia distinguir formas e detalhes com um sentido que não estava muito seguro de que fora realmente a vista, um efeito do anizid, pensou, igual a essa curiosa habilidade para passar inadvertido.

Isso seria útil, lhe ocorreu. Em realidade, quando pensava seriamente no assunto, dava-se conta de que o tinha empregado duas vezes antes de esta noite: quando evitava a Sheera no limites estreitos da habitação dos vasos de barro, e essa mesma tarde, ao baixar as escadas para ouvir o conselho de guerra na estufa. O profissional que havia nele pensava em formas de desenvolver esse estranho talento; mas muito dentro, um puxão de excitação primitiva tremia em seus ossos, como quando soube pela primeira vez que ele sozinho entre todos podia ver os demônios.

A porta não tinha guarda, mas estava fechada. Lobo do Sol olhou no negrume sob o arco e encontrou a estreita escada para o parapeito. O jardim ainda parecia deserto, mas uma tensão, uma premonição de perigo tinha começado a lhe arrepiar a nuca. Os matagais e os trabalhadores da pedreira se agitavam muito e o vento, carregado de fumaça e gritos, parecia levar o aroma do mal a seu nariz. Assobiou com suavidade, como um chupacabras, e viu um movimento rápido perto da parede coberta, logo o fulgor instantâneo da túnica branca, quase luminosa, da Tisa.

Já estavam a metade de caminho no cruzamento do jardim quando algo mais se moveu do rincão do edifício da cozinha.

As coisas levavam armaduras como seres humanos, mas nenhuma arma. De onde estava ao fundo da escada do parapeito, Lobo distinguia que caminhavam com firmeza, sem pensar na escuridão que fazia os passos das mulheres fugitivas tão lentas e cheias de dúvidas. Moviam-se com tanta suavidade que não estava seguro de que Sheera e Tisa os tivessem visto, mas para ele, com sua vista aguda, as figuras eram claras. Eram quatro, nas libreas sujas dos guardas do Derroug, as cabeças sem olhos bamboleantes como se eles também pudessem ver na escuridão.

Nuuwas.

Deu-se conta subitamente e a idéia lhe golpeou como se as peças de um quebra-cabeça gigantesco e fantasma se armaram de repente. Uma onda de

raiva e desprezo total passou sobre ele, uma onda maior da que houvesse sentido nunca contra qualquer pessoa ou coisa. Os nuuwas começaram a trotar. Sheera se deu a volta para ouvir os passos no pasto, mas seus olhos não podiam brocar a profunda escuridão.

Lobo do Sol gritou:

—Corram! Aqui!

Sua espada saiu chiando da bainha. Sem perguntar por que, as mulheres correram. Tisa se tirou a túnica branca e brilhante quando ficou enganchada nos membros mortos de um trabalhador de pedreira de espinheiros. Correram às cegas, tropeçando, torpes sobre a terra solta e as redes cinzas das vinhas e espinheiros e os nuuwas se lançaram sem ruído atrás delas. Ele gritou de novo, um grasnido quase sem voz que teve como resposta uma comoção selvagem nas janelas do palácio. Tisa chegou primeiro às escadas, com a Sheera apenas uns passos detrás. Os nuuwas estavam quase sobre seus calcanhares, correndo sem olhos com a baba brilhante sobre essas bocas abertas e deformadas.

Com a espada nua na mão, Lobo do Sol seguiu às mulheres pelos degraus. O primeiro dos perseguidores se achava apenas um metro detrás. Acima na parede, Tisa se mergulhou deixando cair ao canal sujo e escuro. O corpo manchado e brilhante da Sheera se iluminou um momento contra o reflexo das lâmpadas das vilas que ficavam ao outro lado. Quando Lobo chegou ao parapeito, umas garras enormes lhe afundaram nas costas; quando tentou desprendê-las garras rasgaram o ombro como grandes cunhas de ferro oxidado. Voltou-se, lutando com a espada; sabia que tinha apenas uns segundos até que se equilibrassem todos sobre ele e literalmente o comessem vivo. Quando a folha se cravou na carne suja do corpo do nuuwa, o rosto disforme estava a centímetros da sua, a grande boca ainda aberta e ameaçador, coberta de sangue, as conchas vazias dos olhos como poços de sombras cheios crostas.

Logo, mergulhou-se e as águas congeladas, salgadas, incrivelmente sujas do canal o tragaram. Os nuuwas, que não se arredavam ante nada, jogaram-se sobre a parede atrás de sua presa. Pesados com a armadura, muito cegos e muito estúpido para nadar, afundaram-se como pedras.

Em seu silêncio de sempre, Yirth reuniu seus remédios e se deslizou dos limites escuros do mezanino. Lobo do Sol ficou quieto um momento, olhando a

queda do teto sobre sua cabeça, como a tinha cuidadoso quatro manhãs antes, quando despertou ante a idéia de que Sheera lhe tinha ganho.

Mas agora não pensava na Sheera.

Pensava em lady Wrinshardin, no Derroug Dru e no Altiokis.

Sentia-se fraco pela falta de sangue, enjoado e dolorido pelos remédios do Yirth. Tinha o cabelo úmido contra a bochecha no travesseiro e sentia gelada a pele onde lhe tinham tirado a graxa e o negro do carvão. Sheera, em sua cama de veludo e Tisa, a salvo no castelo do barão do Wrinshardin, estariam todas raiadas como tigres com os golpes e arranhões desta última carreira pelos jardins.

Sentia muito pouco a dor. A compreensão ainda lhe ardia por dentro e o calor da fúria que dita compreensão havia lhe trazido; deformada, horrível, o rosto do nuuwa voltava para seus pensamentos apesar dos esforços por apartar a de sua mente. A luz cinzenta ao outro lado da janela se alargou e ele se perguntou se não seria melhor levantar-se e cumprir com suas tarefas para benefício dos serventes da casa que pudessem ser interrogados pelos sucessores do Derroug.

A debilidade lhe pesava nos ossos. Seguia estendido quando se abriu e se fechou a porta da estufa e ouviu o rangido de uns pés leves sobre as escadas, o deslizar suave e espesso de umas anáguas de cetim e o duro roce da puntilla engomada.

Voltou a cabeça. Sheera estava de pé na soleira, esse lugar onde tão poucas vezes acostumava ir. Havia-se escondido as marcas do rosto com cosméticos; mas debaixo da pintura, pareceu-lhe pálida e cansada. Nessa noite terrível e cheia de sucessos se vingou do Derroug, era algo que Lobo podia ver. Mas tinha sido uma vingança prática, quase inconsciente.

— Vim a lhes agradecer o de ontem à noite — disse ela com cansando—. E... a me desculpar por coisas que disse. Não tinham que fazer o que fizeram.

— Já lhes disse isso antes — sussurrou Lobo do Sol e sua nova voz ainda raspava de um modo estranho em seus ouvidos—. Tivesse bastado com que nossa menina atacasse ao Derroug como me atacou para que surgissem muitas perguntas. E quanto ao outro assunto, estava cansada e eu estava bêbado. Nunca deveria ter acontecido.

— Não — disse Sheera—. Não deveria ter passado. — esfregou os olhos e os grupos de pérolas e sardónice que penduravam de suas orelhas e seu cabelo

tremeram na luz baixa da manhã—. Vim a lhes dizer que é livre. Podem deixar Mandrigyn. Vou falar com o Yirth para que lhes dê o antídoto do anqid e lhe possa ir. Por isso fizeram...

Ele estendeu a mão. Depois de duvidar um momento, ela se adiantou e ele a fez sentar na borda da cama. Os dedos da Sheera eram como gelo entre os seus.

—Sheera — disse—, isso não importa agora. Quando partirem às minas..., quando liberarem os homens..., o que ides fazer?

Surpreendida, ela gaguejou:

—Eu..., nós..., Tarrin e eu..., traremos-los de novo aqui...

—Não — disse ele—. Lady Wrinshardin tinha razão, Sheera. Yirth tem razão. Não esperem que Altiokis volte por vós. Esses caminhos que vão das minas à cidadela..., poderiam encontrá-lo-las garotas de Âmbar?

—Suponho que sim — disse ela, duvidoso—. Escarlate diz que viu um. Mas estão protegidos por magia, com armadilhas...

—Yirth terá que ocupar-se disso — lhe disse ele com calma—. Deverá encontrar uma forma de lhes levar através de tudo isso, e o fará ou morrerá tentando-o. Terá que destruir ao Altiokis, Sheera. Lá encima tem um mal pior que algo que eu tenha imaginado nunca e o está alimentando, cria-o, chama-o desde outro mundo. Lady Wrinshardin o adivinhou. Yirth sabe. Temos que destruí-lo e a esse mal com ele.

Sheera ficou em silêncio, olhando-as mãos que descansavam entre as dobras de seu vestido. Em outro momento, talvez houvesse sentido o triunfo que significava ver que ele admitia que estava equivocado e que ela tinha razão, mas isso tinha sido antes do poço e antes do jardim do palácio a noite anterior.

Ao olhar seus olhos, ele se deu conta desde que tinha falado com lady Wrinshardin, Sheera sabia em seu coração que teriam que atacar a cidadela.

Lobo continuou:

—Esses que nos perseguiram nos jardins do Derroug ontem à noite eram nuuwas. Nuuwas sob o controle do Altiokis, estou convencido de que partem nuuwas sob seu controle em seus exércitos. Quando termina com eles, como depois da batalha de passagem do Ferro, os solta para que corram pelas terras conquistadas, os dá a seus governadores como cães guardiães. Acredito que se

deformam, deterioram-se com o tempo e por isso Altiokis e Derroug têm que criar novos.

—Criar? —Ela levantou a cabeça com rapidez e ele viu em seu rosto a compreensão terrível que golpeava às portas de sua mente, como tinha golpeado as da sua a noite anterior.

—Recordam essa habitação na prisão do Derroug? Essa coisa que parecia um floco de fogo ou uma libélula acesa?

Ela desviou o olhar, decomposta pela lembrança. Depois de um momento, os cachos espessos de seu cabelo se deslizaram pelo cetim vermelho de seu ombro quando assentiu. Ele sentiu que seus dedos frios lhe apertavam os seus.

—Esse moço ruivo se transformou na criatura que me rasgou o ombro ontem à noite — lhe disse.

Capítulo 15



Desde o Pergemis, o caminho dobrava ao noroeste, primeiro através dos ricos campos de cultivo e os bosques da costa da Enseada, logo através das primeiras colinas cheias de névoa, verdes, nas que a neve jazia leve sobre o

chão, marcada pelos rastros de raposas e castores. No verão teria sido possível levar um navio do porto, ao redor do vasto martelo de terra rodeado de escarpados e através da porta das ilhas grosseiras da cidade porto do Mandrigyn, debaixo das paredes mesmas de Escarpado Sinistro. Mas o mundo estava apanhado nas garras de ferro do inverno. Falcão das Estrelas e Anyog entraram lentamente nos domínios do Mago Rei, por terra, o melhor que puderam.

Nas altas colinas, as chuvas se converteram em neve e os ventos sopraram para eles das terras altas e pedregosas que ficavam mais acima. Quando podiam, detinham-se nos povoados, nas novas vilas de comerciantes e caçadores ou nos velhos assentamentos dos clãs dos barões, que uma vez dominaram sobre essas terras e agora viviam em um atraso altivo nas profundidades das selvas sem rastros. Falcão das Estrelas descobriu que a marcha era muito mais lenta do que tinha antecipado, porque Anyog, apesar de seu companheirismo de homem que nunca se queixava, cansava-se logo. Nesse clima, nessa região, uma hora ou dois de caminho deixavam cinza e ofegante ao pequeno professor e o tempo se cortava cada vez mais à medida que seguiam adiante. Ela se teria burlado dessa debilidade em um de seus homens e teria usado o látego de sua língua para apressá-lo. Mas não podia fazê-lo.

O velho tinha decidido arriscar-se aos perigos de uma viagem no inverno por ela quando deveria haver ficado quieto na cama, esperando que se curassem suas feridas. Além disso, admitiu ante si mesmo, tinha terminado por sentir-se muito apegada ao velho cabrito.

Nunca antes seus sentimentos pessoais a tinham levado a tolerar a debilidade em outro. Haveria me tornado branda? Perguntava-se. Foram essas semanas na casa do Pel Pasolargo? Ou é algo que faz o amor com um, fazê-lo também melhor nas relações com outros?

Enfrentar-se com as irracionalidades do amor que descobria em sua alma a assustava. Seu ciúmes da pobre Gazela tinham sido tão absurdos como seu empenho em seguir com uma busca sem sentido em favor de um homem que quase com segurança já estava morto e que, além disso, nunca lhe tinha falado de amor. Sabia que se estava comportando como uma estúpida, mas a idéia de renunciar e voltar sobre seus passos para o Pergemis ou para o Wrynde era para ela tão intolerável que lhe doía. A meditação esclarecia sua mente e lhe acalmava, mas não lhe dava respostas, podia alcançar o Círculo Invisível, mas sem encontrar a nenhuma outra pessoa.

Com razão, Lobo sempre se manteve longe do amor. Perguntou-se como encontraria o valor para lhe dizer que lhe amava e o que ele diria o dia em que o fizesse, se dava o caso.

E com o amor, descobriu que se mesclou também com magia.

—por que não seguiram adiante se é um mago? —perguntou uma noite enquanto olhava como Anyog fazia que brotasse o fogo na pequena pilha de lascas e paus e o cuidava com um gesto de seus dedos ossudos—. Foi só o medo ao Altiokis?

Os olhos negros, rápidos, titilaram enquanto a olhavam, com o reflexo brilhante das faíscas.

—Medo e nada mais.

Anyog estendeu as mãos para a chama. Eram tão magras que a luz parecia brilhar através delas. As rugas brancas de seus pulsos e as de seu pescoço estavam sujas e cinzas.

Falcão das Estrelas lhe olhou por um momento; ele estava agachado como um grilo sobre a pequena chama. Logo, ela olhou sobre seu ombro por volta da escuridão que sempre parecia pendurar sobre as terras altas do norte.

Leu o gesto e sorriu com astúcia.

—Não só de nosso amigo imortal — explicou—. Embora admita que essa era a primeira preocupação que tinha quando deixei ao professor que me ensinou e tomei o caminho para os climas mais ensolarados do sul.

»Meu professor era um homem velho, um ermitão que vivia nas colinas. De menino, já sabia que tinha o poder, podia encontrar coisas que tinha perdido ou começar fogos olhando pasto seco. Podia ver coisas que outra gente não via. Esse velho era um místico, um louco, diziam alguns, mas ele me ensinou...

Anyog fez uma pausa, enquanto olhava a cor tremente da chama.

—Talvez me ensinou mais do que sabia. Provei o poder então, sabe? — Olhou-a, de pé ante ele, através do fogo que saltava e tocava em seu rosto cada uma das linhas e rugas de alegria e dissipação—. Provei a glória..., provei a magia..., e provei o que custaria a glória. Ele era um velho tímido, aterrorizavam-lhe os estranhos. Tive que caçar para ele durante duas semanas antes que me quera ver. Desconfiava de todos, de tudo..., e tudo por medo ao Altiokis.

Falcão das Estrelas ficou calada enquanto recordava a branca cela no distante convento e o espelho colocado em um ângulo das paredes. Em algum lugar dos bosques, gritou um mocho que caçava sobre asas silenciosas. Os cavalos chutaram seus maniotas, golpeando a neve congelada.

Os escuros olhos do Anyog estudavam o rosto de Falcão das Estrelas e se perguntava se entendia.

—Significava deixá-lo tudo por uma só coisa — disse Anyog—. Inclusive então, eu sabia que queria viajar e aprender. Amava as belezas pequenas, brilhantes da mente. O que é a vida sem poesia, sem engenho, sem música? Sem as frases depuradas e a filosofia que se afia contra a de outros? Meu professor vivia escondido e seguiria sem ver ninguém durante anos. Se eu me convertia em um mago como ele, isso significava o mesmo tipo de vida.

O velho suspirou e se deu volta para recolher o assador de ferro. Começou a pô-lo em seu lugar sobre o fogo.

—Assim escolhi essas pequenas belezas e deixei de lado a grande beleza solitária e única. Converti-me em estudioso, professor, bailarino, poeta: minha Canção do cão da lua e o filho do oceano se cantará no Reino Médio muito depois de que me tenha ido. E fingi que não me arrependia. Até essa noite na estalagem, quando me perguntaram se minha segurança me tinha dado felicidade. E não pude dizer que sim.

Desviou a vista e colocou os pedaços do coelho que ela tinha matado pela tarde sobre os largos assadores de ferro. Falcão das Estrelas não comentou nada, mas procurou cuidadosamente nos arreios da mula os pães de cevada e uma panela para fundir a neve e fazer água potável. Recordava a segurança cálida da casa do Pel Pasolargo e o fato de que ela não tinha duvidado nem por um segundo em deixá-la para seguir sua busca.

—E além disso — continuou Anyog—, tive medo da Prova. Sem passar por ela, nunca teria chegado a ter meu poder completo de todos os modos.

—O que é? —perguntou Falcão das Estrelas, sentada frente a ele—. Poderiam passar por ela agora, antes que chegássemos a Escarpado Sinistro?

O velho meneou a cabeça; lhe pareceu que os músculos esgotados de suas mandíbulas se esticavam com o medo sob o tremor da luz do fogo.

—Não — disse—. Nunca aprendi a magia suficiente para passá-la e o que aprendi... faz muito que não o pratico. A prova mata aos fracos e aos que não nasceram magos.

Ela franziu o cenho.

—Mas se a passassem..., faria-lhes imortal como Altiokis?

—Altiokis? —As sobranceiras aladas se afundaram de repente sobre seu nariz. Por um instante, ela o viu não como a um homem miserável, médio doente, mas sim como a um mago, um eco do poder que tinha conhecido—. Ora... Altiokis nunca passou a Grande Prova. Segundo meu professor, nunca soube sequer o que era. Ele o conheceu sabe? Vaidoso, preguiçoso, superficial..., o pior de todos.

Poderia ter sido um poeta clássico falando do último escritor de baladas populares. Falcão das Estrelas sorriu pela metade.

—Mas têm que admitir que ele está lá encima e você aqui escondido. Tem que ter adquirido o poder de algum modo.

A voz do Anyog se afundou, como se tivesse medo de que até os ventos pudessem ouvi-lo, agora que estava tão perto da cidadela do Mago Rei.

—Sim — afirmou em voz baixa.

O olhar de Falcão se fez mais penetrante e recordou a fumegante escuridão da estalagem do Foonspay e ao ancião delirando imóvel ante o fogo moribundo, enquanto Gazela estava de pé, escondida nas sombras do corredor.

—Já falaram disso antes — disse Falcão.

—Fiz-o? Não me dava conta. —Atiçou o fogo, mais por fazer alguma coisa que por ser realmente necessário. O vento trouxe as vozes melodiosas e distantes dos lobos das colinas longínquas—. Meu professor sabia, mas muito poucos mais sabiam. Se Altiokis tivesse suspeitado que sabia do segredo, teria suposto que meu professor o tinha ensinado a outros. Tivesse-me encontrado.

—De onde obtém Altiokis o poder?

Anyog se manteve em silêncio durante uns momentos, contemplava o fogo e Falcão das Estrelas se perguntou se lhe responderia alguma vez. Quando tinha decidido já que nunca o faria, ele disse em voz fica:

—Do Buraco. Lhe chama Buraco no mundo, mas acredito que Buraco entre mundos seria mais correto. Porque se diz que há algo que vive ali... outras coisas além dos gaums que comem os cérebros dos homens.

—Gaums... —começava Falcão.

—OH, sim. Meus sobrinhos acreditam que são parecidos com libélulas, mas são coisas, ou o que seja, que vêm dos Buracos. Não têm mente e comem as mentes de suas vítimas, e por isso suas vítimas ficam como estúpidos... nuuwas em realidade. Os Buracos aparecem... OH, às vezes, depois de vários centenares de anos. Meu professor dizia que estão regidos pelo curso das estrelas. A luz do sol os destrói... aparecem de noite e se desvanecem com o alvorecer.

Algo se moveu, escuro contra o fundo matizado da neve quebrada e as velhas agulhas de pinheiro. Anyog levantou a vista com ofego como ante as pegadas de um inimigo, e Falcão das Estrelas seguiu seu olhar e viu o brilho verde e breve dos olhos de uma doninha. O ancião se deixou cair, tremendo, enquanto se esfregava as mãos.

Finalmente continuou.

—Os Buracos se vão com a luz do sol, como os gaums, se não encontrarem uma vítima antes. Mas Altiokis protegeu este buraco. Diz-se que construiu uma choça de pedra sobre ele em uma só noite e a partir daquele momento cresceram seus poderes. Essa coisa anima sua carne e lhe dá vida, mas ele trocou após. Não sei. —Meneou a cabeça, com cansaço, de novo um ancião doente, pressionado—. Só tinha que esperar a que morressem os grandes magos de sua geração e matar a seus seguidores antes que chegassem à grandeza. Como me matará.

A voz lhe tremia de cansaço e desespero; ao olhá-lo através do brilho de topázio do fogo, Falcão das Estrelas viu quão pálido estava quão escura pareciam essas sobranceiras loucas contra a pele consumida. Como se ele tivesse sido um novo soldado, um moço assustado antes de sua primeira batalha. Falcão das Estrelas lhe disse para respirá-lo:

—Não lhes matará.

Deixaram o silêncio mágico das colinas para subir o vale da Água Grande.

Alimentando pelas poderosas chuvas das terras altas, o rio da Água Grande rugia em plena enchente, estendendo seus canais através da região estreita e pantanosa que jazia entre os escarpados mais altos, convertendo os topos das colinas em ilhas e levando aos granjeiros que viviam de seu chão para suas vilas de inverno nas ladeiras, mais acima. Falcão das Estrelas e Anyog andaram pelas rochosas colinas que bordeavam as terras alagadas, sempre

molhados, sempre com frio. Anyog contava contos e cantava canções; não falavam nem da magia nem do Altiokis.

Cruzaram o rio uma dúzia de vezes esse dia, sobre pequenos canais lamacentos da corrente principal ou sobre arroios brancos e que tinham canais permanentes. Em um dos cruze, perderam a bagagem e quase também a mula. Falcão das Estrelas suspeitava que a luta contra as águas furiosas tinha quebrado algo dentro do Anyog; depois disso, teve sempre um tom branco na boca e não pôde viajar mais de uns poucos quilômetros sem descansar.

Ela sempre tinha sido uma comandante eficiente e poderosa que usava sua fortaleza para obrigar e arrastar a seus homens detrás dela. Mas descobriu que seus medos por Lobo do Sol, embora não tinham diminuído, deixavam um lugar nela para preocupar-se com o ancião, que, agora sabia, nunca poderia ajudá-la. Deixou de viajar um dia para lhe dar uma pausa enquanto ela caçava cabras das montanhas altas e rochosas para o noroeste. Voltava da caçar quando encontrou os rastros dos mercenários.

Era um bando pequeno, provavelmente não mais de quinze, adivinhou, enquanto estudava o rastro enlameado na luz cada vez mais leve da tarde. Só sua presença no vale lhe confirmou que estavam sem trabalho desde fazia três meses pelo menos, já que as chuvas tinham começado e viviam da caça ou a pilhagem escondidas em algum lugar. Era um grupo muito pequeno para que os contratassem para nada que não fora uma guerra tribal entre os barões, e a maior parte dos barões dessa zona de todos os modos não tinham dinheiro para contratar mercenários e não entrariam em guerra no inverno se podiam evitá-lo.

Falcão das Estrelas amaldiçoou em voz alta. Sua experiência com mercenários sem trabalho lhe dizia que sempre eram um problema e que geralmente eram ladrões da cabeça aos pés; teria que rastreá-los para assegurar do lugar ao que se dirigiam e do que pensavam fazer antes de voltar para acampamento.

Tinha matado a uma cabra nas altas rochas, uma dessas saltadoras pequenas e peludas dos despenhadeiros, e a levava sobre os ombros. Pendurou-a do ramo de uma árvore para impedir que a comessem os lobos e deixou sua guerreira com ela. Talvez precisasse ter as mãos livres. Logo, desenhaino a espada das costas, onde a levava durante a caça, para pô-la em seu quadril, voltou a armar o arco e controlou as flechas. Tinha sido mercenária durante muito tempo: não mantinha ilusões sobre própria gente.

O rastro era fresco; a bosta dos poucos cavalos do grupo ainda fumegava na noite geada. Encontrou o lugar em que se apartaram do rastro principal através das colinas ao ver o fogo do acampamento do Anyog. Ainda podia ver a fumaça que se elevava sobre as árvores do terreno baixo boscosa em que ela o tinha deixado. Enquanto se deslizava cautelosamente entre as rochas que cobriam o rastro que descia para o terreno baixo, começou para ouvir suas vozes e suas risadas.

Murmurou palavras que davam mais crédito a sua imaginação que a sua educação em um convento. Queriam cavalos, claro. Esperava pela Mãe que Anyog tivesse sentido comum e não resistisse, não porque isso fora a lhe ajudar muito se estavam bêbados. E pelo som das risadas, estavam-no.

Tinha eleito com cuidado o lugar do acampamento: uma garganta rodeada de árvores pequenas com um mínimo de grandes pedras, difícil de espiar e impossível de atacar sem ser visto. Agora apertou seu corpo contra o tronco da árvore maior e olhou o vale.

Havia uma dúzia de homens e estavam bêbados. Um ou dois deles lhe pareceram familiares: os mercenários sempre se cruzavam uns com outros e a maioria deles conhecia os de mais de vista. O cabeça era um homem quadrado, peludo, vestido com um gibão gordurento costurado com placas de ferro. Anyong estava ajoelhado frente a ele apoiado em mãos e joelhos, com a cabeça cinza inclinada e coberta de sangue.

A essa distância, era difícil ouvir o que dizia o cabeça, mas era óbvio que os ladrões já se apropriaram das cavalgadas. Falcão das Estrelas via os dois cavalos e a mula entra os pequenos cavalos esgotados ao final do claro; o acampamento estava semeado de instrumentos de cozinha e um par de mulheres de cabelo desarrumado, as comuns prostitutas seguidoras de acampamentos, encontravam-se de pé entre o círculo de homens com as esteiras dela e do Anyog nas mãos. Falcão das Estrelas quase não sentia a fúria em meio de seus cálculos. Os cavalos estavam descuidados no extremo do acampamento; a maior parte dos homens rodeava o cabeça olhando como se divertia com o Anyog. Os animais a cobriam um pouco mais se conseguia alcançá-los.

Houve mais risadas no círculo de homens; um par deles brigavam para ver melhor. Ela viu que a mão do chefe se movia. Anyog começava a arrastar-se, evidentemente para procurar algo entre as agulhas enlameadas dos pinheiros. O capitão dos mercenários, morto de risada, tirou a bota e chutou ao velho no

flanco. O velho rodou. Teimado, resignado, como um cão, voltou a ficar a quatro patas e a arrastar-se.

Falcão das Estrelas conhecia o jogo; pagar pelos cavalos, chamava-se. Um jogador arrojava moedas a mais e mais distancia e fazia que o pobre bastardo se arrastasse para buscar enquanto todos o chutavam. O jogo se acompanhava de outros, como colocar a cabeça do presidente do conselho de uma cidade na água ou obrigar a sua mulher a limpar as botas do capitão com seu cabelo, o tipo de coisa que se fazia durante o saque de uma cidade. Era muito, muito divertido se a gente estava bêbado, claro, ou acabava de sobreviver a uma batalha que poderia havê-lo deixado com as tripas fora para alimento dos gatos do lugar.

Mas assim, sóbria, ao ver como o faziam com um homem que não lhe tinha procurado mais que doçura e ajuda, Falcão das Estrelas sentiu raiva e asco. Era parecido a uma violação e agora se dava conta; como uma violação, podia terminar no descontente absoluto, com a morte da vítima.

Falcão começou a deslizar-se através das árvores para o final da garganta. A escuridão que se acentuava a ajudou. Tinha estado muito frio durante todo o dia; a neve tinha alcançado levemente na região alta onde tinha caçado; o mundo cheirava a chuva e geadas. Por outra parte, os homens, além de bêbados, estavam totalmente concentrados em seu jogo. Chutaram de novo ao Anyog e ele ficou onde estava. Era difícil dizê-lo no crepúsculo, mas a Falcão das Estrelas lhe pareceu que sangrava pela boca. Nesse momento, decidiu que os mataria a todos, embora não o machucassem mais. Uma das seguidoras do acampamento, uma puta de uns dezesseis anos, foi até o velho e o chutou para que se levantasse; Falcão das Estrelas viu como se moviam as mãos do Anyog quando o tentava.

Os mercenários se fecharam em um círculo a seu redor.

A Falcão das Estrelas lhe levou uns segundos mais cortar as rédeas dos cavalos da corda a que estavam atadas; os homens riam e gritavam e não a viram até que esteve a cavalo. Disparou com calma e sem raiva. Sua primeira flecha matou ao capitão pelo pescoço, por cima do gibão com placas de ferro, a segunda, acabou com a prostituta entre os seios.

Estava a cavalo; a altura e o peso do animal lhe davam um pouco de vantagem sobre o número de homens, embora mais tarde pensou que teria matado aos doze inclusive a pé. Chegou galopando sobre eles da escuridão enquanto a última luz do dia brilhava sobre a folha de sua espada como sobre a

foice da Deusa da Morte nos velhos dias: silenciosa, desumana como a Estrela da Praga. Matou a dois antes que tivessem tirado suas armas e o cavalo terminou com um terceiro: ficou de pé sobre duas patas quando lhe aproximaram muito e lhe esmagou a cabeça com suas ferraduras de aço. Outro homem a agarrou pela perna para baixar os arreios e lhe arrancou as mãos por debaixo dos pulsos. Deixou-o de pé, gritando e olhando os cotos sangrentos, enquanto se dava volta e decapitava à outra prostituta e a outro homem que tratava de apanhá-la do outro lado, homens se aferravam e atiravam da brida para que o cavalo caísse; Falcão das Estrelas cravou os calcanhares no animal e o fez avançar para frente. Eles tiveram que soltar-se ou deixar-se pisar. Feriu um no ombro enquanto passava e ele se derrubou, uivando e chutando na massa úmida e pisoteada de agulhas de pinheiro.

Todo isso o fez com calma, sem sentimento. Era uma profissional em assuntos de morte e era boa em seu trabalho; sabia o que queria fazer. Os homens corriam em todas as direções, bêbados e confundidos. Alguém chegou aos pacotes; um momento depois, uma flecha se afundou nos arreios a uns centímetros da perna de Falcão das Estrelas. Ela deu a volta ao cavalo e cavalgou contra o homem. Outra flecha assobiou a seu lado mais longe. O homem tinha a mão errática de medo e genebra troca, deixou cair o arco e correu e lhe feriu pelas costas quando o alcançou.

Acabou com os homens que perseguiam os cavalos com flechas, como se fossem lebres. Só o último se deu a volta e lutou, espada contra espada quando já não teve mais flechas. E embora para então ela estava de pé e ele era maior e pesado, ela contava com a vantagem da velocidade.

Tirou a folha vermelha de sua espada de entre as costelas desse último inimigo, limpou-a contra a roupa do morto e se deu a volta para onde estava Anyog no barro pisoteado. O brilho frio da batalha ainda pendurava de suas mãos; olhou o corpo encolhido e pensou: Outro que está morto.

Logo, a dor a golpeou de repente, como o uivo de um lobo à Lua.

Olhou a seu redor os corpos que jaziam como vultos escuros de gradeio contra o brilho um pouco mais claro das agulhas de pinheiro. O ar se achava carregado de aroma de sangue como um campo de batalha; já estavam chegando raposas dos bosques: cheiravam a carniça. De noite, haveria lobos. Falcão das Estrelas viu que ao menos um dos mercenários era uma mulher, algo que não tinha notado no calor da luta. E nenhuma dessas mortes traria de volta ao Anyog.

Ajoelhou-se junto a ele com suavidade e lhe deu a volta. O fôlego do velho se deteve em um ofego de dor; comprovou que não estava realmente morto, mas teria que ser um mago muito capitalista se queria escapar da escuridão agora. Ao redor dela, as árvores começaram a murmurar sob a chuva.

Falcão das Estrelas trabalhou na noite fazendo um refúgio em círculo para ele e para o fogo e construindo um rastro. Mais à frente do círculo da luz do fogo, sentia um movimento contínuo, pequenos grunhidos e corridas e grandes olhos verdes que brilhavam com o reflexo da luz. O único cavalo que tinha salvado um dos do Pel Pasolargo, espirrava de medo e se sacudia na atadura, mas nada os ameaçava da chuvosa escuridão. A carne era fresca e suficiente para satisfazer a uma manada.

A aurora úmida brilhava apenas através das árvores quando seguiram seu caminho. Falcão das Estrelas recolheu a comida que tinham deixado os mercenários, mais vários sacos de licor cru (Branco Cego, chamavam-no) e todas as flechas que pode recuperar. Enquanto atava ao Anyog ao rastro, os olhos escuros se abriram, brilhantes de dor e o velho murmurou:

—Pomba?

—Estou aqui — disse ela, resmungona—. Lamento...

A voz dele era como um fio.

—Não podia deixar que lhes enfrentassem ao Altiokis..., sozinha...

Tossiu e cuspiu sangue. Falcão das Estrelas ficou de pé e foi pendurar o resto de seu poucos mantimentos sobre os diferentes ganchos dos arreios, enquanto lutava contra a culpa que crescia nela agora que compreendia de repente a razão pela qual Anyog lhe tinha unido nessa busca sem esperança. Ficou de pé um momento, apoiando a cabeça doída contra a cruz de cavalo enquanto a chuva caía por seu cabelo pálido, empapado. RAM tinha posto toda sua coragem entre suas mãos, como disse, e lhe tinha falado; ela o tinha rechaçado. Talvez era a idade do Anyog a que lhe impediu de falar, ou talvez a segurança de que seu amor por ela não era correspondido. Mas foi o velho, não o jovem o que a acompanhou até a morte.

Falcão das Estrelas suspirou. Tinha aprendido fazia já muito tempo que chorar só era uma perda de tempo. Tinham um comprido caminho por diante.

Anoitecia quando chegaram a um refúgio. Como não podia explorar o terreno, Falcão das Estrelas seguiu o rastro dos mercenários para trás com a esperança de que tivessem acontecido a noite em um lugar não muito exposto.

A chuva era um pouco mais leve na tarde, mas o frio era mais agudo, e começou ter medo de que nevasse. O caminho conduzia para cima os rastros duros, rochosas, que subiam às colinas mais altas, rodeando as lacunas alagadas e profundas e os pântanos salgados que as rodeavam. Ao final, chegaram a um vale alto, uma espécie de baía esculpida entre escarpados com uma capela que parecia ter brotado por si mesmo das pedras cheias de líquenes.

A capela estava suja. Obviamente tinha servido de estábulo e o altar tinha sido degradado ainda mais pelos atos grosseiros dos que eram capazes os homens bêbados e violentos quando estavam aborrecidos. Falcão das Estrelas estava acostumada a esse tipo de coisas e além a tinham criado na crença de que a adoração do Deus Triplo era heresia intelectualizada; entretanto, ofendia-a que houvesse homens capazes de tratar assim coisas sagradas só porque eram sagradas.

Apesar de tudo, o teto permanecia intacto e a única porta era suficientemente estreita para impedir a entrada de animais selvagens se se acendia um fogo ali. Falcão das Estrelas limpou um lugar no meio da desordem para deitar ao Anyog, reuniu madeira úmida e logo se curtiu os nódulos com aço e pedra para acendê-la.

Entretanto, Anyog era muito duro e teimado para morrer rápido. Atrasou-se nas fronteiras nubladas da morte, às vezes em um sonho frio que ela teria confundido com a morte mesma a não ser pelo assobio doloroso de seu fôlego; outras vezes, chorando e delirando fracamente sobre o Altiokis, sobre os nuuwas, sobre sua irmã ou cantando fragmentos de poemas e canções com uma voizinha cascata como o rangido de uma porta velha. Havia momentos, estava o suficientemente lúcido para reconhecer o cabelo talhado dela e seu gibão unido com cobre como marcas de um mercenário e lutava com a determinação de um homem débil contra a água com que ela o lavava ou o cereal com que o alimentava.

Na terceira noite, a Falcão das Estrelas lhe ocorreu que o mais sensato era matá-lo e seguir com sua busca. Não havia esperança de que se recuperasse; inclusive se o que ficava da pouca magia que lhe tinham ensinado tivesse sido suficiente para trazer o de volta da morte, passaria muito tempo antes que pudesse embarcar-se em outra viagem. De uma forma ou outra, teria que liberar lobo do Sol da cidadela do Mago Rei a sós, sem a ajuda de um mago, sem esperança de encontrar a um agora. Era melhor que seguisse com isso e não se atrasasse mais.

Mas ficou.

O frio aumentou nos altos picos e a neve fechou mais seu punho sobre o vale. Todos os dias, Falcão caminhava até os pequenos bosques de álamos e abedules ao final do pequeno vale, junto ao arroio, para cortar lenha. Via na neve as marcas dos lugares em que os cervos tinham chutado a crosta de geada para procurar os pastos mortos que ficavam debaixo; caçava e a calma absorta dessa tarefa ajudava um pouco a seu coração. Durante a noite, meditava contemplando na quietude do Círculo Invisível as verdades de sua própria alma violenta. Apesar de sua fé na Mãe, atendia o altar do Deus Triplo: limpava a sujeira da capela e purgava a pedra com fogo ritual; e nisso também encontrava consolo. Noite detrás noite, sentou-se a escutar o murmúrio lento do Anyog e a olhar a escuridão imóvel do vale silencioso e as terras alagadas que ficavam mais à frente.

O que lhe tinha passado nessas semanas na alta casa de pedra do Pel Pasolargo? Perguntava-se. Não queria ser como eles, como a rápida e prática Pel, ou a tranqüila Gillie. Por que sua mente voltava e voltava para esse lugar pacífico e às pequenas belezas das coisas cotidianas?

Realmente amaria a Lobo de novo quando o encontrasse ou descobriria que era como esses homens que tinha matado: selvagem, sujo e grosseiro?

A Mãe sabia que lhe tinha visto levar a cabo piores injúria que essas quando os dois saqueavam uma cidade.

Mas sua própria experiência com a arrogância desatada, descuidada, da vitória lhe impedia de pensar que o que um fazia no saque da cidade era quanto mesmo teria feito a sangue frio.

Seria melhor se descobrisse que não o amava, depois de tudo? Acaso Gazela tinha feito bem quando decidiu casar-se com um homem rico que a amaria sempre?

Se Lobo era um mercenário como os outros, por que o amava ainda o suficiente para seguir buscando-o? E se ainda o amava com a mesma determinação, por que não matava ao Anyog, enterrava-o e partia se de todos os modos o velho se estava morrendo?

Meditava esses problemas; mas as respostas que encontrava nessa quietude não eram as que procurava.

Uma noite, o vento trocou e caiu sobre as montanhas com uma fúria de chuva poderosa, intermitente. As gotas assobiavam com força no pequeno fogo;

Falcão das Estrelas ouvia as rajadas nas paredes de pedra da capela, mas dentro da escuridão vazia, junto ao extremo do lugar sagrado, as luzes do altar brilhavam com um fulgor firme, hipnótico. A mente de Falcão das Estrelas se fixou nelas e as atraiu para si e a luz e a escuridão se fundiram e se clarificaram em uma entidade, chuva e tempo, vento e silêncio, o que se conhece e o que ainda não é, o único Círculo do É.

Encontrou-se em outra escuridão sonora de ventos, com o longínquo ruído do mar. Conhecia bem o lugar, a capela da Mãe nos escarpados, parte do convento da Santa Cherybi que tinha abandonado para seguir a Lobo do Sol e aprender a arte da guerra. Tinha ouvido dizer que outras monjas faziam isso, porque cada um dos pontos do Círculo Invisível eram todos os pontos, e era possível passar de um a outro de um só passo conforme lhe haviam dito. A luz da lua brilhava através da cúpula nua, o buraco do céu, a única iluminação nesse lugar escuro: um brilho de prata cegadora na ponta de sua espada desembainhada. A paz a encheu como sempre tinha acontecido nesse lugar. Perguntou-se se acaso era um sonho de seu passado, mas sabia, inclusive enquanto formulava essa idéia, que não era assim. Havia pequenas mudanças com respeito ao que ela conhecia (manchas do tempo no chão e as paredes, ligeiras variações na forma em que estavam colocadas as vasilhas sobre a pedra nua do altar escurecido pelas sombras) que lhe diziam que realmente estava ali e isso não a surpreendeu.

Quando viu lobo do Sol, de pé na escuridão perto da porta, soube que ele também estava ali realmente e que tinha vindo a procurá-la...

Nunca tinha chorado de adulta. Mas quando voltou para a escuridão deserta da capela no vale da Água Grande, tinha lágrimas geladas nas bochechas e a excitação e a amargura cobertas em seu coração.

Lamento não havê-lo sabido antes, havia dito ele. Entretanto, quando jazia morrendo no Mandrigyn, tinha querido vir a ela. Tão perto, pensou ela, se não me tivesse ficado com Gazela no Pergemis...

Mas sabia que nunca tivesse podido abandonar à moça.

A dor, a derrota e o cansaço a debilitaram; muito depois de que se acabassem seus soluços, as lágrimas seguiram correndo por seus olhos abertos. Tinha-lhe seguido à guerra durante anos e se salvaram a vida um ao outro uma

dúzia de vezes, quase sem pensar. Tinha que ter sabido que ele morreria algum dia, disse-se.

Causava-lhe pena o ter suposto que ela estaria a seu lado quando acontecesse? Ou era essa condição estúpida, maldita, miserável que a gente chamava amor e que tinha quebrado sua fortaleza de guerreira sem lhe dar nada em troca?

Perguntou-se o que faria agora que ele estava morto.

A casa cinza do Pergemis voltou para sua mente, com o som do mar e o bramido das gaivotas que voavam em círculos. Pel Pasolargo havia dito que Falcão das Estrelas sempre teria uma casa ali. Entretanto, trataria muito mal a RAM se o transformava em sua segunda opção para sempre; e ainda pior se vivia nessa casa sem ser sua esposa. Embora a paz do que tinha deixado ali a chamava ainda, sabia em seu coração que essa forma de vida, contar dinheiro e criar meninos e esperar que chegassem os navios, não era a sua.

Wrynde? Era a paz de outro tipo, a quietude chuvosa de invernos e a violência e a glória sem consciência das campanhas. Seus amigos mercenários voltaram para sua mente, junto com as alegrias brilhantes da batalha e a guerra. Mas o que se sabe, já não pode ignorar-se. Um dia, pensou, talvez seria guerreira outra vez. Mas depois de viver entre as vítimas, sabia que nunca poderia cavalgar no saque de uma cidade.

As luzes do altar tremeram. Enquanto caminhava através da escuridão da capela para cuidar das velas, fez automaticamente o sinal de respeito, embora era um lugar sagrado de Três e não da Uma. A adoração do Deus Triplo sempre lhe tinha parecido estéril e comercial; e de todos os modos, sabia que o ritual era para benefício do adorador e não por uma necessidade do deus.

De pé em silêncio junto ao altar, lhe ocorreu que poderia ficar ali.

O guardião da capela tinha sido expulso ou assassinado por quão mercenários acampavam ali, mas o edifício tinha estado habitado até fazia pouco. Inclusive nas profundidades do lugar sagrado, chegavam até ela o pranto do vento e as rajadas esporádicas de chuva; amanheceria logo; o vale ao redor da capela era uma escuridão vazia, habitada só por ventos, lobos e cervos. Ter essa vida, essa paz..., esse lugar de meditação e solidão, um lugar para descobrir seu caminho...

Desceu do altar e cruzou a escuridão uma vez mais, para o nicho da parede onde dormia Anyog, como um cadáver que já estivesse esperando o enterro.

Ele também a tinha amado, pensou. Parecia-lhe que o pai de Lobo do Sol tinha razão, depois de tudo; o amor só trazia dor e morte como a magia trazia solidão.

Mas como tinha descoberto Anyog —e como ela, para sua dor, estava descobrindo agora— a falta dos dois supunha algo imensamente pior.

Por que Mandrigyn? Perguntou-se de repente.

Ele havia dito Mandrigyn, não Escarpado Sinistro... Que fazia Lobo no Mandrigyn?

À distância, um rosto de mulher voltou para sua mente, a mulher moreia que tinha visto por um segundo na carpa de Lobo do Sol a noite em que lhe tinha mostrado a carta. Sheera Galernas do Mandrigyn..., um assunto de interesse para você...

Ficou imóvel na escuridão da capela, enquanto a mente lhe saltava já para frente.

Mãe Santa, não trocou de idéia e aceitou a proposta depois de tudo?

E por que não dizer-lhe a ninguém? Por que a aparição do Ari? Nunca teria deixado a sua tropa para voltar para casa sozinho...

E como se fez o da aparição do Ari, em realidade?

Havia outro mago nisto? Ou um mago parcial, como Anyog um que não tivesse passado alguma vez pela Grande Prova?

Que diabos estava fazendo Lobo no Mandrigyn?

Da escuridão ouviu murmurar ao Anyog.

—Minha pomba...

A capela era pequena: um só passo a levou até ele, e se inclinou para tomar uma mão fria entre as suas. Nos últimos dias, Anyog parecia haver-se esgotado até converter-se só em um pequeno esqueleto, envolto em um traje de pele gasta. Seus traços eram os de uma caveira; desde dois vazios escuros, olhavam-na uns olhos negros, envoltos em febre e medo. Ela murmurou:

—Estou aqui.

Os lábios finos exalaram um suspiro diminuto.

—Vos sotaque... —murmurou ele— ...lhes enfrente a ele sozinha.

Lhe acariciou a frente úmida e fria.

—Tudo está bem — lhe respondeu com calma.

Fora, a manhã chuvosa brigava com os farrapos do céu rasgados pelo vento. Através da porta, Falcão via que grande parte da neve se derreteu; o comprido terreno do vale sob a capela parecia sujo e úmido, como a terra nos primeiros anúncios da primavera.

Pequenos dedos esqueléticos lhe apertaram a mão.

—Nunca tive a coragem —suspirou ele— para aceitar...

O amor dela? Perguntou-se Falcão das Estrelas. Ou a Grande Prova, a porta terrível do poder?

—O que era? —perguntou-lhe e lhe aconteceu a mão machucada com suavidade sobre as fundas bochechas.

—Secreto..., de professor a discípulo... Tão poucos sabem, agora.... Ninguém o recorda. Nem Altiokis, ninguém...

—Mas você conhecia e isso lhe deu medo — lhe disse ela, enquanto se perguntava muito atrás em sua mente, se esse conhecimento lhe seria útil. Se havia um mago não treinado no Mandrigyn que tivesse tido algo que ver com a morte de Lobo...

Ele meneou a cabeça com debilidade.

—Só os que nascem magos sobrevivem — murmurou—. Os outros morrem..., e até para os que sobrevivem...

—Mas o que era? —perguntou-lhe ela.

O fôlego dele saiu em um ofego pequeno e os olhos negros lhe fecharam.

Logo, murmurou:

—Anzid.

Capítulo 16



—Vem Altiokis.

—Ao Mandrigyn?

Sheera assentiu.

—Wilarne o soube pelo Stirk, a esposa do chefe do porto, esta manhã. — Sobre o marco de seu gorguera de puntilla engomada, os músculos de sua mandíbula apareciam tensos em uma linha dura.

Lobo do Sol apoiou os ombros contra o cedro que suportava o teto da habitação dos vasos de barro e perguntou:

—Por quê? Para substituir ao Derroug?

—Em parte — respondeu ela—. E em parte para fazer uma demonstração de força contra os rumores de insurreição na cidade. Wilarne disse que se supunha que trazia tropas. —inclinou-se contra o marco da porta e se olhou as mãos, unidas sobre as dobras cor veio de suas saias. Como a maior parte das mulheres, tinha deixado de usar anéis, o hábito de um guerreiro. Continuou com voz mais tranqüila—. Se não tivesse matado ao Derroug...

—Teria posto cada um dos guardas do palácio contra nós — terminou Lobo do Sol por ela. Ainda não a olhava diretamente—. Drypettis sabe?

Sheera meneou a cabeça, logo levantou a vista; os olhos castanhos estavam cheios de uma dureza preocupada.

—Não — disse—. Em realidade, tive a impressão de que sua morte não lhe interessava. Era quase como..., como se não soubesse nada sobre isso.

Lobo franziu o cenho.

—Pensa que é assim em realidade?

—Não — negou Sheera. Moveu o ombro contra o marco da porta; a luz brilhou sobre as ondas de opala e granada que adornavam seu gibão e festoneavam suas mangas extravagantes—. Fui vê-la no dia em que aconteceu, e o mencionou. Mas... só de passada. Quase como uma formalidade. O resto de nosso bate-papo esse dia foi sobre..., sobre outras coisas. —A boca lhe pôs um pouco tensa com a lembrança—. E me inclino a pensar que tinham razão sobre ela, depois de tudo.

Ele ficou calado por um momento, estudando o rosto que tinha frente a sim. As pálpebras da Sheera estava manchados de preocupação e tinham começado a adquirir essas rugas pequenas e agudas que falam de caráter e personalidade, e que os homens dizem que arruinam o aspecto de uma mulher.

—O que disse?

—Nada que fora lógico. —Ela se encolheu de ombros — por que lhes apoiei a você frente a ela? Por que deixei que você envenenasse minha mente contra ela? Se fora meu amante ou não...

—O que lhe disseram?

Ela baixou a vista de novo.

—Que não era de sua incumbência.

—Ela tomará isso por um «sim».

—Sei. —Sheera meneou a cabeça com cansaço—. Mas tivesse tomado um «não» por um «sim»...

—Provavelmente — assentiu ele.

Sheera se passou um comprido momento acomodando as dobras de puntilla que lhe caíam sobre as mãos dos punhos. Lobo do Sol notou o que lhe tinha famosa Gilden apenas no dia anterior, que Sheera, como a maior parte das mulheres da tropa e milhares de mulheres que não sabiam de sua existência, passou-se ao que chamavam a «nova moda» no vestir, sem baleias duras nos gibões nem puntillas nem tontillos. Embora o novo estilo era tão elaborado e ostentoso como o anterior, permitia mais comodidade e movimentos mais rápidos. Em privado, Lobo pensava que também era mais sedutor.

Ela levantou a vista para ele de novo.

—O que opina dela? —perguntou.

Ele pensou a pergunta por um momento antes de responder.

—O que opinam vocês dela?

—Não sei. — Sheera começou a caminhar de um lado a outro com movimentos inquietos e algo felino, como os dos leões enjaulados—. A conheço desde que íamos as duas à escola. Dizia que eu era a única pessoa que tinha sido boa com ela. Boa com ela! Quão único fiz foi ser cortês e impedir que as outras garotas se burlassem dela porque era orgulhosa e solitária e falava sozinha.

Ele sorriu.

—Em outras palavras, fora sua campeã.

—Suponho que sim. Uma passa pela etapa de ser campeã de outra, ou ao menos, eu o fiz. E sei que uma passa pela etapa de estar apaixonada por outra garota, em um sentido perfeitamente inocente, claro. É algo assim como..., como um domínio da personalidade. Uma «quebra» o chamamos, uma «loucura». E muito poucas vezes vai mais à frente. Mas... suponho que se pode dizer que Dru nunca saiu de sua «quebra» comigo. —encolheu-se de ombros outra vez—. Dru sempre foi uma menina muito precoce, mas socialmente muito, muito atrasada.

—Ainda é uma menina precoce — assinalou Lobo—, aos vinte e cinco.

Os olhos da Sheera brilharam de repente e ele viu de novo nela a cabeça da escola, formosa e imperiosa aos dez anos, protegendo sob suas asas à menina mais rica, mais orgulhosa e mais miserável da classe. Sempre tinha sido uma campeã, pensou, como agora.

— Isso não quer dizer que Dru nos traísse — disse ela, desafiante.

— Não — aceitou ele—. Mas o que sim quer dizer é que não se sabe para onde pode sair correndo quando se sentir pressionada. Com a maior parte das coisas, homens ou mulheres, cavalos, demônios, cães, a gente sabe ao menos até certo ponto o que farão se os pressiona: zangar-se, quebrar-se, nos apunhalar pelas costas. Drypettis... — Meneou a cabeça—. O mau é que lhe demos certa quantidade de poder.

— Você não o teria feito — disse Sheera, causa pena.

Lobo se encolheu de ombros.

— Tampouco lhes teria dado poder a você — replicou—. Equivoquei-me.

Era absurdo, mas a cor subiu sob a pele leve, torrada.

— Dizem-no a sério?

— Parece-lhes que tenho por costume dizer coisas em brincadeira? — perguntou ele. Os olhos amarelos de raposa brilharam com curiosidade na penumbra da habitação dos vasos de barro—. É uma excelente guerreira, Sheera, apesar de estar louca; e se não foi porque há outra guerreira que é melhor e mais louca que você, talvez teria querido me apaixonar por você. Apesar de que a só idéia me faz tremer — adicionou.

— Por Deus, isso espero! — disse ela, realmente atônita.

Lobo do Sol riu. Era um som horrível, como esfregar ferro oxidado e ele se deteve, tossindo. Sheera teve a graça de fazer um gesto de dor. A perda da voz de Lobo era culpa dela e sabia.

— Escutem — acrescentou ele depois de um momento—. Quanto tempo levaria que a brigada de consolo dos superintendentes das minas averiguasse quantos homens traz Altiokis?

Sheera franziu o cenho.

— Acredito que Olhos Âmbar pode obter um relatório em um dia. Por quê?

—Porque me ocorre que este pode ser o momento de atacar: agora, enquanto Altiokis e a maior parte de suas tropas estão na cidadela. Yirth diz que os túneis das minas estão vigiados por magia e ilusão, mas se Yirth for tratar de quebrar as ilusões, seria melhor que o faça quando Altiokis não esteja ali.

Sheera o olhava, os olhos escuros brilhando com fogo súbito.

—Quer dizer atacar agora? Liberar os homens agora?

—Quando Altiokis venha ao Mandrigyn, sim. Poderiam?

Ela respirou profundamente.

—Não... não sei. Sim, sim poderíamos. Eu fiz cópias das chaves da maior parte dos depósitos de armas e portas nas minas. Olhos Âmbar pode avisar ao Tarrin para que esteja preparado. —Tremia toda de excitação reprimida, as mãos apertadas, contra o veludo de suas saias—. Lady Wrinshardin pode avisar aos outros barões — continuou depois de um breve momento—. Podem estar preparados para atacar uma vez que liberemos os homens.

—Não — disse Lobo—. Os barões sempre estão preparados para brigar de todos os modos. Não daremos ao Altiokis a vantagem de um rumor. Deve investigar os rumores que lançaram Wilarne e Gilden a noite em que queimaram o Escritório de Registros. Quando chegarão?

Chamou-se a uma reunião essa noite no estufa e as cabeças da conspiração chegaram em segredo, deslizando-se pelos canais e os túneis para reunir-se na vasta cavidade da habitação em penumbras. Olhos Âmbar chegou com a Denga Rei, sua companhia permanente nos últimos dias desde que a prostituta se despedisse de Lobo, explicando muitas coisas sobre o compromisso da gladiadora com a causa. Gilden e Wilarne chegaram por rotas separadas, uma amizade de outro tipo, pensou Lobo, certamente mais próxima apesar de sua falta de elementos físicos ou românticos. Depois de vadear o pântano de suas brincadeiras, verbais e de outro tipo, Lobo tinha desenvolvido uma forte simpatia pelos maridos respectivos das duas pequenas.

Depois de uns minutos de fogo cruzado de conversação entre essas quatro, Lobo do Sol viu chegar ao Yirth, que apareceu sem som nas sombras da porta e se moveu como um gato para ocupar seu lugar na escuridão atrás do tremor da única vela. Tinha chegado quase dez minutos antes que as demais a notassem e tinha estado escutando com a boca torcida, sorridente; a expressão da Denga Rei quando a viu foi quase cômica. Mas quando ouviram que se fechava a porta de novo e todos os olhos se voltaram, como faziam sempre, para

a Sheera que entrava com seus passados compridos no círculo de luz da vela, Lobo do Sol sentiu que a olhava breve e curiosa da bruxa o tocava.

Sheera se sentou entre eles e seu olhar passou de cara em cara.

—Bem?

—Eo diz que as chaves estão listas — informou Gilden.

—Yirth?

—Li e estudei —disse a bruxa com suavidade— tudo o que me deixou meu professor sobre o tema do Altiokis e sobre a ilusão. Estou tão preparada como pode estar alguém que não aconteceu a Grande Prova.

Sheera sorriu e se estirou sobre a mesa para tomar as mãos largas e cheias de nós.

—É tudo o que lhe pedimos — disse—. Olhos Âmbar?

—Cobra acaba de voltar das minas — informou a moça em sua voz grave, suave—. Diz que esperam uma força de uns mil e quinhentos com o Altiokis e que deixará outros tantos na cidadela. Cobra diz que Gorda Maali trataria de encontrar ao Tarrin em pessoa. Virá diretamente aqui.

A metade do rosto da Sheera estava em sombras; a outra metade, sob a suavidade rosada da débil luz. Lobo do Sol a olhou e viu a mudança em seus olhos quando ouviu o nome do Tarrin, observou como a campeã, a chefe, a mulher que seria reina do Mandrigyn trocava subitamente e se convertia durante um segundo fugaz em uma moça que ouviu o nome de seu amado. Apesar de tudo o que tinha sofrido por ela, Lobo sentiu que seu coração ia para a Sheera. Como Falcão das Estrelas, ela procurava com brutalidade teimada e maníaca ao homem que amava para liberá-lo.

Logo foi de novo toda praticidade.

—Capitão Lobo do Sol? —perguntou—. Diria que as mulheres estão preparadas?

—Preferiria ter outras duas semanas — disse ele; o som áspero de sua voz foi uma surpresa na penumbra—. Mas acredito que a ausência do Altiokis e a diminuição de tropas compensam essa falta. Só tenho algo que pedir Sheera.

Ela assentiu.

—Sei — disse—. Yirth, ia pedir te que...

—Não — disse Lobo do Sol—. Não é isso. Quero levar eu as tropas.

O silêncio estava tão cheio de ecos como o silêncio que segue ao trovão. As mulheres o olhavam com as bocas abertas de surpresa. Nesse silêncio, os olhos dele encontraram os da Sheera e a desafiaram a lhe negar a possibilidade de colocar os narizes no direito que ela se ganhou em ser comandante.

— Talvez sejam uma comandante decente — continuou ele um momento —, e talvez até sejam boa dentro de uns cinco anos mais. Mas eu treinei a estas mulheres, forjei-as como a uma arma; e não quero que essa arma se quebre por inexperiência. Se forem atacar ao Altiokis, necessitam um chefe aguerrido.

Os olhos da Sheera estavam muito abertos e escuros à luz da vela; a surpresa e o alívio de ter um general e lutador experiente como Lobo rivalizavam nela contra o ressentimento de que a suplantassem e a relegassem a um segundo lugar.

— Fariam-no? Quero dizer..., pensei... — O ressentimento diminuiu e desapareceu, e Lobo sorriu por dentro.

— Bom ambos pensamos muitas coisas bem distintas — grunhiu—. E se for me enredar com magia de todos os modos, quero me assegurar de que o trabalho se faça bem.

Houve um momento de suspense em que não se soube se as cabeças do movimento de resistência do Mandrigyn se comportariam como conspiradoras sérias e duras ou como escolar excitada, e por desgraça, ganhou o instinto. Wilarne rodeou com seus braços a Lobo do Sol e lhe deu um beijo entusiasta na boca, seguida com rapidez pelo Gilden, Sheera, Olhos Âmbar e um abraço de urso da Denga Rei. Lobo do Sol as tirou de cima com aparente desgosto.

— Sabia que aconteceria isto quando me pus a trabalhar para um grupo de saias — se burlou. Gilden lhe replicou em seguida:

— Esperavam que acontecesse.

Lobo voltou a notar que Yirth o olhava das sombras; sentiu outra vez a curiosidade nesses olhos verde mar. Devolveu-lhe um olhar brilhante.

— O que acontece? Alguma vez viram trocar de ideia a um homem?

— Não — admitiu a maga—. Os homens se orgulham de sua inflexibilidade.

— Farei-lhes pagar por isso — lhe prometeu ele e pela primeira vez viu uma resposta brilhando nas profundidades sardônicas de seus olhos.

Logo, a faísca se apagou como uma vela inundada na água; a maga girou em redondo no momento em que ele levantava cabeça para ouvir um som de pegadas sobre o cascalho úmido do atalho do jardim. Um momento depois se abriu a porta da estufa e entrou a mulher que chamavam Gorda Maali.

Gorda Maali era claramente uma das mulheres de Olhos Âmbar, o tipo mais desço de prostituta que segue os acampamentos dos guerreiros, a classe de mulher a que a maioria dos mercenários se referia com um nome tão descritivo como irrepetível. Talvez tenha trinta e cinco anos, mas parecia de cinqüenta, imensa, fanfarrona e forte, com um rosto duro que nunca tinha sido formosa e agora estava marcada pela pobreza e a humilhação. Os olhos eram limpos azuis e alegres. Lobo do Sol não teria querido embebedar-se com ela se ela soubesse que tinha dinheiro em cima.

Vestia um traje sujo e verde, e claramente não levava roupa interior. Uns cachos cor de cobre lhe penduravam sobre os ombros como os de uma jovenzinha. O efeito era quase tão horrível como o aroma de seu perfume.

Deteve-se e disse:

— Vi ao Tarrin.

Sheera se tinha posto de pé, o rosto cheia de excitação e vida.

— E...?

— Diz que não o façam.

Sheera se deixou cair como se lhe tivessem golpeado; a impressão e a incredulidade lhe separaram os lábios, mas não disse nada.

A que foi falou Olhos Âmbar.

— Disse por quê? — perguntou em voz baixa.

Gorda Maali assentiu com os olhos baixos.

— Sim — respondeu com suavidade—. Diz..., e estou de acordo com ele..., diz que se atacarmos a cidadela enquanto Altiokis e seus homens estão aqui, teme pela gente daqui. Os que não participou disto, os que só querem que os deixem em paz. Diz que o velho bastardo os massacraria sem duvidar. — Levantou a vista, os olhos preocupados, mas valentes—. E o faria, Âmbar. Eu sei que o faria.

Houve um silêncio e o olhar da gorda passou, cheia de preocupação, de Olhos Âmbar a Sheera e às caras de outros, um por um: Denga Rei, Gilden, Wilarne, Yirth, Lobo do Sol.

Lobo do Sol rompeu o silêncio.

—Tem razão — disse.

—Meu senhor Tarrin — disse Maali, gaguejando—, meu senhor Tarrin... disse que não compraria sua liberdade nem a da cidade a esse preço. Diz que antes preferiria morrer como escravo.

Dois dias depois, sob ordens do governador em funções, Cão, a maior parte da população do Mandrigyn saiu à Rua de Ouro, que levava da cidade até a porta das terras altas, a dar as boas-vindas ao Altiokis de Escarpado Sinistro, Mago Rei das montanhas Tchard. Embora as multidões que rodeavam o caminho eram numerosas (as tropas do governador foram de casa em casa para assegurar-se disso) todos permaneciam silenciosos. Até os que tinham dado as boas-vindas a quão soldados terminaram com os problemas de sucessão na cidade dez meses antes se assustavam ante o nome do Altiokis.

Em meio da multidão, vestido com seu traje de jardineiro, castanho e emparchado, com o Gilden e Wilarne em seus véus de tecidos brilhantes, rendo penduradas de seus braços, Lobo do Sol olhou entrar em Mago Rei.

—Nunca baixou até aqui, não desde Passo de Ferro — murmurou Gilden com seu tom prático e calmo debaixo da forma carinhosa com que sua bochecha roçava o braço de Lobo do Sol—. O capitão de seus mercenários se chama Águia Negra, levou suas tropas à cidade, com o Derroug e Cão e alguns dos outros chefes do conselho que Tarrin tinha exilado. Olhos Âmbar me disse...

Uma chamada ensurdecadora de trompetistas se elevou sobre o ruído dos chifres de batalha, cortando as palavras. Lobo levantou a cabeça enquanto esses sons lhe percorriam as costas. Rodando como o trovão pela rua larga, rodeada de árvores, a vitamina profunda dos timbales retumbava e voava de uma parede de mármore a outra. Lobo do Sol e as garotas tinham conseguido uma posição no último espaço reto da Rua de Ouro, no ponto onde se unia ao Grande Ancoradouro; além das multidões, a barco cerimonioso se deslizava brilhante no débil sol. Ao outro lado do caminho, sobre um balcão adornado

com bandeirolas, uma das garotas de Olhos Âmbar se preparava para contar o número de tropas que passavam enquanto se penteava.

—Aí — murmurou Wilarne.

Ao outro lado da curva do terreno apareceu uma massa de corpos embainhados em negro; seu passo medido se perdia no rugido sonoro dos tambores. Cabeça como as das formigas, rosto detrás dos cascos, olhando direto para frente, Lobo do Sol se perguntou, com um pouco de desprezo, se as miras eram funcionais ou só serviam para que a população não suspeitasse. Como os nuuwas dos jardins do palácio, esses soldados não foram armados.

—As tropas privadas do Altiokis — suspirou Wilarne, enquanto Lobo a aproximava um pouco para ele para protegê-la e cobrir suas palavras. Mas os antepassados protejam ao homem que cria que um pedaço de feminidade primitivo necessita amparo! —. Esse que subia o cavalo negro, adiante, é Gilgath, capitão de Escarpado Sinistro, comandante da cidadela do Altiokis.

Lobo olhou pensativo o vulto desumano, envolto, com olhos como uma única raia. Como seus homens, Gilgath ia mascarado e escondido detrás de sua armadura. Os homens que caminhavam a seu lado levavam umas bestas as arrastando com tralhas. Bestas grandes, estranhas, como cães-monos curvado com dentes bicudos e olhos estúpidos e enlouquecidos; ugies os chamava lady Wrinshardin.

Mais bestas acompanhavam aos guardas vestidos de negro ao redor do beliche de ébano do Mago Rei. A gente se ficou totalmente calada nas ruas; os únicos sons eram os golpes dos tambores, firmes, capitalistas como o destino do que ninguém escapa.

Ao ver o beliche, Lobo sentiu que a pele lhe arrepiava. Levavam-na dois cavalos negros, os olhos rodeados de prata, levados da brida por dois guardas de armaduras negras. Pilares de ébano retorcido cujos capiteis brilhavam com opala e madrepérola sustentava as cortinas, negras como a morte; nos locais em que estavam corridas, o interior do beliche aparecia oculto detrás de persianas pesadas de madeira negra esculpida. Lobo do Sol, que era mais alto que qualquer dos que estavam a sua redor nessa multidão em sua maioria feminina, levantou o pescoço, mas não pôde ver nada do mago, exceto uma sombra quieta, negra, imóvel contra a negrume dos almofadões.

Entretanto, ao ver o beliche algo se moveu dentro de Lobo do Sol, raiva e uma emoção mais profunda que a raiva, rechaço, asco e ódio implacável. O

impacto de seus sentimentos lhe surpreendeu e ao mesmo tempo soube que estava olhando a corrupção. E detrás disso, chegou a segurança horrenda e asquerosa que alguma vez tinha sentido ante os encantamentos dos demônios dos pântanos nortistas: a segurança de que estava olhando algo que não era de tudo humano.

Isto não era um demônio, sabia, e tratou de abrir-se passo na multidão para seguir o beliche com os olhos. Mas algo...

Chegou empurrando até a bordada multidão apertada quando o beliche baixou à superfície do ancoradouro e para o barco que lhe esperava. Nenhuma serpente, nenhuma aranha, nada rasteira e suja o tinha afetado com um desprezo tão frio, e se estremeceu por um instante ante o que sairia dali dentro, a distância e o ângulo lhe confundiam a visão; Gilgath, o comandante da cidadela, desdobrava a seus soldados através do túnel coberto da Ponte Espiralado, para vigiar a rota dos canais para o palácio do governador. Detrás dele, aproximaram-se outros passos partindo pela rua estreita: o resto das forças do Altiokis.

Logo, Lobo ouviu uma só voz profunda que gritava:

—Prendam a esse homem.

Deu-se a volta e se encontrou olhando o rosto de Águia Negra, capitão das tropas mercenárias do Altiokis.

Águia não tinha trocado desde que acamparam juntos no leste. Os sardônicos olhos azuis ainda refletiam uma expressão amarga de diversão quando Lobo do Sol se deu a volta para fugir; mas se encontrou rodeado por civis e por tropas da cidade que corriam para ele desde todas as partes. Gilden e Wilarne se afundaram na multidão e já corriam em distintas direções para comunicar as novidades a Sheera. Águia impulsionou seu cavalo negro para Lobo do Sol, enquanto os arqueiros se reuniam ao redor de seus estribos e se Lobo recordava bem as especialidades de Águia, não existiam muitas possibilidades de que falhassem o tiro. Os civis se afastavam a gritos, aterrorizados. Alguém tomou o braço desde atrás e lhe apoiou a folha de uma espada nas costelas; Lobo se agachou e insinuou um golpe. Uma flecha lhe roçou o ombro e se cravou no corpo do homem que estava detrás. Lobo tomou a espada das mãos de seu atacante e se deu a volta para enfrentar-se a eles; jogou em outro no caminho de outra flecha e correu para a boca do beco mais próximo. Um homem se interpôs em seu caminho, lhe atacando com uma

alabarda; ele parou o golpe, pegou um puxão e saltou sobre a arma que caía. A multidão se afastava à carreira frente a ele. Os mercenários da Águia e as tropas da cidade romperam filas para persegui-lo.

Achava-se muito cercado, dava-se conta disso. Cortou o rosto de outro homem e se girou para golpear a um terceiro. Embora a batalha o concentrava deu-se conta de um movimento no ancoradouro, uma sacudida das cortinas negras...

Algo, não soube o que, como uma nuvem confusa e fumegante, golpeou-lhe o rosto, e ele se deu a volta para defender-se. Sua espada se cravou no ar com um halo de raios vermelhos que estalavam. Justo no momento em que se precavia de que era uma ilusão para distrai-lo e romper sua concentração, algo lhe golpeou na nuca; a escuridão se fechou a seu redor.

Capítulo 17



—Capitão Lobo do Sol.

A voz que penetrou a negrume de sua mente parecia vir de muito longe. Era a de Águia Negra, reconheceu-a, obscurecida pelo zumbido rugiente de seu cérebro.

—E com o que vestidos... Abre os olhos, bárbaro, sei que pode me ouvir.

Lobo abriu um olho cheio de durezas e o entrecerró para defender do brilho cegador da luz amarela.

— Dizem que quando a gente aluga sua espada, encontra-se com conhecidos em todo mundo — continuou Águia —, mas realmente não esperava ver um velho amigo aqui.

Lobo do Sol piscou dolorido. A luz que o tinha cegado fazia um momento, tomou forma em uma bola de fogo fumegante ao final de uma tocha pendurada em um candelabro de ferro gordurento sobre a parede, justo atrás do ombro de Águia Negra, Lobo se deu conta lentamente de que a dor o fazia arder os braços; quando tratou de movê-los, descobriu que, em realidade, estava suportando o peso de todo seu corpo frouxo. A curta cadeia que unia seus pulsos estava enganchada em um suporte a poucos centímetros sobre sua cabeça. Pendurava com suas costas contra a parede de pedra de uma habitação que supunha subterrânea, talvez debaixo do que ficava do Escritório de Registros, e a lembrança de outra pequena habitação subterrânea e da faísca viajante de fogo desconhecido no ar lhe encheu o rosto sem barbear. Ficou de pé e olhou ao chefe mercenário, que no momento era o único outro homem na habitação.

— Ao menos que poderia ter feito é fechar sua boca grande — grunhiu Lobo com voz áspera.

Águia Negra franziu o cenho. Era um homem robusto de altura medeia e o cabelo negro lhe caía sobre os olhos brilhantes.

— Perdeu a língua?

— Uma dama me envenenou e perdi a voz — respondeu Lobo com bastante sinceridade. Enquanto dizia essas palavras ouviu o rangido metálico de sua voz.

O tremor de preocupação que tinha brilhado depois dos olhos azuis desapareceu. O chefe mercenário riu.

— Espero que te tenha vingado. A razão pela qual te prendi é que me pagam por manter a ordem nos domínios do Altiokis. Por que decidiu hibernar nesta formosa cidade? Terei que esclarecer o assunto cedo ou tarde. Onde estão seus homens?

— No Wrynde.

—Não quis dizer suas tropas, a não ser os homens aos que está dirigindo. E me acredite, Lobo, não vou aceitar que me diga que está aqui sem propósito. Para os quais trabalha?

Lobo do Sol suspirou enquanto inclinava a cabeça contra a rocha áspera da parede que tinha a suas costas.

—Para ninguém — disse—. Para nenhum homem.

—Brigou muito para ter a consciência limpa.

—Não reconheceria uma consciência limpa se a encontrasse em sua cama. O que faz servindo a esse demônio em nome de todos seus chorosos antepassados?

Águia Negra franziu o cenho.

—Demônio?

—Não sei o que havia nesse beliche, mas não era humano... Poderia jurá-lo.

Os olhos azuis se converteram em raias.

—Sempre pôde lhes ver, não é certo? Mas Altiokis não é um demônio. Vi-o convocar aos demônios e dirigir coisas que assustam aos demônios para defender-se deles.

—Não é um demônio..., mas não sei o que é.

Um sorriso branco dividiu o rosto rude e o olhar inquieto desapareceu.

—É o mago maior do mundo e um homem de apetite pouco comum. —O sorriso se desvaneceu—. Por que diz que não é humano?

—Porque não o é, merda! Não te dá conta? Não o sente?

Os olhos azuis se endureceram.

—Acredito que lhe golpeamos mais do que queríamos meu amigo — disse Águia—. Ou talvez o veneno de sua saia abrandou seu cérebro, que em realidade nunca foi muito firme. Altiokis é um homem e um homem que pode pagar muito bem para não ter problemas em suas terras, como poderá ver.

Moveu-se para a porta da cela, logo fez uma pausa, a mão sobre o cabo. Em voz mais baixa acrescentou:

—Aconselho-te que lhe diga no que está, Lobo.

Abriu a porta e se fez a um lado.

Altiokis entrou na habitação.

Duas impressões, uma física e uma espiritual, pareceram sobrepor-se por um segundo na mente de Lobo do Sol.

A espiritual foi a imagem de uma árvore média podre, lenhoso pela idade, com a casca carcomida, ainda em pé, mas cobrindo debaixo a outra entidade, um fogo negro e lúcido que aparecia por debaixo das gretas.

A física foi a figura de um homem de altura mediana, incrivelmente obeso pela comida deliciosa que consumia, com a pele doente, a suspeita de uma sombra de barba na mandíbula gordinha e muitos anéis afundados na carne de seus dedos carnudos. O contato com as mulheres dos mercados havia agudizado o conhecimento que possuía Lobo do Sol sobre a riqueza dos tecidos; o veludo negro que formava a malha inferior do imenso gibão bordado com jóias se vendia por cinqüenta coroas de prata o metro. Os cinturões enjoyados que sustentavam os cilindros pendentes de graxa poderiam ter comprado cidades.

No fundo de sua mente, Lobo ouviu a voz de lady Wrinshardin dizendo:

—É vulgar.

E soube ao olhar o rosto de Águia Negra e a do professor de portos, o fraco Cão, e a do Drypettis, que ficava nas sombras do corredor atrás dele, que o único que viam outros era o ser físico.

Queria lhes gritar: Não o vêem? Não entendem o que é?

Mas ele mesmo não o entendia.

Afundados em seus poços de graxa, os olhos frios brilhavam divertidos e altivos. O Mago Rei se adiantou, levantando sua vara. Como os pilares de seu beliche, estava esculpida em ébano com esquemas retorcidos e sua ponta adornada brilhava com o fulgor fantasmal da opala e o abalone. O toque dessa ponta no pescoço de Lobo do Sol foi como gelo e fogo, uma pontada terrível de dor e Lobo se encolheu com um grito afogado.

Um pequeno sorriso satisfeito decorou os lábios gordinhos.

—Assim que você é o homem que acreditou que podia enfrentar-se a mim?

Lobo do Sol não respondeu. Depois do anid, a dor tinha trocado de significado para ele, mas a impressão que sentia quando essa vara o tocava lhe tinha talhado a respiração. Notava ao Drypettis, de pé na soleira, como uma

orquídea monstruosa em seu vestido e seu véu alaranjado; podia ver seus olhos grandes e castanhos, lhe olhando com uma mescla incompreensível de frieza, ódio e desprezo. Perguntou-se se ela pensava lhe contar a Sheera onde o tinham e se isso serviria de algo.

Ou estava esperando para ver se ele se desmoronava, e avisar às outras se o fazia?

A voz do Altiokis continuou:

—Quem te paga, capitão?

Lobo tragou saliva e meneou a cabeça.

—Nunca me disse seu nome — murmurou—. Disse que me pagaria por espiar na cidade e os canais e fazer um plano para um local.

—Provavelmente um dos barões. —Altiokis bocejou—. Sempre estão procurando problemas e é tempo de que os dobremos.

—Onde te encontrou com esse homem? —perguntou Águia Negra.

Com a voz tensa, Lobo respondeu:

—Na Península, depois do local do Melplith. Ele arrumou um encontro comigo; três semanas depois, neste Costa. Tinha que vir aqui e o fiz, por terra, e riscar meus planos...

—Sim, sim — lhe interrompeu Altiokis com voz de aborrecido—, Mas quem era?

—Já vos disse, não sei. —Lobo olhou a Águia, logo ao Altiokis e logo depois de novo a Águia, e se deu conta de que ao Mago Rei não lhe importava muito quem lhe tinha pago. Tinha confiança em seus próprios poderes e na magia que protegia a cidadela? Ou, como resultado de uma vida sem limites temporários, tinha chegado ao ponto de não interessar-se por nada por simples aborrecimento?

—O homem escolheu um espião caro — comentou Águia Negra, pensativo—. O mundo está cheio de outros mais baratos.

Lobo lhe replicou com o que esperava fora um olhar cortante.

—Você alugaria um mais barato?

Logo se encolheu na agonia do toque da ponta brilhante da vara do Mago Rei.

—Recorda a quem lhe fala, bárbaro — lhe disse Altiokis, com uma espécie de satisfação calada. Aproximou a vara para o rosto de Lobo e o metal da ponta pareceu brilhar com um fulgor demoníaco. Lobo se afastou, enquanto sentia o suor caindo pelas bochechas e olhava hipnotizado, o brilho de estrela das opalas e as mandíbulas entrelaçadas das serpentes esculpidas que os sustentavam. Algo que não era calor parecia fumar nessa ponta enjoada como uma promessa fria de dor intolerável.

—Sou Altiokis — recalcou o Mago Rei com suavidade—. Ninguém falar assim a meus serventes.

As jóias ardentes estavam a menos de um centímetro dos olhos de Lobo quando murmurou:

—Perdão, meu senhor.

Além das opalas, viu aparecer a sorriso e dobrou a cabeça quando a vara lhe tocou de novo. Um grito de dor escapou de seus lábios e sentiu que a pele de suas bochechas se queimava e se curvava; a força do golpe lhe sacudiu todo o corpo como uma espada.

Altiokis seguiu falando enquanto saboreava o momento.

—Poderia te dividir em pedacinhos, um por um, até que me rogasse que te desse uma oportunidade para dizer o que sabe e poder te degolar depois. Talvez o faça, para me divertir.

Lobo do Sol não respondeu. Durante um tempo, não pôde falar. Decomposto pela dor, pendurava da cadeia que estava sobre sua cabeça tratando de reunir seus pensamentos, dizendo-se que, apesar de tudo, o anzid era muito pior. Mas além de tudo, era consciente da raiva que sentia ao comprovar que um homem com os poderes do Mago Rei os usasse assim, como um menino cruel que lhe arranca as asas a uma mariposa. Tinha conhecido muitos homens que desfrutavam com o sofrimento. Não esperava que um homem que dominava as difíceis disciplinas da magia fora um deles.

—Governador Cão — disse Altiokis, e Cão levantou a vista. A satisfação surpreendida que havia em seu rosto recordou a Lobo do Sol a expressão de um cão que espera uma carícia. O alto professor de portos se adiantou, quase meneando a cauda. Na soleira, Drypettis se esticou de indignação ofendida. Cão ficou de joelhos e beijou o sapato encravado de jóias do Mago Rei. Altiokis quase ronronava.

—A câmara de interrogatórios sobreviveu ao fogo? —perguntou o mago.

O rosto do novo governador se mudou.

—Por desgraça não, meu senhor — disse, se levantando e sacudindo-as joelhos—. A parte superior da prisão foi destruída pelo fogo a noite em que o governador Derroug foi assassinado.

Meus antepassados, pensou Lobo em meio da angústia selvagem que parecia entrar em seu corpo através da queimadura aberta em seu rosto, ainda me cuidam, depois de tudo.

Houve uma espécie de panela nessa voz de tons ricos.

—Então, este homem virá comigo à cidadela pela manhã. Quando for governador Cão, deixarei uma força de homens aqui, comandada pelo general Águia Negra, para que se alojem nas casas dos cidadãos que vocês designem. Não criam que vou perdoar o tributo anual da cidade pelos levantamentos. Além disso, suponho que lhes sentirão movido a entregar uma contribuição aceitável por sua gratidão ante o posto que lhe entreguei.

Cão quase caiu de joelhos, entusiasmado com seus gestos aceitação. Lobo do Sol se perguntou para que queria mais dinheiro um homem como Altiokis.

—E quanto a este bárbaro orgulhoso... —O extremo brilhante da vara lambeu e rangeu com força contra o flanco do joelho de Lobo do Sol. Além da agonia de seu rosto queimada, quase nem se deu conta—. Não acredito que nos lesteja dizendo toda a verdade; mas ao seu devido tempo, saberemos os nomes dos homens maus intencionados que querem lhe pagar a alguém assim para espiar em minha cidade. Desde minha cidadela, posso vê-lo tudo. Nenhum exército pode aproximar-se sem que eu saiba. Mas será muito menos problemático se soubermos a quem castigar.

As palavras eram retorcidas e Lobo do Sol sabia. Ao Altiokis não importava muito a quem castigava ou por que; era um homem de mais de cento e cinquenta anos e sem muitos recursos mentais, o provocar dor era um dos poucos prazeres que ficavam. Os olhos de Lobo do Sol seguiram ao mago gordo quando caminhou para a porta, com Cão inclinando-se e lhe pisando os calcanhares. Águia Negra, o rosto apenas um vazio branco e cínico, fechava a procissão.

Havia outros que se perguntavam a respeito disto? Disse Lobo olhando como os três subiam os poucos degraus para o vestíbulo. Como podia ser que alguém tão corriqueiro, tão desprezível e tão vicioso tivesse chegado a adquirir este tipo de poder? Acaso nenhum deles se dava conta?

—Uma coisa mais.

Altiokis se deu a volta e a luz da tocha do vestíbulo se derramou sobre suas jóias como uma onda perdida sobre um casco encravado de lixo marinha. Fez soar os dedos. Além dele, Lobo viu que os guardas do vestíbulo se assustavam e ouviu o Drypettis dar um pequeno chiado de alarme. Dois nuuwas entraram na cela.

Lobo do Sol sentiu que seu coração se detinha, logo voltou para a vida com um terror que momentaneamente afogou todo o resto. Jogou um olhar rápido ao gancho que mantinha suas mãos encadeadas indefesas sobre sua cabeça e calculou se poderia liberar-se antes que comessem a lhe rasgar a pele, logo os olhou de novo, com os olhos muito abertos, sabendo que estava apanhado. O sorriso do Altiokis se ampliou, cheia de prazer.

—Você gosta de meus amigos, né? —perguntou. As duas cabeças frouxas se voltaram para Lobo do Sol, como se pudessem vê-lo ou cheirar o sangue que corria em suas veias. A baba pendurava dos queixos deformados e os dois fizeram soar os dentes incrivelmente compridos mordendo quando o mago deixou cair as mãos sobre as costas torcidas. Uniformes rasgados, sujos e cheios de lêndeas estavam tão enlameados que Lobo se perguntou como podia uma pessoa tocar inclusive isso e muito menos a carne asquerosa que havia debaixo.

—Estará a salvo. —Altiokis sorriu—. Enquanto não trate do escapar, suportarão sua fome e se conformarão com... te olhando. Mas me acredite, se tentasse fugir, estou seguro de que se comeriam muitos teus pedaços antes que pudesse gritar o suficiente para atrair aos guardas..., se é que há algum guarda capaz de tratar de separar os de sua vítima.

O sorriso satisfeito se fez mais larga ante a idéia e o mago mais capitalista do mundo se deteve, pensativo, a escavá-la nariz com um dedo enjoado. O limpou com asco sobre a manga de Cão. Cão sorriu com orgulho.

—Espero verte pela manhã.

A porta se fechou atrás dele.

Durante comprido momento, Lobo do Sol ficou de pé; os ombros retorcidos, doloridos e ardentes pelo peso de seu corpo sobre a cadeia; a mente cega, lançada à busca de pensamentos detrás pensamentos.

O Mago mais capitalista do mundo! Lhe revolia o estomago ao pensar nesse poder e nesse desperdício.

Mas o poder não provinha do interior do Altiokis mesmo. Era um homem médio podre por outra coisa: o poder não era nada que ele mesmo tivesse encontrado. Essa primeira impressão passageira era tudo o que tinha Lobo para seguir adiante; fora disso tinha visto o mago tal como o viam outros: obeso, onipotente, aterrador. Lobo do Sol se sentiu como em sua infância quando insistia frenético, ante seu pai e ante os outros homens da tribo lhes dizendo que podia ver os demônios cujas vozes lhe chamavam das névoas dos pântanos e eles lhe diziam que se calasse e seguisse caminhando. Tinha razão então, sabia E agora sabia que algo no Altiokis não era nem humano nem limpo nem cordato.

Amanhã o levariam a cidadela. Havia visto suficiente tortura para não ter ilusões a respeito de sua própria capacidade para tolerá-la durante muito tempo. Altiokis tinha razão. A ameaça de lhe dar anzid de novo ou de pô-lo em uma habitação com o que fora que podia transformar a um homem em um nuuwa lhe obrigaria a vender sem uma só dúvida a todas essas mulheres que tinha chegado a apreciar tanto.

Exceto provavelmente isso não o salvaria, pensou. Inclusive no pouco tempo que tinha passado desde que o viu pela primeira vez, conhecia muito bem ao Altiokis para acreditá-lo.

Voltou os olhos aos nuuwas. Altiokis tinha deixado uma tocha ardendo em seu castiçal no lado oposto da habitação. Os nuuwas usavam os uniformes das tropas do Altiokis, mas já estavam andrajosos e sujos porque não tinham cérebro para trocar-lhe ou nem sequer para desenganchá-los se ficavam apanhados em algum ramo. Lhe ocorreu nessa parte de sua mente livre de horror, que os nuuwas, sem dúvida alguma, se não morriam à mãos de outros seres, simplesmente se apodreciam por falta de cuidado. Em um deles se observava o que parecia um corte muito infectado na perna, que se via através das calças rasgadas e sujas.

Agora que sabia que se formavam a partir de seres humanos, Lobo se deu conta de que um desses dois era mais recente que o outro: um olho queimado e cicatrizado, o outro comido de dentro e com alguma cicatrização. O segundo nuuwa era mais velho, os ossos do rosto trocados e deformados, os ombros mais cansados e já era impossível dizer por qual dos olhos tinha entrado a criatura-chama.

Permaneciam imóveis, lhe vigiando com buracos sem olhos e alagando a cela com seu aroma. Às vezes, um deles trocava o peso de um pé ao outro, mas nenhum se movia para tirá-las baratas que subiam a seus pés por entre a palha.

Uma vez, Lobo do Sol olhou cautelosamente sobre sua cabeça a cadeia e o gancho, e ficaram nervosos, com a respiração trocada e movimentos bruscos.

Lobo deixou de fazê-lo.

Sua mente voltou para a cela sem janelas na asa queimada da prisão. O floco de chama, o jovem escravo que gritava enquanto aferrava o olho lhe sangrem... Em total tinha passado quase um minuto, calculava Lobo, entre que a coisa apanhava ao moço e o momento em que chegava ao cérebro. Soube o homem o que lhe passaria nesses segundos intermináveis, torturantes? Ou a dor tinha sido muito intensa?

Lobo se estremeceu com a lembrança. Em seu coração, sabia o que pensavam lhe fazer, revelasse os planos da conspiração ou não.

O anzid tinha trocado sua tolerância à dor, que já antes era mais alta que a da maioria dos homens, mas também lhe tinha dado uma consciência especial de quão terrível podia chegar a ser. E inclusive com a bênção da ignorância, sem saber que a pele vazia de um viveria dominado pela vontade suja do Altiokis, os sessenta segundos que demorava essas coisas — fogo, inseto ou o que fora — em chegar abrindo-se caminho como uma furadeira, seriam como a essência do mais profundo dos infernos.

Olhou aos nuuwas e logo, de novo, as cadeias.

Agora observou que lhe seria possível levantar o corpo e os braços o suficiente para subir os grilos sobre o gancho que os aprisionava. A posição do gancho estava pensada para um homem um pouco mais baixo — poucos homens no Mandrigyn chegavam a medir um metro oitenta — e pensou que poderia arrumá-la com um pequeno esforço. Mas demoraria um pouquinho em fazê-lo e, enquanto isso, seu corpo penduraria exposto e indefeso frente a essas coisas sem mente que babavam em seu rincão.

Perguntou-se até onde se estendiam suas habilidades para a invisibilidade.

Tinha experiente com elas da noite em que começou a utilizar pela primeira vez sobre o telhado das cozinhas do palácio, a noite em que ele e as mulheres resgataram a Tisa. Com um pouco de prática, tinha descoberto que era capaz, dentro de certos limites, de evitar os olhos de alguém em uma habitação bastante iluminada, sempre que não fizesse nada que chamasse a atenção para si mesmo. Os nuuwas não tinham olhos, portanto era óbvio que viam com a mente. Mas se era assim, sua não visibilidade deveria trabalhar melhor neles, já que em realidade era um método para evitar a atenção do outro.

Talvez valesse a pena provar.

De todos os modos, dava-se conta de que, objetivamente e à larga, não se encontraria em melhores condições. Ser devorado vivo por eles era uma forma asquerosa de morrer, mas se perguntou se seria pior que transformar-se em nuuwa.

Era uma eleição que não tinha nenhum desejo de provar. Com muitas dúvidas, levou sua mente para a deles, fazendo que sua atenção se desviasse para as pedras da parede e a palha cheia de vida a seus pés, deixando que olhassem através dele, ao redor dele, fixando essa consciência firme em coisas corriqueiras, e lhes fazendo esquecer que ele estava ali. obrigou-se a relaxar-se no esforço, a ser menos e menos importante em suas mentes frente à consciência que tinham do resto da cela e ocupando seus sentidos com o rangido das patas dos insetos na palha, o aroma da fumaça da tocha...

Moveu-se e começou a estirar-se para cima, elevando-se sobre as pontas de seus pés e desentorpecendo as costas dolorida e dura e os ombros para o gancho de ferro.

Os nuuwa olhavam com solidez as paredes que os rodeavam.

Com delicadeza, enganchou a ponta de seus dedos médios duro sob os elos curtos que uniam os braceletes de metal. Esforçou-se por levantá-los para a ponta do gancho, afrouxando seus músculos contra o fogo cruzado de câibras que corriam por eles depois da larga inatividade. O suor lhe queimava a pele da bochecha aberta e os braços lhe tremiam com o esforço do movimento. A ponta do gancho parecia alta e inalcançável. Um dos nuuwas arrotou; o som estalou agudo como uma explosão na habitação silenciosa; médio hipnotizado pelo esforço da concentração, Lobo não apartava sua mente da ilusão da invisibilidade que mantinha viva com toda sua atenção, apesar da força física que ocupava seus membros. Já o tinham apanhado uma vez lhe interrompendo a concentração. Embora o rompessem em pedaços, não o obteriam de novo.

O metal se deslizou sobre o metal. A cadeia se afrouxou bruscamente e os elos se deslizaram sobre ele. Lobo sentiu como se de repente todo o peso de seu corpo tivesse cansado sobre seus músculos exaustos. Teria se deixado cair, agradecido, em um vulto sobre a palha fétida, mas se obrigou a permanecer de pé e baixou os braços lentamente ao flanco, tremendo com o esforço, distintas agonias desse dia desapareceram como tragadas pela onda imensa de câibras que lhe percorreu os braços e as costas.

Os nuuwas seguiam olhando a parede.

Apenas se assegurou de que suas pernas o suportariam, Lobo do Sol deu um passo cauteloso para frente.

Não houve reação.

Sua mente mantinha a atenção das coisas a raia, mas a concentração lhe exigia quase toda sua força, e sabia que não poderia mantê-la durante muito tempo. Deu outro passo e outro, sem que nenhum dos dois parecesse dar-se conta... Não está do todo mal, pensou com o rincão cínico da mente, impedir que os nuuwas persigam um pedaço de comida que se move.

A porta estava trancada não com uma simples tranca de madeira que quase tivesse podido levantar-se com um pedaço de papel a não ser com um ferrolho de ferro. Olhou sobre seu ombro aos nuuwas. O mais próximo estava a menos de um metro e meio, um pedaço de carne fedorento.

Decidiu arriscar-se.

—Águia Negra! —gritou, levantando sua voz áspera ao mais agudo que pôde—. Cão! Direi-lhes o que querem saber! Mas me tirem isso de cima!

Sua concentração pressionava aos nuuwas: um esforço profundamente físico como o de tratar de sustentar uma parede que cai. Os nuuwas trocaram o peso do corpo e caminharam pela habitação, os braços pendurando aos lados do corpo, as cabeças balançando-se, como se procurassem o que não podiam encontrar. Maldito seja, asqueroso guarda, pensou, não quer ser o primeiro em levar a notícia de que o prisioneiro se rendeu?

Voltou a gritar.

—Direi-lhes o que seja! me tirem daqui! Direi-lhes o que queiram!

Ouviram-se uns passos apressados pelo corredor. Um homem, calculou Lobo pelo som, um homem que duvidava frente a porta. Abre, bastardo covarde, pediu Lobo em silêncio. Não chame a seu chefe...

A trava se correu.

Lobo do Sol saiu da cela empurrando a porta com todo seu peso sem pensar nas armas que podia ter o homem, a curta espada desembainhada do guarda se trancou na madeira da porta; o homem tinha a boca aberta, muito surpreso para gritar. Lhe viam todos os dentes sujos. Lobo do Sol tomou pelo pescoço e o jogou nos braços dos dois nuuwas que avançavam.

Voltou a fechar a porta de um golpe e correu a trava sobre os gritos do homem, tirou a espada da porta e correu pelo corredor vazio como se dirigisse às portas entreabertas do inferno.

Capítulo 18



—E você desviou isso a mente?

Lobo do Sol assentiu. As drogas do Yirth podiam diminuir a dor sem adormecer a mente, mas deixar de concentrar-se era já uma droga em realidade. Tendido sob a luz difusa da habitação branqueada do mezanino da maga, sentia-se tão exausto como depois de uma batalha. O aroma do lugar, das ervas secas que adornavam as alfardas inferiores em fios, enchia-lhe de uma estranha

sensação de paz, e via o Yirth mover-se a seu redor, fraca, poderosa e forte em seu poder. Mas a marca de nascimento já não desviava os olhos de Lobo do resto de seu rosto e agora a via como uma mulher de traços duros uns anos maior que ele, cuja vida tinha sido, a sua maneira, tão perigosa como a sua própria.

Como se sentisse seus pensamentos, ela se deu a volta para ele.

—Como o fizeram? —perguntou.

—Não sei — respondeu ele com cansaço—. Foi o anzid, acredito. — Viu como ela franzia o cenho e se deu conta de que não era uma grande explicação—. Acredito que o anzid me fez algo..., além de quase me matar, quero dizer. Desde que me trouxeram de volta vejo na escuridão, e tenho esta... esta habilidade para evitar que outros me vejam. Sempre fui bom nisso, mas agora é..., é estranho. Utilizei-o pela primeira vez quando resgatamos a Tisa e o pratiquei após. Estava acostumado a...

Ela levantou as mãos para defender-se de suas palavras.

—Não — disse—. Me deixe pensar.

Deu-lhe as costas e foi até a estreita janela que dava sobre os tetos vermelhos, úmidos, do Mandrigyn. Durante um comprido momento ficou de pé, a cabeça escura inclinada, a luz cinza brilhando sobre as linhas de estanho que lhe gelavam o cabelo. Fora se ouvia no canal o chapinho do pau de uma gôndola e o suave golpecito dos cascos sobre a ponte próxima. O gato do Yirth, enroscado aos pés do estreito jergón de Lobo do Sol, despertou, se esticou e saltou silencioso ao chão.

Logo Yirth murmurou:

—Mãe Amada. —Voltou a olhá-lo—. Me conte sobre a noite que passaram no poço —disse.

Lhe devolveu o olhar em silêncio; não queria compartilhar essa extensão de dor, pena e humilhação. Só uma pessoa sabia tudo e, se ainda estava viva, ele não sabia onde se encontrava. Finalmente disse:

—Sheera obteve sua vitória. Não lhes parece suficiente?

—Não sejam parvo — disse a maga com frieza—. Já não havia anzid em seu corpo quando ela lhes trouxe de volta até nós.

Ele a olhou com os olhos muito abertos, sem compreender.

—Tivera visões?

Ele assentiu mudo, o corpo sacudido por um tremor ante a lembrança desses sonhos de poder e desespero.

Ela colocou as mãos sobre as têmporas; o cabelo espesso, em mechas, saltava sobre seus dedos e passava entre eles, como a água através de um coador de osso.

—Mãe Amada — murmurou de novo.

Sua voz soava oca, quase detida.

—Encontrei-o entre suas coisas quando a mataram — disse como para si mesmo—. Chilisirdin, minha professora. Não pensei... Em nossa profissão sempre há venenos. Usamo-los, venenos, filtros, provocadores de abortos. Às vezes, a morte é a única resposta. Nunca pensei nisso.

—Do que estão falando? —murmurou ele, embora o que ela queria dizer já estava lhe chegando à mente, como um horror que se vai tirando o véu.

O rosto do Yirth parecia de repente muito jovem nas sombras cada vez mais profundas; o domínio de pedra sacudido por medo e a esperança.

—Me diga, capitão, por que lhes converteram em guerreiro e não em um chamán entre os seus?

Lobo do Sol a olhou durante um comprido momento, tanto como tivesse demorado para contar até cem, atordoado pela verdade que havia em sua pergunta, golpeado como durante as visões torturantes no poço pela lembrança de sua infância geada e negra, e por todas as coisas belas e poderosas que tinha deixado de lado pela brincadeira terrível de seu pai. Com uma voz muito distinta da sua, disse, gaguejando:

—O velho chamán morreu..., muito antes que eu nascesse. Que tínhamos era um enganador, uma fraude. Meu pai... —ficou calado, incapaz de continuar.

Durante um momento nenhum dos dois falou. Logo, Lobo do Sol disse:

—Não. — Fez um movimento como se queria jogar de si a idéia de que podia ter o que tinha sabido desde menino que era seu por direito de sangue—. Não sou mago.

—Então o que é? —perguntou ela, com voz dura—. Se não tivessem nascido com o poder, o anzid lhes teria matado. Surpreendeu-me que não morresse, mas pensei que era porque fora duro e forte. Nunca me ocorreu outra

coisa, embora minha professora me havia dito que a Grande Prova matava a todos os que não tinham nascido magos.

Um terror frio e irracional se apoderou do corpo de Lobo do Sol. Com a boca seca, murmurou:

—Não sou mago. Sou guerreiro. Minha profissão é a guerra, sempre me mantive longe dessas coisas. Minha vida é a guerra. Falcão das Estrelas... —Fez uma pausa; não sabia o que queria dizer sobre Falcão das Estrelas—. Não posso trocar a minha vida.

—Trocastes — disse Yirth com amargura—. Você goste ou não.

—Mas não sei nada de magia! —debateu-se ele.

—Então, melhor será que aprenda — replicou ela, com um ponto de impaciência lhe ardendo na voz—. Porque, me acredite, Altiokis perceberá, ou seja, que há outro mago provado no mundo, um que aconteceu a Grande Prova. A maior parte de nós treina primeiro e logo passa pela prova quando tem a fortaleza necessária para tolerá-la. Você teve a força..., por seu treinamento como guerreiro ou porque a magia com que nascestes é forte, muito mais forte que nenhuma da que eu tenha ouvido falar. Mas sem treinamento está indefeso para lutar contra o Mago Rei.

Lobo do Sol se recostou de novo no jergón. A dor em seus braços e ombros e os arranhões de seus pulsos onde lhe tinham arrancado a pele reforçavam com amargura suas lembranças do Mago Rei.

—Seguirá-me em qualquer lugar que vá, verdade? —perguntou com voz calma.

—Provavelmente — respondeu Yirth—. Como perseguiu à professora Chilisirdin até sua morte.

Lobo voltou os olhos para a maga na escuridão. A luz do dia se desvaneceu do mezanino, mas entre eles, entre magos, não necessitavam luz.

—Lamento-o — disse ele—. Me deram grátis o que vocês teriam comprado com tudo o que têm. E aqui estou eu, me queixando porque não o quero. Mas me criaram me dizendo que me apartasse sempre da magia e tenho medo..., tenho medo do poder.

—Está bem que o tenha — lhe espetou ela. Com uma voz calma, seguiu dizendo—: Não se sabe que nenhum mago sem treinar tenha passado a Grande Prova. Devem deixar os domínios do Altiokis, e rápido; mas se seguir meu

conselho, devem procurar outro mago tão rapidamente como podem. Não conhecem a extensão de seus poderes; sem o ensino e a disciplina da magia, são tão perigosos como um cão com raiva.

Lobo do Sol riu brandamente na escuridão.

—Sei. Vi-o milhares de vezes em meu ofício. Quando vem para mim um moço sem treinar, é perigoso sobre tudo entre o quarto e o décimo segundo mês; para então já há aprendido o poder físico, mas não o controle mental e ainda não compreendeu que todo que pode haver alguém capaz de vencê-lo. É a época em que alguém, eu, Falcão das Estrelas ou Ari, tem que cuidá-lo permanentemente para que não brigue com todos os da tropa. Se sobreviver ao primeiro ano, adquire a disciplina, a mente que o converterá em soldado.

Ouviu um pequeno suspiro desacordado, que interpretou corretamente como uma risada.

—E pensar que alguma vez lhes desprezei por ser soldado — disse ela—. Lhe ensinarei o que sei enquanto lhes escondam aqui, até que possamos lhes tirar da cidade. Mas devem encontrar um mago verdadeiro, um que tenha tido todo seu poder durante muitos anos e que entenda na prática o que eu sei só em teoria.

—Faria isso passasse o que passasse — disse Lobo do Sol com calma—. Sei que meus dias como guerreiro terminaram.

Clara, aguda, voltou para sua mente a visão de suas próprias mãos cavadas até o osso por tocar o fogo fundido de seus sonhos. Doía abandonar a velha vida, deixar aquilo pelo que tinha lutado, aquilo que lhe tinha orgulhado desde que era um moço com força suficiente para tomar uma espada de meninos. A briga lhe deixou com uma sensação de vazio, como se com a espada tivesse deixado ir também seu braço. Ari tomaria a tropa e a escola do Wrynde. Falcão das Estrelas... Levantou a vista.

—Virá uma mulher — disse. Conhecia a firmeza de Falcão e sabia que nem sequer a visão que lhe dizia em sonhos que abandonasse a busca poderia obrigá-la a voltar sobre seus passos. Mulher teimosa! Adicionou para si—. Virá a me buscar. Lhe digam...

Lhe dizer o que? Que tinha seguido seu caminho procurando um mago em um mundo vazio de tais coisas fazia já muito tempo? Que teria que segui-lo de novo?

—lhe digam que me busque no Wrynde antes do fim do verão. Lhe digam que juro que a buscarei aí. —Imaginou com clareza distinta e dolorosa na quietude do jardim de pedras debaixo da escola. Ele não tinha caminhado esses atalhos no verão desde fazia pelo menos vinte anos—. lhe Digam o que me passou —adicionou com calma.

A boca disforme se dobrou de repente em um sorriso travesso e mostrou seus dentes brancos como a neve na penumbra.

—Um comprido caminho — fez notar—. Quer que lhes ensine como encontrar a essa mulher você mesmo?

Ele viu o que deveu ser sua própria expressão refletida na profunda diversão dos olhos verdes e sorriu incômodo.

—Se for voltar a ser um estudante de escola a minha idade — disse—, evidentemente estou desenvolvendo as reações de um.

—Isso, capitão, é só porque nunca lhes preocupastes antes pelo lugar onde estava outra pessoa nem porque essa pessoa morrera ou se salvasse — replicou Yirth, com calma—. As relações do corpo são a profissão de mulheres como Olhos Âmbar, as relações do coração são minha coisa. Fiz tanto filtro do amor como venenos ou líquidos para abortar. Todos me contam por que. Têm que me dizer isso eu não lhes pergunto. Não há nada que não tenha ouvido. E sabe, capitão? ouvi os homens burlar-se de..., como o chamam? Um homem respeitável e amadurecido que descobre de repente o que é amar a outra pessoa. Sem dúvida vocês sabem o que dizem.

Lobo do Sol teve a graça de avermelhar.

—Mas se um homem que esteve inválido da infância se cura aos quarenta, não saltará e dançará e dará voltas como um moço, desprezando a dignidade de seus anos? Os que se burlam são os que seguem inválidos. Não lhes preocupem por isso. —Voltou a sacudir a cauda pesada de seu cabelo dos ombros, o rosto emoldurado nela como o brilho branco de uma caveira assimétrica na penumbra—. Quer dormir?

Ele duvidou.

—Se estão cansado, sim — respondeu—. Se quiser, se preferiria passar a noite aprendendo o que tenham que me ensinar de meu novo ofício.

E então, Yirth riu um som débil, seco, pequeno. Lobo do Sol pensou que provavelmente ele era o primeiro membro de sexo masculino que o ouvia.

—O que tenho para ensinar é muito pouco — disse—. Tenho os estudos, mas meus poderes são muito débeis.

—Aumentarão quando passarem a prova?

Ela duvidou; a indecisão em seus olhos verdes, o medo, roubaram-lhe anos de experiência e pareceu de novo uma juvenzinha fraca amarga, feia, como o patinho dessa fábula um tanto reconfortante que agora sabia que nunca se transformaria em cisne.

—Certamente — disse por fim—. E eu vou ler e aprender tudo o que possa sobre isso antes de tomar anizid, para poder me enfrentar ao Altiokis como maga provada quando Sheera e Tarrin pensem que chegou o momento de atacar. E deve ser logo. Altiokis suspeitou a muito tempo que alguém nascido com os poderes da magia está aqui no Mandrigyn; depois da prova, será mais difícil de esconder.

Na escuridão, ele a ouviu mover-se, ir até a estreita janela que dava sobre o beco escorregadio; a luz proveniente das outras casas que iluminava a Ilha Pequena tocaram seu perfil aquilino e os fios de aranha chapeados na massa escura de seu cabelo quando se deu a volta para olhá-lo de novo.

—Quanto à prova, acredito que tenho força suficiente para sair com vida — continuou—. Durante trinta anos, desde que era menina e cheguei a conhecer meus poderes, sentei-os em mim, retorcendo-se e golpeando as paredes que interpõem a carne e a mente contra seu exercício. Sei que são fortes, houve momentos em que me hei sentido como uma mulher que vai parir uma cria de dragão e não pode dá-lo a luz.

Ficou em silêncio de novo; no mezanino nu, ouvia-se só o som difícil de sua respiração dentro da escuridão fresca, perfumada. Lobo do Sol a via com claridade no negrume e via também à menina que tinha sido como uma árvore jovem rodeada de aço que se retorcia um pouco mais cada ano ao lutar com desespero por um destino que lhe negava. E feia, pensou, feia de cima abaixo. Agora sabia que as limitações que a beleza impunha a uma mulher eram muito mais agradáveis, ao menos no tempo, que as lhe impunha a fealdade, e sabia por amargas lembranças pessoais que o mundo podia ser muito cruel com mulheres que não eram formosas aos olhos dos homens. Mas disse somente:

—Ao menos vocês sabiam por que lhes doía. Eu nunca soube.

—Sabê-lo-o fez pior — murmurou ela.

—Talvez — disse Lobo, incorporando-se um pouco sobre a cama e pondo os ombros contra a madeira seca, suave da parede—. Não estou seguro de se teria sido melhor saber o que me tinham roubado ou crescer tratando de lhes ocultar a todos, sobre tudo a meu pai, o fato de que eu acreditava que estava louco.

Contra as luzes refletidas da janela, viu como a cabeça dela girava de repente e sentiu o toque de seus olhos verdes. Perguntou-se súbitamente quanto tempo tinha passado do momento em que ela se deu conta da existência de seus poderes até o momento em que tinha encontrado a alguém soubesse que o eram.

Quando ela falou outra vez, sua voz estava mais calma e o torcido de brincadeira amarga tinha desaparecido, deixando-a doce na escuridão, como a doçura do aroma do romeiro que se secava.

—Deveria pensar na prova como em uma porta para a liberdade, liberdade para tudo o que fui, embora fora só a liberdade para desafiar ao Altiokis e morrer. Mas... vi-lhes quando lhes tiramos do poço, capitão.

Logo se voltou e cobriu seu medo da dor com brutalidade. Lobo também tinha visto como os guerreiros amaldiçoavam para não chorar quando lhes arrumavam os ossos.

—Vamos. Se pensa aprender esta noite, será melhor que comecemos.

Vinte e cinco anos de trabalho como soldado não lhe tinham dado a Lobo do Sol muitos conhecimentos sobre bruxaria ou amor, mas lhe tinham ensinado disciplina e concentração para deixar de lado o cansaço físico e aplicar-se ao que devia fazer. Enquanto trabalhava sob as ordens do Yirth nas horas negras, dava-se conta de que talvez passariam meses ou anos antes que pudesse encontrar um professor. Dormirei, disse-se, quando chegar ao caminho.

Uma das primeiras coisas que lhe ensinou ela foram os encantamentos para tolerar a falta de sono e descanso e as drogas que reforçavam ditos encantamentos. Já conhecia as drogas a maioria dos mercenários as consumiam.

Mas isso foi só o começo.

Como com o corpo, existiam exercícios da mente e o espírito sem os quais era impossível compreender grandes fragmentos da magia, até para quem tinha

nascido com a semente dentro. Lhe ensinou esses exercícios na penumbra sombria da larga habitação de trabalho com seus mapas misteriosos, seus livros carcomidos pelo tempo e seus frascos de venenos e filtros, coisas que em um ano, dois ou cinco, dariam seus frutos, se meditava todos os dias e praticava e aprendia as complexidades da música e as matemática que eram partes tão importantes da magia como as drogas e a ilusão. Em um momento dado, Yirth se deteve em seu ensino e o olhou através da mesa cheia de coisas; as largas mãos descansavam com tranqüilidade entre os diagramas pulverizados sobre a superfície encerada.

—É certamente o discípulo mais cooperativo que tive — comentou—. Ao chegar a este ponto eu chorava e discutia com minha professora. Odiava a parte da matemática.

Ele sorriu pesaroso e se tirou as mechas murchas, molhados de suor do rosto marcado.

—A matemática sempre foi um livro fechado para mim — admitiu—. Sei o suficiente sobre trajetórias para lançar uma pedra sobre uma parede com uma catapulta, mas isto... —Fez um gesto surpreso para os números abstrusos que cobriam os pergaminhos amarelos—. Vou ter que tomar um par de horas para memorizá-lo, e espero que algum dia tenham sentido para mim. Pelos espíritos de meus bêbados antepassados, asseguro-lhes que agora não o têm!

Ela se acomodou de novo na cadeira com uma expressão ardilosa e travessa no rosto enrugado.

—Para ser um guerreiro, aceitam facilmente as verdades de outros.

—Aceito que você sabe mais que eu do tema — lhe disse ele—. Em realidade, isso é o que fez tão fácil lhe ensinar a essas feras da Sheera. Para lhe ensinar aos homens terá que lhes provar que alguém é capaz de fazê-los pó..., e terá que seguir provando-o. Às mulheres não importa. —encolheu-se de ombros é o mais surpreendente de tudo. É um prazer ensinar às mulheres as artes da guerra.

Os dentes brancos dela brilharam de novo em um sorriso.

—Por sua auto-estima, não repetirei isto a Sheera. Mas lhes digo uma coisa... —O movimento grande de sua mão abrangeu não só os mapas, mas também toda a habitação larga, o brilho dourado das cobertas dos livros nas sombras castanhas, as selvas de novelo pendentes e as formas esqueléticas dos instrumentos que liam as estrelas—. É um prazer lhe ensinar isto a uma mente

que já compreendeu o sentido da disciplina. Isso o que me custou mais aprender.

Foi a disciplina de um guerreiro que ajudou a Lobo do Sol a atravessar essa noite. Por volta da manhã, roubou uma hora de sonho acima, no pequeno apartamento de cobertura branco no que Yirth tinha cuidado de tantas mães exaustas, mas o descanso o evitou. Quando a maga baixou as escadas para sua habitação de trabalho, ao amanhecer, encontrou-o levantado e vestido com o traje castanho de jardineiro esfarrapado, que tinha usado como escravo da Sheera, imóvel como uma pedra junto aos exercícios matemáticos, memorizando suas incompreensíveis formas.

Sheera chegou depois da queda do sol, essa tarde. Ele se deu conta pela forma em que lhe falava que já sabia o que lhe tinha passado: observou um pouco parecido ao medo em seus olhos, quando ela pensava que ele não a estava olhando.

—Altiokis se foi à cidadela esta manhã — informou ela enquanto se acomodava com cansaço em uma cadeira portátil lavrada em forma de X no comprido estudo do Yirth. Esfregou os olhos de uma forma que confirmou a Lobo que tinha dormido pouco mais que ele. Ele tinha dormitado um pouco pela tarde, mas a pressão atirava todo o tempo de sua mente: devia aprender, devia absorver tudo o que pudesse antes de deixar a essa severa professora de coração claro. Yirth lhe tinha falado do que sua professora, Chilisirdin, havia-lhe dito fazia anos e sabia que podia tomar muito tempo encontrar outro mago para continuar sua educação, embora fora um pouco treinamento, como Yirth.

—Segundo Drypettis, Águia Negra tem ordens de permanecer com suas tropas aqui no Mandrigyn e lhes buscar. As portas da cidade têm dobro de guardas. Há muitos para poder arrumar-se com um par de garotas e um frasco de láudano.

—Escaparei — disse Lobo.

Yirth levantou uma de suas sobrancelhas retas.

—A ilusão é algo que se consegue só depois de muito estudo — disse—. Isso da invisibilidade não o posso fazer, tenho que parecer alguém, não ninguém. Podem evitar aos guardas se lhes moverem com cuidado e lentidão e não chamam a atenção. Se lhes virem, já não podem desaparecer. Mas não poderão passar por porta fechada sem chamar a atenção.

—Irei ao amanhecer, quando abrirem as portas do lado de terra.

—Haverá um cavalo lhes esperando nos primeiros bosques — disse Sheera—. Haverá ouro nas alforjas...

—Dez mil peças? —perguntou Lobo do Sol, com curiosidade, viu que Sheera se ruborizava—. Deixarei que fiquem devendo algo — disse com um sorriso.

Ela duvidou logo se levantou da cadeira e caminhou ao redor da mesa para lhe apoiar as mãos sobre os largos ombros.

—Capitão quero lhe agradecer..., e me desculpar.

Lhe sorriu.

—Sheera, não foi muito agradável lhes conhecer, mas como morrer no poço, é algo que acredito que me alegro de havê-lo feito. Cuidem das damas por mim.

—Sim. —detrás da seriedade desses olhos castanhos, Lobo pôde ler a mesma decisão firme que tinha visto fazia quatro meses em sua tenda sob os muros do Melplith. Mas a selvageria que se refletia neles tinha sido domado pela experiência e pelo conhecimento de suas próprias limitações. Ela se inclinou séria, e lhe tocou os lábios com a boca.

—Lamento não me haver incomodado em lhes seduzir — murmurou ele e gostou de ver como ela se acendia com a antiga fúria—. Quando ides atacar as minas?

—Duas semanas — replicou ela, tragando-se suas palavras de irritação com dificuldade—. Enviaremos um aviso a lady Wrinshardin para que comece uma insurreição nas terras dos barões e atacaremos ao Altiokis em sua cidadela. Para então, Yirth terá tido tempo de passar a Grande Prova e recuperar-se. Tarrin...

—Sabem? Sempre lamentarei não me haver encontrado com ele — murmurou Lobo do Sol.

Sheera se comoveu.

—Ele se haveria sentido honrado... —começou.

—Não é só isso. É que ouvi falar tanto de sua perfeição que queria saber se realmente mede dois metros e brilha na escuridão.

—Você... —indignou-se ela e tomou o punho fechado no ar, rendo, e a beijou de novo.

—Desejo-lhe sorte com você a esse pobre bastardo. —Lobo sorriu—. Tome cuidado, Sheera.

A manhã seguinte apareceu com névoa. Tinha começado a arrastar-se desde mar durante a noite; Lobo tinha visto o Yirth sentada a sós entre as sombras de seu estudo, rodeada de suas ervas, suas cartas astrais, movendo a superfície da água em um velho bol de argila e olhando como a água se voltava cinza e se nublava. Não lhe havia dito adeus nem tinha querido romper sua concentração e sabia que ela o entenderia.

A Porta de Ouro se elevava frente a ele através da escuridão, como a costa brilhante de um dragão dormido. Lobo de Sol se moveu, calado, de sombra em sombra, escutando e sentindo a seu redor os ruídos da cidade que despertava alerta como um animal que se acordada para ir beber. Ao longe chegava a seus ouvidos o tamborilar da água nos canais e o longínquo gemido das gaivotas no porto.

Perguntou-se se voltaria a ver essa gente.

Não era algo que lhe tivesse preocupado antes; em vinte anos tinha deixado atrás tantas cidades... Perguntou-se se isso era efeito da influência de Falcão das Estrelas nele ou simplesmente o fato de que já não tinha vinte a não ser quarenta anos ou porque era um fugitivo solitário sem idéia de aonde se dirigia. Fazia três dias, desde essa rua viu detrás dos muros os picos escuros das montanhas Tchard; agora ficavam afundados na névoa e o Mago Rei estava ali. Se o plano da Sheera tinha êxito poderia voltar para o Mandrigyn alguma vez. Se não, se ela e seu Tarrin enfrentavam à derrota e a morte, Altiokis o perseguiria até os limites da Terra.

Necessitariam um mago em seu bando para sair vitoriosos.

O rosto do Yirth voltou para ele e viu o medo em seus olhos enquanto dizia: Vi-lhes quando lhes tiramos do poço.

Ela tinha que desejar muito seu poder para ir buscá-lo na destruição de seu corpo e os poços sem luz de sua mente. Não duvidava de que o faria mas entendia seus medos.

Faria isso voluntariamente, se soubesse o que lhe esperava?

Não sabia.

Como um fantasma, entrou nas ameaçadoras sombras das portas coroadas das torres de defesa.

Pulavam soldados por toda parte e o ouro da luz das tochas brilhava sobre as cotas de malha e o couro lustrado, dentro da passagem sob a casa do guarda que o cobria tudo, grandes leva estavam fechadas, asseguradas, enclausuradas e muradas com aço. Um grupo dos mercenários de Águia Negra descansava ao redor da grande polia que levantava o restelo; outros jogavam aos jogos de dados sob a arcada que ficava em frente; seus protetores de aço brilhante refulgiam na luz vermelha do fogo e os convertiam em silhuetas lustrosas contra a escuridão impenetrável do fundo. Lobo do Sol voltou a fundir-se nas sombras dos muitos arcos que mantinham a casa de guarda e esperou. Não demoraria muito. Já ouvia como se reuniam os carros do mercado do outro lado da porta, trazendo os produtos do campo. Seria fácil cruzar em meio da confusão. Entretanto... Recordou de novo a briga na rua em que o tinha apanhado Águia Negra e a ilusão que quebrou sua concentração. No calor da batalha fazia falta muito pouco para quebrar uma linha de defesa e uma vez que um exército fugia aterrorizado, ficavam poucas esperanças de que se recuperasse. Era assim como os venceu Altiokis em Passo de Ferro? Poderia dirigir isso Sheera, embora Yirth se encontrasse a seu lado? Possuía a valentia de uma leoa, mas não a experiência, tão pouca em realidade como a do Yirth contra Altiokis quanto à magia.

O escravo ruivo da prisão voltou para seus pensamentos e essa coisa obscena que tinha violado sua mente. E o que tinha sido isso?

Era culpa do Altiokis que Lobo do Sol tivesse que procurar por toda a terra alguém que lhe ensinasse a dirigir os poderes que tinha. Se as mulheres eram derrotadas nas minas e na cidadela, Altiokis lhe perseguiria.

Junto à fogueira, os soldados fizeram uma brincadeira soez e houve uma gargalhada geral. Além das portas, ouviam-se as vozes dos granjeiros. As névoas cinzas se levantavam na rua que ele tinha deixado atrás. Pensou em Falcão das Estrelas, lhe buscando em alguma parte; pensou em como lhe dizer que já não era nem um guerreiro nem seu capitão, a não ser um fugitivo, nem mago nem guerreiro, destinado a vagar para sempre.

Pensou outra vez no Altiokis.

Muito lentamente, deu-se a volta e começou a caminhar de novo para as ruas da cidade.

Como o estalo de uma explosão longínqua, uma luz cor âmbar se acendeu na escuridão do arco sustentado por pilares. Com os bordos curiosamente destacados, um rastro de luz caiu como uma mão redonda de ali até seu ombro e a voz de Águia Negra disse:

—bom dia, meu bárbaro.

O chefe dos mercenários do Altiokis se materializou nas sombras. Em uma mão empunhava uma espada; na outra, espelho.

Soou um rangido leve, resistente, e saíram homens dos pilares, as torrecillas e as gárgulas, e dos bolsões de sombra detrás das colunas da escada da casa de guardas. Apoiado contra um nicho, Lobo do Sol se encontrou frente a uma bateria de flechas, com os arcos armados e lhe apontando. Deixou que a espada saísse da bainha com cuidado.

—Não, não, por favor, guarda sua espada —adverteu Águia Negra—. Pode atirá-la aqui a meus pés. —Como Lobo do Sol não moveu, acrescentou—: Quando tiver perdido sangue e te deprima lhe poderemos tirar isso, suponho. A meu senhor Altiokis não gostaria de te receber prejudicado. me acredite, meu bárbaro, receberá-te vivo.

A folha tilintou na pavimentação. Águia Negra fez soar os dedos e um homem correu com desconfiança a recolhê-la.

O capitão mercenário fez brilhar seu espelho à luz das tochas, os olhos pálidos e brilhantes sob o metal escuro do casco.

—Advertiram-nos que teria mais truques. Pode enganar a um homem, amigo, mas não a um pedaço de vidro. Alta os braços à altura dos ombros, para os flancos. Se toucas aos homens que vão pôr te as algemas, talvez tenha que suportar o interrogatório do Altiokis de uma maca no chão.

—Quem te disse que me encontraria aqui? —perguntou Lobo tranqüilamente enquanto lhe punham os ferros nos pulsos. Estremeceu-se quando os ferros o tocaram, havia encantamentos forjados no metal das algemas e no metro e meio de cadeia que as unia.

Águia Negra riu.

—Meu querido Lobo, seu segredo é como adquiriu seus truques de mago; o meu é como sei onde e quando pensava fazer seu intento. Pergunta a seus preciosos antepassados. Verá-os muito em breve, lamento te dizer que não o suficientemente logo.

Capítulo 19



Falcão das Estrelas ouviu o ruído dos cascos do grupo de homens muito antes que emergissem da névoa cinza. Achava-se na região aberta, não longe dos muros do Mandrigyn e não havia lugar onde cobrir-se, exceto a névoa mesma. Entretanto, soava como se tivessem pressa.

Agachou-se entre as videiras mortas e selvagens da sarjeta do caminho e se dobrou em dois sob o matagal cinza de heras que ficava justo por cima da água fria como o gelo. No dia anterior, a água das sarjetas estava coberta de gelo e cada folha com seu bordo de pó branco da geada, mas o clima parecia ter enfraquecido. Em poucas semanas chegaria a primavera. As pedrinhas jogadas pelos cascos dos cavalos tilintaram a seu redor. Ouviu o leve tangido das cotas de malha e o rangido das armas e as cordas. Estimou que a força era todo um

esquadrão, entre quinze e vinte cavaleiros. No dia anterior, no cruzamento de caminhos, onde a rota grande do comércio proveniente da costa da Enseada se une ao caminho do Mandrigyn por Passo de Ferro, descobriu o rastro inconfundível de uma força grande que ia da cidadela à cidade e as marcas, de menos de um dia de distancia, de uma força menor que voltava, entretanto, o caminho também estava marcado por carros de granjeiros que levavam hortaliças à cidade, assim, ao menos, o lugar não estava sitiado.

Falcão das Estrelas ficou ali com a cabeça baixa depois do matagal duro como arame das vinhas, escutando aos cavaleiros e perguntando-se o que faria quando chegasse ao Mandrigyn. Procurar lobo do Sol? Havia dito que se estava morrendo.

Procurar a Sheera Galernas?

Que seus antepassados ajudem ao que se em frente com ela, tinha manifestado Lobo do Sol.

A lembrança da visão voltou para ela; a confusão dolorosa de miséria e desespero e uma paz estranha, apoiada em um pouco muito profundo. Tinha razão ao amá-lo, razão para buscá-lo como ele a tinha procurado a ela ao morrer. Mas tinha chegado muito tarde; depois de meses de caminho, tinha-o perdido por uma semana. E agora estava morto.

Recordava seu rosto, esgotado e marcado pela dor, e a calidez do sangue em suas mãos que contrastava com a frieza de sua pele. O que lhe tinha passado no Mandrigyn?

Altiokis era o que lhe tinha feito isso?

Disse que me amava.

Tentou odiar a Gazela por atrasá-la, mas não era culpa de moça. Quão único tinha feito era quão mesmo Falcão, procurar o homem que amava. Que lhe tivesse acontecido algo ao fazê-lo só se devia a uma diferença em seu treinamento; que tivesse encontrado outro tipo de felicidade era algo que Falcão estava segura de que não tivesse podido lhe acontecer a ela.

Nada disso trocava o fato de que tinha chegado muito tarde.

Anyog viveu três dias depois da noite da visão, afundando-se gradualmente em delírios mais e mais profundos. Primeiro falou do Buraco, do Altiokis, do espírito que vivia nesse sitio sem luz entre os mundos. Entre

atendê-lo e caçar nos bosques ela logo que tinha tido tempo de pensar em algo ou de perguntar-se por que queria terminar sua busca.

Quando Anyog morreu, enterrou-o no pomar de abedul ao final do vale com ferramentas que tinha encontrado na cela do antigo guardião da capela. Já seja pelo amor do velho para ela ou porque seu amor por Lobo do Sol tinha quebrado a última parede de resistência em seu interior, ou simplesmente porque se abrandou depois de tudo, pensou com amargura, o certo é que tinha chorado sobre a tumba do Anyog e suas lágrimas não lhe envergonharam. As lágrimas podiam ser uma perda de tempo, tinha pensado, mas agora já não tinha pressa; e nessa ocasião foram um remédio para sua congelada alma.

O ruído dos cascos se perdeu na distância. Falcão das Estrelas ficou de pé, tirando-a hera úmida das calças de pele de cervo e as mangas a quadros de sua guerreira negra muito manchada. Só ficava chegar ao Mandrigyn e procurar a Sheera Galernas, lhe perguntar por que e sobre tudo como tinha podido levar-se a todo um capitão de mercenários que supostamente não aceitava a viagem..., e o que lhe tinha passado a ele depois.

A mulher do mercado a que pediu indicações parecia assustada da espada de Falcão das Estrelas e de seu gibão com placas de cobre, mas lhe assinalou como chegar a casa da Sheera Galernas sem protestar. A casa se levantava em sua própria ilha, como muitas das grandes casas dessa cidade parecida com um tabuleiro de xadrez; da boca da estreita rua que chegava ao canal que passava em frente, Falcão das Estrelas estudou a fachada de mármore trabalhado. Persianas esculpidas com flores de quatro pétalas de pedra unidas umas com as outras sombreavam as arcadas que ficavam frente ao canal; as banderolas vermelhas e púrpuras de seda, cujo bordado de ouro brilhava levemente com a névoa da manhã, formavam raias de cores brilhantes contra a dureza negra e branca da pedra. Duas gôndolas já se balançavam amarradas ao pé dos degraus de mármore negro; curioso, pensou Falcão, a essa hora da manhã.

Seguiu o passadiço estreito de madeira que formava um pequeno atalho de uns metros sobre as águas a bordado canal, cruzado de tanto em tanto por pontes em miniatura em forma de corcundas de camelo. O atalho levava a massa de ruelas de outra ilha. Era difícil manter um sentido de direção aqui, porque as altas paredes deste distrito tão povoado lhe faziam perder de vista a

linha do teto da casa da Sheera; mas finalmente, à força de retroceder várias vezes por pontezinhas e ruas torcidas, conseguiu dar a volta à casa. Do passadiço que bordeaba a parede da lavanderia da igreja próxima, pôde ver os jardins e pensou que, com tanto espaço desperdiçado, Sheera Galernas devia ser muito rica. Detrás da casa se estendiam jardins muito elaborados, em restolho, esperando que terminassem as chuvas, um estufa de laranjeiras grande, amuralhado com madeiras e uma fileira de casas para as novas árvores, com tetos de vidro, e um estábulo e o que parecia um pavilhão de prazer ou casa de banhos, sustentada por pilares de pórfido de vivas cores.

Falcão das Estrelas pensou que essa casa tinha um número exagerado de entradas e saídas.

Viu movimento em um beco de uma ilha próxima e se apertou contra os desiguais tijolos da alta parede da lavanderia. Uma figura suspeita e furtiva descendeu os poucos degraus que levavam da boca do beco até as águas verdes e opacas do canal e olhou a esquerda e direita com rapidez. De onde estava, no passadiço, Falcão das Estrelas viu a mulher — porque era uma mulher, envolta em uma capa escura — ir até a porta do desvão da última casa do beco e tirar uma prancha que pôs sobre o canal para uma porta de aspecto abandonado na parede traseira da Sheera. Apesar de que a porta parecia quase ruída, não estava fechada com ferrolho nem as dobradiças rangiam muito, precaveu-se Falcão. A mulher cruzou, atirou da prancha, a levou com ela e fechou a porta.

Curiosa, Falcão das Estrelas baixou as estreitas escadas que levavam pelos becos até onde tinha estado a mulher. A porta do desvão não estava fechada; na habitação de piso de barro havia umas quantas pranchas.

Intrigada, Falcão das Estrelas voltou para a boca da rua que levava direto à água suja do canal, meio metro abaixo. As pedras do beco eram desiguais, escorregadias e estavam cobertas de musgo; ela adivinhou que este era o lugar em que a vizinhança arrojava os desperdícios dos dormitórios. Inclinou-se pelo rincão da casa situado junto a ela e viu a parte posterior de todas as casas que ficavam sobre a curva do canal; as mulheres penduravam a roupa de cama sobre os corrimões de balcões exteriores; alguém estava derrubando uma vasilha com água de lavar os pratos da soleira de uma cozinha diretamente às sombras de mais abaixo. Havia um par de casas com pequenas torres cujas paredes tinham grandes manchas de musgo que anunciavam sua função desde mais abaixo.

Um lugar tranqüilo, pensou ela, olhando de novo a pequena porta na parede. Não era a entrada comum da cozinha: esta podia vê-la ao final da parede, uma porta dobro e um tipo de degrau especial para que os homens descarregassem os mantimentos das gôndolas.

Falcão jogou outro olhar a seu redor, logo tirou uma prancha do desvão, como tinha visto fazer à mulher furtiva. Chegava justo da rua à porta; deu-se conta de que todas as pranchas tinham a mesma medida. Tirou a espada, voltou a olhar a seu redor e se deslizou através do canal.

A porta não estava fechada. Abria-se diretamente sobre um arbusto de louro, que a escondia da casa principal. Não havia ninguém à vista.

Falcão das Estrelas tirou a prancha e a adicionou às três que jaziam escondidas entre os louros. O estou acostumado a estava pisoteado e sem pasto. Como houvesse dito Ari, alguém estava tramando algo.

Bom, claro que Sheera estava envolta em uma causa, quer dizer, uma conspiração. Mas se tinha podido fazer entrar em Lobo do Sol nela ou não...

Falcão se moveu sem fazer ruído ao redor da borda do bosque de louros e se deteve, surpreendida pelo que via. Os jardins estavam vazios; os sebes castanhos, cerimoniosos, estendiam-se em esquemas elaborados para a galeria distante da casa principal. Mas aqui alguém tinha construído e cavado fazia muito pouco um deserto de rochas do tamanho de um bolso em uma esquina de uma dessas sebes, e as pedras estavam colocadas como os ossos da terra dormida esperando que viesse a vegetação.

Lobo do Sol tinha arrumado essas rochas. Ela sabia, reconhecia seu estilo na forma, a disposição de figura colorida do granito e a tensão latente entre as pedras grandes e as pequenas. Não estava muito segura de como sabia — a estética dos jardins de pedra era um tema que conhecia só através dele —, mas estava tão segura como essas pessoas que podem olhar uma pintura ou ouvir uma canção e afirmar: Isto é de tal autor.

O guerreiro latente nela se disse: ele esteve aqui, enquanto outra parte de seu ser pulsava com uma dor profunda e inesperada, como se tivesse encontrado uma luva ou uma adaga que pertenciam ao chefe. E logo, um instante depois, um pensamento absurdo cruzou sua mente: Sabia que os bons jardineiros eram difíceis de encontrar, mas isto...

Tinha trabalhado com Lobo no Wrynde e sabia que os jardins de rochas como essas eram trabalho de dias, às vezes, semanas.

O vapor bulia dos terrenos da lavanderia na parte posterior da casa e logo voava sobre as sebes castanhas dos jardins. Umas vozes chegaram até ela, como o canto distante de um pássaro.

Uma voz aguda, trilada insistiu:

—Disse-lhe isso, já sabe tudo o que quer saber! Não há perigo! Está procurando homens e os busca nas terras dos barões...

Entre os ramos brancos e nus dos abedules ornamentais, Falcão das Estrelas distinguiu a duas pessoas que baixavam os degraus da galeria: uma mulher de cabelo negro vestida de púrpura e peles da Marta, com ametistas entre os cachos escuros que caíam sobre seus ombros, e uma forma curiosamente infantil, pequena, que corria a seu lado, tilintando com massas incongruentes de jóias sonoras, pesadas, o resgate de um rei convertido em mau gosto.

À mulher de cabelo negro a reconheceu em seguida: Sheera Galernas.

—Não sabemos isso — disse Sheera.

A mulher mais garota disse:

—Claro que sabemos! Sabemos. Ouvi-lhes falar disso. Altiokis não tinha interesse em interrogar. E Tarrin diz...

—Tarrin não sabe nada da situação daqui.

A mulherzinha parecia escandalizada.

—claro que sim! Você o manteve informado...

—Por Deus santo, Dru, isso não é o mesmo que estar aqui.

As mulheres passaram através da porta da estufa. Quando se fechou atrás delas, Falcão das Estrelas viu outras formas movendo-se dentro.

Perguntou-se a quem teria apanhado Altiokis para interrogá-lo ou não, segundo o caso. O som dos cascos da cavalaria que passava voltou para sua mente com um novo significado. Muito interessada, deslizou-se com cuidado pelo espaço aberto que a separava da estufa e se arrastou contra a parede até que encontrou uma janela aberta que levava a uma espécie de habitação para vasos de barro construído em uma parede. A habitação se achava vazia. Resultou-lhe fácil forçar o ferrolho com sua adaga e subir sem que a ouvissem. As mulheres que se encontravam na seção principal, revestida de madeiras, da

estufa falavam com muito interesse para ouvir os pequenos ruídos que faziam os pés de Falcão.

Lobo do Sol tinha estado ali. Olhou ao redor dela na penumbra e se sentiu segura disso. Tinha estado ali e tinha trabalhado ali. Ela conhecia a forma em que ele arrumava as coisas em sua oficina do Wrynde e a conhecia o suficiente para acreditar que outro pudesse ter a mesma ordem para classificar os pequenos remédios misteriosos que serviam para aliviar às partes doentes.

Mas... não tinha nenhum sentido. Santa Mãe, acaso Sheera o tinha seqüestrado para que cuidasse de seu jardim? E como e por quê? Lhe tinha aparecido em sonhos? E como e por que tinha morrido? Sua mão se crispou sobre o punho de sua adaga. Isso, ao menos, Sheera Galernas terá que me dizer isso Se for dela coisas...

Falcão das Estrelas se deteve. Conhecia muito de perto a violência e a morte para ameaçar a sério nem seguisse no mais recôndito de sua mente. Era perfeitamente possível que Lobo do Sol se procurou o destino que teve, e em realidade, conhecendo-o como o conhecia ela, era mais que provável.

Apertou o ouvido à porta.

Uma confusão de vozes lhe chegou de dentro, o gorjeio agudo, estridente da mulherzinha chamada Dru, que insistia uma e outra vez em que estavam a salvo. Falcão das Estrelas encontrou um buraco em um nó na parede justo no momento em que uma daminha de cabelo dourado ladrava, impaciente:

— Acaba com isso, Dru!

Dru se deu a volta, brilhante de raiva por sua honra.

— Atreve-te a me falar assim ... — começou furiosa. Logo, viu o olho reprobatorio da Sheera e guardou um silêncio, ruborizada e tensa.

Sheera perguntou a outra mulher:

— O que te parece, Olhos Âmbar?

Falcão das Estrelas já a tinha observado antes, uma moça magra da idade de Gazela, de pé quase com acanhamento no círculo do braço de seu grande amiga de olhos escuros. Mas no momento em que falou, Falcão se deu conta de que o acanhamento indefeso era só uma ilusão..., claramente era a mais forte das duas.

— É verdade que não sabemos onde estão trabalhando hoje Tarrin e os outros chefes — disse—. Mas chamaram cobra e Escarlata às minas, e a mim

também, e temos mapas. Podemos lhes levar aos depósitos de armas, às passagens que vêm da cidadela e aos galpões onde guardam a pólvora. Há pólvora suficiente para destruir a metade da cidadela se a pusermos no lugar correto. Não necessitamos magia para acendê-la, só uma mecha lenta.

—E o que passa se já falou? —disse sua amiga com preocupação—. Altiokis pode interrogá-lo na cidadela; por isso disse Dru, o mago pode pô-lo frente a algo que nenhum homem pode tolerar. Poderiam estar nos esperando quando chegarmos.

—Digo-te... —começou Dru com sua voz aguda como um assobio

Logo, da soleira escura da habitação, falou Falcão das Estrelas:

—Se for esse o caso, melhor seria que o arrisassem tudo e atacassem agora.

Todos os olhos se voltaram para ela. As mulheres ficaram caladas pelo susto enquanto ela saía lentamente de sombras. Em realidade, para ser justos terá que dizer que não estavam geladas de surpresa, três delas já se moviam para rodeá-la; logo que saiu. Sheera Galernas a olhava com o cenho franzido, tratando de reconhecê-la, porque sabia que a tinha visto antes.

Falcão das Estrelas seguiu adiante:

—Esperar não lhes servirá de nada se seu amigo se render.

—Poderíamos sair da cidade... —começou alguém.

Uma mulher fraca com as roupas escuras de uma monja perguntou:

—Crie realmente que Altiokis não nos perseguiria por todo mundo logo que soubesse quem somos?

Falcão das Estrelas apoiou a mão no cinturão de sua espada e olhou ao grupo com tranqüilidade:

—Não é meu problema, claro — disse, surpreendida ante o fácil que lhe resultava voltar para seu costume de mandar. Logo aceitou a forma em que as demais a escutavam; sabiam de algum modo que ela era uma comandante—. Estou aqui somente para falar com a Sheera Galernas. —Pela extremidade do olho, viu como Sheera ficava tensa ao recordar—. Mas se seu amigo foi o que se cruzou comigo sob escolta esta manhã, eu atacaria se criem que tem a fortaleza necessária para tolerar o interrogatório.

A rubita pequena murmurou:

—Tem-na.

—Não chegarão à cidadela até o meio-dia — continuou Falcão—. Isso lhes dá talvez uma hora ou dois para realizar seu plano, seja qual fosse. Tudo depende de quão forte criam que é seu amigo.

Viu seus olhos, que intercambiavam olhadas e perguntas. Em geral, tinha descoberto que as mulheres superestimam muito a capacidade dos homens para tolerar torturas, como os homens subestimam a das mulheres. E este parecia ser o caso aqui..., era óbvio que nenhuma delas tinha grandes duvida, exceto a Sheera. Falcão das Estrelas lhe disse:

—Não vou incomodar lhes agora que vão a uma batalha. Mas há algo que têm que falar comigo quando tiverem terminado. Devem-me isso.

Os olhos da Sheera se encontraram com os de Falcão e assentiu; compreendia. Mas uma mulher mais alta, de cara dura e feia, que tinha estado de pé entre as sombras elevou a voz.

—Ele disse que viria uma mulher para buscá-lo. —A voz era tão baixa e suave como a flauta de palisandro, os olhos verdes como luz de mar na penumbra—. É você?

Não havia necessidade de esclarecer quem era «ele».

—Sim — disse Falcão das Estrelas.

—Seu nome?

—Falcão das Estrelas.

Houve uma pausa.

—Ele falou de você — disse a formosa voz—. É bem-vinda. Sou Yirth. — adiantou-se e estendeu uma mão larga, magra—. Me disse que lhes dissesse o que aconteceu ele.

—Sei o que aconteceu ele — replicou Falcão das Estrelas com amargura.

Ambos os lados, as mulheres olhavam em silêncio, surpreendidas pela presença de Falcão das Estrelas e pelo fato de que essa outra mulher escura, magricela parecesse ter estado esperando-a. Por elas, o intercâmbio de palavras entre o Yirth e Falcão das Estrelas devia ser críptico, apenas inteligível; mas ninguém pediu explicações. A tensão na habitação era quase elétrica; temiam quebrá-la.

—Sei que morreu — disse Falcão das Estrelas—. O que quero saber é como e por que.

—Não — disse Yirth com tranqüilidade—. Não morreu. Agora é um mago.

Falcão das Estrelas ficou muda, atônita. Só conseguia olhar ao Yirth com um assombro imenso, quase sem dar-se conta de que sua surpresa era também a da maioria das mulheres na habitação.

Yirth continuou:

—E é prisioneiro do Altiokis.

—E não acredito que haja nenhuma dúvida — interpôs Sheera, com voz dura de repente, cortante como o fio de uma espada — de que os mercenários do Altiokis sabiam onde buscá-lo.

Deu-se volta e seus olhos foram de um rosto a outro: rostos torrados, obscurecidos pelo clima, alguns deles com as marca do treinamento escondidas sob cosméticos aplicados com cuidado. Havia rostos bonitos, caras comuns ou caseiras, mas nenhuma fraca, nenhuma assustada.

—Falcão das Estrelas tem razão — disse, com calma—. Devemos atacar e atacar agora.

Drypettis a agarrou da manga dividida em pétalas.

—Não seja tola! — gritou—. Sabe quantos homens há agora em Escarpado Sinistro?

—Mil e quinhentos menos que uma semana atrás — ronronou uma mulher ruiva vestida com as sedas leves e fantasmas de uma prostituta.

—E Altiokis! — chiou a mulherzinha.

—E Altiokis! — repetiu Sheera. Voltou-se para o Yirth, que ainda estava de pé junto a Falcão das Estrelas—. Pode fazê-lo, Yirth? Pode lutar contra ele?

Yirth meneou a cabeça.

—Posso lhes levar através das ilusões — respondeu—, e até certo ponto lhes proteger da magia que põe para guardar os caminhos que vão das minas à cidadela. Mas minha magia é conhecimento sem o Grande Poder, como a do capitão é poder sem o conhecimento que diz como usá-lo. Os dois nos achamos indefesos frente ao poderio do Altiokis, embora o capitão é mais forte que eu.

Mas tal como o vejo, nem eu nem nenhuma de nós tem eleição. É agora ou nunca, preparadas ou não.

—Não sejam tolas! —gritou Drypettis, histérica—. E são parvas se lhes deixam espantar em uma correria como esta! Ao Altiokis não preocupa a informação. Quão único quer é que Lobo do Sol mora. Sei, ouvi cão e ao capitão de mercenários falando disso. Se nos dermos pressa, antes que Yirth tenha oportunidade de conseguir o poder que necessita, antes que possamos coordená-lo com o Tarrin, arrojaremos tudo pela amurada...

—E se esperamos — ladrou Gilden—, Lobo do Sol morrerá.

—Ele tivesse deixado que todas morrêramos! — replicou-lhe Dryppettis, o rosto salpicado de repente com manchas vermelhas de ira—. Nem sequer lhe importavam aquelas de vocês a quem converteu em suas putas!

A mão do Gilden se levantou para lhe pegar, mas, com uma limpeza curiosamente prática, uma dama igualmente pequena que estava de pé detrás dela a agarrou o pulso antes que pudesse descarregar o golpe. Drypettis ficou de pé, tremendo, o rosto branco agora a não ser pelas manchas de cor que pareciam ruge sobre seus maçãs do rosto delicados.

Sheera disse com uma voz fria como o gelo:

—Ele veio aqui contra sua vontade, Dru. E quanto ao resto, acredito que não é de sua incumbência.

A mulherzinha girou sobre seu corpo em um furacão de metal lhe tilintem e véus enredados.

—É de minha incumbência! — gritou, os olhos castanhos brilhantes de vergonha e raiva—. Claro que é de minha incumbência! Como vai triunfar o bom e o decente nesta cidade se se rebaixar ao nível de seus inimigos para derrotá-los? Isso, precisamente, o que tem feito esse teu capitão. Rebaixou-nos. Rebaixado? Seduziu-nos para que nos rebaixássemos com seu culto do triunfo a toda costa! Deveríamos ter sofrido os males que nos rodeavam e aprender a trabalhar com eles antes que nos converter em soldados sujos e brutos como esta... esta... —A mão tremente fez um gesto violento para a silenciosa e surpreendida Falcão das Estrelas—. Como esta puta dela...

Logo seu tom trocou, fez-se lisonjeiro.

—Você é digna do príncipe, Sheera, digna de te casar com o rei do Mandrigyn e de ser sua rainha. E eu te teria apoiado nisso, te teria dado tudo,

minha riqueza e a honra da casa mais antiga da cidade. Te teria dado minha vida com gosto. Mas te dar isso e ver que você o entregava tudo, a causa mesma, a um homem como esse, ver que transformava o ideal de decência e autosacrifício em um exercício atlético baixo, em músculo bruto e astúcia...

Sheera se adiantou, tomou os ombros da histérica mulher entre suas mãos poderosas e a sacudiu com uma violência terrível. As ridículas jóias tilintaram e rangeram, enredadas nas sacudidas brusas do cabelo castanho e penteado. Sacudiu-a até que as duas perderam o fôlego com os olhos brilhantes de fúria e logo lhe espetou:

—Você lhes informou.

—Fiz-o por ti! —gritou Drypettis—. Vi o que pode fazer a influência de um homem... Como a influência de um homem pode sujar tudo o que touca! Você é digna...

—te cale — disse Sheera com suavidade—. E sente-se.

Drypettis a obedeceu em silêncio e com a vista em alto; lágrimas de fúria corriam por suas bochechas redondas, manchadas de vermelho. Falcão das Estrelas olhou os dois rostos e se deu conta da qualidade concentrada e estranha do olhar do Drypettis como se Sheera e só ela fora real a seus olhos, como se literalmente não se desse conta de que tinha encenado um enfrentamento de amantes frente a umas cinquenta pessoas. Para ela nenhuma das demais existia. Só Sheera estava viva, talvez só ela tinha sido real sempre.

Com calma, com lentidão, Sheera disse:

—Drypettis, não sei se alguma vez quis para ti o lugar de rainha do Mandrigyn como talvez o exigia a linhagem de sua família. Nunca tive dúvidas de sua lealdade para mim ou de sua lealdade à causa.

—Nunca te traí — murmurou Drypettis com uma voz magra como o som de uma greta que se abre sobre um vidro—. Foi tudo por ti, para purgar a causa do mal que podia destruí-la, a ela e a ti também. Para fazê-la pura outra vez, como era antes que chegasse esse bárbaro.

—Ou para te liberar de um homem de que estava ciumenta? — As mãos da Sheera se apertaram sobre os ombros magros—. Um homem que fez que esta não fora já sua causa, uma causa que funcionava graças a seu dinheiro e a sua influência; um homem que a abriu para todas as que queriam brigar por ela sem que tivesse importância se suas origens eram baixos seus motivos grosseiros ou seus métodos sujos e pouco elegantes. Um homem que transformou o jogo de

algo que compra em algo que se faz. Um homem que pôs a plebeus à mesma altura que você. Que te tratou como a um soldado potencial e não como a uma dama. É essa a razão? — perguntou, a voz baixa e dura agora—. Ou é que nem sequer sabe?

O rosto do Drypettis pareceu suavizar-se e fundir-se como a cera com a dor; os deliciosos olhos castanhos se fizeram grandes na carne que se encolhia. Logo, caiu para frente, com o rosto entre as mãos enquanto soluçava com amargura. A luz leve e chapeada que entrava pelas altas janelas dançava como um brilho claro sobre o montão incongruente e desordenado de adornos que se enredavam em seu cabelo.

—Ele te fez isto — gritou—. Ele te fez como ele; agora pensa só na vitória e não importa o muito que possa sofrer sua honra para obtê-la.

Sheera se endireitou, a boca e o nariz brancos, como se estivesse doente.

—A derrota só nos matará — disse—, não cuidará nossa honra. Nunca falarei do que aconteceu aqui e ninguém mais o fará, nem sequer entre nós. Não é uma ordem — adicionou, olhando a seu redor ao círculo atônito, silencioso de mulheres—. A petição de uma amiga, que espero que todas terão em conta. — deu-se a volta para a forma agachada do Drypettis, que se balançava adiante e atrás na cadeira de respaldo reto em que se sentou a primeira vez, no primeiro encontro no estufa, a noite em que Lobo tinha chegado ao Mandrigyn—. Eu nunca falarei disto — repetiu—. Mas não quero voltar a verte.

Com o rosto ainda coberto pelas mãos, Drypettis se levantou lentamente. As mulheres lhe abriram aconteceu quando saiu tropeçando da habitação; através da porta da estufa, todas viram as cores de sua roupa, um estalo gritão de baleias e tontillos, véus e jóias, contra a cor fígado da terra dos jardins até que desapareceu sob as sombras da casa.

Sheera a olhava, o rosto branco e as lágrimas brilhantes como contas de vidro sobre suas bochechas queimadas pelo vento; a pena em seus olhos era como a do rosto do Drypettis: a pena de alguém que perdeu a um amigo muito próximo. Tinha as mãos crispadas aos lados de seu corpo, machucadas de tanto sustentar a espada, os nódulos brancos sob o castanho da pele.

Isto não é o que necessitava, pensou Falcão das Estrelas, seca, com sua primeira batalha frente a ela. E amaldiçoou à outra mulher por seu egoísmo...

Isso primeiro; logo veio a raiva, rabia contra o ciúmes ridículos do Drypettis, contra sua própria lentidão de reação que não lhe tinha feito ver que

o homem cuja capacidade para resistir a tortura que discutiam quando ela chegou era Lobo mesmo, ainda com vida, mas enfrentado a um horrendo perigo. Tinha-o perdido por umas horas. Tinha passado apenas a dois metros dela enquanto estava tiragem na sarjeta ao flanco do caminho e os cascos dos cavalos lhe arrojavam uma chuva de pedrinhas...

Estava vivo! Não importava o que lhe tivesse passado nem que lhe aconteceria mais adiante; nesse momento estava vivo e essa idéia lhe atravessava como um calor cheio de força que consolava seu corpo e seu espírito.

Mas com sua calma acostumada se voltou para a mulher que estava a seu lado, a mulher que ainda olhava com a mandíbula tensa o jardim agora vazio, com a pena e a amargura da traição marcadas em seu rosto como o rastro descuidado de um dedo sobre o bronze que se esfria.

Uma irmã nas armas.

As mulheres estavam caladas ao redor das duas, sem saber o que dizer, nem como falar de traição.

Foi Falcão das Estrelas a que rompeu o silêncio, e seu costume de mandar abriu o caminho para as demais. A pena da Sheera era a sua; Falcão das Estrelas a entendia e foi a primeira que não falou do assunto. Pôs uma mão sobre o ombro da mulher e lhe perguntou em seu tom de voz mais prático e impessoal:

—Quando podem estar prontas suas damas para partir?

Capítulo 20



Se o que havia dito lady Wrinshardin era certo, e a Lobo do Sol não lhe ocorria nenhuma razão pela que pudesse ter mentido, a fortaleza dos barões de Escarpado Sinistro tinha estado uma vez na base desse joelho de pedra, rochosa e impressionante, que se adiantava na montanha sobre Passo de Ferro. Seu instinto de sitiador de cidades examinou o lugar, enquanto Águia Negra e seus homens o levavam para diante, um montão de pedras salpicadas de hera no lugar em que os caminhos se dividiam. Não havia pôsteres de indicação no cruzamento, mas Olhos Âmbar e suas garotas lhe haviam dito que a rota da direita ia para cima à entrada sul da mina, por debaixo da cidadela, logo girava

ao redor da base da montanha até a entrada principal, ao oeste, sobre o centro administrativo do Altiokis, no Racken Scrag; o caminho da esquerda subia curvando-se pelo rosto da rocha para a cidadela mesma.

Cansado depois de dois dias meio-dia quese sem dormir de rodeio duro sobre Passo de Ferro, com os pulsos machucados pelo peso de uns quinze quilogramas de cadeia de ferro, Lobo do Sol olhou através de uma nuvem que descia para a cidadela em que lhe esperava o Mago Rei e se perguntou por que alguém em seu são julgamento teria convertido esse lugar no centro de seu reino.

Existia a lenda que tinha chamado lady Wrinshardin sobre a choça de pedra que tinha construído Altiokis em uma só noite, a choça que se dizia que ainda se encontrava ali como o núcleo enterrado do coração da cidadela interior. Mas a razão que teria tido Altiokis para fazê-lo não tinha sentido para Lobo, a menos que, como começava a suspeitar, o Mago Rei estivesse louco. Talvez tinha construído a cidadela nesse lugar inacessível para demonstrar que podia fazê-lo. Talvez escolheu aquele lugar para que não pudesse crescer uma cidade ao redor de seus muros; Racken Scrag estava ao outro lado das montanhas, não podia ser de outro modo.

Os deuses sabiam que o lugar era muito fácil de defender. O caminho podia vigiar-se em cada curva desde quão escarpados estavam mais acima; se Yirth estava certa sobre os poderes do Altiokis quanto a ver de longe, poderia detectar qualquer força antes que seus inimigos divisassem sequer a cidadela e sepultá-los sob avalanches de pedra ou de madeira ardendo. Mas quando chegaram ao vale estreito e rochoso que ficava frente à porta da cidadela, Lobo do Sol entendeu por que era mais barato e mais simples trazer a comida para as legiões através das minas, porque aqui os medos do Altiokis se superaram a si mesmos.

A maior parte das construções do vale eram novas observou Lobo; com a expansão de seu império, o Mago Rei se fez mais e mais desconfiado evidentemente. A cidadela de Escarpado Sinistro tinha sido construída originariamente entre a borda do escarpado que olhava para o norte sobre os desertos das montanhas Tchard e um grande farallón ou rocha que a separava do resto do escarpado no que estava construída. A entrada principal era um túnel através desse joelho de rocha totalmente impossível de escalar. Agora o chão do vale frente à porta estava talhado por enormes poços como uma série de fossos secos; equipes de escravos cavavam ainda nas mais próximas quando

Águia Negra e sua patrulha emergiram entre os escuros vigias que se elevavam sobre o estreito passo para o vale. Quando se detiveram um minuto para descansar os cavalos depois da ascensão, Lobo do Sol viu que a rocha e a terra do interior desses largos fossos estavam queimadas. Se um inimigo as arrumava para estender pontes através deles, se é que um inimigo conseguia arrastar pontes por esse caminho retorcido e difícil, podiam alagar as sarjetas com alguma substância inflamável e as fazer estalar a distancia com a magia do Mago Rei.

Agora tinham levantado pontes de madeira e pedra que podiam destruir-se ou tornar-se abaixo facilmente. As pontes não formavam uma linha direta com a porta, cavada sobre o outro rosto do escarpado sem torres nem instalações exteriores. Lobo soube instintivamente que era o tipo de porta que podia ocultar-se com uma ilusão; se Altiokis queria, os viajantes à cidadela não veriam nada quando chegassem ao final do caminho, exceto a rocha rígida, cinza, sem árvores do escarpado.

Começava a entender como um homem como o Mago Rei tinha construído seu império, entre a riqueza sem limites e a astúcia animal, entre forças alugadas e as redes escuras de seu próprio poder.

Os homens que sustentavam as rédeas do cavalo de Lobo do Sol o conduziram para baixo pela ladeira, para as pontes e a porta imponente com dentes de ferro. Os cascos dos cavalos produziram um eco estranho na pedra Lisa das paredes do túnel. Águia Negra repetia contra-senhas com um leve ar de impaciência enquanto os guiava para frente. O túnel mesmo estava saturado de maldade; suas paredes de pedra pareciam destilar horror. O ar estava carregado de magia latente que podia converter-se em ilusões em terror inimagináveis. Grandes caminhos largos que levavam para baixo; as linhas das tochas nas paredes se desvaneciam no negrume ao final. O fôlego quente que se elevava nesses túneis cheirava a rocha e musgo, a ilusão e à magia lhe rutilam, sem nome, do terror absoluto. Era como se o poder do Altiokis se estendesse em sua cidadela, como se sua mente permanecia nos túneis, a escuridão e a pedra.

Lobo do Sol murmurou algo, quase sem dar-se conta de que estava falando em voz alta:

—Como pode pulverizar-se assim?

A cabeça de Águia Negra se deu a volta com violência:

—O que?

Não havia palavras para lhe explicar a alguém que não tinha nascido na magia; era um conceito impossível de descrever. O mais que pôde fazer Lobo foi dizer:

—Seu espírito está aqui em todas partes.

Uns dentes brancos brilharam na penumbra.

—Ah, sente isso, verdade?

Lobo se deu conta de que o capitão de mercenários acreditava que ele falava com admiração ou com temor. Meneou a cabeça, impaciente.

—Está em todas as partes, mas não nele mesmo. Parte de seu poder está nas rochas, no ar, nas ilusões no fundo das minas, mas tem que mantê-lo. Tem que fazer que esteja unido de algum modo E..., como pode ficar algo no centro dele, a chave de seu ser, para mantê-lo?

O sorriso de Águia Negra se desvaneceu; esse rosto redondo, duro, ficou pensativo; na escuridão, os olhos azuis pareciam muito brilhantes.

—Gilgath, o comandante da cidadela do Altiokis, disse que meu senhor está se descuidando ultimamente. Ele esteve com o Altiokis mais que eu. —Sua voz era baixa, como excluindo inclusive aos homens que cavalgavam com eles—. Nunca acreditei até faz dois anos..., e o que diz tem sentido. —encolheu-se de ombros e o olhar de preocupação se desvaneceu em seu rosto—. Mas assim e tudo, meu bárbaro — continuou, enquanto uns escravos vinham a levar os cavalos e toda a companhia passava através dos pátios da muito defendida cidadela exterior—. Tem suficiente poder para fazer pó a seus inimigos..., e suficiente dinheiro para pagar a seus amigos.

Outros guardas lhes rodearam, homens e algumas mulheres vestidos com os uniformes brilhantes das tropas mercenárias. Escoltaram-nos através dos pátios e portas da cidadela exterior para a casa de guarda e as portas maciças que se elevavam, ameaçadores, no céu, cuidando o caminho para a cidadela interior. Águia Negra caminhava agora junto a Lobo do Sol; a cota de malha de sua camisa tilintava; a ponta de ouro que surgia através dos véus escuros e voláteis do penacho de seu casco brilhava na luz pálida do dia.

—Se pensar que seu poder se debilita, espera a chegar à cidadela interior.

Entraram na escuridão da casa de guardas. Dois homens levavam a cadeia que unia nos pulsos de Lobo do Sol e resto da tropa caminhava com espadas nuas detrás dele. Todo o tempo, Lobo se concentrava a mente calma e alerta

como na batalha, esperando uma oportunidade para escapar e voltar pelo caminho para baixo na montanha.

A luz do dia ardia mais adiante. Como uma grande boca, abriu-se uma porta perto deles. Quando saíram das densas sombras, Lobo viu que caminhavam sobre um meio-fio elevado que dava a volta sobre a larga sarjeta de pedra que separava a cidadela exterior da cidadela interior. No centro, a meio-fio estava interrompido por uma ponte sem corrimões. O poço estava cheio de nuuwas.

Apesar do frio do dia, o aroma de podre dos nuuwas subia em uma onda sufocante. A metade do caminho sobre a ponte levadiça, Lobo se deteve. Deu-se a volta e viu que Águia Negra tinha a mão posta sobre o punho de sua espada.

—Nem o tente — disse o mercenário com calma—. Acredite, se eu caísse, você cairia comigo. Garanto-lhe isso.

—Parece-te que isso trocaria muito as coisas?

Águia Negra levantou uma sobrancelha, sardônico.

—Isso depende das oportunidades que crie que tem de poder escapar da cidadela interior.

Debaixo deles, os nuuwas tinham começado a reunir-se e seus uivos ululantes vibravam no ar. Lobo do Sol olhou aos homens que sustentavam suas cadeias, logo depois de novo a Águia. Via que a parede da cidadela interior estava quebrada por duas portas, uma próxima e outra vários metros mais à frente, com degraus que levavam a poço dos nuuwas, além da porta muito bem guardada ao nível elevado do meio-fio. Também havia portas que davam ao poço da cidadela exterior. E era óbvio que por sorte as portas estavam trancadas com barras.

Era uma aposta: morrer horivelmente agora ou arriscar-se a um destino ainda pior contra uma oportunidade quase inexistente de escapar.

Comparada com isto, pensou com amargura Lobo enquanto seguia movendo-se para as faces ameaçadoras das portas da cidadela interior, a eleição que lhe tinha devotado Sheera a bordo do navio parecia monumental em suas oportunidades. Mas não se renderia quando a idéia era seguir ganhando tempo.

Os gritos dos nuuwas os seguiram como gargalhadas burlonas.

—Estará aí abaixo muito em breve — fez notar Águia Negra junta ao cotovelo de Lobo—. É uma pena, porque ninguém sabe tão bem como eu o bom

soldado que é, meu bárbaro. Mas sei que isso é o que faz meu senhor Mago com os que se levantam contra ele. E depois de que essa coisa termine de te comer os miolos, não te importará muito o lugar onde te encontre.

Lobo do Sol se voltou a lhe olhar.

—O que é? —perguntou—. O que são essas coisas, essas chamadas? Cria-as ele?

O capitão de mercenários franziu o cenho como se pensasse as razões da pergunta e o que devia revelar em sua resposta. Logo, meneou a cabeça.

—Não sei. Há..., há uma escuridão na habitação ao fundo da cidadela, um frio. Saem de dita escuridão; geralmente uma ou duas, às vezes a bandos. Outras vezes há dias, semanas, sem nada. Ele não entra nessa habitação..., acredito que lhes teme tanto como qualquer. Não pode as dominar como aos nuuwas.

—Pode dominar a escuridão da que saem?

Águia Negra se deteve e as duas sobrancelhas escuras e curvas se aproximaram sob a borda do penacho do casco. Mas o único que disse foi:

—trocaste desde que cavalgamos juntos no leste.

Abriram-se as portas negras da cidadela interior. Sua sombra os tragou.

O horror do lugar, o terror fantasmal que permeava até o ar golpeou a Lobo do Sol como um murro no rosto logo que cruzou a soleira. Deteve-se como um cão que não quer atravessar a porta de uma habitação encantada com o fôlego travado nos pulmões; os homens o arrastaram da cadeia, mas ele observou que eles também tinham as frentes cobertas de suor. O medo enchia a massa sombria dos túneis e também a casa de guarda no nível mais desço da cidadela, como se tivesse esparso uma espécie de gás no ar; os homens que lhe rodeavam com espadas desembainhadas olhavam nervosos, ao seu redor, como se não estivessem seguros da direção de onde provinha o perigo. Até os olhos de Águia Negra se posavam inquietos de sombra em sombra, movendo-se só eles no rosto imóvel.

Mas mais que o medo, Lobo do Sol sentia o poder, frio, quase visível, como uma névoa iridescente. Parecia pendurar das mesmas paredes, como sim permeara o túnel, uma força maior que a do Altiokis mesmo, penetrante e tangível. Sentia que, se só tivesse sabido como, teria podido agarrá-la entre as mãos.

Subiram uma escada e passaram junto a uma porta com um guarda à frente que se fechou atrás deles. Lobo do Sol olhou a seu redor com uma surpresa súbita e total. Estava nos níveis superiores da torre, no coração da cidadela do Altiokis, o lugar em que vivia o mago mais capitalista do mundo.

Como se anunciasse um fato simples e direto, Lobo do Sol manifestou:

— Vi melhor gosto em alguns bordéis.

Águia Negra riu os dentes e os olhos brilhantes sobre o rosto redonda.

— Mas não materiais mais caros, diria eu — comentou e tocou com uma unha o ouro que decorava o lado interno das grandes leva—. Uma casa, como gosta de dizer a meu senhor Mago, feita para que um homem viva nela.

Os olhos de Lobo do Sol passaram lentamente das grinaldas enjoadas que adornavam os painéis de marfim no teto às colunas de porfírio rosado e malaquita verde polida entrelaçada com serpentes douradas e às estátuas pornográficas sem gosto algum, estátuas de ébano, alabastro e ágata de pé entre as colunas. Um banho de ouro cobria tudo como uma capa de manteiga; o ar estava carregado com o perfume do pachulí e as rosas.

— Um homem, talvez — disse, lentamente, dando-se conta de que era só um exagero grosseiro do tipo de opulência que lhe teria gostado a ele mesmo poucos meses atrás. Logo compreendeu o que lhe tinha escandalizado do lugar e de toda a fortaleza do Maio Rei—. Mas não o maior dos magos; não o único mago que fica na face da Terra, maldição. — Olhou a Águia Negra, perguntando-se por que o capitão não o compreendia—. Isto é obsceno.

O capitão riu.

— Ah, vamos, Lobo. — Fez um gesto para as estátuas em posturas vergonhosas—. Te está voltando suscetível em sua velhice. Viu coisas piores nos bordéis do Kwest Mralwe, nos mais caros, quero dizer.

— Não refiro a isso — disse Lobo. Olhou a seu ao redor de novo, os arcos dourados, as cortinas bordadas e as lâmpadas de bronze nas que refulgiam não chamadas, a não ser borbulhas brilhantes, redondas, de pura luz. Em sua mente comparava esse desdobramento gritão com a oficina sombria do Yirth, com seus livros usados e bem cuidados, seus instrumentos delicados de cobre e cristal e esse perfume seco e apagado de ervas medicinais—. É imortal, é poderoso; dominou uma magia pela que eu venderia minha alma. Pode ter tudo o que queira. E escolhe isto, este lixo.

Águia Negra levantou uma sobrancelha divertido ante Lobo e fez um gesto a seus homens. Eles atiraram da cadeia e fizeram soar as espadas. Levaram a Lobo através das largas habitações, brandamente iluminadas dos níveis superiores. Os pés soavam apenas sobre os tapetes de seda ou murmuravam sobre ladrilhos de jade esculpido.

—Lembrança que quase me cortou a garganta lutando por lixo muito parecido como este no saque do palácio do Thardin — lhe recordou o capitão a Lobo com um sorriso.

Lobo do Sol se lembrava. Não podia explicar que isso ocorreu antes do poço e a prova do anzid; não podia explicar nem fazer entender a Águia a monstruosidade que era Altiokis. Só disse:

—Como pôde obter este tipo de poder uma mente tão corriqueira?

Águia Negra riu.

—Ora! Insígnia o a qualquer uns quantos truques e isso é tudo o que terá que saber sobre magia e poder, não é certo?

Lobo do Sol não respondeu. Não podia dizer como sabia o que sabia, ou por que lhe parecia inconcebível que um homem cuja maior ambição parecia ser não mais alta que umas estátuas sujas e uns tapetes de seda, pudesse ter ganhado o poder de ser imortal, pudesse haver-se convertido no último, o mais poderoso dos magos da Terra. Nesse momento, entendeu a raiva do Yirth quando ele tinha rechaçado o poder com temor; sentiu-a refletida em sua própria fúria ante um homem que não só era desperdiçava seu próprio potencial, muito vasto por certo, mas também destruía o de todos os outros.

Abriram-se umas portas de jade branco e cristal. A habitação detrás dessas portas era negra: piso e paredes de mármore negro, pilares de mármore negro que sustentavam um teto abovedado e sombrio. Uma bola de luz pálida e azulada pendurava sobre a cabeça do homem que transbordava da grande cadeira de ébano esculpido entre as colunas ao final da habitação; a luz destacava os detalhes dos dragões e gárgulas esculpidos, da vida marinha e os brilhantes insetos que cobriam a cadeira, os pilares e a parede. A escuridão perfumada de incenso parecia cheia de magia; mas com uma curiosa claridade nos sentidos, Lobo do Sol viu que essa magia estava muito danificada, como o rosto grafite de uma prostituta à luz do dia. Talvez Altiokis tenha sido algo especial, mas como havia dito Águia, agora estava declinando. Tinha destruído o poder de todos outros e agora estava deixando podrir o seu.

Lobo lhe olhou quando se acomodou gordo e obscuro, em sua cadeira de ébano e por um momento sentiu não medo a não ser asco e fúria. Nem sequer o mal sem limites podia dar dignidade a esse homem. Os captores de Lobo do Sol o empurraram para frente, até que esteve sozinho frente ao Mago Rei, os ombros cansados pelo peso das cadeias.

Altiokis arrotou e se arranhou a pança cheia de jóias incrustadas.

—Assim —disse com uma voz pastosa pela bebida— criem que o palácio do Altiokis, o príncipe mais grandioso que o mundo conheceu, parece um bordel?

Os sentidos de mago do Altiokis se pulverizaram por todo o palácio; tinha ouvido cada palavra do que se havia dito. Águia parecia assustado, mas Lobo do Sol sabia como se fazia embora ele não pudesse fazê-lo ainda. Só olhou ao Mago Rei, tratando de entender o que a vida, o poder e o aborrecimento ilimitado tinham feito com esse homem, esse último e poderoso mago.

—Pobre bobo realmente creste que poderia escapar de mim tão facilmente? —perguntou Altiokis—. Tinha idéia do que empreendia quando aceitou a comissão desse tolo, tenha o nome que tenha o homem que te pagou? Um dos barões acredito. Não é que tenha importância, claro. Sei quem som meus inimigos. Reuniremo-los a todos em...

Os olhos azuis de Águia Negra se abriram, alarmados.

—Meu senhor, não sabemos...

—Te cale! —ladrou-lhe Altiokis, impaciente—. Covardes..., estou rodeado de covardes...

—Meu senhor — seguiu Águia Negra—, se prenderem sem provas haverá problemas com os barões...

—Mas se sempre há problemas com os barões — replicou o Mago Rei, zangado—. E sempre os houve, só necessitamos uma desculpa para esmagá-los. Que venham contra mim, se atreverem. Esmagarei-os... —Os olhos escuros, pequenos, brilharam com uma luz antinatural na penumbra—. Como vou esmagar a este escravo...

Levantou-se da cadeira com os olhos cravados nos do Lobo do Sol e este viu nele o que lhe tinha impressionado antes. Ficava muito pouco de humano nesse homem. O fogo interior o estava comendo; sua alma se podia literalmente,

como a mente dos nuuwas. Como eles, Altiokis existia quase somente para devorar.

Lobo do Sol retrocedeu um passo quando o Mago Rei levantou a vara com sua cabeça malvada, brilhante. A dois metros de distância, podia sentir já a dor terrível que irradiava como ondas de calor do metal. Altiokis a levantou e Lobo retrocedeu até que sentiu as pontas afiadas das espadas dos guardas nas costas.

—É estúpido? —murmurou o Mago Rei—. Ou só animal sem nervos? Ou não te dá conta do que poderia te acontecer aqui?

—Acredito-lhes — disse Lobo do Sol, sempre com um olho preocupado sobre a vara que se balançava ao meio metro de sua garganta. Sua voz era um rangido áspero, o único som nessa escuridão calada de perfume e suor—. Só que não acredito que haja nada que possa dizer para lhe impedir de fazer o que pensa.

Era uma forma elegante e amável de dizer que nunca discutia com um louco.

Um sorriso zombador contorsionou o rosto engordurada.

—Assim era sabedoria, depois de tudo — disse o mago—. Lástima que não a tenha exercitado antes. Vivi mais que você, já sabe. E estou versado na arte de arrancar a alma do corpo e dar à mente tempo para..., para a reflexão. Poderia te pôr os vermes do sangue, e dentro de um mês não seria mais que uma massa sem membros cheia de parasitas e me rogaria que te concedesse a graça da morte. Ou poderia te cegar e te deixar inválido com drogas e te encarregar o trabalho de levar a água do banho a meus mercenários..., né? Ou te empregar em uma habitação de pedra, com uma só taça de água e encher essa água de anzid e te deixar que escolhesse a morte lenta do veneno ou a morte mais lenta da sede.

Lobo do Sol brigou para conservar seu rosto impassível, sabendo muito bem que o gordo tinha o poder e a inclinação para realizar cada uma dessas coisas só pelo entretenimento de ver morrer. Mas, doente de horror como estava, duas coisas ficaram claras no fundo de sua mente.

A primeira era que Altiokis nunca tinha passado a Grande Prova. Estava claro que não tinha idéia de que o anzid fora nada mais que um veneno particularmente horrendo. E isso queria dizer que tinha derivado seu poder de outra fonte.

Isso explicaria muitas coisas, pensou Lobo; sua mente lutava por entender essa revelação. O poder que permeava o nível desço da torre e enchia as minas não provinha só da atenuada personalidade do Altiokis. Era algo mais, algo sujo e malvado, não como a bruxaria acadêmica do Yirth, nem como a magia selvagem que Lobo sentia mover-se em sua própria alma. O poder que enchia ao Mago Rei provinha só da escuridão da que tinha falada Águia, a escuridão que vivia na habitação mais interna da torre? Um poder que não possuía ambição, mas que Altiokis tinha tomado para satisfazer a sua?

A segunda coisa que agora sabia Lobo do Sol era que, como um menino cruel, Altiokis só lhe dizia isso para vê-lo rendido, não para conseguir informação. Sabia por própria experiência que é mais satisfatório olhar a uma vítima que grita. Não duvidava nem por um momento que os gritos chegassem, cedo ou tarde, mas que o mandassem ao inferno frio se lhe dava esse agrado ao Mago Rei agora.

O rosto do Altiokis trocou.

—Ou te poderia fazer algo pior — ladrou. Fez soar os dedos para que lhe ouvissem Águia Negra e seus homens—. Abaixo — ordenou—. Vêem comigo.

Os mercenários rodearam a Lobo do Sol, lhe arrastando de suas cadeias e lhe empurrando com as espadas. Abriu-se uma porta em parede, onde fazia um instante não havia porta; o fogo azulado que pendurava sobre a cabeça do Altiokis iluminou os degraus de uma escada que se curvava para a escuridão. Lobo retrocedeu aterrorizado de repente pelo poder, o mal que se elevava com um aroma nauseabundo do poço situado debaixo. A escuridão parecia repleta de um frio estranho, malévolos, como o dos demônios que tinha visto nos pântanos quando era menino: a sensação de estar vendo algo que tinha surto de inominável abismos de vazio, de um nada, a impressão de sentir algo que não pertencia à terra.

Alguém lhe apoiou uma folha de espada contra as costelas, lhe empurrando através da porta. Os soldados pareciam não dar-se conta do que havia debaixo; não podiam saber o que ele sabia e seguir dispostos a baixar por ali. Quase se deu a volta para lutar contra eles na soleira, mas Altiokis se inclinou para frente com a vara e usou a cabeça brilhante para empurrar a Lobo pelas escadas. Os homens lhe rodearam de novo e o frio fantasmal subiu para eles à medida que baixavam.

A descida foi muito mais curta do que esperava. A escada fez um círculo, logo se nivelou; o piso era rocha e sujeira. Deviam estar ao nível do chão, no que tinha sido a ponta da rocha, perto da borda do escarpado. Ao final da abóbada curta, sem luz, do corredor, havia uma pequena porta. A alma de Lobo retrocedeu, espantada, e nesse momento pensou: Fiz isto antes.

A habitação que ficava detrás era como a que Derroug Dru lhe tinha mostrado na prisão debaixo do Escritório de Registros no Mandrigyn. Era pequena e escura, mobiliada com uma grande cadeira cujos almofadões de veludo negro estavam adornados com orlas de linho de ouro. O brilho branco da luz mágica azeitava brandamente a parede de vidro frente à cadeira. A única diferença entre esta habitação e a do Mandrigyn era que havia uma porta junto à grande janela que olhava à escuridão.

Algo como um floco inquieto de luz se movia no negrume atrás do vidro.

Lobo do Sol intuiu durante todo o comprido caminho pela montanha que era isto o que lhe esperava. Em certo modo, soube desde que Derroug Dru lhe mostrasse pela primeira vez as abominações que Altiokis lhe tinha entregue, na cela debaixo do Escritório de Registros. O horror lhe atravessou como uma espada de gelo; horror e desespero e a consciência aterrorizada de que nesta habitação, não no homem gordo que ria do fundo da garganta a seu lado, estava o núcleo do poder maligno que permeaba a cidadela. Houvesse o que houvesse ali dentro, era a fonte, não só das criaturas que convertiam aos homens em nuuwas mas, também do poder que tinha permitido que Altiokis se transformasse na coisa torcida e abominável que era. Atrás do vidro, o brilhante floco de fogo ziguezagueava sem rumo no ar, deixando um rastro leve de luz na escuridão estigia. Estava-lhe esperando, esperando para lhe devorar o cérebro, para lhe converter em uma das coisas trituradoras de alimentos e lesmas cheias da vontade pervertida do Altiokis, como as pedras mortas da cidadela.

As espadas lhe empurraram pelas costas para a estreita porta. Todos seus sentidos pareciam haver-se concentrado e atordoado; o único som de que era consciente era o tamborilar frenético de seu próprio coração e a única sensação, o frio do suor que descia por seu rosto, peito e braços. O fio do aço lhe empurrava para frente. Sua visão se reduziu à vagabundagem do floco de fogo, à porta escura com suas três barras de ferro e às mãos dos homens que as tiravam.

Frio e maldade surgiram da abertura negra da porta. Com curiosa claridade, foto instantânea, Lobo viu as redondas paredes de pedra da choça

original do Altiokis, os matagais que jaziam mortos e enredados nos borde e o pó sujo, arranhado por dentro. Mas todo isso era periférico frente à consciência de poço negro no centro, um vórtice ilimitado, anômalo e horrendo de escuridão total que parecia abrir-se no ar do centro da habitação. Era um Buraco, um espaço de nada que levava a um universo além da compreensão da humanidade. Através dele fluía o poder que enchia a cidadela, os nuuwas e a carne corrompida e imortal e o cérebro podre do Altiokis.

Mas pior ainda que a consciência do poder era conhecer a mente da Entidade que vivia dentro do Buraco, da Coisa que estava apanhada ali; os pensamentos dessa Coisa lhe tocaram, capitalistas como água de gelo correndo sobre seu nu cérebro.

Não humana, não demoníaca..., os demônios eram deste mundo e bastante comuns e reconfortantes comparados com essa memore geada de fogo negro. Entretanto, isto estava vivo e se aproximava para introduzir-se nele.

Umas mãos lhe empurraram, sem encontrar resistência, para a soleira da pequena habitação. Sem dar-se conta de que falava em voz alta, disse:

— Está viva...

E no segundo último, no momento em que os guardas o empurravam para dentro, voltou a cabeça e encontrou os olhos assustados, dilatados, do Altiokis enquanto se dava conta logo de onde tinha visto a Coisa antes. Repetiu de novo:

— Ela lhe deu o poder.

O Mago Rei estava de pé, tremendo.

— Tirem o daí! Fechem a porta! — A voz estava quebrada, quase enlouquecida de pânico. Os guardas duvidaram sem saber se tinham ouvido bem. Águia Negra tomou a Lobo do Sol do braço e o atirou para trás enquanto fechava a porta com uma patada; Lobo do Sol tropeçou, como se tivessem solto uma cadeia que lhe mantinha de pé, e descobriu que se ficou sem forças. Aferrou-se dos ferrolhos da porta para sustentar-se.

Altiokis estava gritando:

— Tirem o daí! Tirem o daí! Vê-a! É mago! levem isso

— Ele? — perguntou Águia, sem pensar —. Ele não é nenhum mago, meu senhor...

Altiokis se adiantou, fazendo vibrar sua vara para tirar as mãos de Lobo do Sol da porta como se tivesse medo que Lobo a abrisse e se arrojasse dentro.

Sem fazer caso de seu capitão de mercenários, aferrou com as mãos gordinhas e enjoadas os farrapos sujos do que ficava da túnica de Lobo do Sol, o rosto branco de ódio e medo.

— Viu-a? — perguntou.

Seu fôlego cheirava a licor e a comida fastuosa.

Exausto, inclinado contra a parede de pedra para sustentar-se, Lobo do Sol murmurou:

— Sim, sim. Vejo-a agora, em seus olhos.

— Talvez queira chamar a outro mago — ofegou o gordo, com voz rouca, como se não lhe tivesse ouvido—. Talvez lhe dê o poder a outro, se tiver sorte como eu a tive.

— Eu não tocaria esse poder! — gritou Lobo, a idéia era mais asquerosa para ele que a do floco de fogo cavando com firmeza através de seu olho.

Outra vez, o Mago Rei pareceu não lhe ouvir.

— Talvez até poderia lhe dar a imortalidade. — Os olhos negros, sem vida, olharam a Lobo do Sol, desesperado por ciúmes e terror. Logo girou sobre seus pés e se dirigiu a seus guardas, gritando—: Tire o daqui! Joguem nos nuuwas! Fora daqui!

Como o puxão de um arame fino metido em sua carne, Lobo do Sol sentia o toque dessa Entidade negra no Buraco murmurando em seu cérebro.

Furioso, tratou de arrancar a de sua mente, mais assustado dela que de qualquer outra coisa que tivesse visto na cidadela do Altiokis ou fora dela. Brigou como um tigre enquanto lhe arrastavam e lhe levavam pelo grande labirinto de corredores para uma curta escada que baixava a uma porta larga e dobro. Altiokis caminhava detrás, gritando incoerências, amaldiçoando a Águia por lhe haver trazido esse perigo, insultando a seus próprios poderes de adivinho que não lhe tinham mostrado essa nova ameaça. Um dos guardas correu e espiou pela mira da porta, e a leve barra de luz amarela do sol do oeste destacou as cicatrizes de seu rosto enquanto olhava.

— Há poucos deles aqui agora, meu senhor — disse—. A maioria está nas covas.

— Abre as covas, então! — chiou o Mago Rei em um paroxismo de raiva—. E faz-o rápido antes que te jogue a ti também para que lhe faça companhia.

O homem saiu correndo; os passos soaram sobre as pedras da passagem. Lobo do Sol se retorceu contra as mãos que lhe sustentavam, mas eram muitos homens para poder enfrentá-los.

As portas que estavam ao final dos degraus se abriram e o sol lhe golpeou enquanto Águia Negra gritava uma ordem. Atiraram-no com força pelos degraus; o granito rugoso lhe rasgou e lhe golpeou a pele enquanto rodava.

O sujo aroma dos nuuwas lhe rodeou de repente. Enquanto ouvia como se fechavam as portas por detrás, os uivos agudos se elevaram a seus flancos. Viu que estava na larga sarjeta entre as paredes da cidadela interior e as da exterior. Desde vários pontos à sombra da grande parede, uma dúzia de nuuwas e duas ou três dessas bestas parecidas com bonitos, os ugies, aproximavam-se trotando para ele, as cabeças bamboleantes, as bocas abertas e lesmas listas para morder.

Lobo do Sol sabia já que não havia esperança. Não poderia escapar. As paredes da sarjeta eram muito inclinadas para poder subir. Só era questão de tempo: em algum momento o ultrapassariam, cortariam-no em pedaços e o comeriam vivo. Subiu à carreira os poucos degraus até onde a porta formava uma espécie de cavidade na parede calva para aproveitar o único lugar em que podia cobrir-se. Apoiou as costas contra a madeira maciça, unida com cobre, reuniu os dois metros de cadeia que uniam suas mãos atadas e atacou a primeira das coisas que jogou contra ele. O crânio arreventado derramou miolos e sangue. Lobo atacou de novo, golpeando; a cadeia gemeu pesada, sobre o ar fedorento e cheio de gritos. Algo para comprar tempo: minutos, segundos inclusive.

A cadeia, perto de quinze quilogramas de aço que girava, fez contato de novo: a criatura que golpeou caiu para seus companheiros. Lobo destruiu a outra enquanto outros lutavam uns com outros; logo, os monstros se voltaram para ele, cuspidos bocados de carne podre, e ele golpeou, fez girar a cadeia com desespero tratando de mantê-los longe de seu corpo, rezando para que seus antepassados fizessem algo, algo...

Pode controlá-los, murmurou essa língua negra de fogo em seu cérebro. Afasta-os. Faz que façam o que você deseja.

A cadeia voltou a fazer contato. Tinha os pulsos abertos quase até o osso pelo ferro, e o aroma do sangue estava começando a enlouquecer aos nuuwas. Ele sentia seu próprio cansaço, cada vez maior, minuto a minuto e sabia exatamente até quando duraria sua força. E todo esse tempo, a idéia da

Entidade que tinha visto essa inteligência negra no Buraco e nos olhos possuídos do Mago Rei lhe murmurava a promessa da vida que podia lhe dar.

O mundo se estreitou e agora continha só bocas sangrentas, caras sem olhos, mãos que rasgavam, dor e suor e o horrendo aroma do ar, gritos estremecedores e esse murmúrio terrível, desesperador, de incerteza em seu cérebro. Ouvia vagamente outros sons em alguma parte, na cidadela exterior, uma gritaria longínqua, como o fragor de uma batalha distante.

Uma explosão sacudiu o chão. Logo, outra, mais pesada, mais forte, mais próxima e lhe pareceu ouvir, através dos chiados das coisas sem mente que lhe rodeavam, os uivos triunfais dos homens e os gritos mais agudos, mais selvagens das mulheres.

Deu-se conta de que já não havia novos atacantes. Fez girar a cadeia rápida contra os que ficavam conscientes pela metade das coisas que passavam em outros locais da larga sarjeta, do fogo, de uma briga em alguma parte, sobre o passadiço talvez?

Uns dentes lhe rasgaram a perna, inclinou-se e rompeu o pescoço do ugie que se arrastou por debaixo do círculo da cadeia. Qualquer outra coisa que estivesse acontecendo era só uma distração, uma greta aberta em sua concentração que podia lhe custar a vida.

Houve outra explosão, esta vez muito perto, e teve que pôr toda sua vontade para não olhar. A cadeia esmagou o último crânio, o último nuuwa caiu, retorcendo-se e mordendo sua própria carne e ele ficou ofegando no corredor. Olhou para cima e viu que a ponte levadiça caía em meio das chamas.

A parte superior da parede exterior era um friso de homens que lutavam. Uma guarda final de soldados de armaduras negras estava caindo destroçada sobre o passadiço mesmo. O que parecia um exército de gnomos sujos e negros se derramava através da porta para o passadiço e pelas escadas para a grande sarjeta, brandindo picos, plainas e armas roubadas dos depósitos das minas. O sangue de suas feridas brilhava com força através do pó da rocha e seus gritos de triunfo e raiva faziam tremer o ar.

Logo ouviu uma voz aguda que gritava como só um guerreiro pode fazê-lo, uma voz mais capitalista que o rugido da batalha. Ele tivesse dado algo por voltar a ouvir essa voz.

—Te agache, estúpido!

Lobo se agachou justo no momento em que uma tocha se cravava na madeira da porta onde tinha estado sua cabeça. Viu como as forças dos mercenários de Águia Negra entravam do outro lado do passadiço para encontrar os mineiros que lutavam na sarjeta. Com um grande ruído de ferrolhos, as portas que ficavam detrás se abriram de novo e entraram reforços em uma maré mesclada de mercenários, regulares e nuuwas. Iniciou-se a batalha nos degraus talhados de corpos a seu redor.

De algum modo, Falcão das Estrelas estava ali, onde Lobo sempre tinha sabido que estaria brigando como um demônio a seu lado.

— Acredito te haver dito que te voltasse! — gritou-lhe ele por sobre o caos geral.

Sua cadeia esmagou o casco e o crânio de um mercenário.

— A merda com isso! — gritou ela por resposta —. Abandonei às tropas e te buscarei pelo tempo que me deseje muito! — inclinou-se para tirar uma espada dos dedos mortos que ainda a sustentavam e lançou pelo ar —. Isto te levará mais longe que essa cadeia rota.

— Uma arma troca, podre, de depósito geral — grunhiu provando o fio sobre o pescoço de um nuuwa que avançava — Se foste conseguir-me uma espada, pelo menos poderia ter eleito uma decente.

— Protestos, protestos, protestos. Tudo o que faz é protestar — lhe replicou ela e ele riu os dentes brilhantes e brancos através do matagal sujo de sua barba, contente só por estar com ela de novo.

Logo, ficaram calados, exceto pelos gritos sem palavras da batalha, fundidos com a multidão suja das forças que avançavam. Mas ele a sentia a seu lado, fria para a batalha, brilhante, cheia de fogo concentrado, e se perguntou como tinha podido pensar que era feia.

Os homens que lhe rodeavam agora eram fracos como Lobo, mas tinham os músculos de rocha do trabalho duro, as peles poeirentas raiadas pelas cicatrizes das chicotadas. Sabia que eram os maridos, os amantes ou os irmãos das gatas loucas e intrépidas que se passou o inverno treinando. Havia mais dos que ele esperava e a larga sarjeta se enchia rapidamente.

A porta que ficava no último degrau cuspiu tropas do Altiokis sem parar. A batalha era ensurdecadora. Uma saída momentânea levou aos mineiros para baixo pelos degraus escorregadios e sanguinolentos e Lobo ouviu a voz de uma mulher, a da Sheera, aguda em um grito penetrante de batalha.

Alguém chegou correndo por detrás e ele girou em redondo, a espada na mão, a cadeia pesada e rangente. Um homem poerento gritou:

—Lobo do Sol?

—Sim. —Sob a imundície, Lobo viu que o cabelo do homem era dourado como uma labareda, a marca da Real Casa Dela, e perguntou —; Vocês é Tarrin?

—Sim.

—Algun de seus homens tem a chave desta ditosa cadeia?

—Não, mas tenho uma tocha para cortar os elos. Depois lhes tiraremos as algemas.

—De acordo — disse Lobo.

Eo sobressaía sobre a confusão, uma cabeça mais alta que Tarrin, brandando uma tocha enorme. Tarrin pôs a cadeia sobre a borda dos elos de pedra; todos se encolheram quando a tocha baixou com um golpe.

—Vocês, garotas, fizeram-no bem? —perguntou Lobo, quando Eo separou a cadeia da outra mão.

A resposta dela se afundou no fragor renovado da luta. Os sons da briga se elevaram como um uivo sem vozes, elementar como uma tormenta. Pela porta apareciam mais homens, uma quantidade impossível; Lobo não pensou que pudesse haver tantos nessa fortaleza. Voltou a tomar a espada e se afundou de novo na luta sobre os degraus, seguindo ao Tarrin. Eo lhe seguia com sua tocha. A batalha os separou. Lobo do Sol pressionou para cima, brigando para a sombra das portas, onde a linha de defensores diminuía. Livre do peso da cadeia sentia que podia seguir lutando para sempre.

Golpeou e cortou até que a espada lhe travou em carne e ossos. Olhou para baixo para soltá-la e se congelou de horror ante a visão. A pele de seu braço estava branca de lepra.

Congelado de asco e desespero, não viu a espada inimizada que se elevava contra seu pescoço até que a folha de Falcão das Estrelas a deteve. Lhe gritou:

—É uma ilusão! Lobo! Basta! Não é real!

Ele a olhou, o rosto cinza pelo impacto. Ela também tinha deixado de brigar por um segundo, embora a batalha seguia a ambos os lados.

—É uma ilusão, merda! Crie que a lepra se contagia tão rápido? Assim foi como ganhou em Passo de Ferro. Já passamos por seis coisas como estas no caminho das minas.

O rosto dela também aparecia manchado com a enfermidade, como líquen sobre uma pedra. Mas ao piscar, enquanto a mente voltava a ficar em foco, Lobo se deu conta de que o que ela dizia era verdade. Como com os demônios, viu que se trocava levemente a percepção, podia ver a pele sã debaixo da ilusão sobreimpresa de podridão. O sangue e a raiva lhe golpearam e voltaram, furiosas, a suas veias. Os homens e mulheres que lutavam a seu redor não possuíam seu poder para além das ilusões ou o poder do Yirth para combatê-la, mas tinham visto as ilusões do Mago Rei antes. E agora estava muito zangado para preocupar-se com elas.

Insultou como um marinheiro e voltou para a refrega. Via os corredores através da porta, cheios de tropas do Altiokis; e, como se o descobrimento de que a lepra era uma ilusão tivesse tirado uma atadura de seus olhos, viu que as três quartas partes desses novos guerreiros também eram ilusão. Pela forma em que os atacavam, outros não distinguiam a diferença e ele sabia que estava brigando e vendo como um mago. Falcão das Estrelas a seu lado, golpeou uma figura insustancial enquanto um guerreiro real a atacava com uma alabarda. Lobo do Sol decapitou ao homem antes que o golpe aterrissasse e se perguntou quantos outros morreriam por uma fraude como esse.

Detrás dele, ouviu que um homem gritava de horror.

Deu-se a volta e olhou a escuridão da porta da cidadela. Havia algo ali, visível detrás das costas dos guerreiros que retrocediam, uma forma de horror luminoso, frieza que comia os ossos. Os homens do Altiokis se retiravam através das portas. Tarrin e seus mineiros não queriam segui-los, congelados pela chegada dessa névoa horrível e o que flutuava nela. Retrocederam para o sol da sarjeta e as portas começaram a fechar-se, como se o fizessem sozinhas.

Lobo do Sol, que nesse momento estava sozinho com Falcão das Estrelas junto às forças diminuídas, olhou a escuridão, procurando com a mente mais que com os olhos..., e não encontrou outra coisa que a forma do Altiokis, longe entre esses véus radiantes, as mãos tecendo a ilusão no ar.

—É uma ilusão, maldito seja! — gritou —. Não deixem que fechem a porta!

Lançou-se para frente e sentiu os passos de Falcão das Estrelas que lhe seguiam. A voz de lhe chegou um pouco mais atrás, chamando os outros e lhes ouviu entrar com ela. Logo, ouviu que a porta se fechava atrás dele.

A névoa luminosa se desvaneceu. Seus braços, quando os olhou enquanto fazia girar a espada contra os homens que lhe aproximavam, estavam limpos de novo. Ficavam alguns homens do Altiokis ao redor da porta; o resto estava lutando nos muros, e a esses poucos os despachou ou os afugentou com facilidade. Logo se lançou contra a forma do Mago Rei que retrocedia.

A escuridão que reina debaixo da cidadela parecia mais espessa que antes e nem sequer suas habilidades visuais podiam penetrá-la. Tirou uma tocha de seu candelabro e a fumaça formou um arroio a suas costas como uma bandeira. A risada lustrosa do Altiokis o tentava do buraco negro do arco em um corredor; Lobo do Sol sentiu que havia uma armadilha e avançou com cuidado; essa curiosa percepção que separava a realidade da ilusão lhe mostrou os limites fantasmas do poço com puas no chão, sob ilusão de pavimentação úmida. Passou junto ao poço deslizando-se para o passadiço estreito que tinha usado o Mago Rei, mas para então sua presa tinha desaparecido.

Estava perdido em um labirinto de habitações e corredores retorcidos, de portas que não davam a nenhuma parte, de armadilhas nas paredes e no chão. Uma vez, atacaram-lhe uns nuuwas em uma habitação que lhe tinha parecido vazia, uma habitação controlada por outra mente como os nuuwas na batalha. Atacou-lhes com a espada e o fogo, protegendo-se em um nicho na parede enquanto partia cérebros e queimava cabelos sujos e carne podre, sentiu de novo o murmúrio fantasmal no fundo de consciência.

Você também pode controlá-los. Só tem que dar uma parte de sua mente a esse fogo negro e frio, e pode controlá-los..., a eles e também a outras coisas.

Se recusar, o que vais oferecer lhe a essa mulher que desejas exceto um vagabundo cansado e pobre? Realmente crie que Ari vai devolver te tropas?

Ele recordou o brilho sem vista que queimava os restos do cérebro cansado do Altiokis e brigou com amargura, como um humano exausto, cheio de sangue. Matou a dois dos nuuwas e o resto retrocedeu pelos corredores de pedra fugindo de sua tocha, encontrando o caminho pelas paredes como morcegos.

Altiokis, pensou Lobo, deve haver ficado sem nuuwas e quer conservar a estes dois.

Seguiu adiante com amargura.

Distinguiu uma armadilha de algum tipo em uma habitação do guarda. Seu sentido hipersensível de direção lhe ofereceu um caminho para rodeá-la enquanto procurava a fonte do fôlego esgotado do gordo. Então viu o Altiokis, que fugia por um corredor escuro. A luz da tocha saltava louca sobre as pedras ásperas das paredes ao ritmo da carreira de Lobo. Brilhava sobre o sangue que cobria seus braços e sobre o fulgor longínquo das jóias no gibão do Mago Rei. Lobo ouvia o ofego do Altiokis e os passos torpes, os tropeções. Mais adiante, viu uma porta estreita com ferrolhos e juntas de aço. Uma escuridão, uma última ilusão, confundiu sua vista, mas ouviu que a porta se abria e fechava.

Jogou-se contra a porta, abriu-a e a atravessou com a tocha levantada. No momento em que a transpassava, deu-se conta de que a parede em que estava situada era a daquela pequena câmara sem janelas, a parede de pedra áspera da choça original que Altiokis tinha construído em uma noite.

E se deu conta de que Altiokis nunca tinha passado por essa porta.

A madeira se fechou com força atrás dele e ouviu que Altiokis passava os ferrolhos. deu-se a volta, ofegando, com os pulmões paralisados de terror. Negro e vazio, abria-se frente a ele o buraco da escuridão; absorvia e afogava a luz das chamas. Do outro lado do Buraco, podia ver a janela da habitação de observação e a porta estreita a seu lado, a porta que, conforme recordava, Altiokis não tinha fechado quando ordenou que tirassem lobo do Sol da habitação.

Mas todo o largo da habitação jazia entre essa porta e Lobo. As profundidades horríveis, malvadas e ululantes dessa negrume silenciosa. A espada caiu de seus dedos frouxos ante a idéia de ter que acontecer; via a luz da tocha que tiritava sobre as sombrias paredes com o tremor de sua mão. ficou de pé, paralisado, consciente da Entidade que teria que atravessar e da inteligência sem mente de fogo e fria apanhada centenas de anos entre leste universo e as profundidades infinitas inomináveis de injustiça que a Coisa chamava lar.

Algo brilhante tremeu em uma esquina de sua visão, como uma faísca flutuando no ar. Muito tarde recordou o outro perigo, o horror que nem sequer a Entidade que queria entrar em sua mente podia impedir. Enquanto escondia o rosto, o fogo estalou em seu olho esquerdo, uma labareda penetrante que lhe aturdiu, seguida pela quebra de onda horrível da dor. Desde seu olho, parecia distribuir-se por todos os músculos de seu corpo. Ouviu-se gritar e sentiu que

seus joelhos se dobravam na agonia. Com a claridade chapeada e curiosa dos restos de seu pensamento racional, soube exatamente quantos segundos de consciência ficavam e a única coisa que podia fazer.

Capítulo 21



A porta da habitação de observação com seu ventanal escuro se abriu com cuidado. Altiokis, Mago Rei do império maior desde que os reis do Gwenth se retiraram furiosos a seus respectivos monastérios, espiou cautelosamente pela porta entreaberta.

O grande mercenário jazia de barriga para baixo no chão uns metros mais à frente. Certamente tinha atravessado a porta de algum modo em sua última agonia, pensou Altiokis. Um olhar lhe disse que o ferrolho da porta não estava jogado. Um hilillo de sangue corria debaixo de sua cabeça.

Altiokis se relaxou e sorriu, aliviado. Seu pânico tinha sido absurdo. A bebida me está voltando tolo, pensou com um suspiro de auto-indulgências. Realmente deveria beber menos. Sempre tinha suspeitado que a Entidade do Buraco não possuía controle real sobre os gaums, e por essa razão nunca se aproximava desprotegido. Mas sempre existia o risco de que outro mago soubesse o segredo para destruí-los, sim é que existia tal secreto.

Franziu o cenho. Havia tantas coisas que seu velho professor não lhe havia dito; já não recordava o nome desse velho caduco. E tanto do que lhe havia dito não tinha sentido...

Entrou na pequena habitação com dois nuuwas olisqueando em seus calcanhares. Em realidade, só por um golpe de sorte não se converteu em nuuwa, pensou, olhando esse corpo grande, leonino a seus pés. Fazia tantos anos... Quantos? Parecia haver tantos períodos de tempo que não era capaz de recordá-lo bem. Foi só por acaso que os homens com o que saiu essa noite..., os homens do velho barão, estúpido bastardo!, terminaram com os olhos queimados e a mente destruída enquanto ele se escondia entre os arbustos e olhava. Claro que tinha ouvido falar dos Buracos, mas nunca tinha pensado que veria um. E nunca se deu conta de que Algo vivia neles.

Deixando de lado aos gaums, claro.

Esta era outra coisa que o velho..., o velho..., qualquer fora seu nome, não se tinha incomodado em lhe dizer.

Altiokis se inclinou. Um mago! depois de todos esses anos, já não esperava que alguém lhe opor. Mas claro, havia alguns que não tinha encontrado e talvez tinham tido discípulos. Essa era a grande vantagem que lhe encontrava à imortalidade, como a Entidade do Buraco lhe tinha prometido.

Bom, não prometido exatamente. Não recordava bem. De todos os modos, tinha triunfado outra vez e riu encantado ao pensá-lo enquanto se inclinava para examinar a seu último recruta das filas dos sinmente.

Uma mão se fechou ao redor de seu pescoço como uma imprensa de ferro. Com olhos que lhe saíam das órbitas, Altiokis descobriu que estava olhando um rosto que quase não era humano; uma concha estava vazia e queimada com fogo, mas o outro olho estava vivo, cordato e cheio de uma dor lívido e uma raiva de guerreiro indomável.

O mago gordo deixou escapar um chiado afogado de terror. Logo Lobo do Sol descobriu que tinha entre as mãos não a um homem a não ser a um leopardo.

Umas garras lhe rasgaram as costas. Suas mãos se afundaram através da carne suave e solta do pescoço com uma raia branca. Apesar da mudança de forma, Altiokis era um animal gordo, velho. Lobo rodou sobre seus pés, arrastando a essa coisa que se retorcia e grunhia para a porta estreita da habitação onde esperava o Buraco. De flanco, seu único olho captou o movimento brilhante de mais flocos de fogo atrás do vidro e o fulgor amarelo, fumegante, da tocha onde tinha ficado queimando-se no chão de pedra. O leopardo também deveu dar-se conta porque sua luta se redobrou e logo trocou de repente e Lobo do Sol se encontrou com dois metros de cobra entre as mãos.

Só foi um momento. A cauda lhe pegou nas pernas, mas a cabeça venenosa estava prisioneira e indefesa entre suas mãos endurecidas.

O seguinte foi horrível, algo que nunca tinha visto antes, inchado e quitinoso, com garras nas pernas e tentáculos que lhe golpeavam como látigos. Lobo abriu a porta.

Os nuuwas se moveram, inquietos, mas sem poder avançar, devido às forças que se atravessavam na habitação. Lobo sentia como a mente do Altiokis os chamava, e ele os bloqueava com a sua. Com a porta aberta, o murmúrio em seus pensamentos era insuportável. Além das bocas retorcidas e as antenas trementes da horrível cabeça que sustentava entre as mãos, distinguia o movimento na escuridão, rodeado das bolinhas de fogo devoradoras e sem mente. A coisa em suas mãos se retorceu e golpeou, e o sangue correu fresca dos ombros rasgados de Lobo e a concha arruinada de seu olho. O monstro era horripelantemente forte; ele sentia que o músculo e a resistência de seu braço se quebravam sob o peso, mas não afrouxou seu abraço estrangulador.

Enquanto brigavam sobre a soleira da habitação do Mal, Altiokis se converteu de novo em um homem gordo, louco e suarento de medo. Lobo do Sol o arrojou dentro e fechou a porta com todas suas forças. A porta se curvou com o peso que empurrava de dentro. Lobo ficou ali, pendurado dos ferrolhos, como tinha feito antes, sentindo como se moviam e dançavam sob suas mãos com a resistência do Altiokis para abri-los. Os dois nuuwas tremeram de pés a cabeça e ele arrojou as barreiras de sua mente contra eles para que não entendessem, enquanto se perguntava se valeria a pena, só por esta vez, ceder ao tironeo que havia em sua mente e lhes ordenar que se fossem.

Logo, começaram os gritos. A luta para abrir os ferrolhos se deteve; Lobo ouviu como Altiokis corria tropeçando pela habitação, uivando em agonia, golpeando as paredes e caindo. inclinou-se contra a porta, doente por esse som, recordando esses segundos intermináveis e contando-os agora também.

Tinha lutado em suficientes briga sujas para saber como arrancar um olho. Duvidava de que Altiokis tivesse o conhecimento e a decisão para fazê-lo ou a determinação necessária para aplicar fogo na concha que sangra. Este ato brutal o tinha salvado, mas estava seguro de que nunca poderia apagar de sua mente os segundos compridos que lhe tinham levado a reunir a coragem suficiente para fazê-lo.

Soube pelos gritos e a mudança no comportamento dos nuuwas que o que ficava da mente do Altiokis se foi. Voltou a atenção dos nuuwas para as paredes do outro lado e caminhou invisível entre eles para sair à cidadela.

As chamas negras falavam em sua mente.

Ouviu a confusão e os gritos que lhe chegavam de todos os rincões e se deu conta de que os nuuwas, já inverificado, transformaram-se no que eram fora dos domínios do Altiokis: atacavam sem razão e sem sentido, devorando às tropas com as que tinham combatido. Lançou-se para frente pelos corredores para encontrar o caminho de volta para a entrada à sarjeta por onde tinha vindo.

Os ferrolhos das portas estavam corridos. Lobo ouvia o ruído do aríete contra elas e vagamente a voz brilhante do Tarrin. Mas os defensores, amontoados em um rincão, brigavam contra o pequeno enxame de nuuwas que lhes tinha atacado de repente e não puderam lhe impedir que corresse as barras.

Dois dos nuuwas deixaram o grupo principal e se aproximaram dele, grunhindo e lutando, quando a primeira luz do dia entrou por uma greta através das portas. Ele começou a lhes ordenar que se apartassem e logo se deteve. Sua mente parecia estar nadando na escuridão: como líquido cheio de murmúrios, seus pensamentos lutavam contra pressões estranhas, insistentes.

Os homens passaram pela porta a seu lado. Lobo descobriu que se estava aferrando aos postes da porta para sustentar-se. Logo umas mãos tomaram os braços. Uma voz chamou de novo a sua própria mente.

—Chefe! O que te passou em nome da Mãe?

Ele se aferrou aos ombros de Falcão das Estrelas, tomando-a como se ela fora a última faísca de prudência no mar no que se afundava.

—Essa Coisa..., essa Coisas na habitação...

—O Buraco?

Seu único olho a enfocou. Notou ao passar, automaticamente, que sua percepção da profundidade se desvaneceu e que deveria voltar a treinar-se para compensá-lo. A luz oblíqua das últimas horas da tarde que passava pelas portas lhe mostrou o rosto ensangüentado, amargo e nada surpreendido de Falcão das Estrelas. Os olhos cinzas estavam limpos e lhe olhavam. Embora não havia reação em seu rosto, ele se deu conta de que olhá-lo devia ser todo um espetáculo. Pode-se confiar em Falcão, pensou, para não fazer perguntas estúpidas até que haja tempo para as responder.

—Como soube?

—O mago Anyog me disse — repôs isso ela. Ele se deu conta de que não a tinha visto em quatro meses; e só parecia ontem—. Onde está?

—Lá atrás. Não te aproxime. Não entre na habitação...

As mãos de Lobo deixavam manchas de sangue e pó sobre os ombros dela. Ela meneou a cabeça.

—Fica espaço ao redor para pôr pólvora das minas? Trouxemos algo para voar a porta.

—Pólvora? —A força de sua mente se fazia mais poderosa. Não estava seguro de ter ouvido.

—Para voar as paredes — explicou ela—. A luz do dia a destruirá. —Põe uma mão sobre o rosto, úmida pela sujeira da batalha, suave como a de uma amante—. Lobo, está bem?

Não lhe perguntava pelo olho nem pelas marcas de garras e os cortes de espada que cobriam seu corpo como se se derrubou em vidro quebrado. Conhecia a força física de Lobo. Seu medo por ele era mais profundo.

—A luz do dia — disse ele com voz confusa—. Então..., a choça se construiu de noite.

—Sim, sei — disse ela.

Ele não se incomodou em lhe perguntar onde o tinha averiguado. Uma escuridão estranha parecia ir abrindo-se caminho por seus pensamentos e sacudiu a cabeça para esclarecê-la.

— As forças do Altiokis ainda controlam essa parte da cidadela — disse—. Terá que brigar para chegar.

— A habitação tem guardas?

Ele negou com a cabeça.

— Então o faremos. Podemos deixar uma mecha larga...

Outros tinham chegado até eles. A batalha rugia pelos corredores. A voz da Sheera ofegou:

— Chefe! Seu olho!

A mão de Olhos Âmbar sobre seu braço foi maternal de repente, apesar de que tinha os braços cheios de sangue até os ombros. Uma mão com a força de uma imprensa, a da Denga, Rei, fechou-se sobre seu cotovelo, lhe oferecendo apóio.

Falcão das Estrelas lhes resumiu rapidamente o que deviam fazer. As mulheres assentiram: evidentemente existia grande amizade entre elas e Falcão. Lobo do Sol se perguntou de repente como ocupava Falcão das Estrelas o primeiro lugar e logo descartou o pensamento porque era irrelevante. Era verdade que em meio da crise da batalha as coincidências mais impressionantes eram coisa de todos os dias.

— Não podemos fazer uma mecha larga — disse Olhos Âmbar—. Teria que ser tão larga como para que pudéssemos deixar a cidadela. E nesse tempo, alguém poderia encontrá-la.

— Tem razão — disse Falcão.

— Não podemos esperar até que termine a batalha? — perguntou Sheera—. Ao anoitecer o lugar será nosso. As forças do Altiokis estão apanhadas na parte superior da torre, uma vez que se livrem de seus próprios nuuwas... Então poderíamos...

— Não — disse Lobo do Sol, com a voz muito rouca. A Coisa, a voz, o que fora podia senti-la rasgando os borde de mente, fazendo-se cada vez mais forte à medida que o esgotamento pedia seu preço ao corpo. A saída do sol ao dia seguinte lhe parecia horrivelmente longe—. Tem que ser antes que ponha o sol hoje.

Olhos Âmbar e Denga Rei lhe olharam, muito preocupadas, Falcão das Estrelas assentiu.

—Tem razão — disse—. Se houver uma coisa viva, algum tipo de inteligência no Buraco, não podemos lhe dar a noite para seguir trabalhando.

—Só temos uma hora e meia antes do pôr-do-sol —observou Denga Rei, com dúvidas.

—Assim devemos trabalhar com rapidez. Podemos pôr pólvora ao redor. Por sorte Tarrin a trouxe das minas para voar a porta. Tivesse-nos levado uma eternidade trazê-la.

—Yirth poderia acendê-lo de longe — apontou Olhos Âmbar de repente—. Lhe vi acender tochas e velas só as tocando. Se pudéssemos levá-la ali, poderia acender a pólvora...

—Que venha — ordenou Sheera.

A dois amantes se desvaneceram em direções opostas. Lobo se reclinou sobre a parede a suas costas, fraco de repente; sentia que sua mente desvairava. O rugido da batalha pareceu diminuir até converter-se em um murmúrio irreal.

—Chefe!

Piscou frente à cara preocupada de Falcão das Estrelas. De alguma forma, Olhos Âmbar e Denga Rei havia tornado e Yirth estava com elas, de pé com a Sheera, todas a seu redor como no navio. Por um momento pensou que se deprimiu, mas descobriu que ainda estava de pé, inclinado contra o arco de pedra da porta; a larga fossa com seu tapete de mortos pisoteados se estendia por volta dos dois lados.

Moveu a cabeça com a sensação de ter perdido tempo.

—O que aconteceu?

—Não sei — disse Falcão das Estrelas. À luz pálida que saía da porta, seu rosto marcado, de ossos finos, parecia tão calmo e frio como sempre, mas ele ouvia o medo em sua voz—. Lhe... foi. Falei-te mas era como se estivesse escutando outra coisa.

—Isso fazia — disse ele com amargura, compreendendo de repente—. Yirth, pode acender algo a distancia sem ter visto o lugar antes?

As sobrancelhas escuras da maga se afundaram em um gesto de surpresa. Ela sozinha entre todas, embora usava um gibão de homem e calças por conveniência, estava livre das marcas físicas da luta. Mas debaixo da coroa de seu cabelo recolhido e tirante, seu rosto dura aparecia tensa de fadiga e a raia feia de sua marca de nascimento parecia quase negra em contraste com sua

palidez. Parecia mais velha, pensou Lobo, mais velha do que era antes de levar às mulheres através das armadilhas para a cidadela. Todas suas feridas deviam estar sobre a superfície de sua mente.

—Não posso acender nada a distância — disse—. Devo vê-lo para trazer o fogo.

As demais a olharam, impressionadas por essa limitação; Lobo estava intrigado.

—Não pode acender fogo em um lugar que conhecem na mente? — perguntou—. Não podem formá-lo em sua mente?

Embora nunca o tinha levado a cabo, o ato de acender o fogo lhe parecia tão fácil como fazer girar as mentes dos que o buscavam ou trocar a forma em que via as coisas para destroçar as ilusões de outro mago.

Ela meneou a cabeça; claramente não entendia o que ele queria dizer.

—Você talvez possam — disse—. Mas está além de meus poderes.

Assim foi Lobo do Sol, depois de tudo, que teve que levar a pequena divisão através dos corredores retorcidos para o Buraco, uma vez mais. Yirth os seguia embora lhe advertisse que não entrasse na habitação de observação do Buraco; dois ou três dos mineiros liberados ajudavam a levar as bolsas de pólvora. Para os ouvidos de Lobo do Sol, a luta estava longe, na parte alta da torre e, pelo som, estava-se convertendo no habitual assunto amargo e desagradável de terminar com tudo, a luta em pequenos rincões problemáticos aqui e lá, os últimos retalhos sangrentos da batalha.

Muito mais próxima e real em sua mente era a escuridão lhe zumbia e comia os extremos de sua consciência, insistente como um pequeno ruído rítmico, quase insuportável. Apoiou a mão sobre o ombro de Falcão das Estrelas para sustentar-se e viu quase sem interesse, que lhe tremiam os dedos. Era consciente, uma forma média desinteressada e longínqua, de que o sol se deslizava para baixo pelas paredes exteriores da cidadela, trocando de cor à medida que se aproximava do horizonte quebrado; mas quando mencionou ao Yirth essa consciência das coisas que não podia ver em realidade, ela meneou a cabeça e lhe olhou com uma expressão estranha nos olhos cor jade. A Entidade que murmurava em sua mente era mais real para ele que seu próprio corpo, mais que as paredes de pedra com as que tropeçavam mecanicamente mais real que qualquer outra coisa exceto os ossos agudos do ombro debaixo de sua mão

e a seda fria e pálida do cabelo que lhe tocava os dedos quando Falcão das Estrelas voltava a cabeça.

Através da janela da habitação de observação, viram que Altiokis ainda se movia. Rodava, caía, grotesco; às vezes ficava de pé, cambaleante, ou mordida o vidro da janela. As jóias de sua roupa se engancharam nas paredes rugosas e o rasgavam quando se movia; a carne fofa e branca brilhava através das feridas. Um olho tinha desaparecido e o outro se estava carcomendo por dentro; seu rosto começava a trocar, como trocavam as caras dos nuuwas. Sheera fez um som de náusea com a garganta e desviou o olhar.

Lobo do Sol quase não via. Ficou junto à porta enquanto punham as bolsas de pólvora na habitação e no vestíbulo, um pouco mais à frente, onde esperava Yirth. Havia suficiente pólvora para voar toda a parede oeste da cidadela. Seu olhar atravessou a janela e a escuridão, para uma escuridão mais profunda, onde podia ver mover-se à Coisa.

A sensação lhe zumbia, como se lhe arranhassem na mente se voltava quase insuportável. A Coisa lhe conhecia. Fios dela permeavam cada fibra de sua consciência; teve uma visão momentânea, perturbada de si mesmo, visível nas sombras através do vidro largo, negro, seu corpo médio nu, machucado e sujo, suas pulsos ainda carregadas com o peso dos braceletes de ferro enquanto o sangue da pele rasgada escorregava lentamente entre seus dedos; seu olho esquerdo era um poço queimado e sujo em um rosto branco de horror e tensão. As outras pessoas de sua visão eram meras marionetes, grotescas, de movimentos mecânicos e súbitos, irreais. Tropeçavam em suas tarefas sem sentido. A Entidade, fosse o que fosse não podia as ver como eles não a viam ela. Só eram formas adivinhadas pela metade, mais macacos que seres humanos.

Viu como uma das formas se aproximava dele torpemente e estendia uma mão aguda, insidiosa para tocá-lo.

Fechou os olhos e a visão se dissolveu. Quando os abriu de novo, Falcão das Estrelas lhe olhava à cara, preocupada.

—Chefe?

Ele assentiu.

—Estou bem.

Sua voz soava como o roce leve de uma unha sobre metal. Olhou a seu redor, para fixar a habitação em sua mente, as paredes de pedra, as sombras, o algodão cinzento das bolsas que as chamas lamberiam quando ele as chamasse,

e a cadeira de ébano esculpido, corrida sem cerimônias a um rincão. Falcão das Estrelas e Denga Rei o sustentaram entre as duas para tirar o da habitação.

—Estão seguros de que isto vai funcionar? —perguntou Sheera, nervosa.

—Não — respondeu Lobo.

—Poderia Yirth...?

—Não — disse Falcão das Estrelas—. Já têm muitos problemas para deixar que essa coisa ponha suas garras em outro mago.

Dobram uma curva e seguiram uma passagem estreita para a porta. Com a suavidade com que se fecha um portinha o caminho esteve de repente cheio de homens armados com cotas de malha negras. Águia Negra estava de pé à cabeça.

—Pensei —disse, sorrindo— que talvez voltaríamos a te encontrar vagando por aqui. E Falcão das Estrelas também... Trouxe seus homens depois de tudo. —O rosto redondo de Águia estava sujo de sangue e pó à luz da tocha; os penachos de seu casco giravam como pétalas quebradas e gastas pela batalha, com os extremos azuis manchados e úmidos em algumas partes, mas seu sorriso era brilhante apesar de tudo.

—Saíamos daqui — disse Lobo do Sol e a voz lhe tremia—. Não é tempo de brigar.

—Não? —Uma sobancelha negra se elevou—. Os nuuwas se tornaram loucos conforme parece, mas nós deveríamos poder tirar os dos muros sem problemas. Altiokis se sentirá feliz de ouvir...

—Altiokis está morto — murmurou Lobo, brigando por manter seus pensamentos claros, por não perdê-los, porque as palavras fossem as que queria dizer e não essas que se empurravam, sem trava, desconhecidas em sua garganta. A voz áspera lhe tinha feito lenta e gaguejava, procurando as palavras com cuidado—... Seu poder está quebrado para sempre..., não há necessidade de brigar..., só nos deixe sair...

O capitão mercenário sorriu lentamente; um de seus homens riu. Sheera fez um movimento para tirar sua espada, e Falcão das Estrelas a tirou do pulso, sabendo que isso não ajudaria.

—Um conto bastante convincente — disse Águia Negra—. Mas considerando que tenho aqui a dama de meu senhor Tarrin, um general nada comum, me deixem dizer, senhora, por não mencionar à maga que levou aos

mineiros através das armadilhas para a cidadela, se meu senhor estiver morto, coisa que ainda não acredito, o poder que deixou segue aqui para quem quer tomá-lo. Podemos...

—Se chegar a tocar o poder que tinha, queimará-te o cérebro como a chama de uma vela — disse Lobo com aspereza—. Vê o corredor e atravessa a porta. Olhe por esse asqueroso vidro dele..., e fixa lhe bem. Logo volta e falaremos do poder. —A voz lhe tremia com a tensão e a raiva; a mente cega pelo esforço de manter-se inteira em luta contra as raízes negras, desgarrantes, murmuradoras que tratavam de dividi-la—. Agora deixa sair a menos que queira que essa Coisa daí arraigue em meu cérebro como fez no seu!

Águia Negra permaneceu um momento com a vista fixa no rosto de Lobo do Sol, no olho amarelo, violado, médio louco que lhe olhava de uma massa de cortes com crostas, sujeira e cabelos sujos. O rosto do capitão, sob a sujeira e o sangue da batalha estava em calma, um vazio sem leituras. Logo, sem uma palavra, Águia Negra fez um gesto a seus homens para que deixassem passar a Lobo do Sol e às mulheres. Voltou-se e caminhou pelo corredor para a habitação de observação do Altiokis.

Lobo do Sol não teve consciência de ter acontecido a porta da cidadela interior nem cruzado o passadiço elevado sobre a fossa, coberta com os corpos dos mortos. Os homens que Águia Negra tinha enviado a acompanhá-los-se detiveram o final do passadiço e Lobo se deixou ir sob as sombras das portas coroadas de torres, com as costas contra a pedra crua, queimada pela pólvora. Olhou para trás e viu as torres da cidadela interior, cheias de homens e nuuwas que brigavam nos corredores ou saqueavam os vestíbulos banhados em ouro. Os gritos lhe chegavam como um fragor vasto, caótico, longínquo e o ar trememente cheiravam à fumaça dos incêndios. A luz do sol do entardecer formava grandes nuvens horripilantes de fumaça que saíam brancas e negras, das janelas da torre. O calor dançava sobre as paredes e de vez em quando um homem ou um nuuwa chegava correndo em chamas desde alguma habitação interior, para cair uivando sobre o parapeito, brilhante como um tição contra o sol poente. Por volta do mar distante, farrapos rasgados de nuvens cobriam o céu. Seria uma noite de tormenta.

O vento alcançou o rosto de Lobo: o fôlego das montanhas, corrompido pelos aromas da batalha. Tudo lhe parecia remoto, como um pouco visto através de uma capa grossa de vidro negro. Perguntou-se ao passar se assim teria visto Altiokis as coisas: irreais, quase sem sentido. Com razão tinha procurado as

sensações mais grosseiras, mais imediatas: era o único que ainda podia sentir. Ou suas percepções trocaram quando se rendeu à Coisa?

A escuridão se fechava sobre ele. Estirou-se, cego, sem saber exatamente o que procurava, e uma mão ossuda, larga, tocou a sua. A pressão dos dedos fortes de Falcão das Estrelas lhe ajudou a esclarecer a mente. O olho que ficava encontrou com o dela; seu rosto de guerreira parecia calma sob a máscara de imundície e feridas; a luz do sol era enxofre sobre seu cabelo incolor. Contra a sujeira, seus olhos tampouco tinham cor: eram claros como a água.

Detrás dela, ao seu redor, as mulheres estavam de pé como um corpo de guarda, seu sangue e a de seus inimigos vívida sobre os membros contra o pó de rocha da minas. Deu-se conta de que Yirth o olhava: os braços cruzados, os olhos cor mar fixos em seu rosto; perguntou-se se ela o mataria quando sua mente de mago se rendesse para afundar-se na negrume.

Esperava que o fizesse. Sua mão se aferrou a de Falcão das Estrelas.

Houve uma luta breve ao final do passadiço. Uma espada brilhou no ar fedorento: um dos soldados com o uniforme das tropas privadas do Altiokis caiu à sarjeta.

Águia Negra voltou caminhando a grandes pernadas, com a espada desenvainada enquanto se abria caminho através das cordas e postes que supriam a ponte levadiça. Sob os restos destruídos dos penachos de seu casco, tinha o rosto esverdeado e cinza na boca, como se acabasse de vomitar até as vísceras. A luz do sol que morria acendia a ponta de seu casco como uma lança.

Quando se aproximou, perguntou:

—Como pensa destruí-lo?

—Acendendo a pólvora — disse Sheera—. Tarrin e os homens estão longe do lugar agora.

—Há nuuwas pelos corredores — informou Águia, lhe falando como lhe falaria com outro capitão. E assim se via ela, pensou Lobo do Sol, com suas tranças médio desfeitas e o couro negro nos peitos, toda sua perigosa beleza salpicada de sangue—. Por Deus e a mãe de Deus, nunca vi um inferno semelhante! Nunca poderão voltar para lhe pôr uma mecha a isso. E se o fizessem...

—Lobo pode acendê-lo — disse Falcão das Estrelas em voz baixa—. Daqui...

Águia baixou a vista com curiosidade para a figura dobrada entre as mulheres contra a parede. Seus olhos azuis se estreitaram.

— Sua senhoria o gordo tinha razão então — disse.

Lobo do Sol assentiu. O fogo e o frio lhe estavam consumindo a carne; as vozes lhe chamavam como ecos, agudas e longínquas. A sombra da torre já cobria a fossa e lhe tocava como um dedo da próxima escuridão noturna.

Com estupidez, como em um pesadelo de bêbado, Lobo começou a reunir a imagem da habitação de observação em sua mente.

Não a via com clareza..., havia nuuwas ali, nuuwas que caminhavam sobre todas as coisas, tropeçando contra as paredes, gritando contra seu irmão, o ser sem mente que lhes tinha criado e lhes grunhia e mordia através do vidro. Lobo formou as sombras em sua mente, as formas das bolsas de pólvora, as linhas duras da cadeira rota...

As imagens lhe apagaram.

Aguda, de repente, viu-a do outro lado da janela.

Empurrou essa imagem para fora com violência quase física. Lhe colocou de novo na mente, como uma arma que lhe tivessem posto entre as mãos. Mas sabia que se tomava essa arma, nunca conseguiria acender a chama.

As duas imagens morreram. Tirou o chapéu acurrucado, tremente e gotejando de suor, na sombra azul da torre, o vento frio lambendo sua carne congelada. Murmurou:

— Não posso.

Falcão das Estrelas lhe sustentava a mão. Tremendo como de febre, ele levantou a cabeça e olhou o sol poente que parecia estar agora justo por cima do horizonte das montanhas, olhando-o com um olho ameaçador. Tratou de reunir a imagem da habitação e viu como lhe desfazia entre as mãos viajando para a escuridão. Meneou a cabeça.

— Não posso.

— De acordo — disse Falcão com calma —. Há tempo para que eu vá com uma tocha.

Teria que ser uma tocha curta, pensou ele... Havia nuuwas por toda parte... Se não saía no momento em que estalasse...

Não haveria tempo para que saísse antes do pôr-do-sol. E era muito possível que ela soubesse.

—Não — murmurou quando ela se voltava. Ouviu que os passos se detinham—. Não — repetiu em voz mais forte.

Fechou os olhos, sem conjurar nada ainda, perdendo-se em uma escuridão fria, cheia de sons. Ouviu-a voltar, mas ela não o tocou, não queria distraí-lo.

Pequena, única, precisa, chamou-a, não em pedaços a não ser toda junta: habitação, cadeira, sombras, pólvora, janela, nuuwas, escuridão. Convocou a realidade em sua mente, distante e brilhante como uma imagem vista no fogo e tocou o algodão cinza das bolsas com uma língua de chamas. Os nuuwas, assustados pelo súbito calor, retrocederam.

O rugido estremecedor da explosão sacudiu o chão debaixo dele. O ruído golpeou em seu cérebro. Através de seus olhos fechados, viu pedras que saltavam, o sol passando sobre séculos de negrume..., a luz rasgando o lugar em que a escuridão tinha tomado seu cérebro.

Recordava ter gritado, mas nada mais.

Capítulo 22

—Não há muito mais que contar. —Falcão das Estrelas cruzou as largas pernas e pôs os pés nus sob a desordem de lençóis e colchas floreadas de seda ao final da cama. Contra a puntilla escura de sua camisa e o poste trabalhado e alegre a suas costas, parecia branca como a cal, poda como o cristal, remota como o céu de inverno, com as mãos largas, ossudas, cruzadas sobre seus joelhos—. Olhos Âmbar escolheu um esquadro de moças bonitas, Gilden e Wilarne entre elas, vestiram-se como prostitutas e primeiro foram cortar lhes as gargantas aos guardas antes que soubessem o que acontecia; depois fizeram soar o alarme mas era muito tarde para tirar as tropas das minas; uma vez que chegamos ao primeiro depósito de armas e Tarrin tirou seus homens, foi fácil.

Lobo do Sol assentiu. Com sua larga carreira como profissional, entendia o que queria dizer Falcão das Estrelas com «fácil». Todas as mulheres

apresentavam feridas de uma luta dura. Doze das cinquenta tinham morrido na escuridão das minas, sem saber nunca se sua causa tinha triunfado ou não. Mas a luta tinha sido franco, com um objetivo claro. Duvidava inclusive de que Falcão das Estrelas ou Sheera tivessem pensado alguma vez em algo que não fora um triunfo final.

Lobo se recostou contra as travessas sedosas e piscou médio dormido contra a luz rosada do sol que brilhava sem calor sobre as janelas de painéis diamantinos. Ao despertar nessa habitação, não se tinha sentido seguro do lugar onde estava. Era a melhor habitação de hóspedes da Sheera e isso lhe divertia. Nunca em toda sua estadia na mansão da Casa do Galernas lhe permitiram entrar na casa principal. Quase tinha esperado despertar no mezanino sobre a estufa.

Sheera ainda não tinha vindo.

—Deve estar na coroação — disse Falcão das Estrelas—. Me doeu perder isso mas Yirth disse que era melhor não te deixar sozinho. Yirth ficou contigo ontem quando fui as bodas..., a da Sheera e Tarrin, quero dizer. Houve toda uma poeirada no Parlamento com isso, porque Tarrin e Sheera insistiram em casar-se primeiro e ser coroados os dois depois, como regentes conjuntos, em lugar de coroar ao primeiro Tarrin como rei e logo pôr a Sheera de rainha consorte. —encolheu-se de ombros—. O Parlamento se reúne esta tarde e haverá um banquete com comida e vinho grátis toda a noite para celebrá-lo. Amanhã, se quiser, será recebido pelo Tarrin e Sheera na praça da catedral.

Ele assentiu enquanto identificava por fim os suspiros leves que tinham formado o fundo da conversação. Eram a música e os vivas que chegavam do Grande Canal. Se a cidade tinha encontrado tempo para organizar uma celebração, pensou, devia ter estado inconsciente mais tempo do que acreditava.

Sorriu, imaginando-as abóbadas enjoadas da Catedral dos Três e a Sheera com um vestido de ouro. Drypettis tinha tido mais razão do que ela mesma podia compreender. Sheera não só merecia ser uma rainha, mas também uma rainha em seus próprios términos e não nos de qualquer homem. Ele se sentia feliz de que ela o tivesse obtido apesar do que tivesse que dizer ao respeito o desafortunado Tarrin.

—O que pensa dela? —perguntou—. Da Sheera, quero dizer.

Falcão das Estrelas riu.

—A amo — disse—. É a mulher mais endemoninhada que tenha conhecido alguma vez. É um bom general, além disso, sabe? Acredito que é melhor que Tarrin. Sempre teve suas forças nas pontas dos dedos, sempre sabia o que estava passando. Inclusive nos piores momentos, quando passávamos as armadilhas que guardavam os caminhos à cidadela, nunca perdeu pé. Yirth lhe mostrou o caminho real e ela o seguiu, através de ilusões e fogo e quem sabe que mais. O resto só podia fazer o mesmo.

Lobo do Sol sorriu e se estirou para tocar a vendagem sobre o olho que logo seria substituído por um emplastro, um emplastro que deveria usar toda sua vida.

—Nem sequer o medo mais profundo de um homem à magia —disse com sua voz áspera— é suficiente para lhe fazer admitir que tem temor de ir a um lugar em que já entrou uma mulher.

Uma das sobrancelhas escuras, fortes, levantou-se.

—E pensa que não me aproveitei disso desde que me fez capitã de esquadro? Uma lembrança que sempre conservarei é o olhar no rosto do marido do Wilarne M'Tree quando se encontraram na batalha dos túneis. Quase nos pusemos a apostar em se ele morria primeiro de um ataque de surpresa e vergonha ou eu de um ataque de risada. Quase lhe tira o braço a um guarda que o tinha encurralado (é selvagem com essa alabarda que usa) e ele estava tão indignado quando a reconheceu, como se lhe tivesse abraçado na rua.

Lobo do Sol riu.

—Suspeitava que Sheera seria um bom general na batalha —disse—. Mas enviá-la verde a sua primeira batalha, e, além disso, um metrô, com magia e tudo, a cargo de cinquenta pessoas, pareceu-me uma forma muito cara de averiguar se tinha razão.

—Sabe? —disse Falcão das Estrelas, pensativa—, sempre suspeitei que foi uma fraude. — Seus olhos cinza procuraram os dele, divertidos e peraltas—. O mercenário de cabeça mais dura em toda a profissão...

—Bom, fui — disse ele, à defensiva.

—Sério? —A voz dela estava cheia de frescura. — Então, por que não te escapou com o Altiokis à primeira oportunidade e lhe ofereceu trocar informação sobre a organização pelo antídoto? Isso te teria liberado.

Lobo do Sol avermelhou na luz do sol, pálida, cor manteiga. Com voz muito fraca lhe respondeu:

—Não podia fazer isso.

Ela estirou o pé como uma mão e lhe acariciou o joelho sob as colchas.

—Sei. —Sorriu, ficou de pé e foi até a janela. As sombras da persiana lhe cruzavam o rosto e o cabelo curto, sulfuroso. Disse-lhe, por cima do ombro—: Águia Negra opina que haverá anos de trabalho com o império do Altiokis destruído. Tarrin me disse esta manhã que tinha notícias de revoltas no Kilpithie. Sabe que lincharam ao governador Cão, o homem que pôs Altiokis aqui em lugar do Derroug Dru? Já há guerra no norte entre os governadores do Altiokis no Racken Scrag e os barões das montanhas. Com a fortuna que amassou Altiokis em cento e cinquenta anos, o dinheiro será incrível.

Com as costas volta para ele só se via uma parte de seu rosto, destacada contra as cores da janela; a voz calada era neutra.

Lobo do Sol disse:

—Sabe que não posso voltar Falcão.

Ela se deu volta para olhá-lo:

—Aonde irá?

O meneou a cabeça.

—Não sei. Primeiro Wrynde. A lhe dizer ao Ari que estou vivo e lhe dar o mando da tropa. A lhe dar dinheiro a Gazela.

—A lhe pagar por seus serviços, dirá?

Em um tempo, ele teria reagido contra essas palavras, não importa quem as dissesse e sobre tudo se era Falcão das Estrelas, que nunca antes tinha criticado suas relações com as mulheres. Agora, só se olhou as mãos e disse, com calma:

—Sim. —depois de um momento, levantou a cabeça e voltou a encontrar-se com os olhos dela—. Não a tratei mau, isso sabe.

—Não — disse Falcão—. Nunca tratou mal a nenhuma delas.

Era a primeira vez que ele ouvia amargura, ou qualquer outra emoção, em sua voz. Doeu-lhe e ao mesmo tempo lhe aliviou. Agora sabia onde estava ela.

—Culpa-me por isso? —perguntou-lhe.

—Sim — disse Falcão das Estrelas, com rapidez —. O qual é absolutamente ilógico, porque eu fui a que nunca te disse que te queria..., mas sim, culpo-te.

Lobo do Sol ficou em silêncio, tratando de escolher as palavras com cuidado. Com qualquer de suas outras mulheres, teria tornado a cair nas armas fáceis da sedução ou se teria desculpado falando de sua natureza de tenório. Mas conhecia bem a esta mulher e sabia que seu amor por não lhe impediria de partir se ele não era direto com ela. Dava-se conta de que não lhe teria importado muito se qualquer de suas outras mulheres ficava com ele ou não. Os últimos meses lhe tinham ensinado que não queria viver sem Falcão das Estrelas outra vez.

Finalmente, como não encontrou uma forma adequada de desculpar-se, disse somente:

—Lamento te haver machucado. Não o teria feito sabendo. —Duvidou, procurando as palavras—. Não quero ter que lhe fazer isto a Gazela porque sei que me tem carinho...

—Gazela —disse Falcão das Estrelas com voz calma— te amava o suficiente para deixar a tropa e vir a te buscar comigo. Viajou comigo até o Pergemis. Amava-te muito, Lobo.

Ele a ouviu usar o passado e sentiu tristeza por essa doce menina, e vergonha. Vergonha porque em realidade não tinha amado a Gazela mais que a um gatinho, não mais do que tinha amado às outras..., Gilden, Wilarne, Olhos Âmbar, ou qualquer de suas concubinas anteriores.

—O que aconteceu Pergemis? —perguntou.

—Casou-se com um mercador — replicou Falcão das Estrelas com calma.

Lobo do Sol a olhou aos olhos e a expressão de orgulho ferido de seu rosto foi quase cômica.

—Pasolargo e filhos — continuou Falcão das Estrelas—, especiarias, peles e ônix. Disse que preferia casar-se com uma assinatura de mercados antes que ser a amante do mercenário mais rico da criação, e para falar a verdade, não a culpo por isso. Pediram-me que ficasse — seguiu com uma voz mais suave—. O pensei. Tínhamos perdido tanto tempo... Não acredito que ela pensasse que ainda podia sair disto com vida.

—Não era quão única tinha essa opinião — grunhiu Lobo—. Ele será bom com ela?

—Sim. — Falcão das Estrelas pensou na casa alta de pedra perto dos moles do Pergemis, no Pel Pasolargo com seu capuz alta e sua elaborada touca de viúva e no Imber e RAM e Orris, fumando e discutindo frente ao lar, em meio de um grande alvoroço de meninos e cães. Anyog não deveria ter deixado isso, pensou, e logo se perguntou se o velho teria sido mais feliz vivendo entre eles para sempre do que teria sido ela se tivesse abandonado sua busca e aceito o amor de RAM.

Deu-se conta de que se passou muito tempo calada. Lobo do Sol a olhava curioso e preocupado pela mudança que via em seu rosto. Ela acrescentou:

—São boas pessoas, Lobo. São pessoas como essas a quem saqueio as casas e cortamos o pescoço durante anos. Eu tampouco posso voltar para nossa velha vida.

Retornou até a cama e reclinou o ombro contra as alegres figuras esculpidas dos pilares; seus largos dedos, apoiados entre as formas curvadas de marfim e ouro, como uma malha de alabastro, os nódulos fortes e as feridas de guerra rosadas e enrugadas como o trabalho de um artesão contra o ébano e o abalone.

—Assim aqui estamos — disse com ironia—. Seu pai tinha razão. O amor e a magia nos arruinaram para o negócio.

Ele se encolheu de ombros e se recostou de novo contra a seda sombria de seus muitos travesseiros.

—Parece que teremos que procurar um ofício novo. Ou ao menos eu o farei.

Levantou a mão e se tocou a vendagem do olho outra vez. Como suspeitava, tinha perdido por completo sua percepção da profundidade. Teria que voltar a treinar-se com armas para compensá-lo, se queria voltar a brigar.

—Contou-te Sheera o que me passou essa noite no poço? —perguntou.

Falcão das Estrelas assentiu, sem comentários.

—Yirth tem razão: necessito um professor, Falcão. Sinto o poder dentro de mim; há coisas que sei que posso fazer, mas não me atrevo. Não quero me converter no Altiokis. Necessito a alguém que me ensine a usar meus poderes sem destruir a todos e tudo a meu redor. E o pior é que não sei onde procurar. Yirth perdeu o contato com a linha dos professores de sua professora: Altiokis

as arrumou para apagar quase todas as linhas. Terei que procurar e não tenho idéia de aonde me levará essa busca.

Fez uma pausa enquanto estudava o rosto calmo, inexpressivo, que o olhava nas sombras do pavilhão da cama. Examinou a força da estrutura dos ossos sob a marca reta e avermelhada de uma ferida de guerra, onde uma vez essa bochecha e essa mandíbula se aberto até o osso enquanto ela lutava por tirar o de um campo de batalha no que o tinham ferido; olhou esses olhos cinzas, frios, cor fumaça que pareciam olhá-lo tudo com uma calma lúcida, incluindo a alma dele e a dela mesma.

Logo, reuniu toda sua coragem entre suas mãos e perguntou:

—Viria comigo? Será uma busca larga. Poderia demorar anos, mas...

—Lobo — disse ela com suavidade—, anos contigo é tudo o que desejei sempre.

Deu a volta ao redor da cama e se deslizou entre os braços de Lobo do Sol.

Tarrin e Sheera lhe receberam em uma cerimônia pública na praça da Catedral ao dia seguinte.

O frio e as chuvas do inverno tinham trocado, quase do dia para a noite: chegava o primeiro sopro da primavera. A frescura sem vento da manhã tinha um brilho de geada, mas a multidão que enchia a praça frente à Catedral dos Três parecia estar toda adornada com flores que levavam sobre os ombros, o peito e as bandas dos chapéus como uma prece à beleza que chegava. Lobo do Sol viu que a maioria das mulheres vestia o que se deu em chamar a nova moda, as linhas fluídas e cômodas introduzidas pelas guerreiras. Os homens, embainhados em gibões bayenados e cheios, pareciam muito mais fracos do que eram quando usavam esses luxos antes do ataque do Altiokis. As caras dos homens estavam pálidas; as das mulheres, torradas.

Os trinta e tantos membros da força da Sheera estavam de pé em um só corpo ao pé da escada da catedral, mais ou menos no lugar em que Drypettis lhe tinha feito prender a manhã que tinha ido ver o Yirth para lhe pedir sua liberdade. Drypettis não se encontrava entre elas agora, embora Falcão das Estrelas lhe havia dito a noite anterior que a mulher que o tinha traído tinha ido fazer sua reverência ao Tarrin na recepção oficial do novo rei na cidade. Ao fim

e ao cabo, era a última representante da casa mais antiga e mais honorável do Mandrigyn.

—Temi que se suicidar-se — disse ele quando Falcão das Estrelas o contou, recordando as cenas desagradáveis que tinha visto e ouvido entre o Dru e Sheera—. Não é que não se merecesse uma boa sova. Mas a Sheera teria doído. Lhe tinha carinho a essa víbora.

Falcão das Estrelas sacudiu a cabeça com raiva.

—Drypettis é muito orgulhosa para suicidar-se — apontou—. Em realidade, não estou do todo segura de que seja consciente do mal que fez. Ainda considerava a guerra como uma tarefa a pagar pela classe nobre, sobretudo as mulheres, para que levem a cabo as classes baixas, não algo com o que tenha que enfrentar-se a gente mesmo. Realmente pensou que Sheera se estava rebaixando e que tinha prostituído sua alma transformando-se em guerreira. Não, Drypettis se irá à tumba acreditando que a esquecem, envolvendo-se mais e mais no mundo das glórias passadas de sua casa e exaltando sua reputação como uma das primeiras conspiradoras.

No caminho à praça, a gôndola em que navegavam Lobo do Sol e Falcão das Estrelas passou frente à casa do Dru, o único dos palácios de fachada de mármore da velha nobreza mercantil que não estava decorado e cheio de olheiros em cada um de seus balcões gradeados em fileira. Enquanto os serventes da Sheera impulsionavam o bote com os cabides, todos ouviram a música em uma das habitações superiores; um só clavicórdio, puro, melodioso e desinteressado.

As outras mulheres se achavam ali, reunidas como a primeira noite na estufa, com os olhos brilhantes enquanto seguiam os movimentos de Lobo do Sol. Viu o Wilarne M'Tree com o Gilden, Eo e Tisa. Do outro lado da praça, viu um homem ao que reconheceu vagamente como o marido do Wilarne, com seu filho de doze anos muito rígido; parecia incômodo e altivo. Pareceu-lhe que Wilarne estava cansada, os olhos manchados com bolsas azuis de fadiga. Aqui havia ao menos um casal cujo reencontro tinha sido algo menos pacífico. Mas ela ainda permanecia com as mulheres e não com sua família, e seus homens não pareciam alegrar-se absolutamente.

Outras mulheres apresentavam o mesmo aspecto. Mas Olhos Âmbar e Denga Rei pareciam recém casados com seus vestidos de veludo negro. Denga Rei brilhava em seu novo uniforme como capita dos guardas da cidade.

Yirth também estava ali, de pé, um pouco separada das demais, as mãos ossudas metidas nas mangas adornadas com estrelas de seu vestido azul noite o cabelo escuro trancado para trás, o rosto aberta e franco à luz do sol pela primeira vez desde que Lobo a conhecia, possivelmente pela primeira vez em sua vida. Inclusive na distância, antes de dar-se conta de que algo tinha trocado nele, ele soube que já tinha passado pela Grande Prova em algum momento enquanto ele estava doente e que agora compreendia mais profundamente a magia que lhe tinha ensinado. A mudança era clara em sua postura e em seus olhos cor mar. Lobo do Sol se encontrava já bastante perto quando se precaveu de que a marca de nascimento que lhe cruzava o rosto tinha desaparecido deixando só uma sombra leve de cicatriz. Provavelmente, era o primeiro que tinha feito Yirth com o poder, pensou ele.

Perto das mulheres estavam os barões; viu lady Wrinshardin entre eles, altiva como uma imperatriz em seu esplendor bárbaro, com a cabeleira branca adornada de malmequeres. Seu olhar se cruzou com a de Lobo e lhe piscou os olhos o olho para surpresa evidente de um jovem gordinho e escandalizado que estava de pé a seu lado e evidentemente era seu filho.

Do outro lado dos degraus da catedral estavam sentados os membros do Parlamento com suas roupas escuras; a maioria ainda com a pele pálida e as mãos calosas de seu último ofício de mineiros de ouro na profundidade da rocha. Entre as mulheres e o Parlamento se encontravam de pé Tarrin e Sheera, como neve e chama, brilhantes com o orgulho de seu amor e de seu triunfo.

Vestido com a majestade da seda branca de seu posto, Tarrin da Casa Dela, rei do Mandrigyn, já não era um homem poeirento, rápido, vestido com um tanga sujo, a não ser um príncipe realmente elegante. Contra a palidez de mineiro de seu rosto, seu cabelo era um arbusto dourado, um pouco mais escuro que o de Olhos Âmbar, mas da mesma textura, rude e rebelde; seus olhos, vívidos e azuis. Os festões de puntilla que caíam de suas mangas lhe cobriam as marcas dos grilos nos pulsos. Junto a ele, Sheera era um ídolo em fios de ouro; a gorguera alta, estreita, não terminava de esconder as bandagens que havia debaixo.

Lobo do Sol recordava ter visto um corte de espada em seu ombro e seio quando estavam juntos na cidadela e sabia que nesse momento pensou que ela se levaria a cicatriz à tumba.

A maior parte das mulheres que lutaram no ataque às minas levaria cicatrizes.

Lobo do Sol e Falcão das Estrelas se adiantaram para o pé da escada. Tinham estendido tapetes, feitos por artesãos do leste, sobre o chão e sobre os degraus mais altos, azul real e carmesim, cobertas de rosas e narcisistas. O rugido das vozes se silenciou quando os regentes do Mandrigyn baixaram as escadas; um murmúrio para pedir silêncio caiu sobre a praça.

O rosto de Tarrin aparecia tenso e inexpressivo quando estendeu as mãos a Lobo do Sol. Na mão direita sustentava um pergaminho de que penduravam os selos da cidade unidos por cintas púrpura; não fez nenhum outro gesto de bem-vinda.

Lobo do Sol tomou o pergaminho com dúvidas, logo voltou a olhar ao Tarrin, sentido saudades.

—Leiam — disse o rei, e logo tragou saliva.

Lobo do Sol o desenrolou e o leu. Logo levantou a vista; o que tinha lido era tão inesperado que nem se surpreendeu.

—Você o que? — perguntou.

Falcão das Estrelas olhou sobre seu ombro com rapidez.

—O que acontece?

Lobo do Sol lhe tendeu o pergaminho.

—É uma ordem de desterro.

—O que?

Ela o agarrou, passou-lhe a vista por cima com rapidez, logo olhou incrédula a Lobo, ao Tarrin e a Sheera, que estava de pé observando o horizonte, o rosto inexpressivo, em branco.

O único olho de Lobo do Sol brilhou amarelo e perigoso; sua voz áspera foi como metal rangente.

—Eu não pedi que me trouxessem aqui — disse com voz calma ao Tarrin—, e no transcurso deste inverno perdi meu olho, minha voz e quase perco minha vida cinco vezes. —A voz se ia elevando até converter-se em um rugido furioso—. Tudo para salvar a sua imunda cidade. E vocês têm a incrível coragem, a desfaçatez de me desterrar?

Para dizê-lo com justiça, Tarrin não se moveu frente ao que terminou em um grito áspero de abutre enfurecido pelo ultraje; quando falou, sua voz estava tranqüila.

—Votou-se ontem no Parlamento — disse—. Lamento dizer que a primeira medida era..., era muito mais dura.

O papel dizia:

Por ordem e vontade do Parlamento do Mandrigyn, Mês do Gebnion, Primeiro ano do reino do Tarrin II da Casa Dela e Sheera, sua esposa:

Proclama-se aqui que os limites e portas do Mandrigyn estão fechados para um tal Lobo do Sol, mago e antes capitão de mercenários, que uma vez residiu no Wrynde, no Norte; que desde este dia está banido da cidade do Mandrigyn e de todas as terras que lhe pertencem e de todas as terras que a partir de agora cheguem a pertencer à cidade a perpetuidade.

Isto por razão de sua flagrante violação das leis da cidade do Mandrigyn e por sua corrupção perversa da moral das damas do Mandrigyn.

Que se saiba que a partir de agora em adiante, se puser um pé dentro das terras da cidade, lhe poderá castigar por esses crimes.

TARRIN II, REI SHEERA, SUA ESPOSA

—Quer dizer — particularizou Falcão das Estrelas, divertida e tranqüila, no silêncio atônito de Lobo do Sol — que ensinou às damas do Mandrigyn a levar armas.

Lobo a olhou e logo voltou a olhar ao rei. Tarrin parecia agora muito incômodo.

—Se não tivesse ensinado a suas damas a levar armas — disse Lobo com uma voz tensa, mortífera, você e todos os membros de seu Parlamento de merda ainda estariam picando grandes rochas na escuridão do fundo das minas do Altiokis sem nenhuma esperança de voltar a ver a luz do sol.

—Capitão Lobo do Sol — disse Tarrin com sua voz aguda—, me acreditem, seus atos em favor da cidade do Mandrigyn lhes ganharam a gratidão de nossos cidadãos e essa gratidão seguirá ali por muitas gerações. Estou seguro de que uma vez que se solucionem os problemas sociais atuais, a ordem será revogada e eu poderei lhes dar as boas-vindas como corresponde...

—Problemas sociais? —perguntou Lobo.

Ouviu falcão das Estrelas rir detrás com uma risada muito pouco comum em um guerreiro.

—Quer dizer —esclareceu ela— que as damas não querem devolver o controle da cidade nem o dos negócios, nem voltar a usar véus e os homens não estão contentes com isso.

Tarrin continuou.

—A ordem social do Mandrigyn está construída sobre gerações de tradição. — Houve um fio de desespero em sua voz—. As... as repercussões de seus atos, embora fossem necessários e bem intencionados, não trouxeram outra coisa que caos e confusão a cada lar nesta cidade.

A voz de Falcão das Estrelas estava cheia de travessura.

—Acredito que os homens querem sua cabeça, chefe. E não posso dizer com sinceridade que não os compreenda.

—Isto é ridículo! —exclamou Lobo, zangado—. Não havia mais que cinqüenta mulheres nessa maldita tropa! E as mulheres começaram a levar os negócios da cidade do minuto em que os homens partiram a brigar sua estúpida guerra... Maldição, a maior parte da tripulação do navio que me trouxe vestia saias. E de todos os modos, não foi minha idéia...

—O certo é — disse Tarrin — que foram vocês o que ensinou a estas mulheres... estas artes inapropriadas. —Olhou aos membros furiosos de seu Parlamento—. Foram vocês o que as incitou a fazer sociedade com gladiadores e prostitutas.

A voz de Lobo do Sol era um rugido de raiva.

—E por isso me desterram?

—Não só por isso — disse Sheera com voz tranqüila. Sob o rosa e o ouro de suas pálpebras pintadas, seus olhos refletiam algo que não era do todo tristeza, mas tampouco cinismo—. E não são só os homens os que querem que vão, capitão. Têm alguma idéia do que passou nesta cidade? Todos nós fomos criados para participar de uma dança: os homens para querer, as mulheres para ser queridas; os homens para mandar e trabalhar, as mulheres para ser protegidas e custodiadas. Sabemos o que fomos..., tínhamos harmonia nesses tempos, capitão.

»Todos passamos por um inferno de terror e dor, de trabalho e desespero. Nós..., Tarrin e eu, e cada homem e cada mulher, brigamos não só por nossa cidade, mas também por um modo de vida, por essa dança. Pensamos que, com a vitória, voltaria a velha comodidade para o que nos criaram. Mas os homens voltaram e descobriram que o sonho que os sustentava nas minas se quebrou para sempre. As mulheres... —Fez uma pausa, logo continuou, a voz tranqüila e fria—: A maioria das mulheres que não brigaram não querem o que aconteceu. Desejavam ver-se livre do Altiokis, mas não ao preço que as forçamos a pagar. Levamos o caos e a luta a suas vidas sem seu consentimento. Você mesmo, capitão, e sua dama, sabem que não se pode deixar de saber o que já se sabe. E até as que brigaram encontram que a vitória é um fruto de gosto muito ambíguo.

Como contra sua vontade, os olhos de Lobo foram para onde estavam o marido do Wilarne e seu filho; os olhos dos dois, tristes, confundidos. Quantas outras da tropa, perguntou-se, encontrariam-se com essa mescla de raiva, dor e incompreensão? Não só de parte dos que estavam perto delas e não só de parte dos homens. A maioria das mulheres permanecia silenciosa e olhava a ele e às que ele tinha treinado com medo e desaprovação, com a raiva que se sente pelos que nos tiraram algo sem nosso consentimento e nos oferecem algo que não queremos em troca. As sementes da amargura estavam plantadas e já não podiam desenterrar-se.

E, logicamente, via que ele era o único ao que podiam desterrar. Não era o que tinha interrompido a dança, mas era o único elemento novo e incômodo que podiam apartar sem rasgar ainda mais a já muita rasgado malha de suas vidas.

Olhou de novo ao jovem que tinha frente a ele, vestido com a capa cerimoniosa, dura e branca, do regente da cidade e sentiu uma inesperada pontada de pena pelo pobre diabo que teria que fazer-se carregado desse momento terrível. Ao menos ele e Falcão das Estrelas podiam tomar seus cavalos e afastar-se; havia muito que agradecer porque as coisas fossem tão simples. Sorriu e estendeu sua mão. Tarrin, que tinha estado lhe olhando com algo semelhante à dúvida visível debaixo de sua expressão calma se relaxou e devolveu o sorriso e o apertão de mãos com nódulos quebrados e dedos calosos.

—Junto com as maldições do Parlamento — disse em voz baixa—, dou-lhes meu agradecimento pessoal.

—Das duas coisas, essa é a que importa.

Lobo olhou sobre seu ombro para o som dos cascos que golpeavam a rua detrás dele. A multidão se abriu em um grande corredor, dos degraus até a puntilla de pedra florida da Ponte Espiralado que levava a Porta de Ouro da cidade e mais à frente, ao campo. Por esse corredor chegavam dois pajens com a librea da cidade trazendo cavalos com alforjas e as armas de Lobo e Falcão das Estrelas atadas aos arzones. Um dos pajens era a irmã da Sheera, Trella, e a Lobo resultou divertido.

Com a preocupação típica de um mercenário, Falcão das Estrelas deu um empurrão experimental a uma das alforjas. Houve um som metálico, e Lobo do Sol perguntou:

—Os dez mil estão aí?

Isso era absolutamente impossível: nenhum cavalo em toda a criação poderia ter levado essa quantidade de ouro sem quebrar-se.

—O resto do dinheiro lhes chegará ao Wrynde, capitão — disse Sheera —, logo que possa reuni-lo o Parlamento. Não temam.

Lobo olhou além do rosto enigmática da rainha para os rostos desgostados dos membros do Parlamento e disse a Falcão das Estrelas em voz baixa:

—Onde ouvimos isso antes?

Ela montou com ligeireza e seu cabelo loiro se acendeu no sol como a seda pálida.

—Que diabos importa? —perguntou—. De todos os modos, não vamos voltar ali.

Lobo o pensou e se deu conta de que ela tinha razão. Tinha vendido sua espada por última vez... Como as mulheres, como Falcão das Estrelas, já não era o que tinha sido.

—Não — disse com grande calma—. Não, não acredito que voltemos. — Logo sorriu, montou e deu a volta ao cavalo para onde Tarrin e Sheera ainda estavam de pé na escada. Lobo do Sol lesteu a mão—. Minha senhora Sheera.

Sheera do Mandrigyn se adiantou e levantou a mão coberta nas pontas dos pés para que ele a beijasse formalmente. Em outros dias, ele teria devido pedir a permissão do Tarrin, mas o rei não disse nenhuma palavra, e o olhar da Sheera silenciou ao Parlamento, como um encantamento de imobilidade. Pela

primeira vez desde que os havia visto juntos, Lobo do Sol se deu conta de que Sheera era uns centímetros mais alta que Tarrin.

Inclinou-se sobre a arreios e tocou os nódulos dela com os lábios. Os olhos dos dois se encontraram..., mas se ela estava arrependida ou tivesse querido que as coisas entre os dois fossem diferentes, não o refletiu nesse olhar altivo e sereno. Era Sheera do Mandrigyn e ninguém a voltaria a ver com barro, chuva e suor no rosto.

Lobo disse com suavidade:

— Não deixem que os homens derrotem a suas damas, comandante.

Ela levantou uma sobrancelha desdenhosa.

— O que lhes faz acreditar que poderiam fazê-lo?

Lobo riu. Descobriu que sentia um enorme prazer em ver que os que um ama se comportam exatamente como são.

— Nada — disse —. Que seus antepassados lhes benzam como benzerão aos que lhes sigam com sangue e espírito.

Girou o cavalo, mas quando o fez, Falcão das Estrelas se adiantou e deu a mão a Sheera. Intercambiaram umas palavras; logo, com um gesto muito pouco digno de uma rainha, Sheera aplaudiu o joelho de Falcão das Estrelas e esta riu. Logo, voltou a cavalgar para ele a passo decoroso. A multidão se abriu para deixá-los sair da cidade.

Enquanto se moviam sob as torres ostentosas da Ponte Espiralado, Lobo do Sol murmurou:

— O que te disse?

Falcão das Estrelas lhe olhou nas sombras, os ombros largos, quadrados e o cabelo pálido em silhueta contra as cores infinitas da multidão que acabavam de deixar. Além dela, Lobo via o Tarrin e a Sheera, dois bonecos brilhantes sob o vulto resplandecente da catedral do Mandrigyn.

— Disse-me que te cuidasse — disse Falcão.

As costas de Lobo do Sol se arrepiaram de indignação.

— Disse a ti que me cuidasse...?

O sorriso dela era uma mancha branca na penumbra da ponte coberta.

— Desafio a uma carreira até as portas da cidade.

Para os que estavam de pé na grande praça da Catedral, quão único ficou da partida de Lobo do Sol e Falcão das Estrelas foi o trovão súbito dos cascos ao galope no túnel da ponte fechada e, como um eco, uma onda de risada inquieta.

Fim

Nossa Comunidade:

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=97125945>

Nosso Blog:

<http://traducoes-revisoes-rs-rts.blogspot.com/>

